ERIC ALLEN BUENO
UMA HISTÓRIA VISUAL DA NUDEZ E SENSUALIDADE FEMININA NA REVISTA O CRUZEIRO (1966-1970)
ARTE & MANHAS PARA ESCOLHER CERTINHAS
COMO PROMOVER ENTRE AS MULHERES UM PRODUTO PARA A MULHER
O CRUZEIRO
CASTELINHO
CONCURSO RAINHA DAS PRAIAS
ATUALIDADES
ERIKA
Um começo não muito difícil

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS E DA EDUCAÇÃO – FAED
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA - DH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - PPGH

ERIC ALLEN BUENO

UMA HISTÓRIA VISUAL DA NUDEZ E SENSUALIDADE FEMININA NA REVISTA O CRUZEIRO (1966-1970)

Florianópolis, Santa Catarina, Brasil
2012

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS E DA EDUCAÇÃO – FAED
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA - DH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - PPGH

ERIC ALLEN BUENO

UMA HISTÓRIA VISUAL DA NUDEZ E SENSUALIDADE FEMININA NA REVISTA O CRUZEIRO (1966-1970)

Dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História, área de concentração em História do Tempo Presente, como requisito parcial e último para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Profª. Drª. Márcia Ramos de Oliveira

Florianópolis, Santa Catarina, Brasil
2012

ERIC ALLEN BUENO

UMA HISTÓRIA VISUAL DA NUDEZ E SENSUALIDADE FEMININA NA REVISTA *O CRUZEIRO* (1966-1970).

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de mestre, no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina.

Banca Examinadora:

Orientadora: _____

Doutora Márcia Ramos de Oliveira
Universidade do Estado de Santa Catarina

Membro: _____

Doutor Ana Maria Mauad de Sousa Andrade Essus
Universidade Federal Fluminense

Membro: _____

Doutor Rafael Rosa Hagemeyer
Universidade do Estado de Santa Catarina

Florianópolis, 29 de fevereiro de 2012.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao povo brasileiro que, através de bolsa de Mestrado concedida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), tornou possível esta pesquisa.

A minha mãe, Élia Bueno, pelo apoio constante.

A minha orientadora, Profª. Drª. Márcia Ramos de Oliveira, pela paciência, inteligência e amizade, me guiando ao longo deste processo e de outros caminhos da História.

Aos professores e professoras do Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História da UDESC, em especial aos que tive maior contato: Prof. Dr. Rafael Rosa Hagemeyer, Prof. Dr. Luiz Felipe Falcão, Profª. Drª. Silvia Maria Favero Arend, Prof. Dr. Emerson César de Campos, Profª. Drª. Mara Rúbia Sant'Anna Muller e Prof. Dr. Paulino de Jesus Francisco Cardoso.

Aos vários pesquisadores e pesquisadoras da revistas O Cruzeiro com que entrei em contato e fiz amizade.

Aos colegas da turma do Mestrado em História da UDESC (2010 – 2012) que se tornaram grandes amigos.

Aos professores da graduação em História na Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO), que me auxiliaram no início desta jornada: Prof. Dr. Raphael Nunes Nicoletti Sebrian (orientador), Prof. Dr.Jean Rodrigues Sales, Prof. Ms. Milton Stanczyk Filho, Profª. Ms. Marion Regina Stremel e Drª. Maria Paula Costa.

Nunca devemos tentar entender uma mulher. As mulheres são imagens, os homens são problemas. Se você quiser saber o que uma mulher de fato pensa – desejo que nunca deixa de ser perigoso – precisa olhar para ela, não ouvi-la.

Oscar Wilde[1]

[1] WILDE, Oscar. **Aforismos**. Curitiba: Pólo Editorial do Paraná, 1997, p.67

RESUMO

Como é que a nudez e sensualidade feminina se tornaram visualidades comuns na Cultura Visual brasileira? Partindo desta problemática, a presente pesquisa analisa a forma como as mulheres foram representadas em fotorreportagens na revista O Cruzeiro em um momento chave, o fim dos anos 1960. Período em que o corpo nu e sensual feminino vai ganhando espaço na mídia e ao mesmo tempo em que se discute a questão do divórcio e da maior liberdade sexual. Na pesquisa, são contemplados a equipe de repórteres de O Cruzeiro e que vai desde Indalécio Wanderley (o "fotógrafo das misses") até o eclético Ubiratan Lemos, mostrando não só como as garotas eram despidas pelo olhar fotográfico, mas também, o que se falava sobre elas e como falavam. Além disso é contemplada a passagem de Stanislaw Ponte Preta na revista, enfocando uma de suas criações, as "Certinhas", lindas garotas fotografadas em poses sensuais pelo fotógrafo Augusto Valentin.

Palavras-chave: História Visual. Cultura Visual. Tempo Presente.

ABSTRACT

How have the female nudity and sensuality become common visualities in Brazilian Visual Culture? Starting from this question, this research analyzes how women were represented in photo reports in O Cruzeiro magazine during a key moment, the late 1960s. In this period the naked and sensual female body is gaining space in the media along with discussions regarding issues such as divorce and greater sexual freedom. In this research, the team of reporters from O Cruzeiro is presented, ranging from Indalecio Wanderley (the "photographer of misses") to the eclectic Ubiratan Lemos, showing not only how the girls were naked by the photographic eye, but also what was said about them and how it was said. In addition, it is also contemplated the passage of Stanislaw Ponte Preta in the magazine, focusing on one of his creations, the "certinhas" (literally "the right little female ones"), beautiful girls photographed in sexy poses by the photographer Augusto Valentin.

Keywords: Visual History. Visual Culture. Present Time.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....11
Desnudando o corpo feminino.....20
Tempo e visão.....22
Como se faz análise de fotorreportagem: uma possibilidade no campo da História.....24

CAPÍTULO 1.....27
1.1 Comentário sobre a capa do capítulo 1.....28
1.2 Como a sensualidade e nudez feminina foi vista, de modo geral, na História brasileira?.....29
1.3 A revista O Cruzeiro, sua História e lugar em nossa Cultura Visual.....31
1.4 Revisão bibliográfica.....35
1.5 A importância da fotorreportagem na revista.....42
1.6 O universo de captação e oficio fotográfico.....45
1.7 Nudez e sensualidade feminina no contexto histórico-visual de O Cruzeiro (1960 a 1970).....56

CAPÍTULO 2.....66
2.1 Comentário sobre a capa do capítulo 2.....67
2.2 Sereias.....68
2.3 Carnaval.....91
2.4 A nudista: o fim de Luz del Fuego.....98
2.5 Mulher é sempre notícia!.....119
2.6 Strip-tease.....127

CAPÍTULO 3.....142
3.1 Comentário sobre a capa do capítulo 3.....143
3.2 Humor, nudez e sensualidade na revista O Cruzeiro no fim dos anos 1960.....144
3.3 Carlos Estêvão.....149
3.4 Valentim.....157
3.5 Stanislaw Ponte Preta em O Cruzeiro.....164
3.6 Nudez e sensualidade nas Certinhas do Lalau.....171

3.7 As Certinhas nuas em revista masculina no tempo de Stanislaw: a publicação da Playgirl.....214

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....220

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....225

APÊNDICES.....235

INTRODUÇÃO

Nos outdoors das ruas, nas mais diversas propagandas, nas capas e páginas de revistas, na televisão, no cinema, na internet, não importa a mídia, a nudez e sensualidade feminina tornaram-se visualidades cotidianas no Brasil. Mas essa exibição do corpo feminino não é um fenômeno recente na História ocidental. Todos os povos criam e cultivam seus próprios modelos de beleza e estética. O que a sociedade brasileira atual tem de diferente é que esta exibição do corpo feminino é disseminada em massa através dos meios de comunicação.

Fato que não é isolado, pelo contrário, está em plena consonância com a Cultura Visual das sociedades ocidentais. Entretanto, quando lembramos que estas são sociedades em que a tradição cristão do Ocidente teve uma forte presença social e ainda a possuí em um quadro geral, é curioso como estas visualidades, pagãs por definição, tornaram-se corriqueiras e até banais.

Partindo desta constatação, a pesquisa aqui realizada, analisa parte da trajetória histórica da disseminação da nudez e sensualidade feminina como visualidades integrantes da Cultura Visual contemporânea. Este trabalho teve como motivação principal, entender como o processo de desnudamento do corpo feminino ocorreu. E assim, trazer alguma contribuição ao campo dos estudos de Cultura Visual e História Visual em sua aproximação com a perspectiva da História do Tempo Presente.

Desenvolvida na França a partir da segunda metade do século XX, a História do Tempo Presente começou a se construir a partir das reflexões de historiadores e historiadoras sobre o tempo em que viviam e o porquê da História (enquanto disciplina) pouco se ater sobre esta temporalidade[2]. Como uma área ainda em desenvolvimento, apresenta muitas questões a serem pensadas e discutidas. Mas uma das principais características desta História, pelo menos ao meu ver, é a proximidade para com os sujeitos históricos, já que muitos estão vivos e posicionam-se junto para o(a) historiador(a) e dizem que tal fato "não foi assim que aconteceu" pois eles estavam lá e viram como ocorreu. Além do(a) próprio(a) historiador(a), direta ou indiretamente, ser testemunha desta História e diferente de seus colegas que estudam

[2] No livro "CHAUVEAU, Agnés (org). **Questões para a história do presente**. Bauru, SP: EDUSC, 1999", encontramos os pensadores franceses mais influentes desta corrente, mas para uma visão geral do que é a História do Tempo Presente, consultar: "DOSSE, François. **A história**. Bauru, SP: EDUSC, 2003. p. 149-211". Ou ainda, as entrevistas: "SOBRE A HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE: Entrevista com o historiador Henry Rousso. In: **Tempo e Argumento**, Revista do Programa de Pós-Graduação em História. Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 201– 216, jan./jun. 2009. Disponível em: <http://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/705/608>" e "É A HISTÓRIA UMA FICÇÃO?: Entrevista com o historiador Reinhart Koselleck. In: **Tempo e Argumento**, Revista do Programa de Pós-Graduação em História. Florianópolis, v. 2, n. 2, p. 257 – 265, jul./dez. 2010. Disponível em: <http://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2091/1621>" Consulta em 06 mar. 2011.

tempos mais distantes, o(a) historiador(a) do Tempo Presente tem uma quantidade gigantesca de fontes, o que o obriga a selecionar e descartar materiais e a compreender que os processos históricos tem um variado leque de interpretações possíveis.

Ao longo desta pesquisa, nos deparamos com algumas problemáticas da História do Tempo Presente referente a Cultura Visual: 1) O fato da manipulação de imagens visuais sempre existiu, (percebida em diferentes momentos históricos, além da contemporaneidade), mas só agora começamos a refletir o que realmente isso significa; 2) A digitalização e interação com a imagem esta mudando a maneira como nos relacionamos e convivemos com ela; 3) As questões de direito autoral e de direito comum a produção e difusão de imagens; 4) Como as imagens visuais podem "mostrar" a História? Questões como estas motivaram este trabalho e, encontram-se diluídas em seu desenvolvimento.

O desenvolvimento deste trabalho teve como base documental as fotos e textos das matérias da revista O Cruzeiro, periódico de longa duração e considerável relevância na História da Imprensa brasileira, além de ser rica em informações visuais, entre as quais elegi a fotorreportagem[3] como principal viés de análise.

Diferente de hoje em que a fotografia, com algumas raras exceções, das revistas está pulverizada de sentido, servindo apenas como um exemplo ou metáfora do assunto da notícia ou matéria, em O Cruzeiro a fotografia tinha uma função narrativa, é a fotorreportagem que de foto em foto, de legenda em legenda, mostra um evento se desenvolvendo. Texto e imagem são indissociáveis. O que procurei fazer aqui foi mostrar como as fotorreportagens criaram narrativas sobre duas visualidades: a sensualidade e nudez feminina, mas que na prática se interpenetram.

Atualmente, as abordagens que envolvem representações de mulheres na imprensa, em grande parte, encontram-se na historiografia sob o referencial teórico da História das Mulheres ou das Relações de Gênero. Embora dialogue com estas importantes áreas do conhecimento, as perspectivas da Cultura Visual e da História Visual tornaram-se orientadoras ao desenvolvimento desta dissertação.

A Cultura Visual (também chamada de Estudos Visuais ou Estudos de Cultura Visual), é uma disciplina e campo de pesquisa surgido nos EUA a partir do diálogo entre várias disciplinas como a História da Arte, os Estudos Literários e Cinema e algumas outras nos

[3] Segundo Jorge Pedro Souza, o objetivo da fotorreportagem é "geralmente, situar, documentar, mostrar a evolução e caracterizar desenvolvidamente uma situação real e as pessoas que a vivem" quase sempre com uma legenda orientando a leitura ou, ainda, um pequeno texto localizando o lugar, as pessoas e a situação. SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo**: introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa. Florianópolis, SC: Letras Contemporâneas, 2004. p. 104.

anos 1990[4]. Sendo que há duas concepções de Cultura Visual: 1ª) Entende a Cultura Visual de modo restrito, na medida em que ela corresponde à cultura ocidental, marcada pela hegemonia do pensamento científico, cultura dos tempos recentes marcados pela imagem virtual e digital, sob o domínio da tecnologia; 2ª) Considera que a Cultura Visual serve para pensar diferentes experiências visuais ao longo da história em diversos tempos e sociedades[5].

O foco da Cultura Visual dirige-se para a análise da imagem como representação visual, resultado de processos de produção de sentido em contextos culturais. Os sentidos não estão nos objetos, ao contrário, estão investidos nas relações humanas. A visão tem que ser compreendida como os outros sentidos e em seu contexto histórico e cultural. Não se deve separar o verbal do visual, ambos tem que ser compreendidos numa constante tensão entre a imagem e a palavra. A maneira como vemos as coisas é afetada pelo que sabemos ou pelo que acreditamos. Nunca olhamos para uma coisa apenas; estamos sempre olhando para a relação entre as coisas e nós mesmos[6].

Como aponta Paulo Knauss, isso difere da maioria das pesquisas em História, que até o momento, analisam a imagem e não as relações visuais que sempre estão sempre presentes[7]. Knauss nos diz que:

> Os estudos visuais, seguindo a inspiração dos estudos culturais, defendem que os sentidos não estão investidos em objetos. Ao contrário, o conceito de cultura visual sustenta o pressuposto de que os significados estão investidos nas relações humanas. É nesse sentido que a cultura é definida como produção social e, por isso, o olhar pode ser definido como construção cultural. Nesse sentido, as definições materiais e tipológicas devem ser concebidas como elementos do processo de significação. O objeto individual é integrado numa ampla rede de associações e de valores que integram as competências visuais[8]

[4] KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual. **ArtCultura**, Uberlândia, v.8, n. 12, p.97-115, jan-jun. 2006. p.102.
[5] KNAUSS, Paulo. Aproximações disciplinares: história, arte e imagem. **Anos 90**, Porto Alegre, v.115, n. 28, p. 151-168, dez. 2008. p.157.
[6] Ibidem, p.151-162.
[7] Ulpiano Bezerra de Meneses também aponta que se existem "Regimes de Historicidade", da mesma forma também há "Regimes de visualidade", o que é muito mais complexo do que a imagem em si. Ver: MENESES, Ulpiano Bezerra de. Visão, visualização e usos do passado. In: **Anais do Museu Paulista**. jul-dez., 2007, pp.117-123.
[8] KNAUSS, Paulo. 2006, Op. Cit. p.113-114

Em outras palavras, tudo o que vemos é filtrado por nossa cultura e é ela que dá sentido às informações visuais. Sendo assim, a visualidade é a visão socializada[9]. E que abrange mais do que imagens visuais, mas toda informação visual, como por exemplo, os textos, já que é a linguagem que orienta nossa interpretação[10].

John Berger[11] já afirmava que ver é um ato de escolha, pois nunca é algo feito deliberadamente, é uma opção pessoal e cultural. Então, compreender como as sociedades vêem o mundo é também entender como elas constroem suas relações sociais.

Segundo Berger as sociedades, ou grupos sociais, criam modos de ver, ou seja, formas próprias de compreender e interagir com seu universo visual. O autor destaca que a presença social de homens e mulheres é percebida diferentemente:

> A presença de um homem é dependente da promessa de poder que ele corporifica. Se a promessa é grande e tem credibilidade, sua presença chama a atenção. Se ela é pequena e não tem credibilidade, ele é considerado como de pouca presença. O poder prometido pode ser moral, físico, temperamental, econômico, social, sexual – mas seu objetivo é sempre exterior ao homem (...)
>
> Em contraste, a presença da mulher exprime sua atitude em relação a si mesma, e define o que pode e o que não lhe ser feito. Sua presença manifesta-se pelos gestos, voz, opiniões, expressões, roupas, ambientes escolhidos, gosto – na verdade, não há nada que ela possa fazer que não contribua para sua presença. Presença para uma mulher, é tão intrínseca à sua pessoa que os homens tendem a pensar sobre isso como sendo uma emanação quase física, uma espécie de calor, perfume ou aura.[12]

Esta presença está regida pelos códigos visuais, a forma como ela se mostra em público indicaria como ela é. Por isso, as mulheres interiorizam sua presença, criando uma auto-censura, um fiscal sobre suas ações, pois sabem que a sociedade a julgará pelo que ela mostra e não pelo que ela é.

> Ela tem de fiscalizar tudo o que é e tudo o que faz porque o modo como aparece para os outros, e em última instância para os homens, é de crucial importância para o que normalmente se considera o êxito de sua vida. Seu próprio senso de ser por si mesma é suplantado por um senso de estar sendo apreciada, como ela mesma, por outro.

[9] WALKER, John A. and CHAPLIN, Sarah. **Visual culture**: an introduction. Manchester/New York: Manchester University Press, 1997.
[10] Ibidem, p.53.
[11] BERGER, John. **Modos de Ver.** Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
[12] Ibidem, p.47-48.

> O homem fiscaliza a mulher antes de com ela se relacionar. Conseqüentemente, a maneira como uma mulher aparece para um homem pode determinar o modo como será tratada. Para adquirir algum controle sobre este processo, a mulher deve abrigá-lo e interiorizá-lo[13].
> (...)
> Isso poderia ser simplificado dizendo-se assim: "Os homens atuam e as mulheres *aparecem."* Os homens olham as mulheres. As mulheres vêem-se sendo olhadas. Isso determina não só maioria das relações entre homens e mulheres, mas ainda as relações entre elas. O fiscal que existe dentro da mulher é masculino: a fiscalizada, feminino. Desse modo ela vira um objeto – e mais particularmente um objeto da visão: um panorama.[14] (grifo do autor)

E partindo desta ideia da mulher com um panorama, Berger analisa as pinturas sobre o nu feminino na Europa renascentista. Mostrando que estas visualidades foram criadas de modo a servir para o divertimento masculino já que eram estes que financiavam e consumiam esta arte. E a nudez e sensualidade estão a serviço do olhar, do prazer estético de sua visualização.

> Na forma artística do nu europeu os pintores e os proprietários-espectadores eram geralmente homens, e as pessoas, em geral mulheres, eram tratadas como objetos. Esse relacionamento desigual está tão fortemente fincado em nossa cultura que ainda estrutura a percepção que muitas mulheres tem de si próprias. Elas fazem consigo mesmas o que os homens fazem com elas. Como os homens, elas fiscalizam a própria feminilidade.[15]

Nesta pesquisa, a nudez e sensualidade são compreendidas como um modo de ver o corpo feminino dentro do contexto dos anos 1960. E assim perceber o processo de desnudamento ocorrendo através da mídia e compondo parte da História Visual brasileira.

A História Visual é a apropriação dos conhecimentos da Cultura Visual aplicados para a escrita da História. Segundo Ulpiano Bezerra de Meneses, para o estudo de fontes visuais deve-se atentar para três grandes questões: o visual, o visível e a visão[16].

---

[13] Ibidem, p.48.
[14] Ibidem, p.49.
[15] Ibidem, p.65.
[16] MENESES, Ulpiano T. Bezerra. Rumo a uma "História Visual". MARTINS, José de Souza; ECKERT, Cornélia; NOVAES, Sylvia Caiuby (Org). **O imaginário e o poético nas ciências sociais**. Bauru, SP: Edusc, 2005. p.35-39.

O visual corresponde a iconosfera (sistema de comunicação visual, ambientes visuais da sociedade, instituições visuais, condições técnicas, sociais e culturais de produção, circulação, recepção e ação dos recursos e produtos visuais) onde se deve procurar identificar quais são os sistemas de comunicação visual estão em ação.

O visível, assim como seu oposto, o invisível, se refere a aquilo que uma sociedade/grupos sociais dão visibilidade/invisibilidade, o que é legítimo e o que é condenado cultural e sociamente. Numa sociedade oculocentrista como a nossa, a visibilidade é regida por normas culturais que legitimam e condenam determinadas visualidades (a pornografia, por exemplo, só é permitida em mídias específicas, mas a sensualidade pode ser encontrada em qualquer coisa).

Já a visão

> compreende os instrumentos e técnicas de observação, o observador e seus papéis, os modelos e modalidades do olhar (o olho de relance, o olhar patriarcal, o olhar retificador, o olhar masculino, o olhar turístico, o olhar erótico, o olhar casto, o olhar reprimido ou condicionado, etc.). A pressuposição é a dupla mão de direção entre o olhar e seu objeto.[17]

A visão é uma construção histórica onde os sujeitos inserem suas impressões objetivas/subjetivas sobre determinado tema. Transparecendo assim o seu posicionamento perante o mundo. A análise das fontes que usarei aqui segue estas indicações.

Mas voltemos para o tema da nudez e sensualidade. Mais uma vez cabe destacar que as sociedades ocidentais vêem de forma diferentes os homens e as mulheres. O sentido da visualidade de cada gênero é diferente. Quando nasce uma criança, o (a) médico(a) parte da diferença visual de masculino e feminino para classificar sexualmente o novo indivíduo. Para Thomas Laqueur isso quer dizer que, antes de ser biológico, a cultura já determina a existência de dois sexos (e não mais do que isso), e as instituições (como a família, a escola, entre outras) vão "moldar" o indivíduo para se adequar a esta identidade sexual que foi previamente escolhida no seu nascimento[18]. A partir daí, o meio social produz as diferenças comportamentais, corporais e visuais de homens e mulheres.

Outro ponto que merece destaque é a diferença de representações visuais da nudez e sensualidade para as de pornografia e a sexualidade. A nudez a que me refiro está

[17] Ibidem, p. 38-39.
[18] LAQUEUR, Thomas Walter. **Inventado o sexo**: corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

diretamente ligada à História da Arte, o "nu artístico". Para a pergunta o quê é o nu, o historiador da arte Kenneth Clark nos diz que:

> É uma forma de arte, inventada pelos Gregos no séc. V a.c., tal como a ópera é uma forma de arte inventada na Itália no séc. XVIII. A conclusão é certamente demasiado abrupta, mas tem o mérito de evidenciar que o nu não é assunto da obra de arte, mas forma de arte.
>
> É corrente supor-se que o corpo humano despido constitui em si, um objeto sobre o qual os olhos se detêm com prazer e que nos agrada ver reproduzido. Mas quem quer que tenha freqüentado escola de belas-artes e visto os informes e lastimosos modelos que os estudantes procuram laboriosamente desenhar sabe que isso não passa de uma ilusão. O corpo humano não é um daqueles assuntos que podem ser transmitidos à obra de arte por simples transcrição direta, com um tigre ou uma paisagem sob um manto de neve. Muitas vezes, ao olharmos para o mundo natural e animal, identificamo-nos de bom grado com aquilo que vemos; e pode ser criada uma obra de arte partindo dessa espontânea identificação. É a este processo que os estudiosos de estética chamam empatia, a qual se encontra no pólo oposto da atividade criadora que deu lugar à invenção do nu. Um conjunto de corpos despidos não provoca em nós o fenômeno da empatia mas apenas decepção e uma certa repulsa. Não somo impelidos à imitação: desejamos aperfeiçoar. Comportamo-nos então, no domínio das formas naturais, com Diógens procurando um homem honesto com a sua lanterna e, como ele, talvez nunca os nossos esforços venham a ser recompensados. Presumivelmente, também os fotógrafos do nu estão empenhados numa procura semelhante; encontrando o modelo que lhes agrade, tem completa liberdade de escolher uma "pose" e uma iluminação em conformidade com suas noções de belo, e, por último, esbate ou acentuar por meio de retoque. Mas, apesar de todo o gosto e habilidade postos numa fotografia, o resultado dificilmente satisfaz quem estiver acostumado às harmoniosas simplificações da antiguidade. A nossa contemplação é imediatamente perturbada pelas rugas e protuberâncias, e outras pequenas imperfeições que são eliminadas no esquema clássico. Devido a um longo hábito, não analisamos um nu como um organismo vivio mas antes como uma composição abstrata.[19]

Enfim, o nu não é qualquer tipo de corpo despido, mas sim um que agrada a quem o vê. E para isso, não importe se é um artista que pinta um quadro ou um fotógrafo, ambos buscam interferir na realidade, mudando a luz, buscando o melhor ângulo e posição, usando de todas as artimanhas técnicas e artísticas para causar o efeito visual mais belo e impressionante. O nu

[19] CLARK, Kenneth. **O nu:** um estudo sobre o ideal em arte. Lisboa: Editora Ulisseia, 1956. p.26-27.

na contemporaneidade tem esse aspecto, o de criar uma imagem bela diretamente ligada a concepções artísticas. É por isso que revistas como a Playboy e Vip não podem ser classificadas como "pornográficas", pois suas fotos vão em direção a uma estética da beleza artística e evitando representações de sexo explícito.

Já a pornografia como uma categoria de representação conceitual e visual é datada a partir do século XVI quando se desenvolve a imprensa e se difunde na Europa uma literatura erótica e pornográfica[20]. Sendo que os livros do Marquês de Sade são um marco nesse tipo de publicação[21]. Embora a diferença entre o erótico e o pornográfico não sejam muito claras[22], atualmente Afonso Medeiros vem apontando que a diferença entre erótico e pornográfico é discursiva pois deriva de uma concepção visual a partir das relações sociais:

> não podemos deixar de sublinhar a importância do olhar. O olho deseja, subjuga, quer possuir, objetificar, consumir e, nesse aspecto, o olho é o mais sexual dos órgãos humanos, instrumento por excelência do voyeur. É ele que provoca a mais rápida das respostas libidinosas; é nele que nascem os sentidos do erótico, do obsceno e do pornográfico. Além do mais, não podemos perder de vista o fato de que o desejo e a sexualidade são construções sociais e que, portanto, as definições de erótico e de obsceno são construções criadas e organizadas pela coletividade (família, escola, religião, estado, política, arte, ciência etc.).[23]

> Pornografia deriva do grego pórne ("prostituta") ou pórnos ("que se prostitui, depravado"), referência inequívoca aos "excessos" libidinosos e aos profissionais do sexo. Prostituta, michê, puta, garoto(a) de programa, scortboy são denominações (reguladas pela sociedade) de corpos oferecidos à diversidade de apetites, para o exercício profissional (e não amoroso) da sedução e, assim, conceito muito mais próximo do obsceno que do erótico. Tendo sido, provavelmente, o primeiro bem de consumo da história humana, a prostituição é a face pública do desejo, da libido e da sedução, consentida ou interditada conforme os pudores da época. Deixemos claro que nem sempre a prostituição foi caracterizada como depravação. Para ficarmos em apenas um exemplo, basta citarmos as gueixas e cortesãs japonesas, performers tanto do prazer sexual quanto do prazer estético.

[20] HUNT, Lynn. **A invenção da Pornografia**: obscenidade e as origens da modernidade. 1. ed. São Paulo: Hedra, 1999.
[21] Especialmente os livros: SADE, Marquês de. **120 Dias de Sodoma. São Paulo: Iluminuras, 2006; SADE, Marquês de. A Filosofia na alcova. São Paulo:Círculo do Livro, s.d.**
[22] Exemplo disso é o livro de Eliane Moraes e Sandra Lapeiz, que embora seja muito interessante, o conteúdo não responde a pergunta título, ver: MORAES, Eliane R. e LAPEIZ, Sandra M. **O que é pornografia**. São Paulo: Abril Cultural; Brasiliense, 1985.
[23] MEDEIROS, Afonso (org.) **O imaginário do corpo**: entre o erótico e o obsceno: fronteiras líquidas da pornografia. Goiânia: FUNAPE, 2008. p.30.

> Pornografia também significa a imagem do corpo que se expõe para provocar o desejo de outro corpo e, portanto, do corpo objetificado: pornografia, "prostituição em imagem", "depravação através de imagens".[24]

Em seguida, o quê seria sensualidade? Este é um termo muito efêmero e não encontrei autores que o conceituem. Então me voltei para o sentido do dicionário Aurélio: "[Do lat. Tard. Sensualitate] 1. Qualidade de sensual. 2. Lubricidade, volúpia, lascívia, luxuria; sensualismo. 3. Amor aos prazeres materiais. 4. Filos sensibilidade"[25]. Já o dicionário Houaiss diz que a sensualidade é

> 1. Qualidade ou caráter de sensual. 2. Inclinação pelos prazeres dos sentidos; voluptuosidade. 3. Propensão exagerada aos prazeres do sexo; lubricidade, volúpia, lascívia, luxuria, sensualismo. 3.1. PSICOP estado ou caráter do que é dominado ou não controla os mais primitivos apetites ou emoções corporais. 4. Gratificação obtida pela estimulação dos sentidos. 5. Sensibilidade, faculdade de perceber sensações, sentir, sensibilidade[26].

O problema é que estes são sentidos contemporâneos e não são conceituados, mas sim remetem a outros signos cujo sentido é proporcionalmente diverso. É óbvio que a sensualidade é um conceito que muda conforme andam as culturas no tempo. Hoje, uma garota andando de mini-saia é algo comum, mas seria algo impensável/impraticável no início do século XX. Parece-me que o termo sensualidade vive diluído com o erotismo, este por sua vez sempre aparece fazendo relação com a pornografia como aponta Afonso Medeiros.

Na falta de um modelo coerente, para mim, a sensualidade é: 1º Uma convenção cultural de tom sexual que muda no decorrer do tempo, aparecendo na forma visual, gestual, verbal e, sobretudo na postura corporal de um indivíduo perante o olhar do outro. 2º É um jogo de imagens marcado pelo contraste de mostra e esconder o corpo ao mesmo tempo. 3º Pode estar relacionado a sensações (com um cheiro) ou objetos (uma roupa atrativa). Este é o sentido que desenvolvo neste trabalho.

Já a sexualidade se encontra no plano sexual diretamente ligada ao ato e preferências sexuais, de suas práticas e também da construção da afetividade e sensibilidade cotidianas,

---

[24] Ibidem, p.31.
[25] FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio de língua portuguesa.** 3. Ed. Curitiba: Positivo, 2004. p.1829.
[26] HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro Sales. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p.1729.

além dos discursos sobre o sexo[27]. Diferente da sensualidade que está num plano mais visual e de representação e teatralização.

Desnudando o corpo feminino

Como a nudez e sensualidade feminina se tornaram visualidades comuns na Cultura Visual brasileira? Esta pesquisa gira em torno desta pergunta. Sendo que nudez e sensualidade não se distinguem, andam juntas.

Se quiséssemos analisar simplesmente a nudez, as revistas masculinas e filmes de pornografia seriam o suficiente. Mas, o que estas fontes mostram são imagens criadas para um publico consumidor específico, em geral masculino, e de classe média. Portanto, já é um público leitor bem específico. Logo, estas fontes não explicam por que é tão comum vermos o corpo feminino desnudo pelas mídias e aceita como uma visualidade cotidiana.

As reflexões aqui contidas, procuram compreender como o corpo feminino foi sendo despido pelo olhar fotográfico, que também é um "olhar sensual" e até, talvez, erótico. Que em um período bem específico, o fim dos anos 1960, produziu uma série de representações visuais sobre a nudez e sensualidade em um momento que é o auge da Ditadura Civil-militar[28] e do crescimento econômico. E que ao mesmo tempo, se faz presente todo um discurso moralista que estava em alta justamente por estar entrando em contestação pelos movimentos juvenis e até jurídicos já que a questão do divorcio estava em pauta.

E a própria imprensa burguesa e conservadora, como no caso da revista O Cruzeiro, põe em destaque o corpo e por conseqüência, ajuda a minar o conservadorismo reinante na sociedade. Não é só a contra-cultura dos anos 1970 que questiona os valores dominantes, nos anos 1960 a própria imprensa, cinema e teatro de revista já davam abertura para uma nova moral sexual[29] e relação para com o corpo.

---

[27] ENGEL, Magali. História e sexualidade. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.) **Domínios da História:** ensaios de teoria e metodologia. 13. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997, p.297-311.

[28] O termo Ditadura Civil-militar foi usado inicialmente por Daniel Arão Reis Filho para denominar o regime político instaurado no Brasil a partir do golpe de estado de 1964, e considera que a participação civil foi fundamental para manter aquele governo, por isso ele era "Civil-militar". REIS FILHO, Daniel Aarão. **Ditadura militar, esquerdas e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zhar, 2000

[29] Sobre a moral sexual no cinema brasileiro, ver: OLIVERIA, Dennison de. Cinema e sexualidade no Brasil contemporâneo. In: **Anais** do XII Encontro Regional de História e VI Semana de História: Regiões, imigrações, identidades, de 09 a 12 de Outubro de 2010. ANPUH-PR, UNICENTRO: Irati, 2010. Disponível em: <http://www.eventosanpuhpr.com/ocs/index.php?conference=irati&schedConf=anpuh2010&page=paper&op=view&path%5B%5D=433&path%5B%5D=175> Acesso em 05/06/2011.

E de que nudez e sensualidade estamos falando? Primeiramente, a sensualidade é a ponte que liga a associação do corpo com a nudez, no eterno jogo entre mostrar e esconder o corpo feminino.

A nudez feminina não era algo comum na imprensa de grande circulação dos anos 1960, sua extrema popularização é fenômeno bem recente, datando a partir de meados dos anos 1980 quando finalmente atinge a televisão. Mas para que tenha se tornado comum, foi necessário uma fase de imagens sensuais, que se tornavam cada vez mais sensuais e ousadas. O corpo vai sendo despido aos poucos, com imagens bonitas e palavras saudosistas. E cheio de estereótipos que vão de Sereias, Certinhas, Bond-girl,s e tantas outras que povoaram páginas de revistas e as telas do cinema.

A nudez quase nunca era uma nudez total, a ousadia consistia em insinuar e mostrar aos poucos. Para ser publicável, precisava estar dentro dos paradigmas visuais do que era possível de ser mostrado sem que entrasse em conflito com a (auto)censura da imprensa ou que pudesse ofender a(o) leitora(or) mais "puritana(o)". A nudez estava nesta linha tênue entre a ousadia e o que era aceitável socialmente.

E para ser aceita, tinha que estar dentro de uma concepção artística, o nu artístico. E que possui suas próprias peculiaridades como a exaltação da beleza e o ideal de um corpo jovem e delicado. O corpo nu dificilmente está completamente nu. A ideia é indicar a nudez, não mostra-lá explicitamente, daí se tem uma série de truques para mostrar o corpo ao mesmo tempo em que o escondem. Os cabelos, objetos e muitas outras coisas viram artimanhas para isto.

Há um movimento de duplo sentido em relação ao corpo feminino na mídia. É correto afirmar que ele é explorado pela mídia, mas ao mesmo tempo isso não significa que as mulheres estão ingenuamente sujeitas as perversidades do mercado. Mirian Goldenberg, sob a inspiração das ideias de Bourdieu, aponta que na sociedade ocidental, o corpo se tornou um capital simbólico capaz de fazer com que o indivíduo despossuído de capital econômico e/ou cultural seja capaz de ascender socialmente se souber tirar proveito de sua beleza[30]. A indústria da beleza vai se erguer sob a égide da exploração dos belos corpos femininos. E as mulheres também vão perceber aí a possibilidade da independência financeira e ruptura para com o destino de ser somente mais uma "dona-de-casa", e poderão ter um leque de opções e experiências mais amplo do que as gerações anteriores obtiveram.

[30] GOLDENBERG, Mirian. O corpo como capital. In: GOLDENBERG, Mirian (Org). **O corpo como capital**: estudo sobre gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira. Barueri, SP: Estação das Letras e Cores Editora, 2007. p. 17-30.

As profissões de modelo, atriz e cantora vão despontar, sendo que seu campo de atuação é amplo, atingindo as passarelas, as revistas, os teatros, a televisão e o cinema. Freqüentemente transitando por muitos deles.

Tempo e Visão

Para a realização desta pesquisa, foram utilizados 172 números da revista O Cruzeiro, publicadas entre 1966 a 1970 (Ver Apêndice 2 e 3). Alguns autores chegam a citar o número da revista, sua idade em algarismos romanos e o local de impressão. Como ela sempre foi impressa pela Gráfica O Cruzeiro, no Rio de Janeiro – RJ, e nem sempre é possível encontrar a referência ao número do seu exemplar e idade já que algumas revistas perderam/perdem algumas páginas no decorrer do tempo. Preferi utilizar a referência básica: Nome da revista, dia/mês/ano de publicação, precedida pelo nome quem produziu reportagem e o título da matéria. O que já é suficiente para localizar qualquer matéria citada. Dentre os exemplares encontrados, selecionei as fotorreportagens em que a sensualidade e nudez feminina estavam presentes e as subdividi em grupos temáticos: Sereias, Carnaval, Luz del Fuego, Mulher é sempre notícia, e Stanislaw Ponte Preta e as Certinhas[31].

Entretanto, mesmo reduzindo a quantidade de material, as fontes selecionadas resultaram em um número consideravelmente grande de fotorreportagens e imagens diversas e foi necessário aprofundar o recorte sobre as fontes, por isso, para cada categoria, preferi selecionar as matérias que mais se aproximam da nudez feminina.

Quando nos deparamos com fontes visuais, não importando qual seja, nunca a vemos da mesma forma, como foi, ou imaginamos ter sido. Duas pessoas podem ver o mesmo objeto e compreendê-lo de modo diferente. O Desenho de um compasso junto com um esquadro pode não significar nada para uma pessoa e já outra pode percebê-lo como um dos símbolos da maçonaria. A cultura é o primeiro filtro de entendimento do que vemos[32]. E numa mesma cultura há diversos modos ver. Ou seja, existem formas de grupos sociais, étnicos, de gênero, de faixa etária e tantos outros que lançam múltiplos olhares para com o outro. Este olhar pode ser um olhar preconceituoso, ser um olhar erótico, um olhar classicista de superioridade ou inferioridade e tantos outros mais[33].

[31] Também haviam outros temas relacionados ao Cinema, Publicidade, Arte e outras categorias mais heterogêneas que tive que deixar de lado para poder concluir a dissertação no prazo.
[32] LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003.
[33] BERGER, John. 1997, Op. Cit.

A própria visão, no sentido físico, é diferente para cada pessoa. Miopia e hipermetropia são os problemas comuns. Já os daltônicos percebem as cores de forma diferente. O simples posicionamento espacial do corpo permite ter impressões diferentes sobre um mesmo objeto visualizado[34].

Já o tempo e o suporte alteram os objetos. Primeiramente, a ação do tempo se faz sentir em tudo o que existe, quanto mais os anos passam, tudo se desgasta perdendo seus atributos originais e se metamorfoseando em uma sombra do que foi originalmente no passado.

Segundo, o suporte altera o produto. Uma fotografia publicada em uma revista, como em O Cruzeiro dos anos 1960 estaria sujeita a ser colorida ou em preto e branco, dependendo de seu filme e da opção da redação na hora de montar a diagramação da matéria a ser publicada. Por mais que a câmera fotográfica pudesse ser de o que havia de melhor, o que o leitor irá ver é o resultado da qualidade do papel e da impressão da impressora do periódico, o que sempre está sujeito ao risco das cores saírem em tons ligeiramente diferentes devido a quantidade de tinha e configuração da máquina.

O tempo irá desbotar as cores, o papel irá amarelar. E por fim, o pesquisador quando tiver em mãos a revista dos anos 1960 não a verá da mesma forma o que o leitor daquele período a viu, pois não tem o mesmo conhecimento visual e cultural de quem viveu naquele tempo e nem segura em suas mãos o mesmo material produzido na época. E ao fotografar as páginas da revista com uma câmera digital, a qualidade da nova imagem obtida dependerá da capacidade da câmera (os megapixels) e das configurações de software, além da iluminação externa que poderá ajudar ou por reflexos luminosos na imagem.

Por estar ciente de que a imagem sempre muda dependendo de quem a vê e de como o tempo afeta a imagem e das transformações através dos suportes. Optei por retocar as imagens captadas que apresentavam definição baixa usando o recurso de "correção automática" do programa Microsoft Picture Manager[35] do Windows cuja principal característica é realçar as imagens capturadas. Isso ajuda a ter uma melhor visualização da imagem e posteriormente, melhor qualidade de impressão da mesma.

[34] Sobre esta relação física do olho e o que ele vê, consultar: AUMONT, Jacques. **A imagem**. Campinas, SP: Papirus, 1993, p.11-75.

[35] Microsoft Office Picture Manager (12.0.4518.1014) MSO (12.4518.1014), 2006 Microsoft Corporation.

Como se faz análise de fotorreportagem: uma possibilidade no campo da História

Sobre como tratar de fontes visuais, especificamente da fotografia, Ana Maria Mauad aponta que "é sempre importante lembrar que toda a metodologia, longe de ser um receituário estrito, aproxima-se mais a uma receita de bolo, na qual, cada mestre-cuca adiciona um ingrediente a seu gosto"[36]. Portanto, é fundamental adaptar a forma de análise ao objeto em estudo.

E ao mesmo tempo não esquecer que o trabalho dos (das) historiadores(as) sempre implica na seleção, preferências e recortes. A História só existe enquanto uma construção interpretativa e narrativa sobre o passado.

> A validade do conhecimento histórico, como alguns têm percebido ultimamente, não é uma questão unicamente, ou exclusivamente, de método. A quantificação não é garantia de cientificidade: as amostragens e dados são sempre manipuláveis; as evidências, resíduos contingentes e arbitrários enquanto amostras; a comparação de duas configurações quaisquer implica sempre o recorte e a manipulação de variáveis recorrentes. A reincidência da palavra amor vinte vezes num texto nada diz a respeito do sentimento "amor"[37].

E História Visual não se faz apenas com fontes visuais, mas principalmente, com uma problemática visual. Esta problemática visual é tratada com um "tema visual", e a análise das fontes procurará compreender o processo de desenvolvimento deste tema visual. A guisa de orientação da minha análise das fontes é estruturado a partir do tripé Visão, Visível, e Visualidade, discutidas anteriormente.

Diante das fotografias, textos e legendas que as acompanha, direcionei a analise para os seguintes aspectos:

1) O olhar fotográfico: a forma com que o fotógrafo construiu a imagem (ângulos, planos, iluminação, o que ele privilegia ou excluiu).

2) A pessoa fotografada: observar quem é a pessoa, qual a sua postura diante da câmera do fotógrafo, qual sua expressão corporal, a sua fotogenia, suas expressões faciais.

3) O ambiente visual: o local onde ocorre a ação.

[36] MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história interfaces**. Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n°. 2, 1996, p. 14.
[37] MALERBA, Jurandir. **Ensaios:** teoria, história e ciências sociais. Londrina: Eduel, 2011. p.34-35.

4) O texto que acompanha a imagem e seu contexto: Os títulos, subtítulos e legendas procuram orientar a interpretação da imagem segundo o quê a mídia quer divulgar. Além de analisar que discurso é esse, deve-se atentar para o contexto deste enunciado, quem e de onde se fala, para quem se fala[38].

Para a descrição dos planos fotográficos, me utilizo dos termos utilizados para os enquadramentos cinematográficos: Plano Geral – mostra um grande espaço onde, dependendo do caso, os indivíduos podem ou não ser identificados; Plano Conjunto – mostra um grupo de pessoas, reconhecíveis, num ambiente; Plano Médio – enquadra as pessoas de pé, com uma pequena faixa em cima da cabeça e embaixo dos pés; Plano Americano – enquadra a pessoa das coxas até a cabeça ou da cintura até a cabeça; Primeiro Plano – corta o busto[39].

O universo da imprensa é baseado na informação. Na divulgação de fatos que possam interessar aos leitores. Contudo, a informação não necessariamente precisa ser atual, a invenção e uso da informação nas notícias é uma prática mais comum do que do que se possa imaginar[40].

Este universo é feito de fatos isolados e fatos contínuos, ou seja, de matérias específicas e temas que costumam se repetir ao longo do tempo. Busco compreender exatamente este processo onde um tema visual circula nas páginas de O Cruzeiro e se constitui enquanto um regime de visualidade[41].

O fundamental na análise e na pesquisa é a questão que a norteia. A fonte não fala por si só, é necessário fazer perguntas a ela[42]. E uma análise densa ou menos densa, vai depender da habilidade e necessidade do(da) pesquisador(a) em trabalhar com as fontes. Não existe uma História por trás das fotos, as fotos são a história. Ou dito de outra forma: onde está a

[38] Cada um destes aspectos enumerados foram pensados como sínteses do modelo que Ana Maria Mauad (1996) apresenta para a análise fotográfica, sendo que também foi utilizada uma tabela de análise do conteúdo das fotorreportagens (Apêndice 1), da qual foi acrescentada ênfase ao que rodeia a fotografia (os textos).
[39] BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema**. São Paulo: Brasiliense, 1980. p.38.
[40] Accioly Netto (1998) conta que em eventos, O Cruzeiro levava belas garotas que, na hora e local combinado, se reuniam e então os seus fotógrafo da revista tiravam vários fotos e logo depois elas dispersavam, assim, O Cruzeiro garantia que teria mulher bonita em suas páginas, algo que as outras revistas não conseguiam. Já Silvana Louzada (2004, p.64) revela que na disputa entre O Cruzeiro e Manchete para ver quem lançava primeiro a revista com matérias sobre a eleição do novo presidente dos EUA, Manchete saiu na frente com a estratégia de produzir duas matérias antecipadamente, quando o resultado fosse divulgado, era só mandar a revista para a impressão, técnica que hoje se tornou padrão.
[41] Sobre os regimes de visualidade, ver: MENESES, Ulpiano B. de. Visões, visualizações e usos do passado. **Anais do Museu Paulista**, Ano 15, Vol.2, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2007, p.117-123za.
[42] MAUAD, Ana Maria. **Poses e flagrantes**: ensaios sobre história e fotografia. Niterói: Editora da UFF, 2008, p.21.

História? Está nas práticas sociais, em tudo em que a ação humana se faz presente ao longo do tempo. Foi isso que procurei perceber nas páginas seguintes.

No capítulo 1 percorro a produção bibliográfica sobre as mulheres representadas na revista O Cruzeiro. E busquei compreender a historicidade do periódico, bem como o seu contexto histórico no período em análise e quais eram seus repórteres fotográficos que costumavam ser escalados para fotografar mulheres.

No capítulo 2, traço o contexto geral de como as visualidades da sensualidade e nudez feminina foram representadas ao longo de matérias publicadas com temáticas freqüentes como é o caso do item "Mulher é sempre notícia" que mostra como O Cruzeiro costumava usar imagens sensuais ou de nudez em meio a notícias sobre o Brasil e do mundo. O item "Sereias" aborda como (em geral) os fotógrafos retratavam garotas nas praias. O item "Carnaval" buscou saber se este evento já era erotizado na mídia naquele momento. O item "Luz del Fuego" acompanha como O Cruzeiro retratou a morte da nudista mais polêmica daquela época. E por fim, o item "Strip-tease" analisa este espetáculo nas páginas da revista.

Já o capítulo 3 aborda como as Certinhas, as lindas garotas em trajes sensuais, foram retratadas nas fotografias de Augusto Valentin (e pela equipe de O Cruzeiro) durante a passagem de Stanislaw Ponte Preta na revista, e que ainda contava com ilustrações de Carlos Estêvão. O que no contexto geral, demonstra como a nudez/sensualidade estão ligadas ao humor e a um discurso textual (quase) literário de exaltação da beleza feminina.

CAPÍTULO 1

COMO PROMOVER ENTRE AS MULHERES UM PRODUTO PARA A MULHER

A carta que apresentamos a seguir resume tôda a história de um grande êxito de propaganda e vendas:

"Rio de Janeiro, 16 de maio de 1960.

Ilmo. Sr. João Serpa
Diretor de Publicidade
O Cruzeiro
Rua do Livramento, 203
N E S T A

Queremos congratular-nos com V. S. pelos extraordinários resultados de venda que alcançamos com a campanha dos "Soutiens Vivian" na Revista "O Cruzeiro", no início do corrente ano.

Durante êsse período foi nossa verba de propaganda concentrada em "O Cruzeiro", não sendo programado nenhum outro veículo — revista, jornal, emissora de rádio ou tv. Isso nos dá a segurança de atribuir à Fôrça de vendas de sua revista o sucesso da campanha — traduzido num sensível crescimento de nossas vendas no Rio e em todo o território nacional.

Acresce que, interessando o nosso artigo exclusivamente ao público feminino, tal êxito nos trouxe a evidência da posição e influência de "O Cruzeiro" junto às leitoras brasileiras.

Com os nossos votos de uma longa e proveitosa cooperação publicitária, subscrevemo-nos

Cordialmente

CONFECÇÕES VIVIAN S/A.

O Cruzeiro. 24 de dezembro de 1960

1.1 Comentário sobre a capa do capítulo 1

Assim como existe a metáfora verbal, ou seja, o uso de analogias para se referir a algo (como por exemplo, a expressão "ela canta como um rouxinol" para dizer que ela canta bem), o mesmo é possível com as imagens e assim temos "metáforas visuais", se bem que na realidade quase toda metáfora remete ao visível. A imagem de abertura deste capítulo é uma metáfora visual de seu conteúdo. Produzida pelo próprio O Cruzeiro, inicialmente mostrava "Como promover entres as mulheres um produto para a mulher", e consistia na reprodução de uma carta, supostamente, recebida por O Cruzeiro de um de seus anunciantes e que a congratulava pelo ótimo retorno de vendas que obtivera. Como ilustração, uma montagem fotográfica exibia uma mulher aparentemente nua dentro de um biombo com a forma da revista O Cruzeiro e sua tradicional capa onde a presença de um rosto feminino era constante. Na época, 1960, esta imagem servia para atrair novos anunciantes e convencer as mulheres de que aquela era uma revista de qualidade, produzida para a mulher. No contexto desta pesquisa, essa imagem ganha outro sentido, o de mostrar que a imagem feminina mostrada em O Cruzeiro era produzida (quase sempre) por homens, logo, é um olhar masculino sobre o feminino. A seguir, veremos a revista como uma instituição visual e como ela funcionava, tendo em perspectiva, as representações femininas criadas por ela.

1.2 Como a sensualidade e nudez feminina foi vista, de modo geral, na História brasileira?

Não é fácil responder esta pergunta, mas na mais recente publicação de Mary Del Priore, Histórias íntimas [43], podemos perceber algumas indicações de como o corpo foi recebendo significados ao longo da história brasileira, da colônia aos dias atuais:

> muitas pessoas andavam seminuas: sobretudo índios e escravos. As regras e os ritos vindos da Europa não se tinham consolidado entre índios e africanos. Palavras como vergonha e pudor, recém-dicionarizadas no século XIIV, continuavam ausentes dos "vocabulários". (...) muitos moradores da América portuguesa vestiam-se apenas com um minúsculo pedaço de tecido[44].

> Durante o Renascimento, graças à teoria neoplatônica, amor e beleza caminhavam juntos. Vários autores, como Petrarca, trataram desse tema para discutir ao correspondência entre belo e bom, entre o visível e o invisível. Não à toa, nossa indígenas eram consideradas pelos cronistas seiscentistas, criaturas inocentes. Sua nudez e despudor eram lidos numa chave de desconhecimento do mal, ligando, portanto, a "formosura" à ideia de pureza. Até sua "vergonhas depiladas" remetiam a uma imagem sem sensualidade. As estátuas e pinturas que revelavam mulheres nuas, o faziam sem pelos púbicos. A penugem cabeluda era o símbolo máximo do erotismo feminino. A questão da sensualidade não estava posta aí.
>
> Nuas em pelo, as "americanas" exibiam-se, também, nas múltiplas gravuras que circulavam sobre o Novo Mundo, com seus seios pequenos, os quadris estreitos, a cabeça coroada por plumagens ou frutas tropicais. Os gravadores do Renascimento as representavam montadas ou sentadas sobre animais que os europeus desconheciam: o tatu, o jacaré, a tartaruga. Mas, aí, a nudez não era mais símbolo de inocência, mas de pobreza: pobreza de artefatos, de bens materiais, de conhecimentos que pudessem gerar riquezas. Comparadas com as mulheres que nas gravuras representavam o continente asiático ou a Europa, nossa América era nua, não porque sensual, porque despojada, singela, miserável.[45]

Além de ser associada a pobreza, a nudez remetia a selvageria dos ritos antropofágicos, por outro lado, Del Priore também destaca que desde o início da colonização, os jesuítas

[43] PRIORE, Mary del. **Histórias íntimas**: sexualidade na história do Brasil. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.
[44] Idem, p.14-15.
[45] Ibidem, p. 16.

lutaram contra a nudez e tudo aquilo que ela simbolizava. Já que o corpo nu também estava ligado a luxúria, a lascívia e aos pecados da carne que a igreja tanto combatia[46].

Na Europa, o nu se tornava uma categoria na arte, mas nas Américas, seu sentido era outro. Os viajantes chocavam-se com a nudez dos escravos pois seus corpos não correspondiam aos modelos de beleza da época[47]. Já no século XIX com a vinda da Família Real portuguesa para o Brasil e sua Corte, há uma virada, não só política e econômica como também cultural sobre os costumes. São bem conhecidas as histórias de lacividades da dona Carlota Joaquina, já seu filho, D. Pedro, tornou-se um "imperador libertino". Ao mesmo tempo, os casamentos aconteciam por puro interesse das famílias envolvidas, com meninas muito novas, o que para os estrangeiros significava que no Novo Mundo havia antecipação sexual nas moças. E ainda por cima, o adultério masculino era comum[48].

Até meados do século XIX o corpo nu feminino indígena ainda estava sob o signo da pobreza aos olhos da sociedade patriarcal[49]. Os seios não eram objetos de desejo e os médicos os chamavam de "aparelhos de lactação". Mas a medicina com o conceito de higiene e o esporte com o de corpo saudável vão impulsionar novos hábitos para a sociedade. A crescente industrialização e a ideia de modernidade colaboram para uma maior exposição dos corpos de forma positivada. A lingerie se desenvolve na indústria têxtil e possibilita uma crescente erotização das relações para com o corpo.[50]

Provavelmente, a primeira mídia onde a sensualidade e nudez feminina aparecem no século XX é no teatro de revista. Chamadas inicialmente de coristas e depois de girls essas mulheres "usavam meias grossas, cor da pele. Os decotes eram discretos e os adornos, pouco apelativos. O corpo cobria-se de fantasias e não se expunha."[51]

> No início do século, as fotografias exibiam coristas gordinhas, envoltas em indumentária farfalhante, que pipocavam na introdução ou conclusão da peça emoldurando o desempenho de astros e estrelas. As "gorduchinhas" simbolizavam o corpo feminino desejado, longe da estética de magreza que virá depois. Vestidas? Sim, pois um corpo sem roupas ainda representava mais anseios do que prazer. Eis por que se mostravam apenas algumas partes nuas. Tais partes despertavam desejos ocultos e aceleravam a imaginação: o corpo da corista era vestido exclusivamente para ser despido pelo olhar do espectador.

[46] Ibidem, p.17.
[47] Ibidem, p.18
[48] Ibidem, p.57-90.
[49] Ibidem, p.73-77.
[50] Ibidem, p.105-109.
[51] Ibidem, p.109.

> Já o teatro de revista antecipou o corpo que aparecia com sua vestimenta original: a pele. O silêncio que antes recobria a sexualidade, rotulada como coisa suja e pecaminosa, começou a ser quebrado.[52]
>
> No Rio de Janeiro, capital da República, Walter Pinto, produtor de teatro [...], inventou uma escada em meio ao palco. Enquanto a platéia delirava, podendo examinar cada centímetro de carne exibida entre adereços apelativos, vedetes e girls desciam os degraus com majestade e cabeça erguida. Apelando para o olhar masculino, a nudez feminina erigia-se numa forma de poder: o de dar prazer a alguns homens, membros de uma sociedade profundamente moralista. Um pouco mais tarde, as "certinhas" de Stanislaw Ponte Preta, mulheres curvilíneas com biquínis minúsculos, as vedetes do teatro de rebolado, protagonistas de comédias como Tem bububu no bobobó e Vem de ré que eu to em primeira, ou as "jambetes" desenhadas por Lan, fariam delirar a imaginação masculina.[53] (itálico da autora)

Também no início do Século XX, surgem várias revistas masculinas na França, e no Rio de Janeiro se lança O Rio nu que possuía algumas fotos e muitas ilustrações. Até surgiram quadrinhos pornográficos, os dirty comics, nos EUA. Na Alemanha se publicavam revistas que defendiam o naturismo e mostravam fotos onde se procurava dessexualizar a nudez. Pouco tempo depois da invenção do cinema, surgiram os primeiros filmes pornográficos como Maria vai se deitar, O escudo de ouro ou o bom albergue e Ao entardecer, filmes que eram considerados ilegais e só circulavam em circuito restrito já que sua posse ou visualização era passível de prisão[54].

Tendo percorrido brevemente como a História brasileira vem percebendo a nudez e sensualidade do corpo feminino, fica claro que no século XX estas visualidades vão ganhar espaço e status destacado dentro de nossa cultura. Passemos agora a revista O Cruzeiro para compreender como ela está envolvida nesta História.

1.3 A revista O Cruzeiro, sua História e lugar em nossa Cultura Visual

Dentre as fontes visuais para a História do Brasil no século XX, O Cruzeiro se destaca como uma das mídias visuais mais importante e de maior duração (1928-1975, estou considerando só a sua fase mais longeva), além da tiragem média de meio milhão de

[52] Ibidem, p.110.
[53] Ibidem, p.111.
[54] Ibidem, p.129-133.

exemplares por semana. Oferece ao historiador um amplo repertório de informações culturais, políticas, intelectuais e comportamentais[55].

A História da revista se mistura com a História de seu dono, Assis Chateaubriand[56] assim como a própria História do Brasil. Em 1928 o empresário, advogado e Jornalista Assi Chateaubriand criou O Cruzeiro graças a um empréstimo concedido, pelo, então, Ministro da Fazenda, Getúlio Vargas. A idéia de um periódico que desse um rosto a nação, chegando aos mais longícuos lugares (coisa que nem o rádio conseguia) agradou Vargas por ir de encontro como suas idéias nacionalistas[57].

O golpe de 1930 foi apoiado e aplaudido por O Cruzeiro, mais tarde, Chateaubriand se desentendeu com Vargas e empreendeu uma campanha anti-getulista. A revista e o próprio império dos Diários Associados de Chateaubriand passaram por momentos de crise e pressão varguista. Mesmo assim, O Cruzeiro e a cadeia dos Diários Associados continuou em franca expansão. E no momento da morte de Vargas, O Cruzeiro deu um furo de reportagem conseguindo fotografar o seu corpo, o que fez a revista chegar a soma impressionante dos 700 mil exemplares e conseguindo manter essa média nos anos seguintes[58].

Chateaubriand não gostava das idéias ambiciosas de Juscelino Kubitschek nem concordava com a mudança da capital para o interior do país. Mas em troca do cargo de embaixador na Inglaterra, se contentou em não fazer grandes críticas a JK. Contudo, O Cruzeiro ajudou a impulsionar a eleição de Jânio Quadros, não poupou críticas para derrubar Jango e deu todo o apoio para o Golpe Civil-militar de 1964. Portanto, O Cruzeiro foi uma das mídias mais usadas por Chateaubriand para defender seus interesses políticos e econômicos já que muitos dos seus empreendimentos foram financiados com empréstimos

[55] Maria Celeste Mira aponta que O Cruzeiro "tornou-se uma das revistas de maio vendagem na história do país, quanto mais para sua época. Saiu inicialmente com 50 mil exemplares, passando dos 700 mil na edição histórica sobre o suicídio de Vargas. Chegou a ter até uma versão em espanhol, com cerca de 300 mil exemplares, exportada para a América Latina (...) em sua longa trajetória, a revista atravessa as décadas de 30 a 60 como o veículo nacional responsável pela crônica social, política e artística não apenas no Brasil, mas do mundo, contando para tanto com correspondentes estrangeiros, fato até então inédito no Brasil. Vários elementos que hoje caracterizam o mercado de revistas já aparecem no ousado empreendimento: marketing, investimento técnico, preocupação com o padrão visual e esquema de distribuição". CELESTE, Mira Maria. **O leitor e a banca de revistas**: a segmentação da cultura no século XX. São Paulo: Olho d`Água/Fapesp, 2001. p.23.

[56] Para conhecer a biografia completa de Assis Chateaubriand, conferir: MORAES, Fernando. **Chatô:** o rei do Brasil, a vida de Assis Chateaubriand. São Paulo: Companhia das Letras, 1994; e DIAS, Paulo da Rocha. **O amigo do rei:** Carlos Rizzini, Chatô e os Diários Associados. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

[57] SERPA, Leoni Teresinha Vieira. **A máscara da modernidade:** a mulher na revista O Cruzeiro (1928-1945). Passo Fundo: UPF, 2003. p.45-46.

[58] CARNEIRO, Glauco. **Brasil, primeiro** - história dos Diários Associados. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 1999. p.332-335

públicos e recebiam periodicamente verbas para divulgar notícias e propaganda do governo. A relação entre Mídia e Poder é evidente[59].

Mas O Cruzeiro não ficou famosa só por suas matérias sobre política. Pelo contrario, como o melhor magazine, oferecia aos seus leitores uma ampla gama de conteúdo. Tornou-se famosa pelo humor tendo grandes artistas como Belmonte, Nássara, Augusto Rodrigues, Borjalo, Péricles, Carlos Estêvão, Millôr Fernandes, Stanislaw Ponte Preta, Ziraldo e muitos outros[60]. Nos esportes, cobria as Copas do Mundo e ajudou a tornar o futebol um dos ícones do esporte nacional. Eram comuns matérias sobre o Rádio e o Cinema, o que colaborou para a popularização de seus artistas. Também sempre teve espaço literário com grandes nomes como Menotti Del Picha, Gustavo Barroso, Graça Aranha, Viriato Corrêa e Manuel Bandeira[61]. Além disso, a revista contava com a colaboração de intelectuais de ponta como Gilberto Freyre, Rachel de Queiros, Theophilo Andrade e Austregésilo Ataíde.

> No que se refere à fotografia, pode-se considerar que a valorização da linguagem fotográfica em O Cruzeiro introduziu um moderno conceito de editoração, consubstanciado pela ruptura com as fórmulas editoriais consagradas que, tradicionalmente, usavam o discurso verbal como fonte principal de informação na divulgação de notícias. O emprego da fotografia neste projeto, consolidado a partir da II Guerra Mundial propôs uma nova construção para o texto jornalístico, uma vez que ela passou a ocupar um espaço bem maio no corpo das matérias veiculadas. É importante destacar que isso não significou uma rejeição aos valores estabelecidos, já que a colaboração literária se manteve dentro da proposta de edição da revista. Na verdade o que ocorreu foi uma redefinição do papel da imagem fotográfica por parte de O Cruzeiro com um efeito fortemente revigorador, quer seja para o produtor que recebeu um alento especial para tão desprestigiada profissão de repórter fotográfico, quer pela renovação estética percebida a partir de então, pelas inovações técnicas e oportunidades criadas pelos fotógrafos, que tiveram mais liberdade e espaço para o desenvolvimento e colocação, na prática, de seus trabalhos[62].

[59] Ver: SILVA, Silvana Louzada da. **Fotojornalismo em revista:** O fotojornalismo em O Cruzeiro e Manchete durante os governos Juscelino Kubitschek e João Goulart. Dissertação (Mestrado em Comunicação). - Universidade Federal Fluminense - UFF, Niterói, 2004.
[60] Ver: SILVA, Marcos A. da. **Prazer e poder do amigo da onça 1943-1962.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989; GAWRYSZEWSKI, Alberto (org). **O Amigo da Onça:** uma expressão da alma brasileira. Londrina: Universidade Estadual de Londrina/LEDI, 2009. (Coleção História na Comunidade, v.1) (a); GAWRYSZEWSKI, Alberto (org). **O Cruzeiro:** uma revista (muito) ilustrada. Londrina: UEL, 2009. (Coleção História na Comunidade, v.3) (b).
[61] PEREGRINO, Nadja. **O Cruzeiro:** a revolução da fotorreportagem. Rio de Janeiro: Dazibao, 1991. p.16.
[62] Ibidem, p. 19.

Para Jorge Luiz Romanello "O Cruzeiro, de fato, mais do que uma revista ilustrada, foi um modelo para a mídia brasileira, ou, melhor dizendo, foi uma lançadora de modelos que motivou importantes mudanças nas estruturas da própria comunicação do país"[63](itálico do autor). Sendo que

> Ao longo das décadas em que a revista circulou, as matérias e reportagens veiculadas em suas páginas ganharam a confiança dos leitores e eram, em larga medida, encaradas como "A Verdade" sobre os fatos publicados, e não apenas uma versão das muitas possíveis[64].

Romanello também chama a atenção para o fato da revista conseguir a respeitabilidade e a afetividade dos leitores. Sendo comum a ocorrência de pessoas que a colecionavam. Em termos de conteúdo, O Cruzeiro apresentava um grande leque de assuntos: política, economia, contos, humor, esportes, cinema, música, história, moda, carnaval, lugares exóticos e muitos outros. Além, é claro, dos espaços destinados para as propagandas sendo que estas eram muito variadas.

O Cruzeiro também se insere no contexto do discurso sobre a modernidade (ela mesma se dizia moderna) e ajudou a difundir novos hábitos, misturando "modernidade" e interesses editoriais como revela Accioly Netto, o diretor da revista por quase quarenta anos:

> As praias estavam sempre repletas de moças bonitas, exibindo novos tipos de maiô, algumas inclusive já usando o chamado "duas peças", com calça e bustiês sumários para a época – o que constantemente causava escândalo entre as beatas ou entre as leitoras do interior do Brasil. Mas os homens adoravam tais exibições... e isto fazia vender revistas[65]

Ao analisar a publicidade de O Cruzeiro, Ana Cristina Figueiredo identificou que nos anos 1950 e 1960 um processo de reordenação das esferas públicas e privadas, inculcou uma nova mentalidade de comportamento consumista na sociedade brasileira: "a ênfase no indivíduo, o estímulo à competição e à renovação permanente de hábitos e bens de consumo,

[63] ROMANELLO, Jorge Luiz. Uma história da revista O Cruzeiro 1930-1960. In: GRAWRYSZWSKI, Alberto (org). **O Cruzeiro:** uma revista (muito) ilustrada. Londrina: Universidade Estadual de Londrina/LEDI, 2009. p.55-88
[64] Idem, p.55
[65] NETTO, Accioly. **O Império de papel:** os bastidores de O Cruzeiro. Porto Alegre, RS: Sulina, 1998. p.49.

a exaltação da tecnologia e da vida urbana, a valorização do lazer definido como 'tempo economizado', a noção de que a liberdade se conquista no ato do consumo"[66].

1.4 Revisão bibliográfica

Essa "modernidade" também está ligada a imagem feminina. Já no primeiro exemplar de 10 de novembro de 1928, a capa era uma ilustração de um rosto feminino ao estilo melindrosa[67] que assoprava em direção ao leitor as cinco estrelas da constelação do Cruzeiro do Sul. No início do século XX a melindrosa é a representação da mulher moderna. Sempre jovem, de cabelos curtos (uma ousadia para a época), usando maquiagem, com gestos expansivos e provocantes, era um modelo de uma nova mulher burguesa e de sensualidade, a exemplo das curvas sinuosas da Melindrosa de Alberto Vargas, bem semelhante a da edição de O Cruzeiro (Quadro 01, a baixo).

[66] FIGUEIREDO, Anna Cristina Camargo Moraes. **"Liberdade é um calça velha, azul e desbotada" Publicidade, Cultura de Consumo e Comportamento Político no Brasil (1954-1964)**. São Paulo: Editora HUCITEC História social, USP, 1998. p.29.

[67] Segundo Herman Lima, a melindrosa foi uma criação do caricaturista J. Carlos e consistia em garotas modernas, desenhadas com "olhos de gato", boca de coração e "cabelo de palmo". Elas foram muito populares na imprensa brasileira no início do século XX. Ver: LIMA, Herman. **História da caricatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1963. Vol. 2.

Quadro 01: comparativo	
Figura 01: Capa do 1º número de O Cruzeiro, 10/11/1928, reproduzida no exemplar de 28/12/1968	Figura 02: Melindrosa no traço de Alberto Vargas, 1920. Disponível em: <http://7.media.tumblr.com/51kyyoMxLjr2ffbz3IrdqLGlo1_500.jpg> Acesso em 08 fev. 2010

Durante a maior parte da existência da revista, o rosto feminino dominou suas capas. Na edição especial de 04 de abril de 1964 que cobria o golpe civil-militar, naquele momento chamado de "Revolução". A capa não estampava tanques de guerra, soldados ou a classe média comemorando nas ruas. Mas sim o governador de Minas Gerais Magalhães Pinto recebendo um beijo de sua nora (Figura 03). Assim, a impressão que passa não é de um novo governo, e poderia se dizer de uma nova era, de opressão, mas sim de uma afetividade que só um beijo complacente feminino poderia representar.

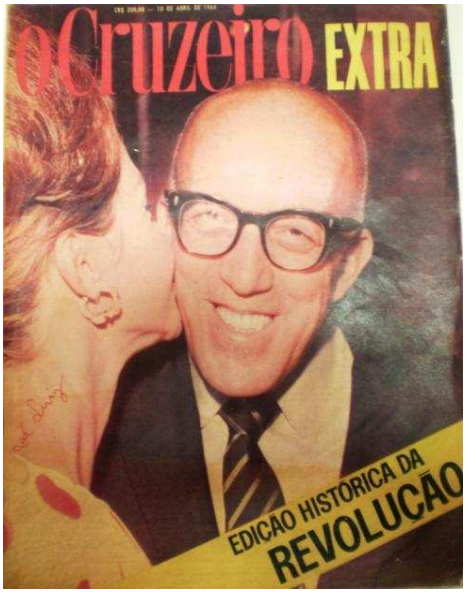


Figura 03: Capa de **O Cruzeiro**, 04/04/1964. Foto de José Nicolau em que D. Teresinha de Magalhães Pinto beija o sogro, o governador de MG, Magalhães Pinto em comemoração ao *sucesso da "revolução".*

O poder que a imagem das mulheres possuí, assim como as matérias destinadas a esse público leitor tem sido tema de pesquisas no campo da História, do Jornalismo e da Comunicação. A primeira investigação de peso é de Leoni Teresinha Vieira Serpa em A *máscara da "modernidade": a mulher na revista O Cruzeiro (1928*-1945)[68] onde a autora traça o perfil de mulher que a revista difundia baseada na idéia de "modernidade" mostrando

> uma imagem relacionada às mudanças de um país que despia suas mulheres de saias longas e as urbanizava com biquínis, blush e pó-de-arroz, ou seja, que buscava moldar o comportamento feminino como novas formas de vestir e de se mostrar para a sociedade[69].

Segundo Serpa, em média, cerca de 30% da revista tinha conteúdo destinado às mulheres[70] as vezes até chegando a ter um espaço que ocupava mais de 50% das páginas[71] e

[68] SERPA, Leoni Teresinha Vieira. 2003, Op. Cit.
[69] Ibidem, p.20.
[70] Ibidem, p.20.
[71] "O Cruzeiro não era uma revista essencialmente feminina, mas dedicava mais de 50% das páginas a esse público, em colunas especializadas e publicidade, ou em espaços que mostravam a realidade social das 'senhoras' e das 'moças' das classes privilegiadas da época: os salões, as recepções e, especialmente, os concursos das mais belas do Brasil e do mundo. Também se preocupava em divertir o público com novelas e contos romanceados que ocupavam, em média, três páginas, ou, ainda, relatando estórias das atrizes *hollywoodianas".* Idem, p.58-59. (Itálico da autora).

> foi uma das primeiras a se preocupar em mostrar o universo feminino de forma glamorosa e em dar à mulher espaços antes pouco vistos na imprensa brasileira. Esses espaços eram ocupados com belas faces, com moda e novas idéias, além da publicidade de diversos produtos domésticos e de beleza que reforçavam a idéia da modernização feminina. Foi uma revista que também se preocupou em implementar seções para as mulheres, semelhantes às que circulam hoje encartadas em todos os grandes jornais e revistas do país nos cadernos especializados[72].

Serpa também aponta a construção de dois grandes perfis femininos: as modernas e as conservadoras[73]. As modernas são aquelas que consomem os cosméticos e demais produtos de beleza, que estão na moda, que vão a praia e freqüentam os points dos centros urbanos. Já as conservadoras estão ligadas ao universo familiar onde recebem conselhos para ser uma boa mãe e esposa. Contudo, estes não são perfis antagônicos, "ou seja, podiam conciliar consumo que era considerado um padrão moderno com os antigos deveres femininos com o marido, a casa e os filhos"[74].

Por sua vez, Luciana Rosar Fornazari, na sua dissertação, usou o conceito de gênero para identificar no pós-guerra nacional (1946 a 1955) a construção dos gêneros masculinos femininos em O Cruzeiro, identificando o desejo pelo "ser moderno" e prescrevendo a possibilidade de mudança nas relações amorosas e sociais. Com o destaque para o papel feminino que, embora mais liberado, ainda estava muito preso aos estereótipos de "feminilidade" [75].

> A mulher moderna deveria, sim, participar do mundo moderno; ser a consumidora por excelência da grande massa de mercadorias que adveio com o desenvolvimento capitalista pós-Segunda Guerra. Deveria entrar, portanto, para o mercado de trabalho e adquirir poder de compra, mas sem perder os parâmetros de sua feminilidade.[76]

> Na década de 20 e 30, houve todo um investimento acerca do corpo saudável, higienizado, ereto enquanto metáfora de um discurso nacionalizador em diversos países, inclusive no Brasil. Já no segundo pós-guerra, os pressupostos são outros, embora a conceituação acerca da exposição dos corpos com práticas esportivas não tivesse terminado. As mudanças processaram outras percepções sobre o corpo

[72] Ibidem, p.47.
[73] Ibidem, p.34.
[74] Ibidem, p.79.
[75] FORNAZARI, Luciana Rosar. **Gênero em revista:** Imagens modernas de homens e mulheres na revista O Cruzeiro do segundo pós-guerra. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2001.
[76] Ibidem, p. 65.

> despido, também no segundo pós-guerra, ligado a um 'admirável mundo novo' dos lazeres ao ar livre, constituinte de sujeitos modernos.
>
> Neste período, percebemos outros significados para as roupas e comportamentos modernos, demonstrando uma possível ligação com relação a um moderno ato de olhar, em contracorrente acerca dos extensos debates sobre a altura das saias e dos polegares dos bikinis.[77]

Ao analisar sessões como Da mulher para a mulher de O Cruzeiro, Luciana Fornazari reconhece nesta sessão o discurso conservador e moralista que busca inculcar na mulher o seu papel social como mãe e esposa prestativa. Por outro lado, as fotorreportagens sobre as praias e suas freqüentadoras transmitiam um modo de ser moderno, livre e sensual. Diversas matérias também enfocavam a inserção feminina no mercado de trabalho, o que inquietava os articulistas já que isso altera definitivamente a forma em que os gêneros masculinos e femininos se relacionam econômica e socialmente[78].

Em Representações das mulheres na revista O Cruzeiro através das fotografias no período de 1956 a 1960[79], Leandra Francischett identificou na revista a construção de dois tipos de representações femininas: o tripé mãe-esposa-dona de casa, em geral santificada; e o grupo das mulheres independentes e modernas, tidas como musas, cujo referencial eram as estrelas de cinema e as misses, em um claro apelo ao consumo.

> As edições analisadas confirmam a preocupação da revista O Cruzeiro em publicar principalmente matérias com fotografias de mulheres bonitas e famosas, sendo ideal de beleza para outras mulheres e objeto de desejo para os homens. Isso também é confirmado pelos textos repletos de adjetivações, como "gatinha com jeito de princesa". Outro exemplo é: "flertar com sereias não é privilégio dos heróis de Homero. Um primeiro grupo de matérias demonstra a ingenuidade feminina, tende as misses e atrizes como ideal de beleza. Em geral, esses são padrões de beleza e de condutas propostos por homes, pois eles dominavam a redação e a edição dos veículos de comunicação. Os concursos de beleza são divulgados em praticamente todas as edições observadas e apresentam muitas fotos, em geral posadas. Os concursos de Miss Brasil tiveram início em 1954, com a escolha de Martha Rocha, célebre por conquistar o 2º lugar no Miss Universo. Jornalistas de O Cruzeiro levaram a crer na história da 2 polegadas a mais, para justificar a perda do título.

[77] Ibidem, p. 66.
[78] Ibidem, p.56-87.
[79] FRANCISCHETT, Leandra. **Representações das mulheres na revista O Cruzeiro através das fotografias no período de 1956 a 1960.** Dissertação (Mestrado em História Social). – Universidade Federal Fluminense / Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná. Niterói, 2007.

> Nesse período, as mulheres sonhavam em casar e ter estabilidade. O título de beleza contribuía para escolha de um bom casamento. São divulgados muitos casamentos entre homens influentes e Misses, muitas vezes de baixo poder aquisitivo. O casamento traz o ideal de maternidade, outro assunto de destaque da revista, priorizando as dificuldades enfrentadas pelas mães que trabalhavam fora e valorizando os feitos dessas mulheres.[80]

Assim como Fornazari, Nucia Alexandra Silva de Oliveira, sob a perspectiva da História de Gênero, analisou em sua tese como diversas revistas, entre elas O Cruzeiro, construíram as identidades masculinas e femininas sob a ótica do embelezamento dos corpos e na forma da propaganda investir sobre estes públicos, evidenciando uma crescente erotização dos corpos[81].

> nas décadas de 50 e 60, os cuidados com a beleza eram ditos como femininos e aqueles que visavam a aparência distinta e elegante eram masculinos. Ou seja, enquanto os textos que eram publicados para as mulheres traziam referenciais de que aquela era uma prática que ressaltava a feminilidade, os textos dirigidos aos homens insistiam em afirmar que os cuidados com o corpo também eram uma forma de atestar masculinidade. Percebeu-se, enfim, que os discursos publicizados neste período – que foram resultado de um importante momento de construção e consolidação do mercado de consumo -, ao tematizar os produtos de cuidado com a aparência, o fizeram a partir de um enfoque de gênero, que reafirmou e reforçou as diferenças entre homens e mulheres. Vale lembrar ainda que estes discursos de reforço do gênero, como também se discutiu no referido capítulo, tiveram espaço num contexto histórico, no qual estas diferenças eram questões que permeavam o viver cotidiano. Vivia-se um momento de tensão nas relações entre homens e mulheres. Estas últimas haviam conquistado espaços nas décadas anteriores e isso havia desestruturado relações, bem como havia colocado novas possibilidades para as mulheres. O movimento nos anos 50 e até meados da década de 60 (aqui analisado através da imprensa e da publicidade) caminhou para "barrar" as conquistas femininas, impondo-lhes novos limites e principalmente lembrando o quanto era importante para elas a apresentação de uma aparência delicada, graciosa, bela... Enfim feminina.[82]

[80] Ibidem, p.72.
[81] OLIVEIRA, Nucia Alexandra de. **Corpo, beleza e gênero: rupturas e continuidades na instituição de diferenças entre homens e mulheres. Uma leitura a partir da imprensa (1950-1980).** Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2005.
[82] Ibidem, p.218-219.

Já Lídia Noêmia Santos estudou gênero e juventude na imprensa de Fortaleza na década de 1950 utilizando como fontes os periódicos locais e os de distribuição nacional como O Cruzeiro. Para a autora, a sociedade Fortalezense incorporou certos padrões culturais estadunidenses que estavam se difundindo na Europa e no resto das Américas. Sendo que esta incorporação por parte das mulheres, de classe média e alta, se dá através de um modo de vida de consumista que ao mesmo tempo não fugia das tradições locais[83].

> Como as mulheres não tinham mais o atrativo do dote, e sem o costume de interação direta dos pais na escolha da filhas, criaram-se, no início do século XX, outros mecanismos que garantissem a continuidade dos casamentos dos membros da elite entre si, perpetuando-se os poderes político e econômico[84].

> A sedução da conduta moral era imprescindível para a concretização de futuro pedido de casamento. Mostrar-se ao outro como verdadeiramente se é pauta o discurso da imprensa feminina, ainda que se forneçam dicas de como se evitar alguns equívocos, convivência com o namorado ou noivo, que podem comprometer a efetuação do matrimônio. Aconselha-se à jovem que, se ela pode usar maquilagem ou o conhecimento das modas e tecidos, para esconder alguns defeitinhos do rosto ou do corpo, não agradáveis aos olhos masculinos, algumas características da personalidade também podem ser disfarçadas ou minimizadas, evitando avaliação negativa do rapaz.[85]

Como dito inicialmente, a caricatura e a ilustração foram muito populares na imprensa no início do século XX. E é no humor que a tensão entre as mulheres "conservadoras" e ao mesmo tempo "modernas" se faz sentir de forma evidente através da sessão As garotas do ilustrador Alceu Pena.

Em um artigo de Carla Bassanezi e Leslye Bombonatto Ursini, O Cruzeiro e as garotas. Fazendo história das mulheres[86]. A autoras analisam a seção "Garotas" de Alceu Penna, mostrando o caráter de humor dúbio ao representar garotas "cabeça de vento", fúteis, preocupadas com a moda e com a beleza (o que ia de encontro às piadas machistas da época). Por outro lado, sugeriam uma independência em relação à família e aos costumes.

---

[83] SANTOS, Lídia Noêmia. **Brotinhos e seus problemas**: juventude e gênero na imprensa fortalezense da década de 1950. Fortaleza: Expressão Gráficas Editora, 2011.
[84] Ibidem, p.132.
[85] Ibidem, p.135.
[86] BASSANEZI, Carla; BOMBONATO, L. **O Cruzeiro e as garotas. Fazendo história das mulheres. Cadernos Pagu**. Campinas, nº 4, 1995, p. 243-260. Disponível em: <http://www.pagu.unicamp.br/files/cadpagu/Cad04/pagu04.13.pdf>. Acesso em: 29 mai. 2009.

Apresentava-se uma imagem de beleza feminina atrelada aos novos hábitos da "modernidade", colaborando para o alargamento das possibilidades de mobilidade da mulher.

Daniela Queiroz Campo foi mais fundo nesta sessão, percebendo-a como um Manual de Civilidade e registro de uma nova geração, a das jovens (adolescentes) entrando no cenário social:

> As colunas estudadas trazem preceitos e dizeres de civilidade. Dizeres e preceitos que ora convergem para os ensinados pelo Manuais de Civilidade, ora vão de encontro aos mesmos. Como nos exemplos acima dados. Se, em muitas situações, como nas caminhadas, no andar, no falar, no presentear, ao ler, ao escrever cartas, as meninas de Alceu faziam da civilidade sua aliada. Em outras situações as boas maneiras pareciam ser suas rivais. Mas, mesmo nessas situações, as polianas coloridas e divertidas de O Cruzeiro não eram anti-heroínas. Não eram sequer consideradas mal educadas. O texto, leve e muito bem humorado, trazia as historietas da vida de mocinhas daquela época. Mocinhas alegres, divertidas, lindas e ousadas. Seus desvios de comportamento eram, na coluna, motivos de riso. Pois, apesar de desvios condenados nos Manuais de Civilidade, eram desvios muito comuns. Tão comuns que, provavelmente por tal, motivo faziam rir. O leitor e a leitora se encontravam. Qual foi o rapaz ou o pai que nunca esperou uma jovem garota a "terminar" de se arrumar. Qual a mulher que, ao menos uma vez na vida, não se atrasou porque a roupa não lhe caiu bem, ou porque precisava de mais tempo para arrumar seu cabelo.
>
> Se a coluna ensinava civilidade através de seus textos e suas imagens. Produzia também um imaginário sobre o feminino da época. Imaginário construído com base, segundo o próprio Alceu Penna, nas garotas de carne e osso daquela época.[87]

1.5 A importância da fotorreportagem na revista

Inventada no século XIX, a fotografia se tornou o registro visual mais popular pelo mundo, adquirindo múltiplas funções que vão desde a preservação da memória da família à campanha publicitária ou de guerra.

Ao longo de sua existência a fotografia contribuiu para a construção de uma memória visual do passado por poder documentar o seu contexto social e cultural. Sendo que sua principal característica é a "impressão de realidade" por ser um registro de um fragmento de

[87] CAMPOS, Daniela Queiroz. **Espectros dos anos dourados:** imagem, arte gráfica e civilidade na coluna Garotas da revista O Cruzeiro (1950-1964). Dissertação (Mestrado em História). PUC-RS. Porto Alegre, 2010. p.219.

um aspecto da "realidade". Mas é que é sempre uma representação recortada e moldada pelas lentes da tecnologia que a registra e pelos olhos de quem a fotografa. Além do espaço de circulação dessas imagens que é moldado pelo seu veículo de divulgação, que não só o divulga, mas tenta lhe impor uma forma de compreensão.

Em O Cruzeiro: a revolução na fotorreportagem de Nadja Peregrino[88], a autora analisou o desenvolvimento da fotografia na História da revista e revela a sua estrutura de funcionamento:

> A Empresa Gráfica "O Cruzeiro S.A." funcionou em três sedes no Rio de Janeiro. A primeira na Rua 13 de Maio, no edifício do Diários Associados; a segunda, na Rua do Livramento; e a terceira no número 203 da mesma Rua do Livramento, num prédio especialmente projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer para a instalação de sua sede definitiva.
>
> Desde então a empresa dispunha de diversos equipamentos para o processo de impressão da revista. Entre outros, destacavam-se a máquina Contrell, que fez parte do primeiro movimento de modernização de O Cruzeiro, possibilitando a impressão da capa em apenas dois dias; e a rotativa Hoe, máquina moderna, rendimento muito grande, com controle de um olho eletrônico que comandava e corrigia a aplicação de cores. Com impressão em rotogravura de 96 páginas à altíssima velocidade de 20.000 exemplares por hora. Antes dela, já havia rotoplanas de duas unidades, os linotipos e as oficinas de composição e a encadernação. Nessa estrutura, o diretor de redação tinha grande poder de decisão, pois era ele quem aprovava as reportagens. O redator, o diagramador e o fotógrafo faziam conjuntamente a escolha das fotos.
>
> Essa estrutura inicial facilitava a interação entre a equipe editorial, onde o fotógrafo podia acompanhar todas fases de publicação de seu trabalho.
>
> É importante ressaltar que, apesar de todos esses fatores, O Cruzeiro não conseguiu a qualidade de impressão da revista Life, editada nos Estados Unidos na mesma época, cujas imagens fotográficas eram impressas com uma nitidez impressionante. Assim, as fotos publicadas na revista brasileira se constituíam num pálido reflexo do trabalho realizado por seus autores[89].

> A cada semana se fazia uma reunião de pauta, a partir da qual eram definidas as reportagens. Os fotógrafos e repórteres escolhiam o assunto de acordo com seus interesses e propunham à chefia da redação. Os temas abordados especificamente por determinados fotógrafos definiam especialidades. Luciano Carneiro por exemplo, gostava de aviação, dispondo-se a fazer várias coberturas sobre o assunto. Já Luís Carlos Barreto tinha um aproximação maior com o futebol, enquanto o Indalécio Wanderley ficou conhecido como o "fotógrafo das misses". José

[88] PEREGRINO, Nadja. **O Cruzeiro:** a revolução da fotorreportagem. Rio de Janeiro: Dazibao, 1991.
[89] Ibidem, p.20-21.

> Medeiros, por sua vez, dedicou especial atenção à documentação fotográfica do índio e do negro; Flávio Damm, a reportagens sobre o sertão e crimes, que demandavam muita paciência para "desencavar" e acompanhar minuciosamente longos processos[90].

Em O Cruzeiro a fotorreportagem era uma das matérias mais apreciadas por informar visualmente e conceitualmente os leitores. Embora a revista em si fosse destinada a classe média e alta, é importante ressaltar que as imagens por si só já compõe um discurso sobre o fato enfocado. Algo importante quando lembramos que nos anos 1960 o analfabetismo era ainda era um dos grandes entraves do desenvolvimento social do país. E não era necessário saber ler para entender muitas das fotorreportagens de O Cruzeiro, pois sua própria estrutura de imagens contava a história da notícia.

Como toda imagem é polissêmica, ou seja, possibilita múltiplas interpretações, algo que as mídias não quer que ocorra, mais do que para informar, as legendas são feitas para orientar o leitor para a forma com que ele deve interpretar a notícia segundo a visão do jornal ou revista. Essa inclusão de significados ocorre desde o momento em que o fotógrafo escolhe um determinado ângulo, ponto de vista para apertar o botão da câmera[91] até a redação do periódico onde uma equipe, geralmente composta pelo editor, diagramador, fotógrafo e vão selecionar a(s) fotografia(s) e articular o texto que vai compor a matéria, isto é o fotojornalismo.

> O fotojornalismo é, portanto, a relação da imagem fotográfica com o texto escrito, sendo que nas revistas ilustradas a fotografia ocupa mais espaço e tem mais importância que o texto, cuja função básica é complementá-la. Entretanto o texto e especialmente a legenda também podem conduzir uma leitura específica da imagem, assim como acrescentar dados que não estão na fotografia e até mesmo, o que não é raro na imprensa neste naquele momento, tratar de assuntos diferentes do que a imagem mostra ou mesmo contradizê-la.[92]

---

[90] Ibidem, p.22.

[91] Como aponta Boris Kossoy, o fotógrafo é um "filtro cultural" já que "a eleição de um aspecto determinado – isto é, selecionado do real, com seu respectivo tratamento estético -, a preocupação na organização visual dos detalhes que compõem o assunto, bem como a exploração dos recursos oferecidos pela tecnologia: todos são fatores que influenciaram decisivamente no resultado final e configuram a atuação do fotógrafo enquanto filtro cultural. O registro visual, por outro lado, a própria atitude do fotógrafo diante da realidade; seu estado de espírito e sua ideologia acabam transparecendo em suas imagens, particularmente naquelas que realiza para si mesmo enquanto forma de expressão pessoal" (KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. 2. ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. p.42-43).

[92] SILVA, Silvana Louzada da. **Fotojornalismo em revista:** O fotojornalismo em O Cruzeiro e Manchete durante os governos Juscelino Kobitschek e João Goulart. Dissertação (Mestrado em Comunicação). - Universidade Federal Fluminense - UFF, Niterói, 2004. p.27.

1.6 O universo de captação e oficio fotográfico

Em 2010 foi lançado o filme "Chico Xavier", de Daniel Filho[93], no filme há uma parte em que o famoso médium recebe a presença de dois repórteres que se dizem estrangeiros. Mas que na verdade eram Jean Manzon e David Nasser de O Cruzeiro e que se disfarçaram com o intuito de "desmascarar" o mito de Xavier. E é só na redação dos Diários Associados que os repórteres percebem que o Médium sabia de suas identidades e ficam atônitos com o fato. Essa representação ficcional foi feita inspirada na matéria publicada em O Cruzeiro de 12 de agosto de 1944 e comentada anos depois por Nasser[94]. Mas que serve bem para ilustrar a dedicação e empenho na busca da melhor reportagem e a ação das duplas de reportagem, uma característica da revista.

Em 1960, numa sessão chamada "A reportagem que não foi escrita" temos o título "Máquina fotográfica" de Mário Moraes, nela, o autor relata sua experiência como repórter fotográfico de O Cruzeiro e as reações mais inusitadas de seus fotografados:

> Tudo pode acontecer, quando uma pessoa se vê frente a uma máquina fotográfica, sendo focalizada. Na minha vida de repórter, tenho observado diversas reações, sendo a vaidade a responsável pela maior parte delas.
>
> A mais chocante aconteceu com o pai de um menino, condenado à morte, vítima de leucemia. Havíamos levado a criança a uma igreja, onde seria feita uma prece pela sua salvação. Aproveitaríamos para bater alguns flagrantes que ilustrariam a reportagem. Em frente ao altar, presente o páraco, o pai do garôto, a cada foto, perguntava insistente:
>
> – Êste ângulo foi bom? Eu apareci bem?
>
> E, enquanto não o retiramos dali, procurou aparecer sempre em primeiro plano, ao lado do filho.
>
> As vêzes, porém, é o mêdo que faz reagirem as pessoas focalizadas. Com certa vez, na Quebrada de Humahuaca (extremo norte da Argentina), quando quase fui

[93] Sinopse do filme: "Desde criança, Chico Xavier (Matheus Costa) ouvia vozes e via pessoas que já tinham falecido. Seus relatos eram sempre desacreditados, sob a justificativa que eram sua imaginação ou obra do demônio. Ao crescer, ele (Angelo Antônio) passa a usar seu dom para psicografar cartas. Logo se torna um ícone em sua cidade natal, despertando a ira do novo padre (Cássio Gabus Mendes) e acusações de ser uma fraude, já que publica livros de pessoas famosas que já tinham morrido. Já envelhecido, Chico (Nélson Xavier) participa do programa de TV "Pinga-Fogo", onde fala sobre sua trajetória de vida e questões do espiritismo. Através dele conhece Orlando (Tony Ramos), diretor de imagem do programa, que é ateu. Ele e sua esposa Glória (Christiane Torloni) sofrem devido a perda do filho, Tomás, morto quando ele e um amigo brincavam com uma arma encontrada. Agora o casal precisa decidir se irá agir no processo que pode condenar o responsável pela morte de Tomás." Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/chico-xavier/> Acesso em 21 dez. 2011.

[94] CARVALHO, Luiz Maklouf. **Cobras criadas:** David Nasser e O Cruzeiro. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2001. p.120-121.

linchado pelas naturais do lugar, as "collas", com receio que seus espíritos se apartassem dos corpos junto as fotos.

Acredito, entretanto, que o caso mais estranho que presenciei nesse sentido, ocorreu há dois anos, aqui no Rio de Janeiro, durante uma reportagem que fiz sôbre um desastre de trens.

Tínhamos acabado de chegar a casa, quando foi irradiado o apêlo. O locutor, com voz aflita, pedia a todos os médicos disponíveis que acorressem à estação de Mangueira, onde acontecera um grande desastre. Dois trens haviam-se chocado e o número de vítimas era incalculável.

Quando cheguei ao local, ali já encontravam outros repórteres dessa revista que, como eu, haviam ouvido as notícias pelo rádio.

O quadro era horrível. Um dos trens, repleto de passageiros (na maior parte, operários que voltavam do trabalho), fôra cortado ao meio, como uma simples fátia de pão, sendo grande o número de mortos. Apareceram lonas e os cadáveres, enrolados nelas, levados aos montes, uns sôbre os outros. Braços e pernas se misturavam a troncos e cabeças delacerados. Enquanto não chegavam os rabecões, eles iam sendo colocados no salão da escola de samba do lugar.

Os médicos, que haviam atendido ao chamado, se desdobravam para socorrer tôdas as vítimas. Amputações eram feitas com os recursos existentes. Foi quando soubemos que um home estava prêso as ferragens. Embora muito ferido, vinha resistindo, e os bombeiros estavam empregando todos os recursos pra retira-lo com vida. Com o fotógrafo Walter Luiz, consegui entrar num dos vagões destruídos. Um espetáculo impressionante. Corpos, que ainda não haviam sido retirados, estavam jogados pelos cantos, aos pedaços.

Lá do fundo vinham os gemidos, agora fracos, do homem prisioneiro. Dêle só víamos a cabeça e, mesmo assim no fundo de um estreito corredor, formado pelos metais retorcidos. Seu tronco estava por baixo de todo aquêle pêso e as pernas saíam no outro vagão. De onde vinham as vozes dos médicos que lhe aplicavam morfina. Sua voz débil chegou até onde estávamos. Êle procurava informar-nos seu nome e enderêço. Perguntei ao Walter Luiz se poderia bater uma foto. Disse que sim, mas que precisava ir rastejando, por dentro do túnel até onde o home se encontrava. Ajudei-o a chegar até lá. Quando se viu frente a frente com o ferido, parou impressionado. Além de empapadas de sangue, suas feições estavam deformadas pelos ferimentos. Walter Luiz ficou indecisso durante alguns segundos, com a máquina fotográfica prêsa ao peito.

Foi quando ouvimos a voz do moribundo, que pedia:

– Vamos, môço, bata a foto...[95]

[95] Mário Moraes (Texto). Máquina fotográfica. **O Cruzeiro.** 06/08/1960, p.98.

Com esse relato, gostaria de iniciar uma espécime de "genealogia" do ofício fotográfico na revista O Cruzeiro, embora os nomes aqui citados não são exatamente os da "origem", mas sim os mais próximos de meu recorte temporal. O texto de Mário Moraes revela dois aspectos: 1) o envolvimento intenso do fotógrafo com seu ofício, não medindo esforços e até se arriscando para obter as melhores fotos; 2) o poder visual que a fotografia possuí e causa nas pessoas.

Sobre o segundo aspecto, também podemos observar que o indivíduo fotografado não é passivo. Suas ações não costumavam ser espontâneas, registradas pelas lentes ágeis do fotógrafo. Pelo contrário, o fotografado era cúmplice do fotógrafo. Ele se mostrava para câmera, procurando fazer a melhor pose, participando ativamente na produção das imagens e na representação de si.

Temos que entender a relação de fotógrafo e fotografado como uma relação de força, uma tensão onde cada um busca construir o seu modo de representação visual. Por outro lado, não se pode deixar em segundo plano a dedicação e interferência direta do fotógrafo, já que é graças a ele que a imagem é obtida e que pode se originar de casos, no mínimo curiosos:

> Leopoldo Obert passou 34 horas na porta da casa de Obdulio Varela, o comandante da vitória do Uruguai no Maracanã em 1950, e conseguiu a entrevista, "a primeira vez em que o famoso jogador foi derrotado pela obstinação de um repórter"; Hélio Passos, fotógrafo, correu a Europa inteira, sem saber outra língua além do português, e conseguiu descobrir o craque negro Germano e sua branca condessa belga; Flávio Damm vigiou o palácio presidencial e conseguiu obter as últimas fotos do mito Eva Perón; Eduardo Ramalho, na ânsia de ser o primeiro a chegar aos destroços de um avião caído na Amazônia, afundou a única canoa que dava acesso ao local; Arlindo Silva chegou a rasgar um livro de registro batismal no interior mineiro para documentar uma reportagem, sendo preso pela polícia. Todos insaciáveis, todos malucos, todos jornalistas de escol[96].

Publicado em 1998 *"O império do papel: os bastidores de O Cruzeiro"*, livro de Accioly Netto[97] é uma das mais importantes referencias sobre a revista. Netto foi o diretor da redação da revista por mais de quarenta anos sendo que em suas linhas podemos perceber toda a nostalgia das lembranças do tempo de glória e os ressentimentos das relações pessoais e pelo fim de O Cruzeiro.

[96] CARNEIRO, Glauco. **Brasil, primeiro** - história dos Diários Associados. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 1999. p.348.
[97] NETTO, Accioly. 1998, op cit.

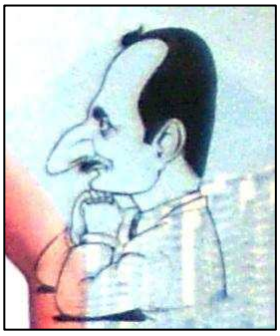
Netto cita que O Cruzeiro mudou a forma como os repórteres eram vistos e tratados. Sendo responsável por colocar esses profissionais no primeiro plano da imprensa e os elevando a "estrelas" do jornalismo. No auge da revista, nos anos 1940/1950, David Nasser chamou o grupo de repórteres da revista de "esquadrão de ouro", caracterizados por Netto como

> grandes repórteres, capazes de trajar um smoking com naturalidade, beber uísque com elegância e freqüentar os mais requintados salões sem qualquer constrangimento. Eles produziam histórias sensacionais, sendo por isto admirados e queridos por seus leitores. Eram jovens dinâmicos e audaciosos, que viviam bem, ganhavam altos salários – e que acima de tudo sabiam escrever. Viajavam freqüentemente, indo ao encontro da notícia onde fosse necessário, em todos os cantos do país ou do mundo. Em sua maioria eram ao mesmo tempo repórteres e fotógrafos, uma especialidade polivalente e nova naquela época, o que lhes facilitava muito o trabalho[98].

Glauco Carneiro, também repórter de O Cruzeiro e um dos seus memoralistas cita os seguintes repórteres como fazendo parte do "esquadrão de ouro: Ubiratan Lemos, Arlindo Silva, José Alberto Guerreiro, Jorge Audi, Nicolau Leite, Leopoldo Obsert, Luciano Carneiro, Jorge Ferreira, Margarida Izar, Herberto Sales, Yedo Mendonça, João Martins, Mário Moraes, Álvares da Silva, Carlos Gaspar, Franklin de Oliveira, Ítalo Viola, Frederico Chateaubriand, Ed Keffel, Keffel Filho, Henri Ballot, José Medeiros, Flávio Damm, José Pinto, Erasmo Pedro, Walter Luiz, Rubens Américo, Gerard Dutra[99]. Embora tenha faltado acrescentar David Nasser e Idalécio Wanderley que eram alguns dos mais renomados.

Desta geração dos anos 1940/50 do "esquadrão de ouro" (ou "equipe de ouro) alguns deles fazem parte da geração seguinte dos anos 1960 que este trabalho aborda. Agora, pretendo me voltar para um grupo de fotógrafos em especial e que apareceram no decorrer da análise das fontes nos capítulos seguintes. São eles: **Douglas Alexandre**, **Elias Nasser**, **Fernando Seixas**, **Geral Viola**, **Hélio Passo**, **Henri Ballot**, **Idalécio Wanderley, João Rodrigues**; **José Carlos Vieira**, **Rubens Américo**; **Walter Luiz**; **João Fontes; Jean Solari, Jorge Audi**, **Ubiratan Lemos,** e **Valentim** (Ver quadro 02, a seguir) .

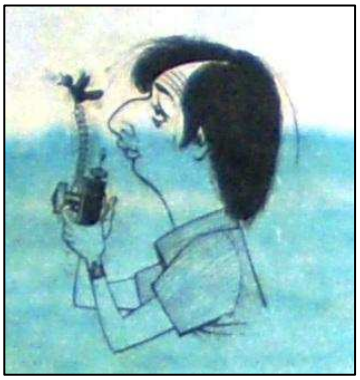
[98] NETTO, Accioly. 1998, op cit p.106.
[99]CARNEIRO, Glauco. **Brasil, primeiro** - história dos Diários Associados. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 1999. p.342.

Quadro 02: Fotógrafos	
	Douglas Alexandre, Apontado por Carneiro como um dos melhores repórteres e fotógrafos, e também mais conhecidos[100];
	**Elias Nasser**, irmão de David Nasser e "fotógrafo pra todo serviço"[101];
	Fernando Seixas, egresso de O Sol, publicação do Jornal dos Sports[102];

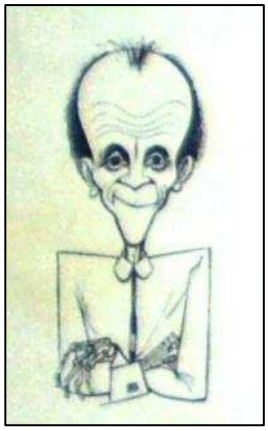
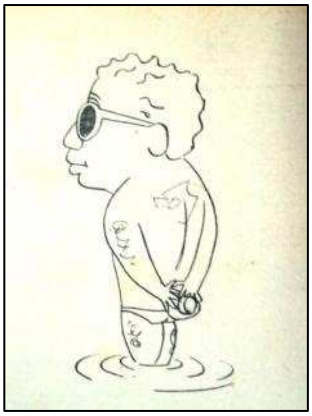
[100] Ibidem, p.342.
[101] Ibidem, p.345.
[102] Ibidem, p.376.

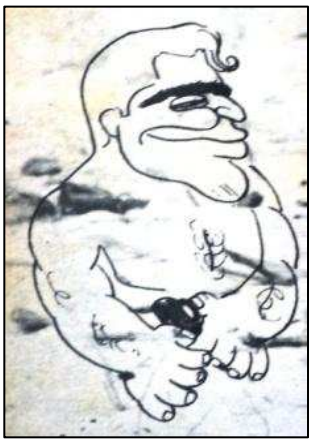
	Geral Viola, um dos melhores repórteres e fotógrafos, e também mais conhecidos[103]
	Hélio Passo, também bastante conhecido[104]
	Henri Ballot, ex-piloto da RAF, especialista em missões arriscadas e juntamente e com Álvares da Silva, José Leal, Yedo Mendoça, Péricles Maranhão, Sérgio Rocha e Nélio Berto foi um dos sete profissionais de O Cruzeiro a se suicidar;

[103] Ibidem, p.343.
[104] Ibidem, p.348.

	**Idalécio Wanderley,** o "fotógrafo das misses" que já atuava no Departamento Fotográfico desde 1950[105]
	João Rodrigues
	José Carlos Vieira um dos repórteres mais conhecidos[106]

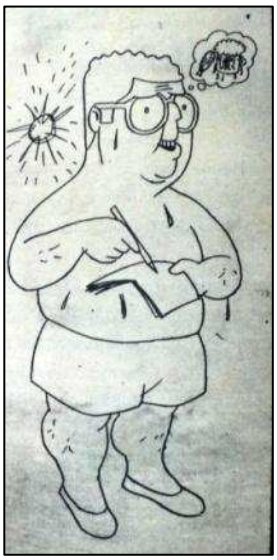
[105] Ibidem, p.343.
[106] Ibidem, p.342.

	Rubens Américo
	**Walter Luiz**
	**João Fontes**

	**Jean Solari** fotógrafo francês que entrou em O Cruzeiro em 1958, também ingressou na Quatro Rodas em 1968 e na Realidade onde permaneceu até 1973, em 1971 ganhou o Prêmio Esso de Jornalismo[107];
	Jorge Audi, começou como colaborador e foi efetivado em 1953, "virou fotógrafo pau-pra-toda-obra, especialmente para matérias que exigiam coragem e desempenho muscular, algumas delas verdadeiras aventuras. Virou brincadeira, dentro da redação, o mote de que não era um fotógrafo forte, e sim um forte fotógrafo. Nos anos 70 chegou a diretor de redação";[108],

[107] Informações disponíveis em: < http://www.labfoto.ufba.br/2011/03/%E2%80%9Cjean-solari-fotojornalista%E2%80%9D-em-cartaz-na-caixa-cultural-salvador> acesso em 30 jun. 2011.

[108] CARVALHO, Luiz Maklouf. **Cobras criadas:** David Nasser e O Cruzeiro. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2001. p.161.

	**Ubiratan Lemos,** "Autodidata, começou no jornalismo em Manaus. Foi para o Rio com a cara, a coragem, o talento para escrever (...) alinhou-se ao viés jornalístico de [David] Nasser, de quem foi primeiro pupilo e, depois, colega bem próximo. Seu parceiro mais constante foi Indalécio Wanderley"[109];
	Valentim, não era exatamente um fotógrafo de O Cruzeiro, mas fazia alguns trabalhos para ela e era o fotógrafo oficial das Certinhas de Stanislaw Ponte Preta (Ver capítulo 3).
As imagens de Douglas Alexandre, Elias Nasser, Fernando Seixas, Geraldo Viola, Hélio Passos, Henri Ballot, Indalécio Wanderley, João Rodrigues, José Carlos Vieira, Rubens Américo, Walter Luiz e Ubiratan Lemos são caricaturas de Carlos Estêvão, publicadas em **O Cruzeiro**, 22/04/1967 e as imagens de João Fontes, Jean Solari, Jorge Audi são caricaturas de Appe, publicadas em **O Cruzeiro**, 27/11/1965. A foto de Valentin foi tirada por Jean Solari, publicada em **O Cruzeiro**, 15/01/1966.	

Como é visível em algumas das caricaturas acima e também constatado por Silvana Luzada, as câmeras utilizadas pelos fotógrafos de O Cruzeiro nos anos 1950 e 1960 eram a Rolleiflex e a discreta e ágil Leica (figuras 04 e 05)[110]:

[109] CARVALHO, 2001, op. cit. p.244-245.
[110] SILVA, Silvana Louzada da. 2004, Op. Cit. p.23-24.

Figura 04: Rolleiflex Automat. Fonte: <http://www.cosmonet.org/camera/rollei_e.htm>
Acesso em 22 jan. 2011

Figura 05: Leica M3 <http://www.kenrockwell.com/leica/m9/versus-m3.htm>
Acesso em 22 jan. 2011

A escolha por estes fotógrafos ocorreu por quatro motivos: 1º) os nomes deles apareceram em nossa pesquisa de exploração sobre os fotógrafos mais recorrentes sobre nossa temática; 2º) em dois concurso promovido por O Cruzeiro para a eleição das "Rainhas das praias" são esses os fotógrafos que selecionaram as candidatas, o que indica que a redação da revista os consideravam como os mais qualificados para fotografar a beleza feminina[111]; 3º) considerei melhor me focar apenas nesse grupo para que a pesquisa pudesse ocorrer no prazo e limites de uma dissertação, sendo que nunca foi minha intenção fazer um trabalho sobre os fotógrafos, o que justifica a falta de aprofundamento ou maior repertório de fotógrafos; 4) No fim dos anos 1960 a revista entra em crise por diversos motivos e há a entrada e saída de muitos profissionais como os fotógrafos Luiz Alfredo, Manoel Motta, José Nicolau, Rubens Boccia, José Araújo, Edmundo Dansot, Pedro Luiz, Sergio Rocha, Ronaldo Camara e repórteres como de Nilton de Castro, Afrânio Brasil Soares, Orlandino Rocha, Claudio Rocha, Moacyr de Lacerda, Pedro Lima, Miguel Angelo M. Gonçalves, Benedito Coutinho, José Franco, Antonio N. Machado, Osvaldo Amorin, Fernando Richard, Sônia Beatriz, Rosinha Sarda, Maria de Lourdes Pinhel, Aldir Tavares, Marisa Alves de Lima e muitos outros,

[111] Ver: O LEITOR é quem vai votar rainha das praias. **O Cruzeiro**, 22/04/1967 e UMA rainha em cada praia. **O Cruzeiro,** 27/11/1965.

portanto, seria impossível levantar os dados de cada um no curto tempo desta pesquisa, além de isso fugir da problemática principal.

Nos capítulos seguintes, na medida do possível, busquei compreender os estilos e formas com que esses repórteres fotográficos criaram visualidades do corpo feminino tendo em vista que

> Ao contrário do texto de liquidificados de hoje, que unifica todos os estilos num só, inodoro e sem gosto, que aborda um enterro com a mesma emoção transmitida à narrativa de baile, os repórteres da revista Associada eram estimulados e faziam questão de desenvolver um estilo próprio, que podia ir desde as torrentes amazônicas de um Ubiratan Lemos até a sobriedade nórdica de um João Martins, enquanto cada fotógrafo utilizava a câmera com jeito de dono, esforçando-se para captar um ângulo diferente. Olhava-se em uma foto não creditada e se dizia: é de Luciano Carneiro, é de Henri Ballot, é de Ronaldo Moraes. O resultado é que cada reportagem da revista tornava-se uma matéria criativa, não repetitiva, que ampliava e dimensionava os assuntos não só pela pluralidade de pontos de vistas apurados e divulgadas, mas principalmente pelo diferencial da personalidade do redator e da criatividade do fotógrafo[112].

1.7 Nudez e sensualidade feminina no contexto histórico-visual de O Cruzeiro (1960 a 1970)

Através das páginas de O Cruzeiro, podemos vislumbrar um pouco do contexto brasileiro. Durante toda década de 1960, os concursos de Miss eram extremamente populares, havendo as mais diversas categorias como Miss Copacabana, Miss Festival, Miss Rádio, Miss Televisão, Miss Flash... Estes concursos de beleza acabavam servindo de trampolim para carreiras artísticas, como por exemplo, a de Vera Fischer, a Miss Brasil de 1969, que acabou percorrendo por décadas na atuação em filmes e novelas.

O maiô era o traje padrão, sempre igual nos grandes concursos e de diferentes estampas nos menores e em fotorreportagens. Na época, a moda entre misses era ter cabelo curto, poucas tinham o cabelo muito comprido, mas o uso de perucas era recorrente. E, fora as fotos de concursos, havia grande produção de fotos de misses em O Cruzeiro, na maioria das vezes as fotos eram feitas por Indalécio Wanderley, embora outros fotógrafos também fossem escalados para a tarefa, entretanto Ubiratan Lemos foi um dos repórteres que mais escreveu sobre elas. Figura 06:

[112] CARNEIRO, 1999, Op. Cit. p. 341.

Figura 06: Ubiratan Lemos (textos), Indalécio Wanderley, Luiz Alfredo, Hélio Passos, e João Rodrigues (fotos). Brasil: Beleza 64. **O Cruzeiro,** 04/07/1964

Aos poucos, o biquíni foi ganhando espaço nos concursos até se popularizar por completo no fim da década. O Cruzeiro também chamava a atenção para os concurso internacionais, dando cobertura ao Miss Universo e até mesmo ao bloco soviético. Nem o suposto perigo comunista era empecilho para a divulgação da beleza. Figura 07:

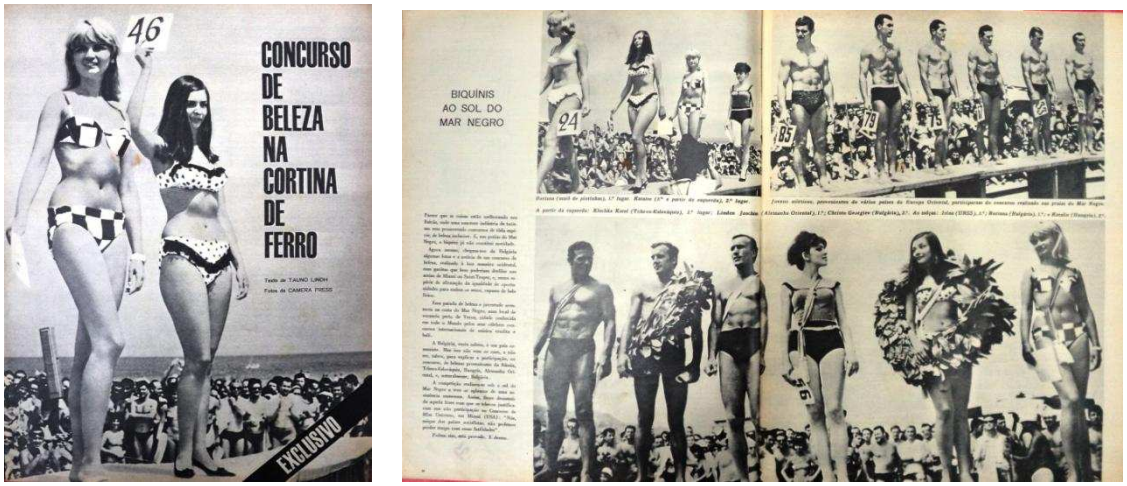


Figura 07: Tuno Lindh (texto) Câmera Press (fotos). Concurso de beleza na cortina de ferro. **O Cruzeiro,** 29/10/1966

Mas a beleza não estava em pauta apenas nos concursos de miss. No cotidiano, diversas matérias colocavam o corpo em destaque, evocando sensualidade e erotismo. Em 1960, se divulgavam as "mais belas pernas de 1960". Figura 08:

Figura 08: Augusto Dantas (textos) e Ronaldo Moraes. As mais belas pernas de 1960. O Cruzeiro, (fotos)10/09/1960

Em 1969 se vai mais longe, se fala de sexualidade com maior liberdade e se ensina como ser sensual. Figura 09:

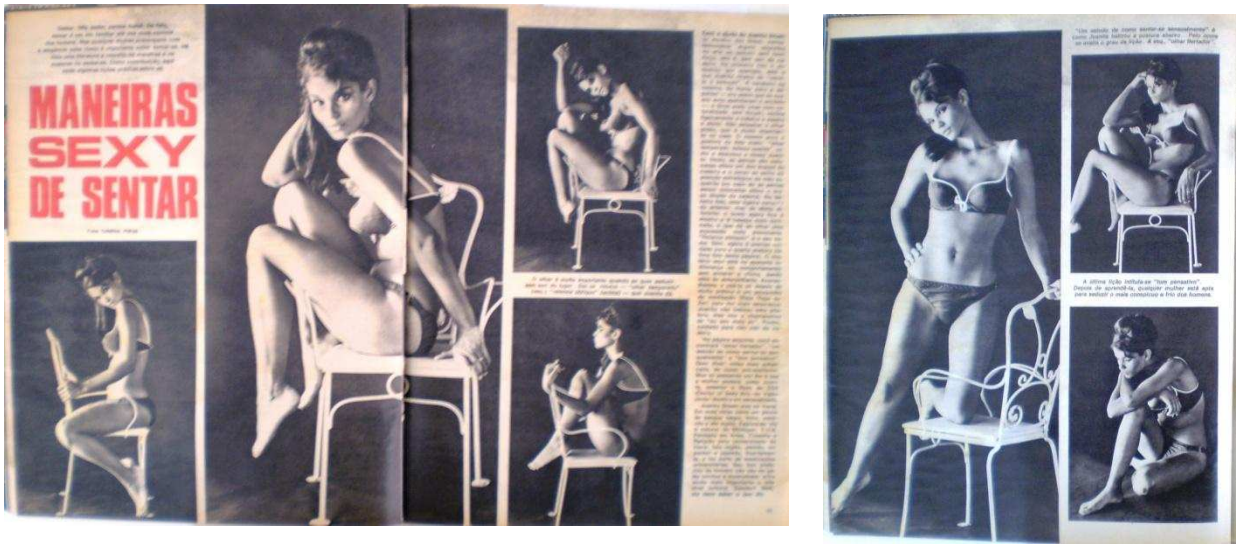


Figura 09: Câmera Press. Maneiras sexy de sentar. **O Cruzeiro,** 29/11/1969

Mas isto só é possível com uma maior massificação de imagens sensuais e da discussão constante de uma maior liberdade sexual, política e cultural. Os movimentos de contra-cultura estão em alta. E os protestos contra a guerra no Vietnã e contra a sociedade capitalista dos Estados Unidos ecoam no Brasil. Figura 10:

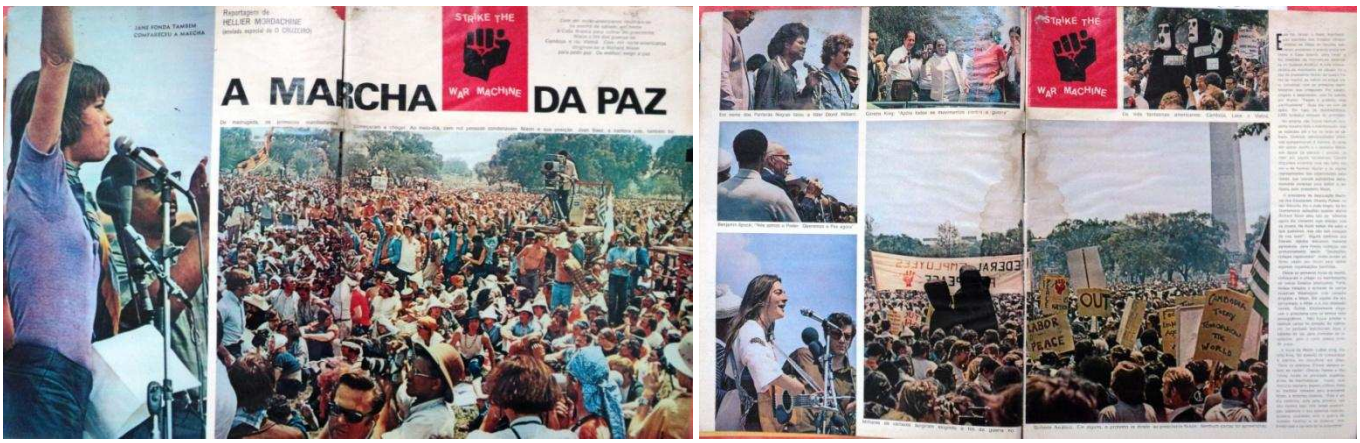


Figura 10: Hellier Mordachine (matéria). A marcha da paz. **O Cruzeiro,** 19/05/1970

Os jovens, como uma categoria social, passam a ter destaque como indivíduos contestadores, renegando o passado, propondo um novo e libertário modo de se viver. Ao mesmo tempo, isso será visto como uma rebeldia juvenil (potencialmente maléfica por sua imaturidade) e sintoma de transformações sociais e culturais latentes. Em O Cruzeiro se discute as liberdades no namoro, o beijo e a demonstração de relações afetivas em público e a sexualidade. No fim de 1960 e início de 1970 o divórcio se torna uma das principais questões em debate. Figura 11:

Figura 11: Jorge Segundo, Mary Dubugras e Wanderley Lopes. Divórcio a forma da opinião pública. **O Cruzeiro,** 08/09/1970

A própria moda vai ganhando contornos que cada vez mais investem na sensualidade. A mini-saia se difunde nos grandes centros, divido opiniões, considerada bela e sensual por uns e "uma pouca vergonha" para os guardiões da moralidade. Mas muito bem apreciada pela equipe de O Cruzeiro. Figura 12:

MARIA DELLA COSTA
APRESENTA
MINI-SAIA À PAULISTANA
São Paulo aprovou e aplaudiu a "mini-saia", no dia em que Maria Della Costa mostrou a moda como ela deve ser

Figura 12: Antonio N. Machado. Manoel Mota (fotos). Mini-saia a paulista. **O Cruzeiro,** 16/ago/1966

A televisão começa a se tornar popular nos grandes centros. A publicidade de aparelhos de TV dispara em O Cruzeiro, e as próprias emissoras começam a aprender a ganhar dinheiro com esta mídia. Figura 13:

Figura 13: propaganda da TV Semp. **O Cruzeiro,** 28 jan 1967

É quando os festivais de canção viram o auge da programação e os próprios programas televisivos vão ganhando qualidade e notoriedade como pro exemplo, a novela Beto Rockfeller (1968), e surgem ícones da TV como o apresentador Chacrinha. Figura 14:

Figura 14: Moacyr Lacerda (textos), Rubens Américo e Hélio Passos (fotos). Na berlinda: abeladro Barbosa Chacrinha. **O Cruzeiro,** 29 jan 1966

E paralelamente, o cinema nacional se desenvolve, os filmes de Amácio Mazzaropi e depois Teixeirinha, arrastam multidões aos cinemas com enredos rurais, mas eram quase invisíveis em O Cruzeiro por que, como um setor elitizado, achava este cinema inferior e valorizava o Cinema Novo de Glauber Rocha e companhia, que experimentavam diversos

enfoques sobre a identidade nacional. E até José Mojica Martins (o Zé do Caixão), que se torna um dos pioneiros do cinema marginal, recebe mais publicidade. Entretanto, a nudez e sensualidade vão tomando as telas. A primeira ruptura é com o filme Os cafajestes de Ruy Guerra (1962)[113] que apresenta o primeiro nu frontal feminino, a partir de então, a ousadia vai se tornando mais comum. O Cruzeiro passa a destacar, com fotos grandes, as produções em que nudez e sensualidade estão presentes, sejam nacionais ou estrangeiros. Figuras 15 e 16.

Figura 15: Antonio Machado. Amor e desamor. **O Cruzeiro,** 16/04/1966

[113] Sinopse do filme: "Jandir (Jece Valadão) e seu amigo Vavá (Daniel Filho), um playboy, vivem no mundo das drogas e sexo de Copacabana. Só que a situação de Vavá não é boa, já que seu pai corre o risco de perder tudo o que tem. É quando a dupla tem a ideia de tirar fotos comprometedoras de Leda (Norma Bengell), a amante do tio de Vavá, no intuito de chantageá-lo. Eles a levam a uma praia deserta e, após tirarem as fotos, a estupram." Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/os-cafajestes/> Acesso em dez. 2011.

MÉXICO 70:
AS NOVAS FACES
DO CINEMA
Embora esteja se preparando com afinco, o México pode não ganhar a Copa de 70. Afinal seus adversários têm mais tradição no futebol. Mas não há dúvidas de que para outra Copa, menos violenta que a do "esporte bretão", ou seja, a da beleza das estrêlas de cinema, o México, sob a tradição da inesquecível Maria Felix, a partir de 70, será um sério competidor, que dará um show de beleza em seus filmes. O cinema mexicano, que emerge de uma crise (qual o cinema do mundo que não vive suas crises?), procura afastar os desequilíbrios que o enfraqueceram e se manter na posição de quarta fonte de divisas do país, com lindas moças. Elas, amanhã, dominarão 45 milhões de mexicanos, como as rainhas do novo cinema mexicano, que povoarão os estúdios Churubuzco e San Angel dos astecas.
TUDO ANDA BEM COM MARÍA BARDAL
IRLANDA MORA, A DOS OLHOS FASCINANTES

Figura 16: Miguel Angeleo (textos) Procinema (fotos). México 70: as novas faces do cinema. **O Cruzeiro,** 13/01/1970.

Junto com o cinema estrangeiro, principalmente o Hollywoodiano, vem padrões de beleza específicos. As loiras como Jayne Mansfield, Brigitte Bardot e Jane Fonda faziam grande sucesso. Mas mesmo assim, as atrizes do cinema nacional marcaram espaço e possuíam grande destaque em O Cruzeiro que lhes proporcionava matérias especiais, como por exemplo, Leila Diniz, tida como um símbolo sexual e mulher independente. Figura 17:

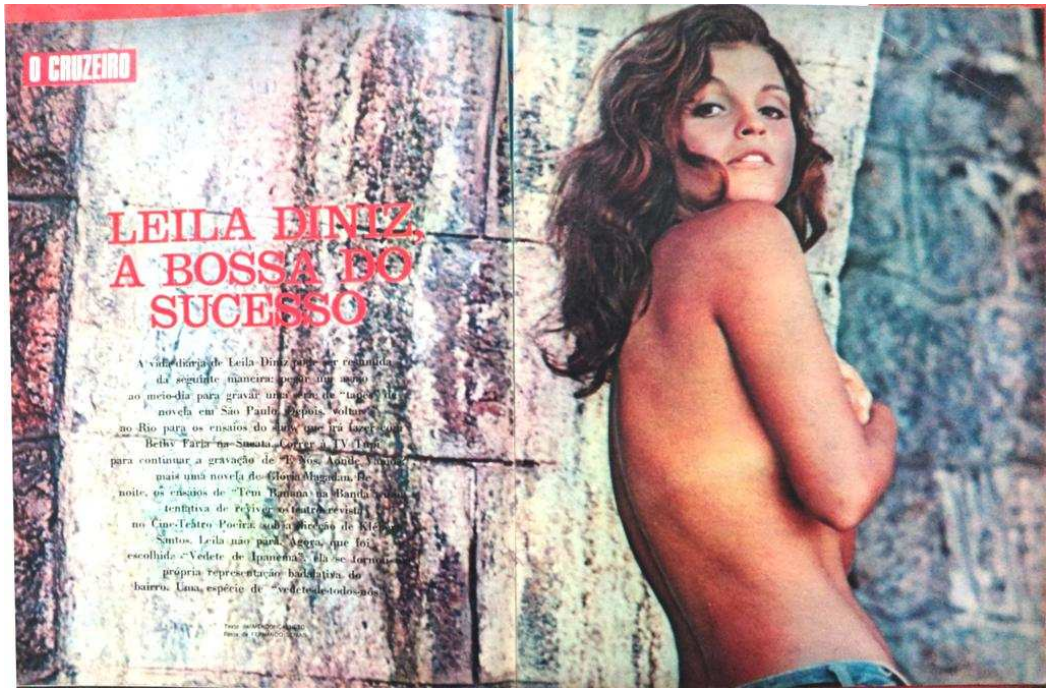


Figura 17: Mendonça Neto (textos) e Fernando Seixas (fotos). Leila Diniz a bossa do sucesso. **O Cruzeiro,** 27/01/1970

O meio publicitário também fica mais propenso a mostrar o corpo feminino, inicialmente usando muito ilustrações elegantes de lingerie, depois, através da fotografia, passava mensagens de forma delicada, oferecendo produtos de beleza e higiene. Para mais tarde se utilizar de estratégias mais ousadas e insinuativas. Figuras 18, 19 e 20:

Figura 18: Anúncio Vivian. **O Cruzeiro,** 02/01/1960

"meias ao alto"
V. já sabe: saias curtas ou menos curtas, meias mais compridas. "Meias ao alto". Eternelle é bem mais comprida. Na Eternelle o fio não corre. É a mais resistente que você pode encontrar. A meia eterna. Os costureiros fazem a moda, nós fazemos a meia. Eternelle meia mais comprida. Agora também em lindas côres quentes.
Eternelle
meia nova mais comprida
MALHARIA N. S. DA CONCEIÇÃO S.A.

Figura 19: Anúncio Eternelle. **O Cruzeiro,** 18/05/1968

Figura 20: Anúncio Lysoform. **O Cruzeiro,** 10/08/1968

CAPÍTULO 2

Elsem Cambom, a "miss Flash" In: **O Cruzeiro**. 09 de junho de 1966

2.1 Comentário sobre a capa do capítulo 2

A imagem que abre este capítulo é a foto da "miss Flash" de 1966, Elsem Cambom. Primeiramente temos um belo corpo jovem fazendo pose para a foto, vestida com o tão apreciado biquíni em uma praia quase deserta ao fundo. Depois, temos as câmeras fotográficas que a garota segura (uma Leica e uma Rolleiflex) e também mais uma que está no chão, e que põe em evidência que o que vemos e resultado da presença do fotógrafo e seu instrumento de trabalho. Esta imagem é uma boa metáfora visual deste capítulo: de um lado o corpo feminino, do outro, o olhar fotográfico que ao mesmo tempo é um olhar masculino, sensual e erótico. A seguir veremos como os fotógrafos de O Cruzeiro representaram a sensualidade e nudez feminina em fotorreportagens de publicação freqüente ou que contribuíram para uma maior difusão destas visualidades.

2.2 Sereias

Olha que coisa mais linda mais cheia de graça

Ah, se ela soubesse que quando ela passa

O mundo sorri e se enche de graça

Môça do corpo dourado do sol de Ipanema

Seu balançado é mais que um poema

É a coisa mais linda que já vi passar[114]

Com estes versos de Tom Jobim e Vinícius de Moraes, já clássicos nos anos 1960, foram narradas as fotos da matéria "A beleza que não é só minha" do "fotógrafo da misses" Indalécio Wanderley em 1967[115] (Ver Figura 21, abaixo). Reportagem que abordava Márcia Rodrigues[116], atriz que interpretaria o papel-título do filme "Garôta de Ipanema" do diretor Leon Hirszman[117].

Márcia Rodrigues também foi a capa de O Cruzeiro daquela edição e a matéria contou com onze fotos em cinco páginas. Um foto em close do seu belo rosto de olhos e cabelos castanhos. Quatro fotos vestindo uma blusinha preta com uma calça larga de listras do

[114] Trechos da música "Garota de Ipanema" de Tom Jobim e Vinícius de Moraes, composta em 1962, e reproduzidas como legendas da matéria "A beleza que não é só minha" de Indalécio Wanderley em **O Cruzeiro**, 18/11/1967. Os trechos apareciam ao longo das páginas da matéria, por isso utilizei espaçamento entre um verso e outro para reproduzir em parte o efeito da matéria.

[115] Indalécio Wanderley (fotos e textos). "A beleza que não é só minha". **O Cruzeiro**, 18/11/1967

[116] Atriz brasileira. Atuou El Justiceiro (1967); Todas as mulheres do mundo (1967); Fome de Amor (1968); Matou a família e foi ao cinema (1969); Lúcia McCarteney, uma garota de programa (1971); A dama da lotação (1978); e em telenovelas como Corpo Santo (1987), Selva de Pedra (1986); Viver a vida (1984) e muitos outros.

[117] Sinopse do filme: "Márcia é uma típica garôta de Ipanema. Toma banho de mar no Castelinho, vai a festas, frequenta as rodas intelectuais, gosta de bossa nova, estuda na PUC, namora um campeão de surf. Depois de Pedro Paulo, tem um flêrte com o compositor Chico Buarque e uma aventura com um fotógrafo casado, sempre amparada pelo amigo Zeca. Incerta quanto a seu futuro, angustiada em sua busca pela felicidade, ela representa uma maneira de ser da classe média. Vive só, em busca de solução para os seus problemas. Durante o carnaval, encontrará afinal uma resposta para as suas dúvidas, uma promessa de tempos mais autênticos e felizes, o reencontro consigo mesma." Disponível em: <http://bcc.org.br/filme/004029> Acesso em 20 dez. 2011.

marrom ao amarelo. Uma foto com a mesma blusinha e uma calça braça (aparentemente a calça marrom foi posta sobre esta). E cinco fotos de biquíni listrado de branco e verde.

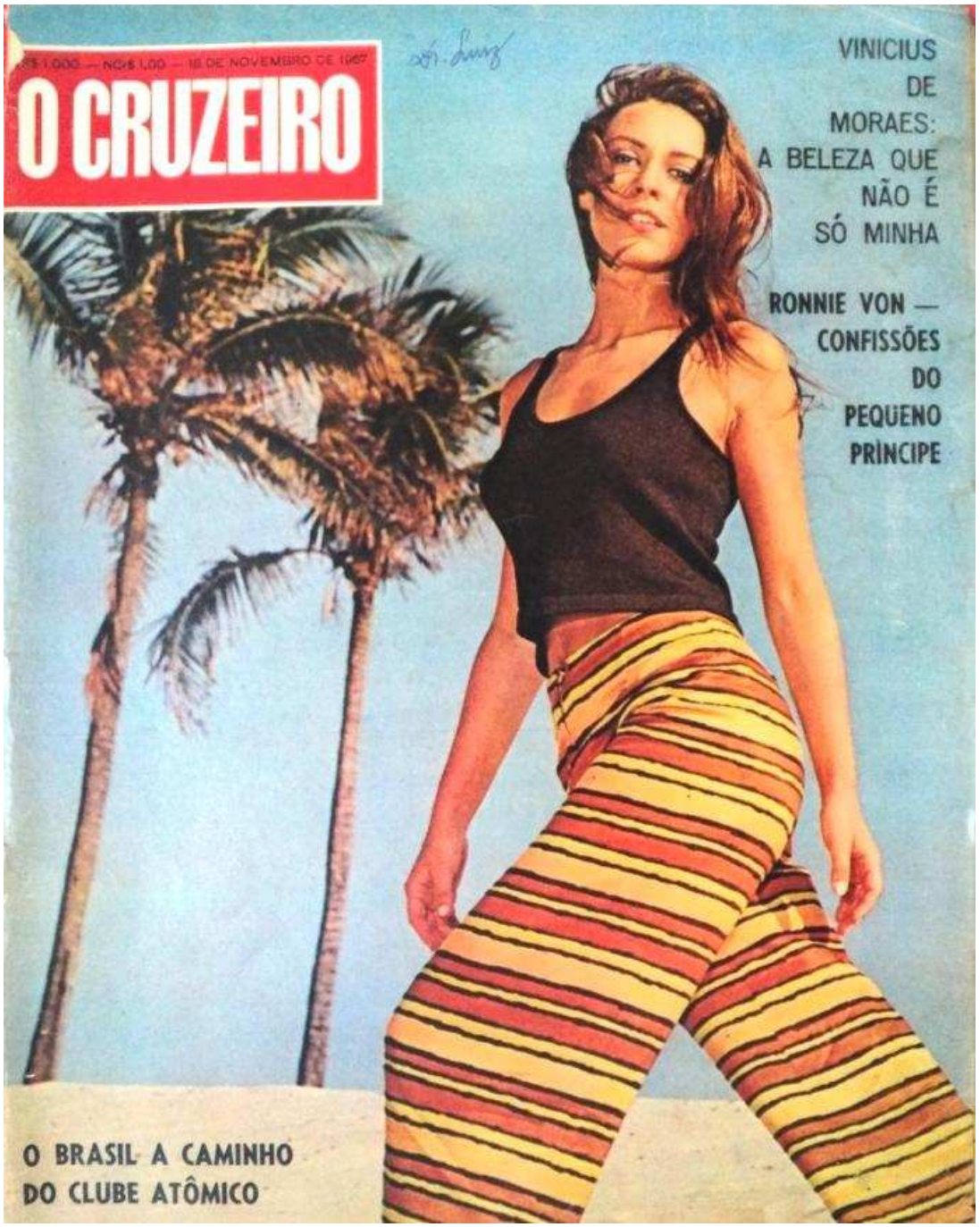

Cr$ 1.000 — NCr$ 1,00 — 18 DE NOVEMBRO DE 1967
O CRUZEIRO
VINICIUS DE MORAES: A BELEZA QUE NÃO É SÓ MINHA
RONNIE VON — CONFISSÕES DO PEQUENO PRÍNCIPE
O BRASIL A CAMINHO DO CLUBE ATÔMICO

Figura 21 (a): Indalécio Wanderley (textos e fotos). A beleza que não é só minha. **O Cruzeiro**,18/11/1967.

Fora a cena em que ela está vestida de calça e chapéu branco numa mesinha de bar ou lanchonete, todas as outras fotos são ambientadas na praia. Porém, aparentemente, só as fotos em que ela está de biquíni devem ter sido realmente tiradas no litoral. As outras possivelmente foram em estúdio. Comparando ambas é possível perceber a diferença: nas fotos de biquíni, as pegadas na areia e os demais vestígios do caminhar estão mais evidentes. A perspectiva de profundidade e as ondas do mar se distinguem em cada foto. Já nas fotos "com roupas", a areia tem uma textura muito fina e clara, ao fundo se percebe uma linha muito plana, típica de um cenário de estúdio. Não há paisagem além das palmeiras que permanecem estáticas.

Este fato exemplifica uma prática corrente em O Cruzeiro, a produção de fotografias em estúdio e ao ar livre. Embora isso geralmente fosse mais explicito com matérias só feitas em estúdio ou só ao ar livre e cuja diferença era óbvia. O que torna a matéria de Márcia Rodrigues atípica pela mistura de ficção e realidade do ambiente, que poderia ludibriar o(a) leitor(a) menos atento(a).

Contudo, podemos perceber um pouco do estilo fotográfico de Indalécio Wanderlei. Ele não só fotografava lindas mulheres, as colocava em posições não convencionais e em poses ecléticas. Fora as fotos dos concursos de misses em que não dava muito para fugir da "pose de Miss" na qual as mãos ficava(m) próximas ou nos quadris (as vezes nas costas) e as pernas juntas com (geralmente) a direita a frente e um olhar majestoso e sorriso moderado, numa clara postura "oficial" para a fotografia, o que limita(va) a criatividade artística do fotógrafo, mas garante uma imagem padronizada[118]. Percebo que, sempre que podia, Indalécio procurava dar dinamicidade ao corpo feminino pedindo para que as garotas fizessem poses não convencionais. E usava o ambiente ao seu lado, procurando por locais em que oferecessem contrastes ou ângulos diferentes[119], ou ainda, usando objetos[120], além da diagramação de O Cruzeiro que as vezes elaborava matérias cuja disposição das fotos e textos era mais ousada do que o normal[121].

[118] Esta posição pode ser vista em centenas de matérias da revistas O Cruzeiro, a título de exemplo, ver: Indalécio Wanderley (fotos) e Ubiratan Lemos (texto). "Mulatas dão cor ao Miss Brasil". **O Cruzeiro**, 13/06/1964.
[119] Ver: Indalécio Wanderley (fotos) e Mario Moraes (texto). "A mais bela carioca versão 70". **O Cruzeiro**, 16/06/1970.
[120] Ver: Indalécio Wanderley (fotos) e Ubiratan Lemos (texto). "Stael em três dimensões". **O Cruzeiro**, 08/07/1961
[121] Ver: Indalécio Wanderley (fotos). "Pernas da Broad Way dançam no Rio" **O Cruzeiro**, 23/01/1960.

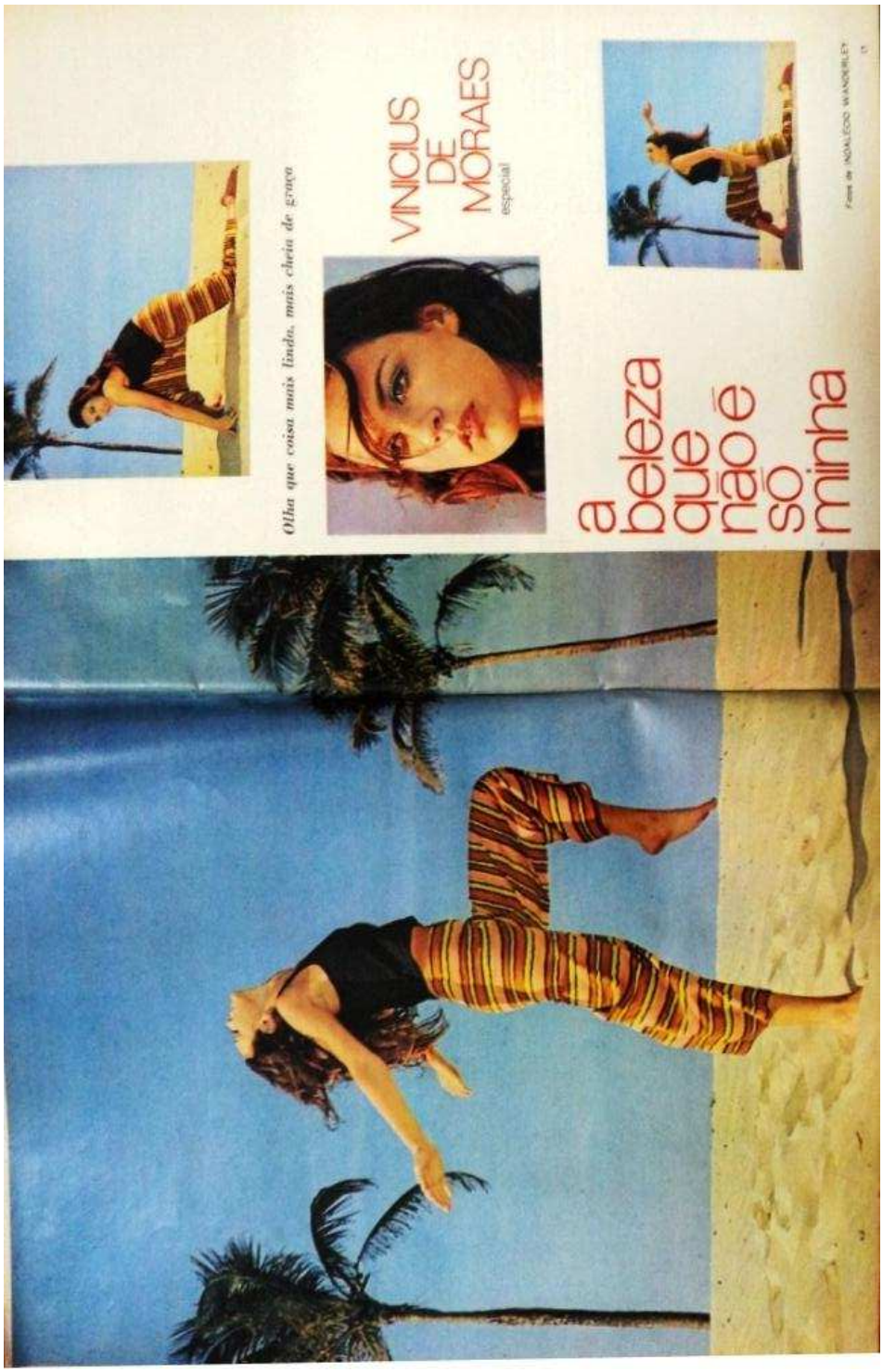


Figura 21 (b): Indalécio Wanderley (textos e fotos). A beleza que não é só minha. **O Cruzeiro**,18/11/1967.

As fotos de Márcia Rodrigues tem como temática a música "Garôta de Ipanema" reproduzia em partes nas legendas como mostrado inicialmente e no ambiente fotográfico. Em cada foto, alterna-se os movimentos corporais, numa dinâmica de uma paisagem tranqüila em contraste com o belo corpo bronzeado e reluzente. Ela aparenta estar a vontade, talvez, já acostumada a posar para fotógrafos. Entretanto, a possibilidade de parte do ensaio ter sido em estúdio levanta a hipótese de uma negociação anterior entre fotógrafo x fotografada não tenha ocorrido de imediato o acerto entre ambos.

A escolha de Márcia Rodrigues para capa e matéria de O Cruzeiro é um pouco mais profundo do que só a venda de revistas com um rosto bonito, ela como muitas outras garotas, faziam parte daquilo que Edgar Morin chamou de Star system, ou seja, atrizes e atores de cinema (poderíamos acrescentar hoje, a televisão e a internet) que entram em uma rede midiática onde sua imagem vira mercadoria e é vendida conforme as oportunidades em diferente meios comerciais[122].

Embora a publicidade ainda estivesse se desenvolvendo no Brasil[123], O Cruzeiro refletia o Star system em suas matérias, onde podemos constatar a circularidade com que certas pessoas famosas eram notícia.

Mas voltemos a fotorreportagem de Indalécio Wanderlei. Ela é cortada pela publicidade dos fios da Vigotex. E o conjunto das onze fotografias ainda possuem uma diferença, as primeiras são do formato quadrado enquanto as últimas, em que Márcia Rodrigues esta de biquíni, são retangulares. E a pose que ela faz é igual na primeira e na última foto, só mudando o lado que vemos e o fato dela estar mais "desnuda". Este desnudar pela fotografia é uma das características da revista O Cruzeiro neste momento.

[122] "O papel das estrelas de cinema transcendeu amplamente a tela de cinema. Em 1937, elas eram 'madrinhas' de 90% dos grandes programas de rádio americanos, e hoje praticamente não existe um programa de televisão do qual não participem uma guest star. Estrelas continuam anunciando produtos de higiene, cosméticos, concursos de beleza, competições esportivas, lançamentos literários, campanhas de caridade e eventualmente eleições". (itálico do autor), In: MORIN, Edgar. **As estrelas**: mito e sedução no cinema. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

[123] Segundo Maria Arruda, é só no fim dos anos 1950 que a publicidade brasileira se torna dinâmica e seu grande desenvolvimento se da a partir dos anos 1970 quando as facilidades de crédito (e endividamento) possibilitam um maior consumo. Ver: ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. **A embalagem do sistema**: a publicidade no capitalismo brasileiro. Bauru, SP: EDUSC, 2004. (Coleção Ciências Sociais). p.137-148.

Figura 21 (b): Indalécio Wanderley (textos e fotos). A beleza que não é só minha. **O Cruzeiro**,18/11/1967.

A sensualidade se faz presente nas imagens e nas palavras:

> Márcia Rodrigues, o espetacular brôto escolhido entre 132 candidatas para interpretar **Garôta de Ipanema**, tem 18 aninhos e é carioca: basta o jeitinho de andar. Sua paixão por sol, praia, mar e música, aliada à educação "frente-a-frente" que recebeu dos pais, fazem dela um perfeito espécime da menina-môça da Zona Sul: inteligente, sadia e "por dentro" das coisas. Márcia é morena, mede 1,72 e tem cabelos que vão até a cintura, numa bela cascata castanha. Seus olhos correspondem exatamente àqueles com que sonhei em minha Receita de Mulher[124].

[124] Indalécio Wanderley (fotos e textos). "A beleza que não é só minha". **O Cruzeiro**, 18/11/1967. (Negrito do autor)

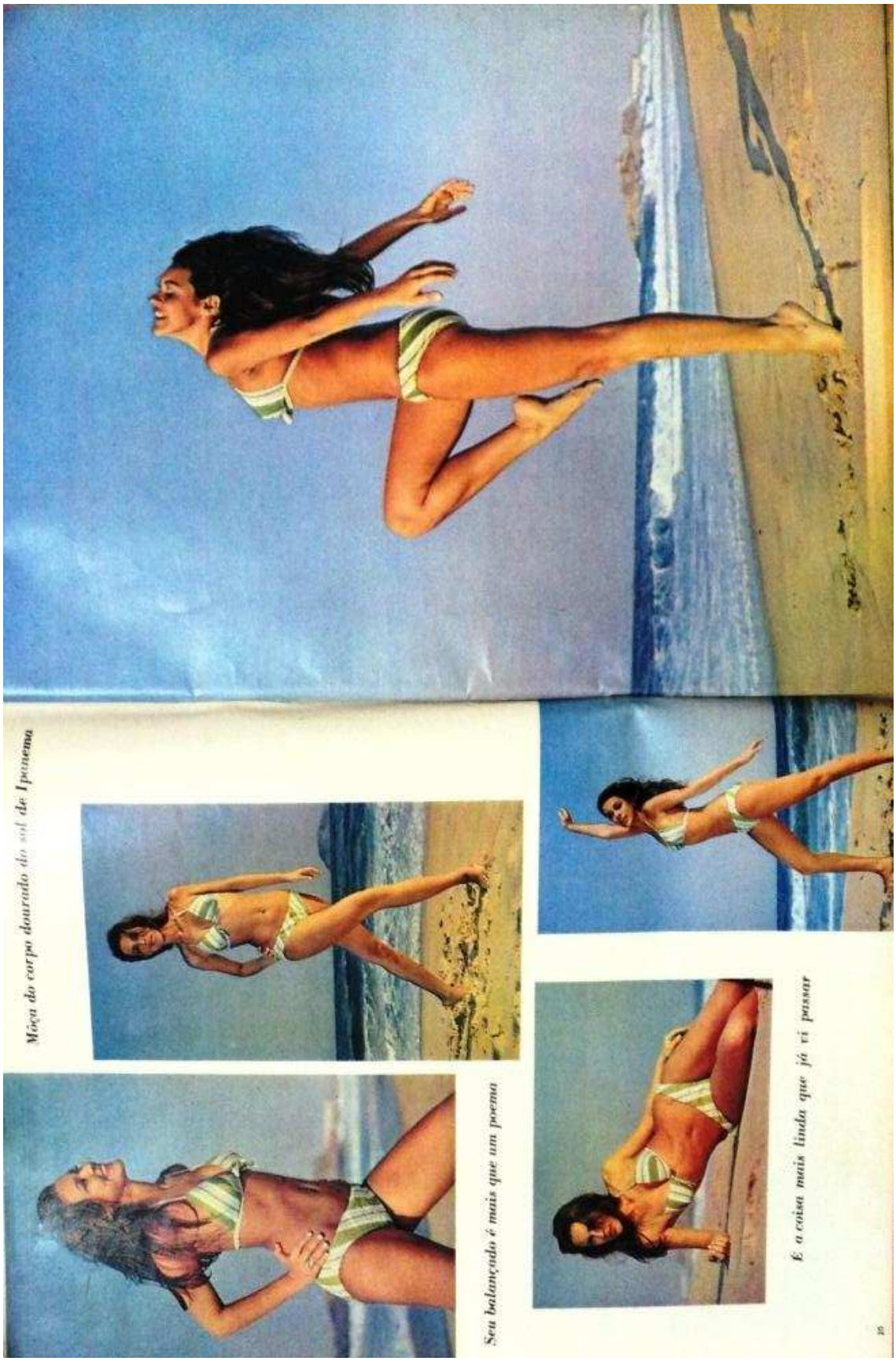


Figura 21 (c): Indalécio Wanderley (textos e fotos). A beleza que não é só minha. **O Cruzeiro**,18/11/1967

Ao longo dos anos, essa imagem de uma "garota de Ipanema" tornou-se um dos símbolos do Rio de Janeiro (veja, figura 22, abaixo), e da própria "identidade nacional" brasileira. Identificada como tropical, sensual e quase sempre associada às praias com suas lindas garotas de biquíni a desfilar pelas areias ensolaradas "no doce balanço, a caminho do mar".

Figura 22: Entrada do Parque Garota de Ipanema, Rio de Janeiro – RJ. Julho de 2010 (Foto do autor).

O Brasil sempre foi densamente povoado no litoral em detrimento de seu interior como já afirmava Sérgio Buarque Holanda[125]. E como o Rio de Janeiro permaneceu como capital até o fim dos anos 1960, mas ainda assim era (e ainda é) um dos principais pólos de concentração cultural e produção midiática. Muito do que se construiu como sendo a representação do que é o Brasil e do brasileiro, na realidade são representações do universo carioca expandidos para o resto do país.

Durante décadas O Cruzeiro publicou fotorreportagens que abordavam o "cotidiano" de moças que costumavam ir à praia, as "sereias" como eles as chamavam carinhosamente. E ao analisar estas fotorreportagens podemos compreender um pouco do contexto de como o corpo

[125] HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1995

feminino era entendido naquele momento e também o "olhar sensual" ou talvez "olhar erótico" lançado sobre este corpo.

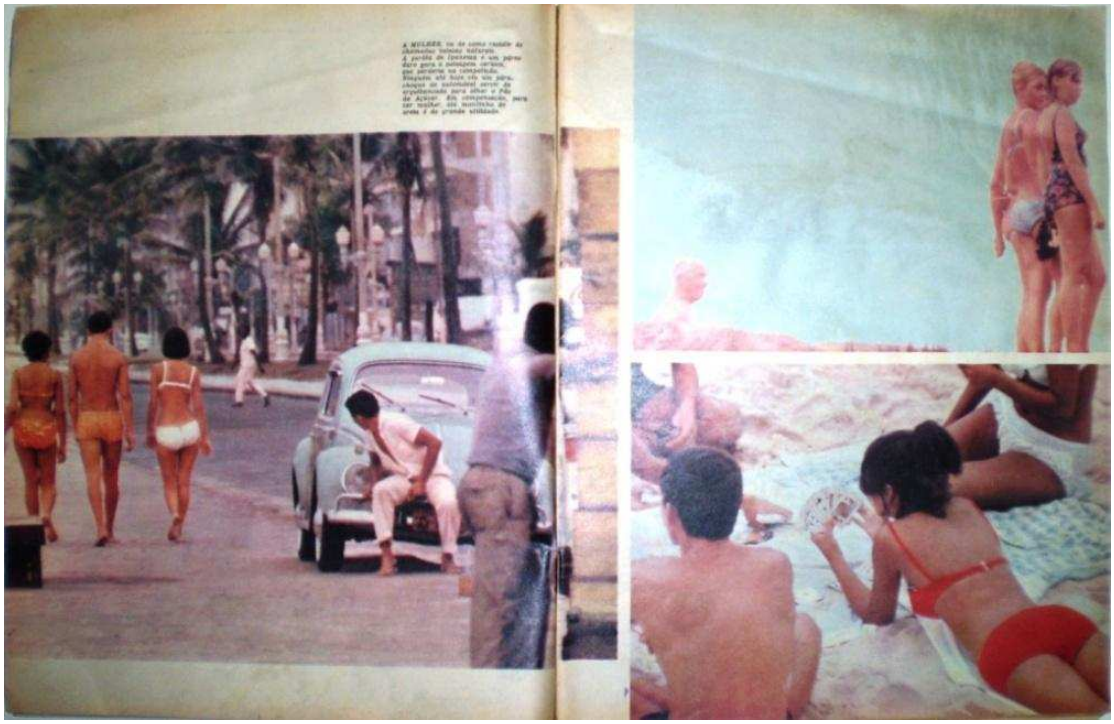


Figura 23: O Cruzeiro, 22/05/1965

Esta forma de olhar foi bem registrada em uma matéria (Figura 23, acima) sem título ou autoria publicada em 22/05/1965 (algo incomum já que O Cruzeiro tinha por praxe sempre creditar seus autores). Nela vemos três fotos, na primeira da esquerda temos um flagrante, um homem sentado no pára-choque de um Fusca (um Volkswagen, como chamavam no período) se vira para olhar as garotas (ou seria o rapaz?) que passam. O articulista da revista, não deixou a cena em branco e traçou o seguinte comentário:

> A MULHER, ou de como resistir as chamadas belezas naturais. A garôta de Ipanema é páreo duro para a paisagem carioca, que perderia na competição. Ninguém até hoje viu um pára-choque de automóvel servir de arquibancada para olhar o Pão de Açúcar. Em compensação, para ver mulher, até montinho de areia é de grande utilidade[126].

Na mesma figura 09, no lado direito superior, outro flagra similar é registrado. Nela vemos a cabeça de um homem de idade avançada e que olha diretamente para as nádegas das

[126] Matéria sem título ou autoria. **O Cruzeiro**, 22/05/1965.

garotas que passam. Na foto de baixo temos uma garota deitada de bruços com cartas na mão, embora haja um homem de costas no primeiro plano, o enquadramento nos leva até ela. O interessante da matéria é reunião dos olhares, o dos dois homens e o fotógrafo sobre as garotas. E a última, onde é o próprio olhar do fotógrafo que está em ação solo.

Uma fotorreportagem é particularmente interessante para se analisar o "olhar sensual" sobre as sereias cariocas, publicada em 22/04/1967 (Ver Figura 24 (a), abaixo) apresenta em oito páginas a matéria "Concurso Rainha das Praias" onde onze fotógrafos de O Cruzeiro receberam a missão de cada um escolher a sua "Rainha" em cada praia carioca, com caricaturas dos fotógrafos feitas por Carlos Estêvão. No final da matéria, havia um cupom em que o leitor escreveria o nome de sua candidata preferida e enviaria o cupom pelo correio para a revista. A vencedora do concurso ganharia uma reportagem em cores e seria a garota da capa da revista.

Com isto podemos perceber a tentativa da revista em ser interativa com seus(suas) leitores(as) e a beleza feminina com um assunto em pauta, tanto é que o próprio concurso e prêmio é uma exaltação a isso.

As duas primeiras páginas trazem, do lado esquerdo a foto em plano americano de uma garota loira, Leda Jurgilas, com um lindo mar azul ao fundo, fotografada por Indalécio Wanderley que escreve o comentário "enquadrei a loura no visor, foquei bem – e disse para as minhas sandálias: 'aí está a rainha do Castelinho [a praia], o mais belo exemplar deste domingo'". Também somos informados que a garota é campeã de "surf", estuda Filosofia, Jornalismo, lê Kafka e fez o seguinte comentário "Sou antichico-buarque-de-holanda e tôda Roberto Carlos. Chico é velho de corpo nôvo."

Na página da direita está uma foto de João Rodrigues e que chega a ocupar parte da página ao lado, técnica muito utilizada em O Cruzeiro e hoje raramente vista nos periódicos de variedade. Nesta foto, a garota, Maria da Gloria Carvalho, é mostrada em um ângulo aberto, faz pose em frente a um guarda-sol em um dia em que a praia do Leblon visivelmente cheia e com morro ao fundo. O fotógrafo também cita alguns detalhes da garota: "16 anos, 1,71 de altura e gostos ecléticos em esporte, literatura e música: gosta de velejar, esquiar, jogar vôlei e nadar; aprecia Saint-Exupér e Jan-Paul Sartre, música romântica e bossa nova, e ouve com prazer Frank Sinatra e Wanderléia.".

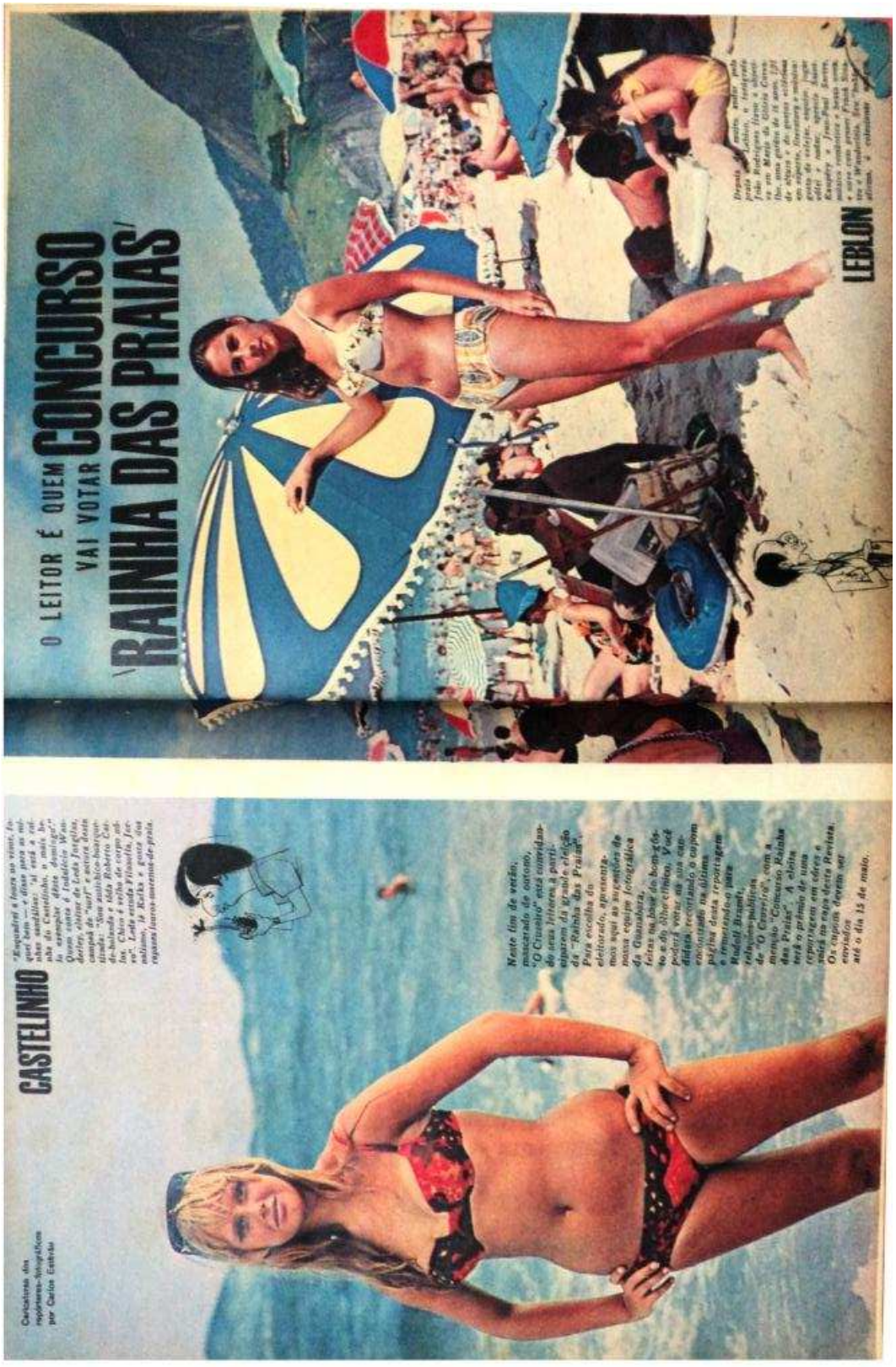


Figura 24 *(a): "Equipe O Cruzeiro" (textos), Indalécio Wanderley, João Rodrigues, Hélio Passos, Geraldo* Viola, Elias Nasser, Walter Luis, Rubens Amérco, Henri Ballot, Douglas Alexandre, Fernando Seixas, José Carlos Vieira (fotos) e Carlos Estêvão (caricaturas). O leitor é quem vai votar – Concurso Rainha das Praias. **O Cruzeiro**, 22/04/1967.

Nas páginas seguintes (Figura 24 (b)), duas garotas dividiram a mesma página da esquerda, acima, fotografada por Hélio Passos na praia do Icaraí está a Deusa Israel, esta garota de nome incomum, é a única fotografada ao sair da água. Também é a mais cheinha de todas, como a "ditadura da magreza" só vai se consolidar nos anos 1970, tendo com grande exemplo modelos e atrizes como Jane Birkin. Os anos 1960 ainda estavam abertos para uma maior variação corporal, embora o "padrão" magro fosse dominante. A revista também revela seus gostos pessoais: francês, inglês e balé, além do gostar de "dirigir o seu carrinho".

Abaixo está Eny Pereira Benites, fotografada em um plano americano por Geraldo Viola e estando deitada sob uma pedra numa postura obviamente pousada já que em um calor acima de 30ºC, como é comum nas praias do Rio de Janeiro, ficar em cima de uma pedra quente não seria algo agradável. Contudo, sua aparência adormecida e o contrasta de sua pele dourada com a luminosidade da areia, dão um tom sensual a cena. "Eny, que tem 23 anos e medidas de miss, é aluna da Faculdade Nac. de Educação Física e gosta de cinema, teatro e iê-iê".

Já na página da direita somos apresentados a Miriam Müller, fotografada pro Elias Nasser, "gosta das ondas tranqüilas do Leme e também de Chico Anísio, Peter O´Toole e U Thant. Em esporte, sua preferência é equitação. Pratica dança clássica e moderna (é membro de um corpo de balé), e, em música não se fixa em nenhum gênero". Miriam é mostrada de corpo inteiro em um primeiro plano e tendo ao fundo uma visão geral da praia do Leme e a cidade.

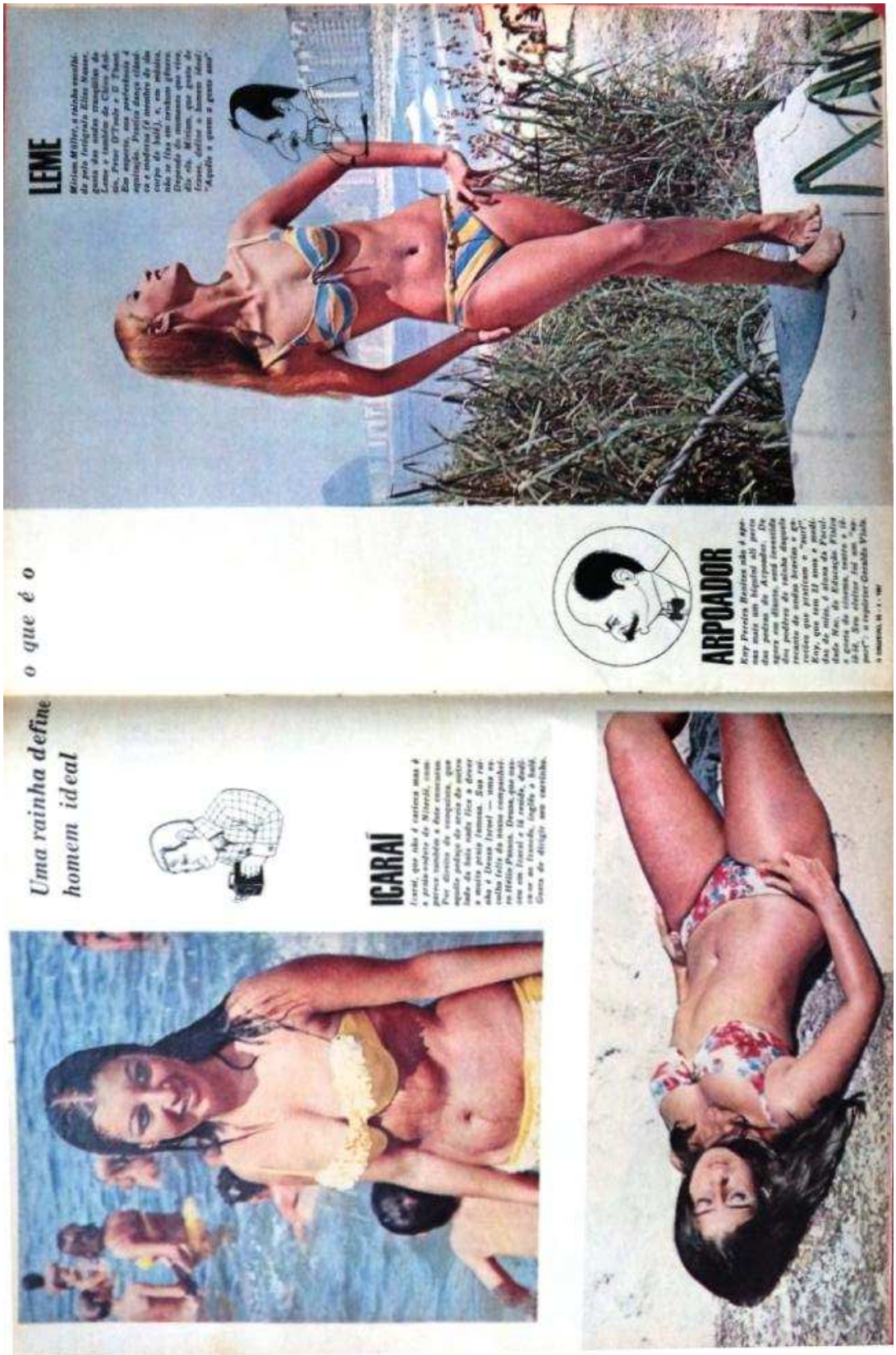


Figura 24 (b*): "Equipe O Cruzeiro" (textos), Indalécio Wanderley, João Rodrigues, Hélio Passos, Geraldo* Viola, Elias Nasser, Walter Luis, Rubens Amérco, Henri Ballot, Douglas Alexandre, Fernando Seixas, José Carlos Vieira (fotos) e Carlos Estêvão (caricaturas). O leitor é quem vai votar – Concurso Rainha das Praias. **O Cruzeiro**, 22/04/1967.

A seguir temos a garota fotografada por Walter Luiz (Figura 24 (c)), assim descrita em O Cruzeiro "Emarilena Cabral de Melo, beleza morena, de cabelos e olhos castanhos. Emarilena vive os sonhos de uma môça de 17 anos e o dia-a-dia de uma estudante de contabilidade. Nasceu e mora em Ramos". Ela usa um biquíni grande, um modelo dos anos 1950 já que chega perto do umbigo, além do babado que da um tom infantil, impressão reforçada pelas crianças ao fundo. O rosto rígido, logo denuncia o nervosismo na hora da foto.

A filosofia também usa biquíni
RAMOS
Walter Luiz, que um dia descobriu as côres líricas da praia de Ramos, pegou sua máquina e para lá seguiu, em busca de uma rainha. E, na animação daqueles poucos metros quadrados de areia, surgiu aos seus olhos a figura de Emarilena Cabral de Melo, beleza morena, de cabelos e olhos castanhos. Emarilena vive os sonhos de uma môça de 17 anos e o dia-a-dia de uma estudante de Contabilidade. Nasceu e mora em Ramos.

Figura 24 (c*): "Equipe O Cruzeiro" (textos), Indalécio Wanderley, João Rodrigues, Hélio Passos, Geraldo* Viola, Elias Nasser, Walter Luis, Rubens Amérco, Henri Ballot, Douglas Alexandre, Fernando Seixas, José Carlos Vieira (fotos) e Carlos Estêvão (caricaturas). O leitor é quem vai votar – Concurso Rainha das Praias. **O Cruzeiro**, 22/04/1967.

A seguir, Figura 24 (d), A próxima garota é Lúcia Lima, 21 anos e 1,60 de altura. Fotografada por Rubens Américo na Barra da Tijuca, a frente de um guarda sol e com a vastidão da praia ao fundo. Com curvas de "violão" e biquíni azul com tiras douradas e brancas.

E a mais vestida de todas e em primeiro plano, Beatriz Borges. Fotografada por Henri Ballot na praia de São Conrado, o texto informa que "ainda não completou 16 anos mas já cursa o 1.° ano do Clássico (...) [gosta] de bossa nova, e, em matéria de poesia, não tem dúvidas: o nome é Carlos Drumond de Andrade. Torce pelo Botafogo e adora ouvir Johnny Mathis".

BARRA DA TIJUCA

Muitos quilômetros de praia e de biquini compõem a Barra da Tijuca. Não era fácil, portanto, descobrir uma rainha naquela imensidão. Mas a objetiva de Rubens Américo encontrou Lúcia Lima, 21 anos e 1,60 de altura. Numa entrevista rápida, disse que mora na Tijuca, está fazendo um curso de secretariado e só vai à praia da Barra.

SÃO CONRADO

Carioca da Gávea, Beatriz Borges, que ainda não completou 16 anos mas já cursa o 1.º ano Clássico, foi escolhida para reinar sôbre a praia de São Conrado. Beatriz gosta de esquiar em Angra dos Reis, de bossa nova, e, em matéria de poesia, não tem dúvidas: o homem é Carlos Drummond de Andrade. Torce pelo Botafogo e adora ouvir Johnny Mathis. Responsável pela escolha: o internacional gaúcho-francês Henri Ballot.

Figura 24 (d*): "Equipe O Cruzeiro" (textos), Indalécio Wanderley, João Rodrigues, Hélio Passos,* Geraldo Viola, Elias Nasser, Walter Luis, Rubens Amérco, Henri Ballot, Douglas Alexandre, Fernando Seixas, José Carlos Vieira (fotos) e Carlos Estêvão (caricaturas). O leitor é quem vai votar – Concurso Rainha das Praias. **O Cruzeiro**, 22/04/1967.

Já nas páginas finais da fotorreportagem (Figura 24 (e)), temos Ivone de Almeida fotografada por Douglas Alexandre, na praia do Pepino, ela "gosta de tudo o que é moderno, torce pelo Flamengo e tem como artista predileto Charlton Heston, Sophia Loren e Roberto Carlos. Leitura: Jorge Amado. Foi fotografada em contra-plongê[127], com um biquíni branco e com um guarda-sol ao fundo.

Fernando Seixas aplicou a mesma técnica para Leila Fontes Bessa, na praia do Flamengo. Em contraste com a foto anterior, Leila usa um biquíni preto. E o pequeno texto nos informa que é "admiradora dos cabeludos e do iê-iê-iê, (...) também é francamente dos estudos: está no 2º Clássico. Seu bairro é Laranjeiras, mas seu reinado, daqui pra frente, fica na praia do Flamengo".

E a última foto é de José Carlos Vieira em Ipanema onde "êle encontrou sua rainha dentro do biquíni de Marilene Velin de Oliveira. Marilene, que tem 16 anos, 1,72 de altura e 59 quilos bem distribuídos pelos lugares certos, estudo no Pedro II. E gosta de ler romances, principalmente de Jorge Amado. Seu grande objetivo, por enquanto, é formar-se em Arquitetura". Sua foto ocupou uma página inteira e mais um pedaço da página vizinha. Repetiu-se a posição ao lado de um guarda-sol, mas o ambiente oferece ao fundo os morros do Pão de Açúcar e os edifícios da cidade, e principalmente, a garota era fotogênica, estampando um lindo sorriso.

Podemos perceber que as técnicas fotográfica utilizadas pelos fotógrafos foi similar nos diversos exemplos citados: a maioria usou um plano médio; usaram-se guarda-sol ao fundo para realçar o corpo em primeiro plano; praticamente todas as fotos foram posadas; o perfil da pessoa fotografada é sempre de frente; a faixa etária das fotografadas vai dos 15 aos 23 anos.

[127] Foto tirada de baixo para cima.

Figura 24 (e*): "Equipe O Cruzeiro" (textos), Indalécio* Wanderley, João Rodrigues, Hélio Passos, Geraldo Viola, Elias Nasser, Walter Luis, Rubens Amérco, Henri Ballot, Douglas Alexandre, Fernando Seixas, José Carlos Vieira (fotos) e Carlos Estêvão (caricaturas). O leitor é quem vai votar – Concurso Rainha das Praias. **O Cruzeiro**, 22/04/1967.

Embora houvessem garotas muito jovens, menores de idade com 15, 16 e 17 anos, isto não impediu a realização das fotos nem a erotização de seus corpos. Podemos perceber que elas possuem corpos bem desenvolvidos, mas há alguns indícios infantis como o uso de biquínis com babados, além de crianças brincado ao fundo. O que acontece é que na sociedade daquele período os casamentos aconteciam mais cedo, e a sexualidade prematura ou abusos sexuais era tabu. E a própria legislação não dava conta de assuntos relacionados a sexualidade e a abusos de menores. Para se ter uma ideia, durante o século XX houveram apenas três legislações menoristas: O Código de Menores de 1927, o Código de Menores de 1979 e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) de 1990. Durante nosso período de análise, o que vigorava era o Código de Menores de 1927, e ele tinha o objetivo de

> introduzir o ideário de infância para os pobre urbanos e proteger o corpo e a moral do/a futuro/a trabalhador/a do país. No capítulo IX, intitulado 'Do trabalho dos menores', encontramos referências indiretas a prostituição. Segundo a referida lei, era proibido contratar menores para trabalhar em cafés-concertos e cabarés. Da mesma forma, 'mulher solteira menor de 18 anos' não poderia exercer ocupação nenhuma em ruas, praças ou outros lugares públicos. Segundo artigo 114, os pais ou responsáveis pelas crianças ou jovens seriam punidos com multa e prisão celular de trinta dias caso entregassem seus filhos 'gratuitamente ou por dinheiro' a pessoas que exercessem a mendicância ou fossem donas de estabelecimentos artísticos como circos, cabarés e teatros.[128]

Portanto, a sensualidade de um corpo muito jovem não chegava a ser questionada como algo "imoral" ou desaconselhável de ser mostrada em uma revista já que o assunto não era nem posto em questão. Ainda hoje a sociedade brasileira não tem comportamentos regidos por uma ética cultural que proteja os jovens de uma erotização precoce. Exemplos disso vão desde a corrente pergunta do "já tem namorado/a?" até exposições apelativas como a que acontece(u) no programa de TV de Rau Gil em 2010 em que duas meninas com menos de 8 anos dançaram em playbac a música Telephone de Lady Gaga, tendo inclusive a exibição de cenas do clip origial. O problema é que o clip original tem cenas de nudez, sensualidade e erotização bem explicita, chegando a ser censurado em algumas emissoras de TV, como é o caso da MTV que o editou cortando as cenas de nudez, o próprio youtube só permite sua exibição para maiores de 18 anos. Mesmo assim, provavelmente, as mães das meninas

[128] AREND, Silvia Maria Fávero. Infância, exploração sexual e o programa social Sentinela (Florianópolis, 1980-2005). In: FAVERI, Marlene, SILVA, Janice Gomes da, PEDRO, Joana Maria (Orgs). **Prostituição em áreas urbanas**: histórias do Tempo Presente. Florianópolis: Editora UDESC, 2010, p.64-65.

mostraram o clip e ensiram a coreografia, e até acrescentaram o movimento do "segure o tchan" do antigo grupo "É o Tchan", também famoso pela sensualidade de suas dançarinas nos anos 1990[129].

Voltando as nossas fotografias, tanto as praias visitadas quanto as suas freqüentadoras pertencem à Zona Sul e Norte do Rio de Janeiro, ou seja, vai da área mais abastada da cidade até sua classe média emergente. As o porquê das garotas são brancas, no máximo são bem bronzeadas e morenas. A presença afro-descendete não se fez notar, embora este seja um grande grupo social no Rio de Janeiro.

As informações contidas nos pequenos textos também revelam que o nível educacional e cultural das garotas fotografadas era elevado e diversificado, indo de leituras filosóficas como as de Kafka até os agitos do iê-iê-iê da Jovem Guarda de Roberto Carlos e Wanderleia.

Também podemos perceber que o biquíni se tornou muito popular, substituindo o maiô. E aparecendo em conjunto de mesma estampa, em geral, uma cor predominante cortada por linhas, ondulações ou bolinhas (coloridas).

A fotorreportagem do "Concurso Rainha das Praias", assim como a de Márcia Rodrigues exemplificam um contexto geral de várias fotorreportagens ambientadas em praias e piscinas produzidas no período em estudo. Podendo ser divididas em dois grupos: as famosas e as "ilustres desconhecidas".

As famosas, como Márcia Rodrigues, eram misses, modelos e atrizes, sendo que o campo em que atuavam era bem diverso: teatro, cinema, televisão, publicidade. Geralmente as matérias divulgavam os últimos trabalhos destas garotas.

Já as "ilustres desconhecidas" eram as garotas que freqüentavam as praias e piscinas e que acabavam sendo flagradas pelos fotógrafos de O Cruzeiro e por isso chegavam a ter os seus "15 minutos de fama" e algumas vezes, até seguindo carreira artística posteriormente.

O que nos interessa é que o foco destas fotorreportagens é o corpo feminino já que sua beleza e sensualidade foram qualidades perseguidas tanto pelo olhar fotográfico quanto pelas palavras que o descreviam e contornavam uma geografia de mulheres:

> Não existe mulher feia nas praias cariocas. Quem afirma o contrário não sabe observar direito. A praia exige também um figurino especial. Até o biquíni já está passando um pouco da moda. Outro detalhe é a pele. Quem tem pele branca é bom ficar em casa, ou procurar queima-lá em praias menos votadas. Ipanema-em-frente-à-Montenegro-um-pouquinho-mais-para-a-direita é um ponto considerado quente.

[129] O vídeo descrito das meninas pode ser visto em: <http://www.youtube.com/watch?v=XpgW5Y-6mPQ> Acesso em 15 mar. 2011.

> Arpoador também. Copacabana já é meio suburbana. Botafogo e Flamengo não entram no roteiro. Leblon é altamente sofisticado. É nas praias do Rio que se encontram as mulheres mais bonitas do mundo. Com todo o ufanismo nacional.[130]
>
> A praia é uma instituição democrática que atende aos interesses de todo mundo, principalmente aos dos homens. Pode ser uma praia na Zona Norte ou na Zona Sul, em Cabo Frio ou no Paquetá, com ondas ou marolas. Pode ter areia preta ou areia branca, isso não importa. Uma coisa não pode deixar de ter: mulher.
> As mulheres fizeram da praia o último reduto da originalidade. Como diz Carlos Drummond, hoje não existe mulher feia: elas podem ser mais bonitas ou menos bonitas. E na praia elas provam isso. O biquíni veio reforçar a vontade de tentar contra a imaginação. Você vai a Ipanema, por exemplo. Em frente à Montenegro. A moda avança em cada corpo estendido na esteira – a moda de cada vez menos pano. Tôdas são morena, todas são louras, todas são azuis, verdes amarelas.
> (...)
> Tôdas as mulheres do mundo podem ser vistas na praia. Enquanto houver sol, areia e mar, haverá sempre a possibilidade do ócio, do destêrro e do asilo na praia mais próxima. Porque, antes de Deus, a praia é uma invenção do Diabo.[131]

Um outro aspecto que tem que ser levado em consideração é o tamanho da revista: 25,5 cm X 33 cm, que quando aberta chegava 51 cm X 33 cm. Houve casos em que uma foto era publicada em duas páginas, o que a tornava praticamente um mini-pôster da pessoa retratada, sendo necessário girar a revista para vê-la. Como é o caso de uma matéria sobre Esmeralda Barros[132] onde há uma seqüência fotográfica em que ela aparece tirando roupa na praia. (Figura 25 (a) e (b), logo abaixo). Essa diagramação e o olhar sensual/erótico que despe o corpo feminino através de imagens e textos é muito similar ao que vemos hoje nas revistas masculinas. A "receita" é a mesma.

[130] Claudio Lisyas (Texo) e Indalécio Wanderley e Hélio Passos (fotos). Rio Verão 70. **O Cruzeiro**, 20/11/1969.
[131] Indalécio Wanderley e Aldir Tavares. Praia naturalmente. **O Cruzeiro**, 13/02/1969.
[132] Atriz de televisão e principalmente de cinema, onde atuou em filmes nacionais e estrangeiros como As cariocas (1966), A espiã que entrou em fria (1967), Quelle sporche anime dannate (1971), Il Plenilunio delle vergini (1972), O castelo das Taras (1982) . Foi uma das Certinhas de Stanislaw Ponte Preta (Ver capítulo 3) e posou para a Playboy em julho de 1976. Nos anos 1960, Esmeralda foi a morena que mais apareceu em fotorreportagens de O Cruzeiro e era tida como um símbolo sexual.

De férias no Brasil, Esmeralda Barros garante que não mudou nada

'SOU A MESMA MULATA DE SEMPRE'

Texto de WANDERLEY LOPES
Fotos de ALDYR TAVARES

O primeiro encontro de Esmeralda, no Brasil, foi com Copa cabana. Seu corpo, que vale milhões nas telas, pode ser visto de graça no Posto 4.

Metade brasileira, metade italiana, Esmeralda Barros, a mulata de Ilhéus, está novamente entre nós. Desta vez, a título de férias. Serão três meses de praia, para recuperar a cor que, segundo ela, lhe deu condições para fazer o sucesso que conseguiu na Europa. Se eu fosse brincalhona de nada me adiantaria viajar. Chegaria na hora exata em que pediam alguém do meu tipo para filmes de far-west, com muitas mesiças e índias".

Durante sua ausência do Brasil, andou correndo o boato de que ela havia adquirido, além do sotaque italiano, muitos de estrelação. Ela mesmo desmente:

— Não é nada disso. Eu sou a mesma mulata que saiu do Brasil há quase dois anos atrás. A gente, sem querer, começa a se adaptar ao sistema italiano. Acredito estar com um pouquinho de sotaque, mas a história de estrelação é para conversa fiada.

Esmeralda desmente categoricamente os rumores de que teria tentado se suicidar ingerindo barbitúricos.

— Tudo não passou de uma intoxicação. O resto foi sensacionalismo.

Um dos seus romances na Itália foi com o ator Maurício Arena. Este romance quase foi decisivo na sua história sentimental. E é ela mesma quem encarra o fato por este aspecto.

OITO QUILOS A MENOS

A preocupação pela proteção dos cabelos e um certo ar de menina dengosa parecem ter, agora, a sua marca registrada. Esmeralda diz que só agora está realmente começando a aprender o bê-a-bá da arte cênica.

— A gente vai para a Europa achando que já se diplomou, mas depois descobre que nada do que fez em cinema ou teatro adianta muito. Na Europa, a maneira de fazer teatro ou de dirigir é muito diferente e há muito para aprender.

No momento, explica Esmeralda que os italianos estão precisando de mulheres louras, esbeltas e de olhos azuis, "mas isso não significa o declínio das mulatas". Quanto a sua saúde, Esmeralda ainda não está totalmente recuperada. Perdeu oito quilos e ainda mostra no seu corpo, principalmente nos olhos, aquele aspecto cansado de quem esteve internada numa clínica.

Os seus três meses de férias no Brasil são para viagens a São Paulo e Bahia. Sua terra. Ela diz:

— Na Bahia, quero ver meus familiares e amigos. Minha madrinha deve me esperar com aquele vatapá que só na Bahia se come.

Quanto ao seu gosto pela profissão e, lisonjeada a impressão do sucesso: ela diz que nasceu mesmo para ser dona de casa e "estar com meu filho no braço. Mas esse filho ainda não nasceu. Eu pretendo tê-lo antes dos 28 anos, pois já terei 24 e me sinto, às vêzes, muito solitária".

SEUS FILMES

Esmeralda de Barros, durante a temporada de quase dois anos de exterior, filmou "O Homem que Sempre Corre", "Peça Perdão a Deus e Não a Mim", "Eva, a Selvagem", "Eva Contra os Três Homens" e "Eva no Absenso". Os três filmes foram distribuídos numa espécie de seriado, no qual ela vive a mulher de Tarzan, o Rei dos Macacos, enfrentando uma série de perigos. Outros filmes de Esmeralda foram: "Cidadão", "Descobrimento do Ar, Atlântico Ali, na praia Menina, Hoje é o Dia do Meu Casamento" e "Equinoxo". A produção italo-espanhola intitulada "As Sete Espadas do Pantera" será o próximo filme da atriz brasileira. Já tomou ao lado Louis de Funès.

Raquel Welch, Jean Sorel e James Coburn.

No Brasil, para contrariar os boatos de que ela está mais branca, Esmeralda falou que não sairá das praias até ficar "torradinha e recuperar minha côr". Outra meta da atriz é instalar em Copacabana ou Ipanema, um mercadinho que tenha de tudo, desde pericia ao vidraça, com o nome de "Tip-Top". Sua mãe será a responsável pelo comércio enquanto ela estiver pelo exterior.

Antes de voltar para a Europa, Esmeralda quer comemorar com o Governador Negrão de Lima. — Preciso bater aquela papo a respeito de umas coisinhas minhas.

Então, ela riu e virando-se duma vez, fez tchau com nadadeiras e entrou no azul-turquesa do Av. Atlântica. Ali, na praia fronteira do Copacabana, ela mostra sua platina, em busca de recuperação da côr morena. A côr que lhe salvou a pele.

O CRUZEIRO, 13-11-1969

113

Figura 25 (a): Wanderley *Lopes (textos) e Aldyr Tavares (fotos). 'Sou a mesma mulata de sempre'.* O Cruzeiro, 13/11/1969

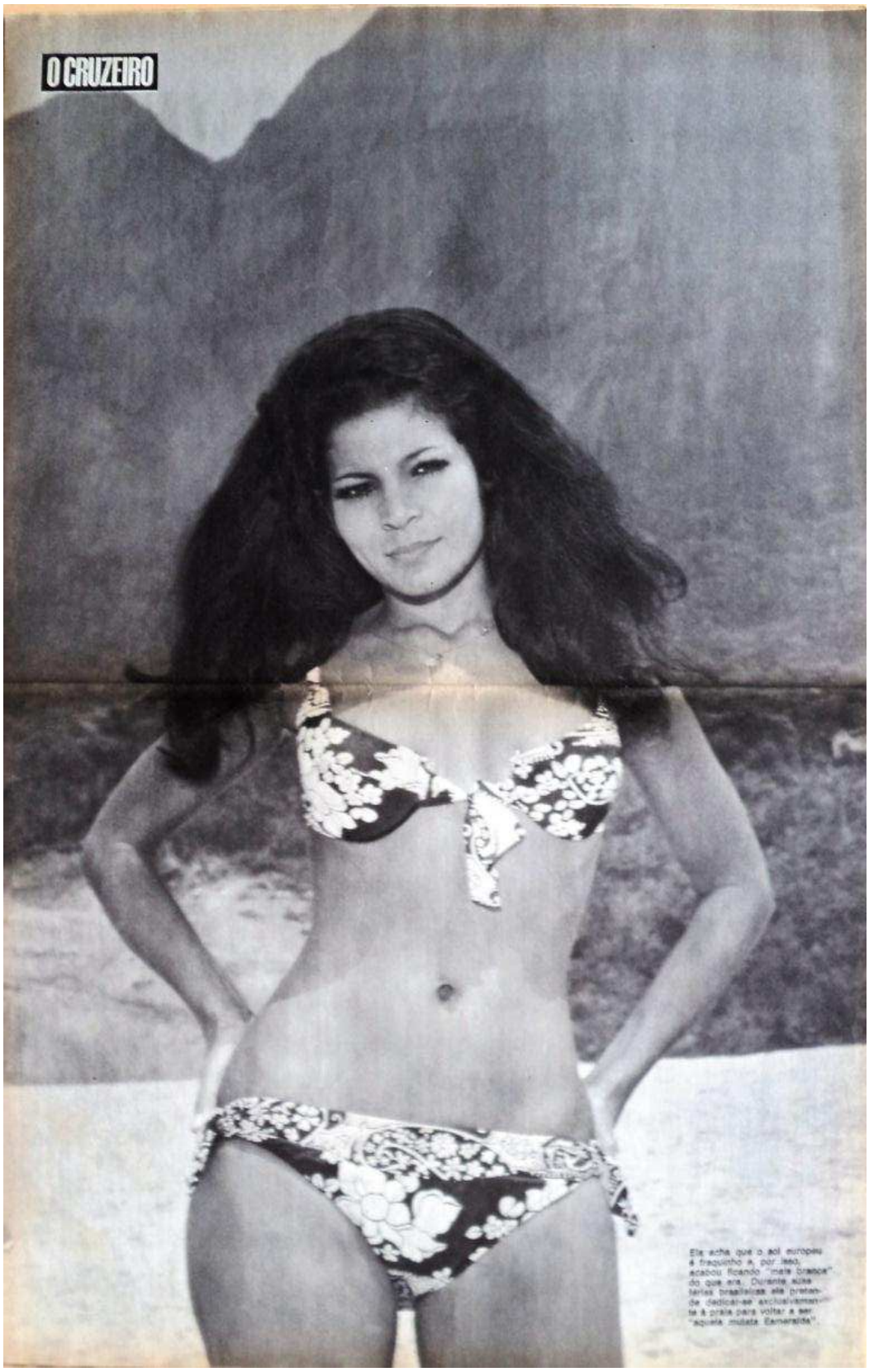


Figura 25 (b):): *Wanderley Lopes (textos) e Aldyr Tavares (fotos). 'Sou a mesma mulata de sempre'.* O Cruzeiro, 13/11/1969

2.3 Carnaval

Na televisão brasileira, há mais de dez anos vemos a "Globeleza", uma linda morena, pintada de diversas formas, sambando nua para anunciar e fazer chamadas sobre o carnaval. E durante uma semana a Rede Globo de televisão transmite ao vivo o desfile das escolas de samba no Sambódromo do Rio de Janeiro. Todo esse evento, assim como os outros que acontecem em diversos lugares do país, é sensualizado e erotizado pela mídia. Basta lembrar de polêmicas como a do tapa-sexo de Viviane Castro que no Carnaval de 2008 em que foi acusada de estar desfilando nua, ou da clássica foto em que o então presidente da República, Itamar Franco, que ao assistir os desfiles em um camarote, foi flagrado ao lado da modelo Lílian Ramos que estava sem calcinha no momento[133].

O que nos leva a pergunta: o carnaval já era sensualizado ou erotizado pela revista O Cruzeiro no fim dos anos 1960? Havia nudez ou semi-nudez? Durante o período analisado, observou-se que as mulheres eram o centro do olhar fotográfico e até as manchetes buscavam demonstrar sua sensualidade. Mas a efetiva exibição do corpo que mais se aproxima da nudez só ocorre em duas matérias no mesmo exemplar, de 12 de fevereiro de 1970 (Quadro 04, abaixo).

A primeiro matéria com o título de "As mil e uma noites no Batel" (Figura 26 (a)) é composta por sete fotografias. As duas primeiras ocupam duas páginas, uma na esquerda em plano médio mostrando uma moça de braços para o ar e olhando para cima e outra na direita com uma garota também com os braços para cima, enfocada em um primeiro plano mais fechado. Esta última garota, vestia a parte de baixo de um biquíni, coberta por um pano transparente, formando uma fantasia do tipo "odalisca", e em cima, sumários cordões com pedras brilhantes.

Esta foto é a mais sensual que encontramos e mostra que o "despir" do corpo feminino em uma esfera que extrapola a das imagens produzidas pela mídia, só começa a ocorrer a partir dos anos 1970, embora se manifeste em uma ocasião de exceção, como o carnaval, onde os indivíduos têm a possibilidade de assumir por um momento, fantasias e comportamentos que fogem do é aceito cotidianamente[134].

---

[133] Ver:<http://ego.globo.com/Gente/Noticias/0,,MUL1474636-9798,00-RELEMBRE+AS+MAIORES+POLEMICAS+DOS+ULTIMOS+CARNAVAIS.html>
Acesso em: 17/09/2011.

[134] DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6. ed. Rio de Janeiro: Racco, 1997, p.60-63.

Figura 26 (a): Robson Freitas (fotos) e Jorge Cesar Dellez (textos). As mil e uma noite do Bateu. **O Cruzeiro**, 17/02/1970

A própria legenda desta foto, põe em destaque a sensualidade da fantasia da moça: "Em vez de blusa ela vestiu cordões e foi botar pra derreter no grupo jovem liderado por Sérgio Barreto"[135]. E no texto da página seguinte, boa parte dele continua a se referir a ela, e sua ousadia é tomada como uma ação moderna:

> (...) Traje a rigor para os homens e menos rigoroso possível para as mulheres. Que apelaram para os pareos em maioria absoluta. E as mais avançadas estilizaram ao máximo, com aquela môça que, em vez de blusa, vestiu uma fantasia de cordões. Claro, os cordões foram insuficientes e ficou sobrando muita coisa. Era uma das mais animadas. Houve também muitas que preferiram os transparentes.[136]

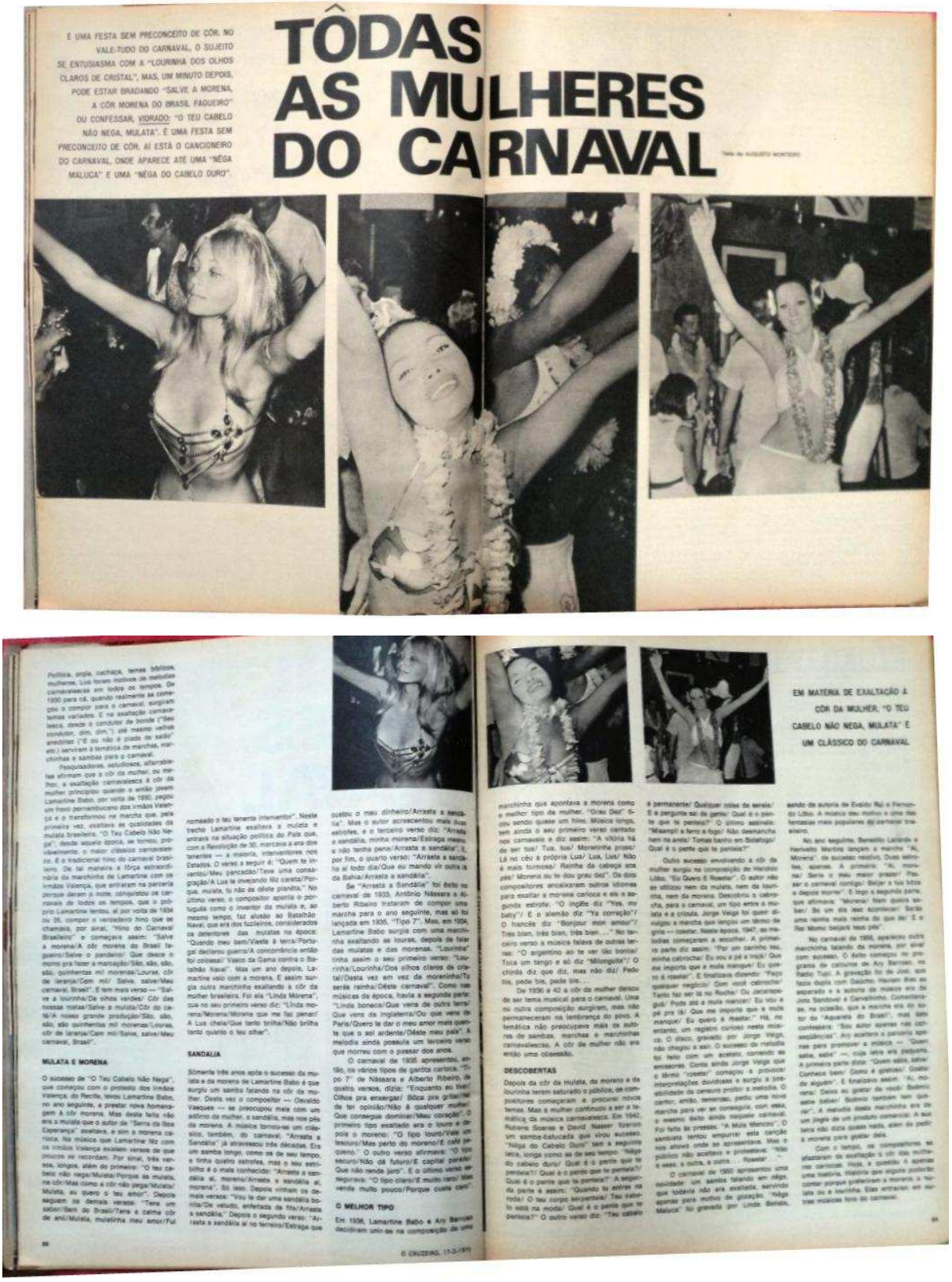
A continuidade da matéria (Figura 26 (b)) com as demais fotos dão ênfase a alguns casais, na fotos menores e de formato quadrado enquanto que na esquerda e centro das páginas são ocupadas por fotos retangulares mostrando várias mulheres e em uma delas mulheres com a parte de cima de biquínis.

No Le Bateau, carnaval e iê-iê-iê provaram coexistência pacífica e uísque foi combustível do embalo com stroganoff como tira-gôsto

Figura 26 (b): Robson Freitas (fotos) e Jorge Cesar Dellez (textos). As mil e uma noite do Bateu. **O Cruzeiro**, 17/02/1970

[135] Robson Freitas (fotos) e Jorge Cesar Dellez (textos). As mil e uma noite do Bateu. **O Cruzeiro**, 17/02/1970
[136] Robson Freitas (fotos) e Jorge Cesar Dellez (textos), Idem.

O que é chamativo é que a moça dos cordões desta matéria voltou a aparecer nas páginas seguintes em uma outra matéria chamada “Tôdas as mulheres do carnaval” (Figura 27, abaixo), com quatro páginas, duas com três fotos grandes e duas com as fotos anteriores de forma reduzida e um longo texto. O conteúdo desta matéria é muito interessante: a primeira foto mostra a moça loira dos cordões, a do meio, uma provável mulata a julgar pela sua formação facial, lábios grossos e nariz arrebitado (pelo fato da foto ser em preto e branco e o fleche da câmera ter jogada uma luz muito forte sobre a pessoa, não da para ter certeza de sua etnia), e por último, uma morena.



TÔDAS AS MULHERES DO CARNAVAL

É UMA FESTA SEM PRECONCEITO DE CÔR, NO VALE-TUDO DO CARNAVAL, O SUJEITO SE ENTUSIASMA COM A "LOURINHA DOS OLHOS CLAROS DE CRISTAL", MAS, UM MINUTO DEPOIS, PODE ESTAR BRADANDO "SALVE A MORENA, A CÔR MORENA DO BRASIL FAGUEIRO" OU CONFESSAR, VIDRADO: "O TEU CABELO NÃO NEGA, MULATA". É UMA FESTA SEM PRECONCEITO DE CÔR. AÍ ESTÁ O CANCIONEIRO DO CARNAVAL, ONDE APARECE ATÉ UMA "NÊGA MALUCA" E UMA "NÊGA DO CABELO DURO".

Política, orgia, cachaça, temas bíblicos, mulheres, Lua foram motivos de melodias carnavalescas em todos os tempos. De 1930 para cá, quando realmente se começou a compor para o carnaval, surgiram temas variados. E na exaltação carnavalesca, desde o condutor de bonde ("Seu condutor, dim, dim,") até mesmo velhas anedotas ("É ou não é piada de saída" etc.) serviram à temática de marchas, marchinhas e sambas para o carnaval.

Pesquisadores, estudiosos, afirmam-se que a côr da mulher, ou melhor, a exaltação carnavalesca à côr da mulher principiou quando o então jovem Lamartine Babo, por volta de 1930, pegou um frevo pernambucano dos irmãos Valença e o transformou na marcha que, pela primeira vez, exaltava as qualidades da mulata brasileira, "O Teu Cabelo Não Nega", desde aquela época, se tornou, provàvelmente, o maior clássico carnavalesco. É a tradicional hino do carnaval brasileiro. De tal maneira a fôrça extraordinária da marchinha de Lamartine com os irmãos Valença, que entraram na parceria porque deram o mote, conquistou os carnavais de todos os tempos, que o próprio Lamartine tentou, al por volta de 1934 ou 35, compor o verdadeiro hino que se chamaria, por sinal, "Hino do Carnaval Brasileiro" e começava assim: "Salve a morena/A côr morena do Brasil fagueiro/Salve o pandeiro/ Que desce o morro pra fazer a marcação/São, são, são, são, quinhentas mil morenas/Louras, côr de laranja/Com mil/ Salve, salve/Meu carnaval, Brasil". E tem mais verso — "Salve a lourinha/De olhos verdes/ Côr das nossas matas/Salve a mulata/Côr do café/A nossa grande produção/São, são, são, são, são quinhentas mil morenas/Louras, côr de laranja/Com mil/Salve, salve/Meu carnaval, Brasil".

MULATA E MORENA

O sucesso de "O Teu Cabelo Não Nega", que consegiu com o protesto dos irmãos Valença, do Recife, levou Lamartine Babo, no ano seguinte, a prestar nova homenagem à côr morena. Mas desta feita não era a mulata que o autor de "Serra da Boa Esperança" exaltava, e sim a morena carioca. Na música que Lamartine fêz com os irmãos Valença existem versos de que poucos se recordam. Por sinal, três versos, longos, além do primeiro: "O teu cabelo não nega/Mulata/Porque és mulata, na côr/Mas como a côr não pega/Mulata/ Mulata, eu quero o teu amor". Depois seguem os demais versos: "Tens um sabor/Bem do Brasil/Tens a calma côr de anil/Mulata, mulatinha meu amor/Fui nomeado o teu tenente interventor". Neste trecho Lamartine exaltava a mulata e aprovava na situação política do País que, com a Revolução de 30, marcava a era dos tenentes — a maioria, interventores nos Estados. O verso a seguir é: "Quem te intendeu/Meu pancadão/Teve uma consagração/A Lua te invejando fêz careta/Porque, mulata, tu não és dêste planêta." No último verso, o compositor aponta o português como o inventor da mulata e, ao mesmo tempo, faz alusão ao Batalhão Naval, que era dos fuzileiros, considerados os detentores das mulatas na época: "Quando meu bem/Veste à terra/Portugal declarou guerra/A concorrência então foi colossal/ Vasco da Gama contra o Batalhão Naval". Mas um ano depois, Lamartine veio com a morena. E assim surgia outra marchinha exaltando a côr da mulher brasileira. Foi ela "Linda Morena", que no seu primeiro verso diz: "Linda morena/Morena/Morena que me faz penar/ A Lua chela/Que tanto brilha/Não brilha tanto quanto o teu olhar".

SANDALIA

Sòmente três anos após o sucesso da mulata e da morena de Lamartine Babo é que surgiu um samba falando na côr da mulher. Desta vez o compositor — Osvaldo Vasques — se preocupou mais com um adôrno da mulher, o sandália, mas nos pés da morena. A música tornou-se um clássico, também, do carnaval. "Arrasta a Sandália" já atravessou três décadas. Era um samba longo, como os de seu tempo, e tinha quatro estrofes, mas o seu estribilho é o mais conhecido: "Arrasta a sandália ai, morena/Arrasta a sandália ai, morena". Só isso. Depois vinham os demais versos: "Vou te dar uma sandália bonita/De veludo, enfeitada de fita/Arrasta a sandália." Depois o segundo verso: "Arrasta a sandália ai no terreiro/Estraga que oustou o meu dinheiro/Arrasta a sandália". Mas o autor acrescentou mais duas estrofes, e o terceiro verso diz: "Arrasta a sandália, minha morena/Estraga mesmo, a não tenha pena/Arrasta a sandália". E, por fim, o quarto verso: "Arrasta a sandália ai todo dia/Que eu mando vir outra lá da Bahia/Arrasta a sandália".

Se "Arrasta a Sandália" foi êxito no carnaval de 1933, Antônio Nássara e Alberto Ribeiro trataram de compor uma marcha para o ano seguinte, mas só foi lançada em 1935. "Tipo 7". Mas, em 1934, Lamartine Babo surgia com uma marchinha exaltando as louras, depois de falar das mulatas e das morenas. "Lourinha" tinha assim o seu primeiro verso: "Lourinha/Lourinha/Dos olhos claros de cristal/Desta vez em vez da morenina/Tu serás rainha/Dêste carnaval". Como nas músicas de época, havia a segunda parte: "Linda boneca/Que vens de outra terra/ Que vens da Inglaterra/Ou que vens de Paris/Quero te dar o meu amor mais quente que o sol ardente/Dêste meu país". A melodia ainda possuía um terceiro verso que morreu com o passar dos anos.

O carnaval de 1935 apresentou, então, os vários tipos de garôta carioca. "Tipo 7" de Nássara e Alberto Ribeiro, de quatro versos, dizia: "Enquanto eu tiver/Olhos pra enxergar/ Bôca pra gritar/Ver de ter opinião/Não à qualquer mulher/ Que consegue dominar/Meu coração". O primeiro tipo exaltado era o louro e depois o moreno: "O tipo louro/Vale um tesouro/Mas perto do moreno/É café pequeno." O outro verso afirmava: "O tipo escuro/Não dá futuro/É capital parado/ Que não rende juro". E o último verso se lançava: "O tipo claro/É muito raro/ Mas vende muito pouco/Porque custa caro".

O MELHOR TIPO

Em 1936, Lamartine Babo e Ary Barroso decidiram unir-se na composição de uma marchinha que apontava a morena como o melhor tipo de mulher. "Grau Dez" só veio sendo quase um hino. Música longa, tem ainda o seu primeiro verso cantado nos carnavais e diz assim: "A vitória há de ser tua/ Tua, tua/ Morenina prasa/ Lá no céu a própria Lua/ Lua, Lua/ Não é mais tomosa/ Rainha da cabeça ata pés/ Morena ou te dou grau dez". Os dois compositores encaixaram outros idiomas para exaltar a morena carioca e ela a segunda estrofe: "O inglês diz "Yes, my baby"// E o alemão diz "Ya corração"/ O francês diz "Bonjour mon amour"/ Três bian, três bian, três bien..." No terceiro verso a música falava de outras terras: "O argentino ao te ver tão bonita/ Toca um tango e só diz "Milonguita"// O chinês diz que diz, mas não diz/ Pedo bis, pede bis, pede bis...

De 1936 a 42 a côr da mulher deixou de ser tema musical para o carnaval. Uma ou outra composição surgiram, mas não permaneceram na lembrança do povo. A temática não preocupava mais os autores de sambas, marchas e marchinhas carnavalescas. A côr da mulher não era então uma obsessão.

DESCOBERTAS

Depois da côr da mulata, da morena e da lourinha terem saturado o público, os compositores começaram a procurar novos temas. Mas a mulher continuou a ser a temática da música carnavalesca. Em 1947, Roberto Soares e Davi Nasser fizeram um samba-batucada que virou sucesso. "Nêga do Cabelo Duro" tem a seguinte letra, longa como as de seu tempo: "Nêga do cabelo duro/ Qual é o pente que te pentea?// Qual é o pente que te pentea?/ Qual é o pente que te pentea?/ A seguinte da parte é assim: "Quando tu entras na roda/ O teu corpo serpenteia/ Teu cabelo está na moda/ Qual é o pente que te penteia?" O outro verso diz: "Teu cabelo é permanente/ Qualquer coisa de sereia/ É a pergunta sai da gente/ Qual é o pente que te penteia?" O último estribilo: "Mesmo! o ferro a fogo/ Não deenancha bem na areia/ Temas banho em Botafogo/ Qual é o pente que te penteia?"

Outro sucesso envolvendo a côr da mulher surgiu na composição de Haroldo Lôbo, "Eu Quero É Rosetar". O autor não se utilizou nem da mulata, nem da lourinha, nem da morena. Descobriu a cabrocha, para o carnaval, um tipo entre a mulata e a crioula. Jorge Veiga foi quem divulgou a marcha que lançou um têrmo de gíria — rosetar. Nesta época, 1947, as melodias começaram a encolher. A primeira parte diz assim: "Por um carinho teu, minha cabrocha/ Eu vou a pé a Irajá/ Que me importa que a mula manque/ Eu quero é rosetar". E finalizava dizendo: "Faço qualquer negócio/ Com você cabrocha/ Tanto faz ser lá no Rocha/ Ou Jacarepaguá/ Pode até a mula mancar/ Eu vou a pé pra lá/ Que me importa que a mula manque/ Eu quero a rosetar." Há, no entanto, um registro curioso nesta música. O disco, gravado por Jorge Veiga, não chegou a sair. O sucesso de melodia foi feito com um acetato, correndo as emissoras. Como ainda Jorge Veiga que o têrmo "rosetar" começou a provocar interpretações diversas e surgiu a possibilidade da censura proibir a melodia. O cantor, então, temeroso, pediu uma nova marcha para ver se conseguia, com essa, o mesmo êxito ainda naquele carnaval. Foi feita às pressas, "A Mula Manqueou". O samba-batucada que virou sucesso. "Nêga do Cabelo Duro" tem a seguinte letra, longa como as de seu tempo: "Nêga do cabelo duro/ Qual é o pente que te penteia?// Qual é o pente que te penteia?/ Qual é o pente que te penteia?/ A seguinte da parte é assim: "Quando tu entras na roda/ O teu corpo serpenteia/ Teu cabelo está na moda/ Qual é o pente que te penteia?" O outro verso diz: "Teu cabelo é permanente/ Qualquer coisa de sereia/ É a pergunta sai da gente/ Qual é o pente que te penteia?" O último estribilo: "Mesmo! o ferro a fogo/ Não deenancha bem na areia/ Temas banho em Botafogo/ Qual é o pente que te penteia?"

Outro sucesso envolvendo a côr da mulher surgiu na composição de Haroldo Lôbo, "Eu Quero É Rosetar". O autor não se utilizou nem da mulata, nem da lourinha, nem da morena. Descobriu a cabrocha, para o carnaval, um tipo entre a mulata e a crioula. Jorge Veiga foi quem divulgou a marcha que lançou um têrmo de gíria — rosetar. Nesta época, 1947, as melodias começaram a encolher. A primeira parte diz assim: "Por um carinho teu, minha cabrocha/ Eu vou a pé a Irajá/ Que me importa que a mula manque/ Eu quero é rosetar". E finalizava dizendo: "Faço qualquer negócio/ Com você cabrocha/ Tanto faz ser lá no Rocha/ Ou Jacarepaguá/ Pode até a mula mancar/ Eu vou a pé pra lá/ Que me importa que a mula manque/ Eu quero a rosetar." Há, no entanto, um registro curioso nesta música. O disco, gravado por Jorge Veiga, não chegou a sair. O sucesso de melodia foi feito com um acetato, correndo as emissoras. Como ainda Jorge Veiga que o têrmo "rosetar" começou a provocar interpretações diversas e surgiu a possibilidade da censura proibir a melodia. O cantor, então, temeroso, pediu uma nova marcha para ver se conseguia, com essa, o mesmo êxito ainda naquele carnaval. Foi feita às pressas, "A Mula Manqueou". O samba-batucada que virou sucesso. "Nêga do Cabelo Duro" tem a seguinte letra, longa como as de seu tempo: "Nêga do cabelo duro/ Qual é o pente que te penteia?// Qual é o pente que te penteia?/ Qual é o pente que te penteia?/ A seguinte da parte é assim: "Quando tu entras na roda/ O teu corpo serpenteia/ Teu cabelo está na moda/ Qual é o pente que te penteia?" O outro verso diz: "Teu cabelo

EM MATÉRIA DE EXALTAÇÃO À CÔR DA MULHER, "O TEU CABELO NÃO NEGA, MULATA" É UM CLÁSSICO DO CARNAVAL

sendo de autoria de Evaldo Rui e Fernando Lôbo. A música deu motivo a uma das fantasias mais populares do carnaval brasileiro.

No ano seguinte, Benedito Lacerda e Herivelto Martins lançam a marcha "Ai, Morena", de sucesso relativo. Duas estrofes, apenas. A primeira: "Ai, morena/ Seria o meu maior prazer/ Poder ser o carnaval contigo/ Beijar a tua bôca e depois morrer". E logo a segunda parte, que afirmava: "Morena/ Nem queira saber/ Se um dia isso acontecer/ Serão uma rainha mais rainha do que eu/ E o Rei Momo beijará meus pés".

No carnaval de 1950, apareceu outra marchinha falando da morena, por sinal com sucesso. O êxito começou no programa de calouros de Ary Barroso, na Rádio Tupi. A gravação foi de José, que fazia dueto com Gaúcho. Haviam dias se separado e a sotoria de música era de Jota Sandoval e Carvalhinho. Comentava-se, na ocasião, que a marcha era do autor de "Aquarela do Brasil", mas êste confessara: "Sou autor apenas nas consequências". Ary aceitara a parceria apenas para promover a música. — "Quem sabe, sabe" —, cuja letra era pequena. A primeira parte diz: "Quem sabe, sabe/ Conhece bem/ Como é gostoso/ Gostar de alguém". E finalizava assim: "Ai, morena/ Deixa eu gostar de você/ Bobinho sabe bem/ Bobinho também tem que ver". A melodia desta marchinha era de um jingle de um produto comercial. A sua letra não dizia quase nada, além de pedir à morena para gostar dela.

Com o tempo, os compositores se afastaram da exaltação à côr das mulheres cariocas. Hoje, a questão é apenas uma história. História que alguns poderão contar porque preferiram a morena, a mulata ou a lourinha. Elas entraram em outras músicas fora do carnaval.

Figura 27: Augusto Monteiro. Tôdas as mulheres do carnaval. **O Cruzeiro**, 17/02/1970

Já o texto de abertura nos diz que o carnaval:

> É uma festa sem preconceito de côr, no vale-tudo do carnaval, o sujeito se entusiasma com a "lourinha dos olhos de cristal", mas, um minuto depois, pode estar brandando "salve a morena, a côr morena do Brasil fagueiro" ou confessar vidrado: "o teu cabelo não nega, mulata". É uma festa sem preconceito de côr. Aí está o cancioneiro do carnaval, onde aparece até uma "nêga maluca do cabelo duro"[137] (grifo do autor).

E na seqüência, o texto enfoca algumas letras de samba que ficaram famosos no carnaval com a temática girando em torno das mulheres loiras, morenas e mulatas. Essa matéria revela que o tema da identidade nacional está consolidado e ainda é forte, alias, este é o tempo do ufanismo exacerbado da direita e seu slogan do "Brasil, ame-o ou deixe-o". E as mulheres brasileiras, assim como seu povo, é o resultado da miscegenação das três raças: branco, índio, negro. Formando aquilo que hoje chamamos de "mito da democracia racial", ideia elaborada por Gilberto Freyre e absorvida por muitos grupos sociais e presente em O Cruzeiro, onde o próprio Freyre era colaborador.

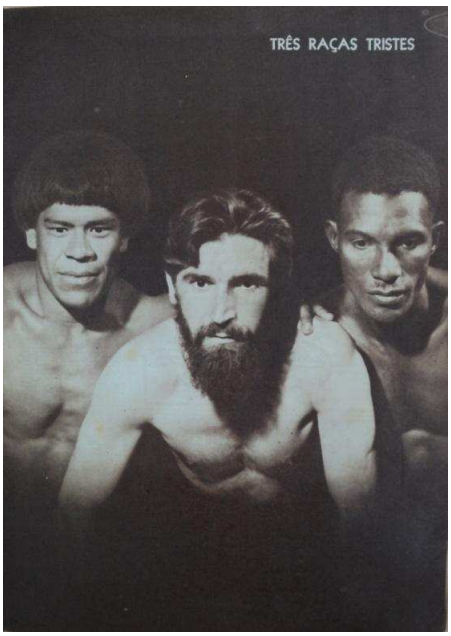


Figura28: José Medeiros (foto). Três raças tristes. **O Cruzeiro**, 16/08/1947

[137] Augusto Monteiro. Tôdas as mulheres do carnaval. **O Cruzeiro**, 17/02/1970

Uma foto de José Medeiros em 1947 (figura 02, acima), é a representação explicita deste mito, com título "Três raças tristes", mostra um cenário escuro com três pessoas (da esquerda para a direita): primeiro um "índio" a julgar pelo corte de cabelo, mas que pouco se parece com os índios fotografados pelo próprio Medeiros na mesma edição; o segundo é um "branco", de barba e com um nariz torto, que assume o primeiro plano da imagem; e por fim, o "negro" com o olhar voltado para o chão (seria um indício de submissão?).

Enfim, percebemos que há um ideário de uma suposta igualdade social, mas o corpo desnudado e sensual que mais recebe investimento do olhar fotográfico é aquele que corresponde ao do estereótipo branco.

2.4 A nudista: o fim de Luz del Fuego

Vejamos um caso singular, mas relevante para a nossa problemática. Em 12 de agosto de 1967 O Cruzeiro notícia o desaparecimento de Luz del Fuego em uma pequena nota junto a outras informações de assuntos diversos. O texto informa que passado mais de dez dias, ela permanecia desaparecida e, repetindo o trocadilho de O Cruzeiro, a "polícia ainda procura mas não vê Luz". Figura 29, abaixo.

POLÍCIA AINDA PROCURA MAS NÃO VÊ LUZ

Decorridos mais de dez dias do desaparecimento da ex-atriz Luz del Fuego, parece que muito pouco há a acrescentar ao que noticiamos no número passado. Apesar da ação da polícia de dois Estados, o caso permanece naquela zona de mistério com que surgiu desde os primeiros momentos. Realizando um trabalho paciente e meticuloso, o Delegado Rui Dourado, da 3.ª Delegacia Policial, tem investigado tôdas as pistas e indícios surgidos. Até agora o principal suspeito é o "lambanceiro" Mozart "Gaguinho", curiosa figura de criminoso do mar, para cuja captura a Polícia vem-se empenhando, pois acredita que, mesmo não sendo o culpado, "Gaguinho" poderá ter a chave do mistério Luz del Fuego.

Figura 29: Um fato em foco. **O Cruzeiro**, 12/08/1967

Luz del Fuego foi uma importante personagem da História da nudez no Brasil durante o século XX. Nascida em 23 de fevereiro de 1917 em uma tradicional família da elite política do Espírito Santo com o nome de Dora Vivacqua, sua trajetória foi agitada e trágica. Ainda na adolescência, seu comportamento era condenado já que a moça gostava de usar trajes sumários e ora improvisava "biquínis" com panos, em uma época em que eles ainda

existiam[138] e, principalmente, por gostar de ficar nua. Aos vinte anos foge para o Rio de Janeiro onde, graças a intervenção da família, acaba sendo internada no Colégio Imaculada Conceição, em Botafogo, onde só conseguiu sair um ano depois ao completar a maioridade[139].

No Rio, passa a tentar a vida como artista. Embora, segundo os relatos da época e dos seus amigos, Luz não dançava bem, não decorava textos e nem possuía habilidades interpretativas, mas, usava a nudez e sensualidade de seu corpo como nenhuma mulher brasileira já o fizera. Passou por circos e participou de espetáculos em Teatros de Revista fazendo performances em que dançava[140] em trajes sensuais ou até nua, tendo uma ou mais cobras enroladas em seu corpo. E não era só no palco que ela exibia sua ousadia. Foi inúmeras vezes presa pela polícia por "atentar contra os bons costumes" por andar nua pelas ruas e/ou por causar escândalos em eventos[141].

Escreveu dois livros onde esboçava a sua "filosofia" de vida em prol do naturismo[142] e da liberdade de expressão[143]. E teve muitos amantes, inclusive grandes políticos e empresários que a presenteavam e a ajudavam a sair das encrencas em que se metia. Dos seus feitos, os mais interessantes são a criação do **Partido Naturalista Brasileiro**, com frases de efeito como o slogan "Menos roupa e mais pão! Nosso lema é ação" Luz del Fuego criticava o moralismo vigente e a opressão as mulheres:

> Contra a realidade social, vestida e opressora, sem loucura, sem prostituição, sem penitenciárias, fundei o Partido Naturalista Brasileiro. Hoje, o PNB representa uma grande força política. Muitas pessoas me procuram, interessadas no programa do meu partido, já publicado de maneira esparsa pelos jornais. Devo destacar, no entanto, que os principais pontos são: defender a mulher, perseguida pelos preconceitos sociais; amparar os artistas em geral, fazer com que o governo estimule suas vocações, proporcionando-lhes meios de estudo e trabalho, divulgar as criações artísticas nacionais em geral, tanto no exterior como no território nacional; demonstrar e propagar a desnecessidade de certas peças da indumentária usada pelo

[138] A invenção do biquíni é disputada pelos franceses Jacques Heim e Louis Réard, sendo que Réard é considerado o verdadeiro pai da invenção por seu modelo ser mais parecido com o que conhecemos hoje e por ter batizado a peça como "bikini", a lançado oficialmente em 1947. Ver: SANTANA, Ana Lucia. História do biquíni. In: <http://www.infoescola.com/curiosidades/historia-do-biquini/> Acesso em 12 out. 2011.
[139] AGOSTINHO, Cristina. **Luz del Fuego a bailarina do povo**. São Paulo: Circulo do Livro, 1994.
[140] Uma destas performances pode ser vista em: <http://www.youtube.com/watch?v=jXCrLQEJDEQ> Acesso em 30/09/2011.
[141] AGOSTINHO, Cristina 1994, Op. Cit.
[142] Os termos "naturismo" e "naturalista" eram usados como sinônimos por Luz del Fuego para denominar a prática do nudismo, por isso os dois termos aparecem indiscriminadamente. Ver AGOSTINHO, Op. Cit.
[143] Os livros, hoje extremamente raros, são: LUZ DEL FUEGO. **A verdade nua**. Rio de Janeiro, 1950; LUZ DEL FUEGO. **Trágico Black-Out**. Ed. Coelho Branco Filho: Rio de Janeiro, 1947. Alguns trechos dos livros podem ser lidos em: < http://www.memoriaviva.com.br/luzdelfuego/> Acesso em 30/09/2011.

> nosso povo, com relação ao clima do país; defender o divórcio como medida moral; lutar pelo barateamento do custo de vida.[144]

Mas, a empreitada do partido fracassou graças a Attilio Vivacqua, irmão de Luz e político influente que via na figura da irmã, a ovelha negra da família que devia ser silenciada para não manchar sua reputação:

> Para obter o registro do PNB, Luz se utilizou dos expedientes de praxe. Fazia comícios seminua nas escadarias do Municipal e dava espetáculos de graça, desde que o público assinasse a lista de adesão afixadas nas portas dos teatros. Em suas viagens, usava todas as armas que dispunha. O número de adeptos chegou a cifra dos cinqüenta mil assinaturas.
>
> Mas o partido não foi registrado. Segundo a versão divulgada pelos jornais, a lista de eleitores se perdera num misterioso acidente aéreo, no qual havia morrido um senador.
>
> A causa real da interceptação do vôo político de Luz envolvia, é verdade, um senador da República. Não morto, mas vivíssimo. O nome dele: Attilio Vivacqua.[145]

O tempo passa, e não perdoa. Aconselhada por amigos, Luz fez o seu último espetáculo na Cinelândia, casa lotada, "seminua, a bailarina trazia em suas mão uma cobra, sua marca registrada. Mas o espetáculo era deprimente. Magra, porém de quadris excessivamente largos, as pernas finas e os seios caídos, ela era a imagem da decadência"[146]. Não houve aplausos, só um silêncio assustador. Luz del Fuego saiu chorando do teatro e retirou-se da vida pública[147].

Mas um pouco antes fundara o **Clube Naturista Brasileiro**, associado ao International Naturist Federation. E com o apoio político que tinha, consegui por 99 anos a concessão de uma ilha carioca, depois chamada de Ilha do Sol, onde também virou a sede oficial do Clube Naturista. Durante algum tempo, teve vários associados, mas acabou precisando encerrar as atividades devido a inadimplência dos mesmos[148].

Nos anos 1960, Luz del Fuego estava isolada em sua ilha com seu caseiro e o companheiro, chamado de "amante" pela imprensa. Ela passava por dificuldades financeiras e de vez em quando fazia algum show, ou em caso mais grave, recebia ajuda da família. Em 1967 pretendia concluir algumas obras e reativar o Clube Naturista. Mas, veio ser assassinada

[144] LUZ DEL FUEGO, **Diário Carioca**, 1°/1/1950. Reproduzido em: AGOSTINHO, 1994, p.201.
[145] AGOSTINHO, 1994, p.202.
[146] NETTO, 1998, p.153-154.
[147] Ibidem.
[148] AGOSTINHO, 1994.

junto com seu caseiro sob circunstâncias misteriosas. Sendo que a versão que se tornou oficial é de que ela entrou em conflito com um tal de Mozart "Gaguinho" que junto de seu irmãos Alfredo Teixeira Dias, armaram uma emboscada para Luz del Fuego a atraindo para um barco e depois a assassinado, o mesmo ocorreu com o caseiro. Os corpos de ambos tiveram o ventre rasgado e enchido com pedras, e por fim, lançados ao mar. E é isto que é noticiado, com mais detalhes, na edição de 19 de agosto de 1967 (Figura30, abaixo):

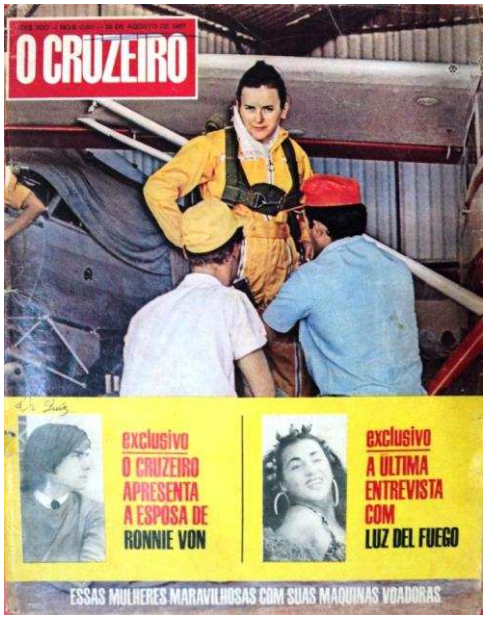


Figura 30 (a): Capa e detalhe da capa de **O Cruzeiro,** 19/08/1967

São duas matérias em seqüência. A primeira, "A última entrevista Luz del Fuego" de Luis Carlos Issa e "Sangue na ilha do Sol" de Jorge Audi, ambas com fotos da Equipe O Cruzeiro. Na prática, não é reproduzido a fala de Luz del Fuego, apenas os comentários de Luis Carlos sobre os últimos encontros que teve com a dançarina e seu sumiço. Na segunda matéria, o foco é somente sobre o assassinato e o resgate dos corpos. Vou me focar nas fotografias, que é o que me interessa no momento.

No seu auge, nos anos 1940 até meados dos anos 1950, Luz del Fuego apareceu várias vezes em O Cruzeiro, tanto é que, a maioria das fotos que hoje circulam em livros e na internet são da equipe da revista. Accioly Netto, no seu capítulo "Figuras notáveis" dedicou várias páginas a ela e a suas fotografias[149]. E na edição aqui analisada, foram 10 páginas de fotorreportagem, ou seja 10% da revista (ela tinha em média 100 páginas no período), além da chamada da entrevista no rodapé da capa. O que mostra que, mesmo não tendo a relevância que teve outrora, sua presença marcou época.

Através deste conjunto de fotografias, vemos brevemente a sua trajetória. As duas primeiras com um enfoque em primeiríssimo plano, provavelmente são dos anos quarenta a julgar pela aparência de Luz[150]. Na da direita, ela aparece beijando sua cobra de estimação e está vestida com sua blusa de couro de cobra. Figura 30 (b):

[149] NETTO, 1998, Op cit.
[150] A do lado esquerdo virou a capa do livro de AGOSTINHO, 1994.

última entrevista

LUZ DEL FUEGO

A prova material do crime apareceu. O corpo de Dora Vivacqua foi sepultado no cemitério São João Batista, com a presença dos amigos da morta. O véu do mistério foi descerrado, retirando-se das páginas dos jornais o nome de Luz del Fuego, que ao longo da sua vida de atribulações rendeu muitas manchetes. O silêncio é a última homenagem à mulher e à atriz. As originalidades que marcaram a sua passagem pelo mundo levantaram controvérsias. E é sôbre particularidades do seu caráter, suas idéias e ideais, que fala o repórter, que privou da sua intimidade na Ilha do Sol, lembrando a última entrevista que ela concedeu.

Texto de LUIZ CARLOS ISSA
Fotos de O CRUZEIRO

A respeito desta mulher, muita coisa se falou. Excêntrica, imoral, cínica, paranóica foram algumas das acusações lançadas por muitos. No entanto, poucos chegaram a conhecer de perto.

Figura 30 (b): Luiz Carlos Issa (textos) e O Cruzeiro (fotos). Luz del Fuego última entrevista. **O Cruzeiro,** 19/08/1967

Nas duas páginas seguintes, no lado esquerdo, O Cruzeiro divulga uma foto inédita dela com sua família e no centro, temos um foto retangular em plano americano, em que a vemos com uma fantasia sensual e sumária para a época. A mesma aparece abaixo, no lado direito, onde a vemos ao lado de um Rei Momo e percebemos que o evento se passou no carnaval. Acima desta foto, Luz aparece cercada de homens e acenando para o fotógrafo, a legenda diz "sua plástica foi admirada pelos aficionados de teatro de revistas. Retirando-se da vida artística, Luz dedicou-se ao nudismo". Figura 30 (c):

Conheci Luz del Fuego há cêrca de dez anos, quando a artista promovia na Ilha do Sol uma pré-carnavalesca marcada por uma característica inédita. Os componentes da orquestra e os garçons do "dancing" ao ar livre eram todos artistas de um ou outro gênero, convidados a participar da festa. Cada um usava uma fantasia bem original, única peça de roupa (ou quase) que vestia na festa.

Com o correr dos anos, acostumei-me a ver Luz del Fuego em Paquetá (situada a uns quinze minutos da Ilha do Sol, no seu barco a motor), comprando mantimentos e mercadorias, jogando no açougue ossos para seus cães e, de vez em quando, na feira livre. Pelo menos uma vez por semana aparecia por lá.

Algumas vêzes visitei-a em sua morada tranqüila, em companhia de amigos que manifestaram a natural curiosidade de conhecê-la. Por essa razão, posso afirmar-lhe que a artista não é uma criatura de hábitos estranhos, certeza: Luz era dona de casa, como outra qualquer, cuidava de seus cães, seus cinco cachorros e de sua cabra, "Mimosa". Praticava nudismo como uma religião para o espírito. Era êste culto misterioso que lhe dava fôrças para suportar qualquer ano de Ilha do Sol, sem fugir encantada, sem lhe afetar a saúde e a mente. Nunca soube de notícias de que Luz del Fuego estivesse doente. Possuía uma saúde de ferro. Em seus domínios não permitia abusos nem mau comportamento. Um cartaz com letras quase apagadas pelo tempo dizia em tom categórico: NÃO É PERMITIDO A PESSOAS INDECOROSAS E PROFERIR PALAVRAS DE BAIXO CALÃO. O NUDISMO SÓ PODE SER ENTENDIDO POR AQUELES QUE POSSUEM MENTE SADIA." E aí daquele que não seguisse à risca essas determinações. Era imediatamente expulso da Ilha com a recomendação de não mais pisar em suas areias. Foi aí, aliás, à idéia de escrever suas memórias surgiu em fevereiro dêste ano, quando então completara cinqüenta anos, trinta e cinco dos quais dedicados à atividade artística. Combinamos que ela própria ficaria encarregada de juntar documentação até o dia 20 de julho, data em que eu viajaria ao Rio de Janeiro. Seu arquivo particular de fotografias e os inúmeros recortes de jornais, jogados a um canto do casebre, seriam reorganizados e revistos. A consulta do seu diário foi uma idéia que Luz abandonou de última hora. Achava-o demasiado íntimo. Assim sabendo, coube-me, então, colher as entrevistas e escrever o livro. Um trabalho jornalístico como outro qualquer.

Somente a primeira delas foi feita, e se acha em meu poder gravada em fita. Isso foi feito em meu próprio gravador de mão.

O início de sua carreira artística, ainda no Espírito Santo, com menos de quinze anos, contra a vontade da família, e a fuga para o Rio de Janeiro, acompanhando um circo de terceira categoria; são fatos tristes da vida de Luz del Fuego que foram omitidos em sua biografia. Nunca soube de notícias de Dona Viva Dona Vivacqua, Dona Viva, a mãe de família dedicada e tradicional, gostava de brincar com bonecas? ... — "Gostava, sim, como tôda criança, só que minhas bonecas andavam nuas."

Luz era otimista com tudo aquilo que se relacionasse consigo. Com o projeto de ampliação do seu hotel e seu restaurante, localizados na parte alta da Ilha, na propriedade na Av. Niemeyer, pretendia concluir as melhorias na Ilha do Sol. As obras do restaurante, interrompidas por falta de recursos, seriam reiniciadas. Entre outros planos, Luz del Fuego iria construir um cais para atracação de lanchas e caíques com chuveiros para os banhistas. Até o momento, o cais, o único do mundo no gênero, servido por garçonetes inteiramente nuas. Detalhe importante: os que estivessem vestidos pagariam a conta em dôbro. Ela explicou-me, com um sorriso maroto, ser esta a fórmula mais fácil para estimular o nudismo na Ilha. Seu grande sonho sempre fôra ajudar a Ilha do Sol a ser conhecida. Tudo o afirmo de boca cheia: a Ilha, medindo aproximadamente cem metros quadrados, estaria pronto breve.

Após concluir o plano de obras previsto para sua ilha, Luz del Fuego planejava reabrir o Clube Naturalista Brasileiro, com sede na própria Ilha do Sol e cujo título se referia a entidade registrada na Associação Internacional do Nudismo, na Alemanha. O clube, que fôra um dos seus orgulhos, estava com suas atividades paralisadas desde 1958. Um governador cassado, dois ex-ministros de Estado, um senador, dois generais reformados e dois expresidentes da República faziam parte do quadro social, além de inúmeros artistas de teatro e boate. Em 1955, sua mentalidade era dos cinqüenta, sendo majorada nos anos seguintes para quinze e vinte cruzeiros. Como as contribuições não estavam sendo pagas em dia, sua diretoria resolveu fechar as portas.

Uma empresa de turismo explorava passeios pela Baía de Guanabara, para uma ajuda de custo para que, tôda vez que sua lancha passasse pela Ilha do Sol, del Fuego acenasse para os seus ocupantes do alto de uma pedra e se deixasse fotografar ou filmar. Aos poucos, a empresa passou a procurar outros clientes, ela usava um cinto de cordas coloridas. Era a mística do nu que Luz del Fuego sempre soube cultivar.

Sua plástica foi admirada pelos aficionados do teatro de revistas. Retirando-se do vida artística, Luz dedicou-se ao nudismo.

Luz em uma alegre súdito de Momo. Sua presença nos bailes de carnaval causava sensação

Luz del Fuego, entre sua mãe e uma prima, no coso do Avenido Niemeyer. A foto é inédita

Figura 30 (c): Luiz Carlos Issa (textos) e O Cruzeiro (fotos). Luz del Fuego última entrevista. **O Cruzeiro,** 19/08/1967

Nas próximas páginas, temos uma grande foto retangular com o rosto envelhecido e a pele queimada de Luz no primeiro plano, tendo ao fundo o mar e as formações rochosas da Ilha do Sol. Abaixo, uma foto onde ela está remando em uma pequena embarcação, sendo que seu sexo foi escondido com uma tarja preta. E ao lado desta, uma foto onde ela esta nua, mas suavemente escondida pelo jornal que lê. Já no lado direito superior, invés do jornal, é o seu cão que esconde o corpo nu. Abaixo, foi reproduzido um recibo de pagamento do Clube Naturista sem data específica, mas identificado como sendo dos anos 1950. Figura 30 (d):

Figura 30 (d): Luiz Carlos Issa (textos) e O Cruzeiro (fotos). Luz del Fuego última entrevista. **O Cruzeiro,** 19/08/1967

A seguir, inicia uma nova matéria sobre ela: “Sangue na ilha do Sol”. Temos na direita uma grande foto que ocupa um pouco mais de uma página e mostra em primeiro plano os sorridentes Luz del Fuego e atrás dela, Hélio Luis da Costa, seu companheiro que, no momento das investigações, fora o primeiro suspeito do crime. Mas, do lado direito, esta a pequena foto de “Alfredo Dias, o matador de Luz del Fuego, com seu irmão Gaguinho. Vingança e roubo motivaram o crime”, como dizia a legenda. O ângulo desta última foto deixa Alfredo Dia com uma feição de vilão ou bandido de filme de faroeste. Figura 31 (a):

SANGUE NA ILHA DO SOL

Figura 31 (a): Jorge Audi (textos) e Equipe O Cruzeiro (fotos). Sangue na Ilha do Sol. **O Cruzeiro,** 19/08/1967

E por fim, temos as últimas quatro fotos que encerram a matéria. Localizadas entre duas páginas. Bem pequenas quando comparadas as anteriores. Mas, sobretudo as menores, são as fotos dos mortos, na primeira vemos homens erguendo uma caixa funerária para bordo de um grande barco, a legenda explica que foram "fotos cedidas pela Televisão Tupi, com cenas da operação resgate dos corpos. Estavam a quatro metros de profundidade, perto da ilha do Sol". Na segunda, o ângulo da fotografia enquadra um lençol estendido ao chão e rodeado dos homens da equipe de resgate.

Na foto ao lado, a legenda diz "Luz del Fuego e o seu amante Hélio Luís da Costa em dias alegres, na mesma baleeira que os criminosos usaram para afundar os corpos no mar". Mais uma vez se evoca a figura da morte, agora um dos seus objetos de consumação. Abaixo, a foto de Edgard Bezerra de Souza, o caseiro de 54 anos também assassinado. Figura 31 (b):

Figura 31 (b): Jorge Audi (textos) e Equipe O Cruzeiro (fotos). Sangue na Ilha do Sol. **O Cruzeiro,** 19/08/1967

O conjunto destas fotos traça rapidamente uma biografia visual de Luz del Fuego. Da beleza e sensualidade do corpo ao exotismo de suas ações (o ato de beijar a cobra). Passando pela tranqüilidade da vida no seu paraíso particular na Ilha do Sol. E se encaminhando para o envelhecimento e o encontro com a morte.

A utilização de fotos de arquivos e até o auxilio de imagens da TV Tupi (também pertencentes ao império das comunicações de Assis Chateaubriand) indica a franca decadência de O Cruzeiro em não ter mais estrutura e fôlego para cobrir as notícias em primeira mão como fizera nas décadas anteriores. Mas ao mesmo tempo não perdera a habilidade em construir narrativas visuais através de fotorreportagens.

Em síntese, com suas ações, Luz del Fuego construiu seu próprio mito. A morte trágica, assim como acontece com outras figuras, ajudaram-na a perpetuar a imagem de uma mulher a frente de seu tempo, que desafiou as convenções e lutou (e se feriu) para deixar a sua marca na História. Tanto é que em 1982 sua vida recebe uma adaptação cinematográfica: **Luz del Fuego**, dirigido por David Neves[151] e interpretado por Lucélia Santos como a protagonista e cujas imagens de nudez e sensualidade foram reproduzidas na revista Playboy[152] (Ver, Figura 32 e 33, próxima página). Posteriormente, o roteiro do filme e mais alguns textos de pesquisa foram publicado em forma de livro[153]. E recentemente saiu uma nova biografia sobre Luz del Fuego[154]. Sua trajetória a torna um caso muito singular e particularmente interessante para os estudos visuais, além de ser a precursora do naturismo no país.

[151] Sinopse de filme: "Ao passear de lancha pela Baía de Guanabara João Gaspar, um idoso senador, conta para a enfermeira que entre os anos 50 e 60 se envolveu com uma exótica dançarina, Luz Del Fuego (Lucélia Santos), que adotou este nome artístico ao ver o nome na tampa de um batom. Já adulta e no teatro de revista, ela participa de um coro de vedetes e é presa pela primeira vez, por atentado violento ao pudor. Na cadeia faz amizade com um repórter, Indalécio, e um gay, Agildo, que ficariam ligados a ela para sempre. Estréia no teatro completamente nua, envolta por cobras. O sucesso gera uma mesa-redonda na TV Tupi, composta por um padre, uma vedete, um delegado e o presidente da Liga de Proteção aos Animais. Neste época se envolveu com João Gaspar, político casado, que estava em campanha para o Senado. João é homenageado por Luz, que lhe dá um beijo na boca publicamente, mas mesmo assim é eleito. No auge da fama Luz vende sua bela mansão, que lhe tinha sido dada por Gaspar, abandona o teatro e se muda para a Ilha do Sol, onde pretende criar um paraíso ecológico naturalista." Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/luz-del-fuego/> Acesso em 22 dez. 2011.

[152] **Playboy**, novembro de 1981.

[153] SILVA, Aguinaldo e CARVALHO, Joaquim Vaz de. **Luz del Fuego.** Rio de Janeiro: Codecri; Rio de Janeiro: Morena Produtores de Arte, 1982.

[154] MENEZES, Thiago de. **A verdadeira Luz del Fuego**. São Paulo: All Print, 2011.

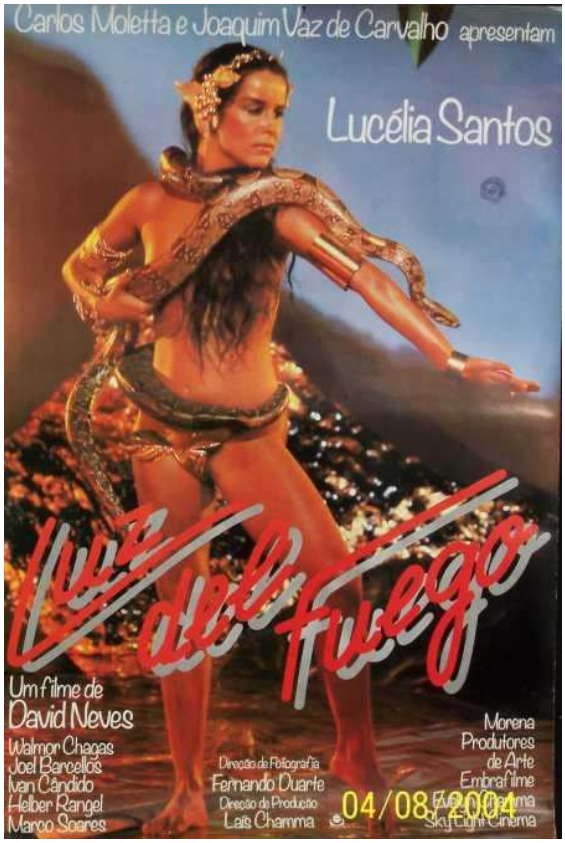


Figura 32: Pôster do filme Luz del Fuego (1982). Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/luz-del-fuego/trailers-e-imagens/#56575> Acesso em 30/09/2011.

PLAYBOY
CLUBES DE SEXO GRUPAL MASSAGEM CARROSSEL
PLAYBOY CONFERE A INCRÍVEL REALIDADE DOS ANÚNCIOS ERÓTICOS
A GLORIOSA NUDEZ DE LUCÉLIA SANTOS EM SEU NOVO FILME LUZ DEL FUEGO
VERÃO:
• UMA VIAGEM AO PARAÍSO SOCIALISTA DO NUDISMO
• AS ROUPAS PARA VOCÊ FICAR MAIS ATRAENTE NO CALOR
AS MELHORES CENAS DE SEXO NO CINEMA EM 81 (E AS QUE VOCÊ VERÁ EM 82)
ENTREVISTA: ORIANA FALLACI A MULHER QUE PENETROU NA INTIMIDADE DOS HOMENS MAIS PODEROSOS DO MUNDO
VESTIBULAR: OS SEGREDOS DA GUERRA FEROZ ENTRE OS CURSINHOS

Figura 33: Lucélia Santos como Luz del Fuego na capa da revista Playboy, novembro de 1981. Disponível em: <http://listas.terra.com.br/arteecultura/2299-4-eliminatoria-melhor-revista-playboy-e-homem.orkut> Acesso em 30/09/2011.

Acho relevante uma última consideração sobre as representações visuais de Luz del Fuego. As cobras enroladas em seu corpo tornaram-se uma de suas marcas, mas é na nudez e na sensualidade que fez sua fama. Desde o fim dos anos 1940 foi esta a imagem que ela mostrou para a mídia (Figura 34) e mesmo com o recato nas poses, os longos cabelos que escondem o corpo e outros objetos que dissimulavam a nudez nas fotografias, ela era mais do que uma mulher nua, era uma vanguardista que lutou para poder viver do seu próprio jeito, tentou mudar o mundo e não conseguiu e então criou o seu próprio mundo (a Ilha do Sol) onde pereceu, mas viveu seu sonho.

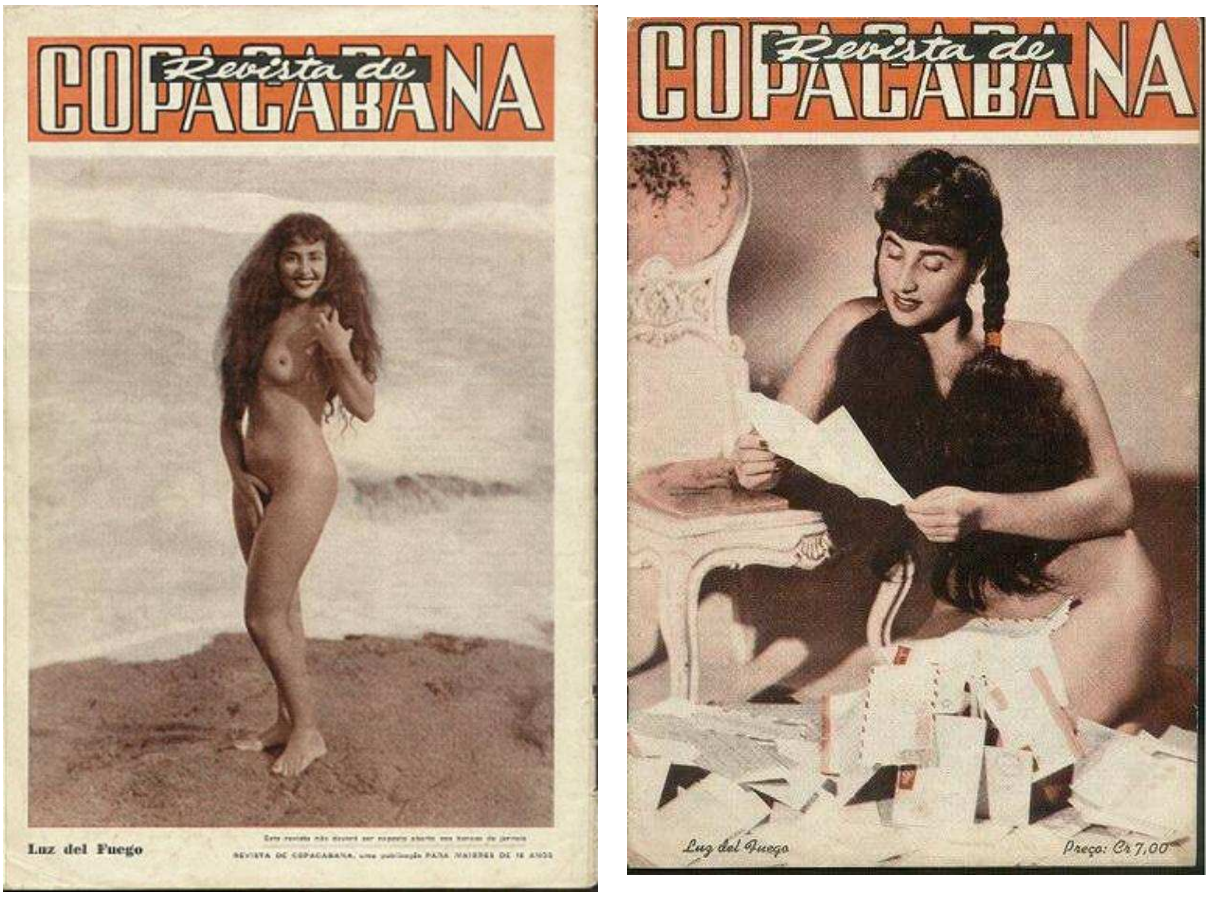


Figura 34: Luz del Fuego na capa da Revista de Copa Cabana (a esquerda, capa da frente; a direita, capa de trás), edição 50, 5º ano, 1950, reprodução disponível em:<http://www.jornalolhonu.com/jornais/olhonu_n_043/espec.html> Acesso em 30/09/2011.

Já a releitura cinematográfica e também reproduzida na Playboy (Figura 32 e 33, acima) remetem ao auge do corpo e da carreira de Luz del Fuego. O cenário é o palco do teatro de revista, lugar onde o corpo aparece como espetáculo e a sensualidade, e as vezes a nudez, eram possíveis de serem vistos, algo nada normal no mundo patriarcal do segundo quarto do século XX, mas que dos seus últimos 25 anos até os dias atuais é retomado e adaptado aos gostos contemporâneos. O corpo é mais magro e dourado, os cabelos são mais lisos, e o olhar é indireto, como se não quisesse ver, apenas ser vista.

Isso se repete na ilustração de Daniel Caballero em que não vemos o rosto, mas o corpo está exposto (Figura 35, a seguir). E mais uma vez a cobra se enrola sobre o corpo, realçando suas curvas, mas as chamas do cenário invocam o calor do inferno, diferente da imagem de Eva[155] dos trópicos que Luz del Fuego incorporou em suas apresentações e na capa de seu próprio livro. Figura 36:

[155] A referência a Eva também é repetida em uma música de Rita Lee, chamada "Luz del Fuego", em homenagem a dançarina:
(...)
Eu hoje represento o segredo
Enrolado no papel
Como Luz del Fuego
Não tinha medo
Ela também foi pro céu, cedo!

Eu hoje represento uma fruta
Pode ser até maçã
Não, não é pecado,
Só um convite
Venha me ver amanhã
Mesmo! (...)

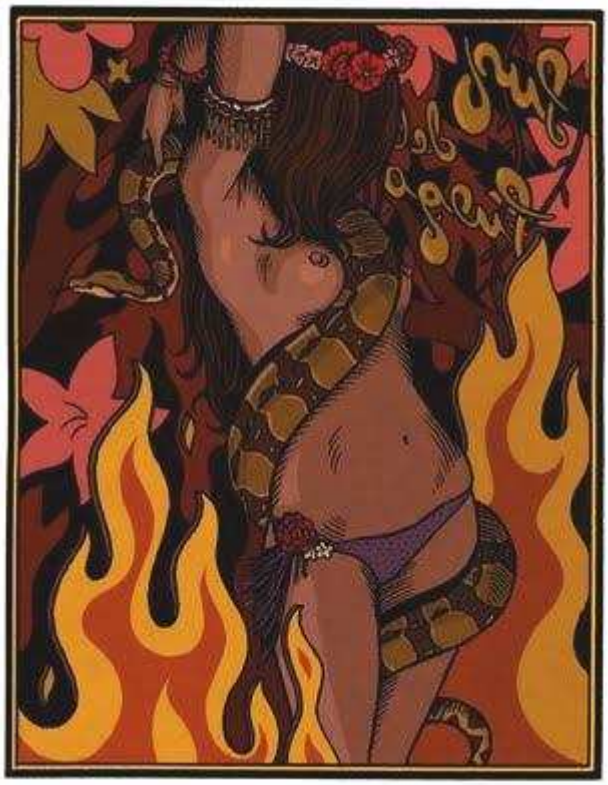


Figura 35*: "Luz del Fuego", ilustração do artista Daniel Caballero no 6ª FIQ*- Festival Internacional de Quadrinhos, de 6 a 12 de Outubro de 2009 em Belo Horizonte.
Disponível em: <http://www.caballero.art.br/>
Acesso em 30/09/2011.

Figura 36*: Capa do livro "A verdade nua" (1950) de Luz del Fuego. Disponível em:*
<http://www.memoriaviva.com.br/luzdelfuego/bio2.htm> Acesso em 30/09/2011.

E por fim, a capa do livro "A verdadeira Luz del Fuego" de Thiago de Menezes (Figura 37) que, acredito eu, brinca com o título "A verdade nua" do livro de Luz del Fuego (Figura 35), onde o paralelo da imagem da Eva é evidente. Mas se nos anos 1950 a nudez em uma capa de livro tinha que ser bela e preferencialmente estar associada a um mito, no início do século XXI a nudez perseguida com veemência e o corpo é remodelado para o público contemporâneo. A foto de corpo inteiro de Luz no livro de Menezes foi modificada pois a depilação dos pelo pubianos é prática recente, difundida a partir dos anos 1990 pelo que tenho percebido na revista Playboy e em publicações sobre fotografia. A mesma foto pode ser vista no livro de Cristina Agostinho[156] onde os pelos estão lá.

[156] AGOSTINHO, 1994, p.232.

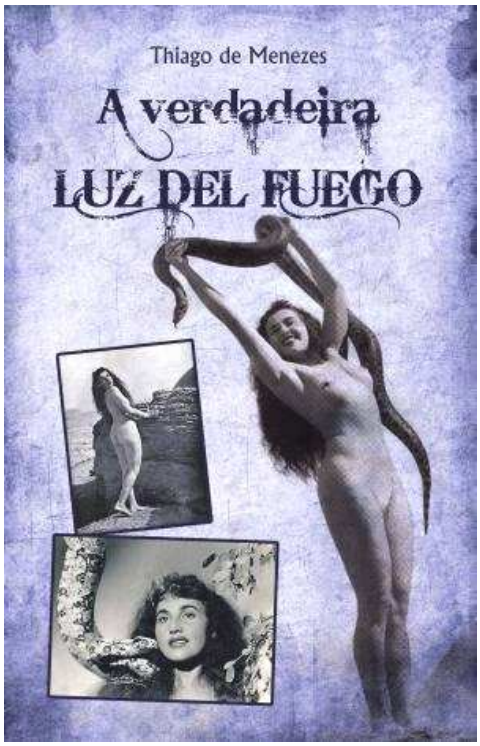


Figura 37*: Capa do livro "A verdadeira Luz del Fuego" (2011) de Thiago de Menezes. Disponível em:* <http://www.livrariacultura.com.br/scripts/resenha/resenha.asp?nitem=22528316&sid=189346110139137781 89198818> Acesso em 30/09/2011.

Figura 38: Reprodução de foto de Luz del Fuego no livro Cristina Agostinho, p.232.

2.5 Mulher é sempre notícia!

De 1966 até 1967 O Cruzeiro tinha uma sessão chamada "**O Cruzeiro pelo Brasil e pelo Mundo"**, em 1968 ela mudou de nome, vindo a se chamar "**O Cruzeiro atualidades**", ficando um pouco menor, porém, dividida em vários "blocos" que se espalhavam em cada edição. Contudo, ambas abrangiam sempre os mesmos temas.

Em sua maioria, os textos e fotos não recebiam o crédito de autoria, com exceção de um ou outro. O que nos leva a hipótese de que poderiam haver notícias feitas a partir do material de arquivo. Ou ainda, copiado ou reproduzido de agencias de notícias internacionais.

Como o título indicava, a função destas sessões era fazer um painel de notícias variadas e atuais do Brasil e do mundo. Na fase "O Cruzeiro pelo Brasil e pelo Mundo" possuía duas páginas. Várias fotos. Uma ou duas fotos era acompanhada de um texto informativo e isso já formava uma notícia.

Então, vejamos rapidamente o que foi notícia no fim dos anos 1960. Na edição de 29 de agosto de 1966 (figura 39, a baixo) temos dez fotos acompanhadas das notícias: "Escritor negro da autógrafos", "Gov. Otávio Lage inaugura banco em S. P.", "A divina e o 'brasiha' entre os mais", "Champion tem novas fábricas de velas", "Uma planta num jardim londrino", "Araraquara concede uma cidadania", "Comemorando dia de Oswaldo Cruz", "Scripta foi lançado em coquetel".

No meio destas notícias políticas, culturais e comemorativas, se destaca a grande foto, em meio há varias plantas, uma garota de biquíni faz pose de modelo, segura um pirulito na boca (o que da um tom provocante a cena) e que ilustra a notícia "Uma planta num jardim londrino", e que ocupa um local central na diagramação. E cujo texto informa:

> De repente, brotou no jardim tropical do Royal Festival Hall de Londres êste espécime que os botânicos ainda não catalogaram. Nem há, na nomenclatura de Linneo, palavra para defini-la, não é? Ela mede 34-24-36, em polegadas, vocês bem sabem onde. E se chama Caroline Munro. Qualquer um gostaria de têla em seu jardim, nesse biquíni que custou cêrca de 25 mil cruzeiros na Loja Richard, Lond.

O CRUZEIRO
PELO BRASIL E
PELO MUNDO
ESCRITOR NEGRO DÁ AUTÓGRAFOS
GOV. OTÁVIO LAGE INAUGURA BANCO EM S. P.
A "DIVINA" E O "BRASINHA" ENTRE OS MAIS
CHAMPION TEM NOVA FÁBRICA DE VELAS
ARARAQUARA CONCEDE UMA CIDADANIA
COMEMORADO DIA DE OSWALDO CRUZ
UMA PLANTA RARA NUM JARDIM LONDRINO
SCRIPTA FOI LANÇADA EM COQUETEL

Figura 39: O Cruzeiro pelo Brasil e pelo mundo. **O Cruzeiro**, 29/08/1966

Já uma outra edição, de 6 de julho de 1966 (figura 40, abaixo), tem a mesma diagramação, e o conteúdo das notícias é similar: “Técnicos jovens em postos-chave”, “Roberto Carlos cidadão paulistano”, “Descanso londrino põe garôta no ar”, “Em Roma, quem tem roupa vai à fonte”, “Um supercinema para São Paulo”, “Valéria financeira no ramo autopeças”.

Novamente, a foto que ocupa um lugar central na diagramação é de uma garota, agora vestida, mas com uma roupa molhada que deixa seu corpo transparente, suas curvas, seu seio e bumbum estão bem definidos. O texto desta notícia, “Em Roma, quem tem roupa vai à fonte”, informa:

> Se a moda pega, as prefeituras terão de construir mais chafarizes. Mas isso é moda que vigora em Roma para amenizar os dias quentes do verão europeu. O nome da garôta? Bem, é Chantal Cachin, vedetinha francesa.

Quando comparamos ambas as edições, vemos claramente um padrão na forma de construir essa seção e que a beleza e sensualidade feminina é um dos seus principais elementos pois aparece tanto na forma visual quanto textual. Ora recebendo grande destaque como vimos, ou aparecendo de forma reduzida, mas constante durante o período pesquisado*.

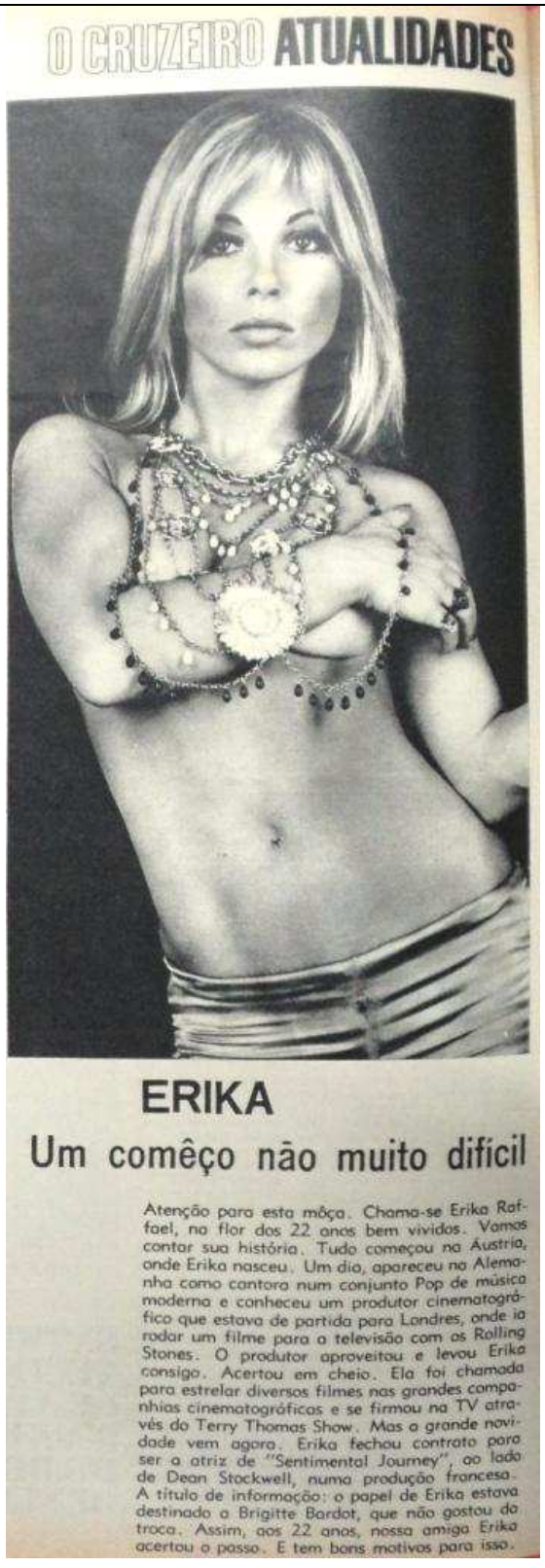
A partir de 1968 a sessão passa a se chamar “O Cruzeiro atualidades” e aparece de forma mais dispersa ao longo de cada edição. Isso faz com que o tamanho de cada notícia da sessão fique maior. Em geral, ocupando meia página, podendo ser na horizontal ou na vertical. Além de uma maior valorização da notícia exibida.

Analisemos agora três destas matérias onde a nudez é representada. Na figura 41 (a seguir) temos a notícia “Erika um comêço não muito difícil” onde o texto explica que a garota da foto se trata de Erika Rafael, uma australiana de 22 anos que rapidamente entrou para o mundo do cinema e da televisão e que na ocasião, foi contratada para atuar no filme “Sentimental Journey” no lugar de Brigitt Bardot.

Ela aparece em uma foto retangular, com um fundo negro e vestindo uma calça ou shorts em que só a cintura é visível. A parte de cima está desnuda, tendo apenas um grande colar de pedras muito estilizado. Ela cobre os seios com o braço direito enquanto olha diretamente para o fotógrafo/leitor. A cabeça está perfeitamente enquadrada, mas a cintura

está em uma diagonal a direita que adiciona movimento a cena, realçando a sensualidade por apresentar um corpo que "requebra" diante do olhar.

Figura 40: O Cruzeiro pelo Brasil e pelo mundo. O Cruzeiro, 06/07/1966



O CRUZEIRO ATUALIDADES

ERIKA

Um começo não muito difícil

Atenção para esta môça. Chama-se Erika Raffael, no flor dos 22 anos bem vividos. Vamos contar sua história. Tudo começou na Áustria, onde Erika nasceu. Um dia, apareceu na Alemanha como cantora num conjunto Pop de música moderna e conheceu um produtor cinematográfico que estava de partida para Londres, onde ia rodar um filme para a televisão com os Rolling Stones. O produtor aproveitou e levou Erika consigo. Acertou em cheio. Ela foi chamada para estrelar diversos filmes nas grandes companhias cinematográficas e se firmou na TV através do Terry Thomas Show. Mas a grande novidade vem agora. Erika fechou contrato para ser a atriz de "Sentimental Journey", ao lado de Dean Stockwell, numa produção francesa. A título de informação: o papel de Erika estava destinado a Brigitte Bardot, que não gostou da troca. Assim, aos 22 anos, nossa amiga Erika acertou o passo. E tem bons motivos para isso.

Figura 41: Atualidades. **O Cruzeiro**, 30/11/1968

o Cruzeiro

pelo brasil
pelo mundo

PAULISTAS RECEBEM COMENDA PERUANA

Por ocasião das comemorações do 146.º aniversário da independência do Peru, diversos industriais e intelectuais paulistas foram agraciados com a medalha "Instituto Libertador Ramón Castilla". Representando o presidente do Instituto, General D. Felippe de la Barra o Ministro Carlos Pérez Canepa presidiu a cerimônia, no salão do Nacional Club. Entre os empresários paulistas homenageados figura o industrial Francisco Retti, presidente da Martini Rossi do Brasil, que aparece na foto ao lado do Sr. Rogério Severino, diretor da SIRTA.

MATO GROSSO FAZ CINEMA COM GENY

Quando os irmãos Lahdo — Abboud e Bernardo Lahdo — pretenderam iniciar em Campo Grande as filmagens de "Paralelos Trágicos", o primeiro longa-metragem mato-grossense, surgiu-lhes pela frente um grande problema: a escolha da atriz principal. É que, para os Lahdo, tudo tinha que ser de Mato Grosso mesmo, dos técnicos aos atôres. Depois de muito procurar, um dia viram sair de um escritório a môça Geny. Geny Rafier. Que aparece mais ou menos assim em "Paralelos Trágicos", depois de ver o seu talento aprovado nos testes e filmagens.

Figura 42: Atualidades. **O Cruzeiro**, 26/08/1967

Já na figura 42, acima, temos a notícia "Mato Grosso faz cinema com Geni", agora com uma atriz brasileira, Geni Ratier de quem pouco o texto a fala, as principais informações constam que os irmãos Abboud e Bernardo Lahdo pretendiam começar as filmagens do filme Paralelos Trágicos[157] e fizeram questão de que tudo, dos técnicos aos atores, todos fossem de Mato Grosso, e então, encontraram Geni. A garota aparece nua, mas escondida atrás de uma arvore que lhe cobre a maior parte do corpo.

Se não bastasse a exibição discreta da moça, a própria notícia divide espaço com outra ("Paulistas recebem comenda peruana"). A diferença da forma de se mostrar o corpo é grande entre as atrizes brasileiras e as estrangeiras nesta sessão. Esta última imagem foi a única onde a nudez de uma brasileira se fez presente enquanto a das estrangeiras apareciam com mais regularidade.

Entretanto, praticamente todas as garotas que apareceram nesta sessão pertencem ao star system, são atrizes e modelos, mulheres que fazem de sua imagem o seu modo de vida. A única exceção encontrada é da edição de 11 de agosto de 1970, figura 43 abaixo. Chamada de "Festival proibido revelou algo ainda mais proibido" a notícia informava que a polícia estava reprimindo os festivais de rock nos Estados Unidos que contavam com grande participação de jovens e que:

> mesmo com a proibição policial, a moçada resolveu sair para um programa diferente. No lago existente na área onde se realizaria o festival, tomaram banho em total confraternização. Com um detalhe: todo mundo nu. Com a maior descontração, môças e rapazes aproveitaram o tempo quente e fizeram um programa idem. Entre um mergulho e outro, fumavam maconha, sem que a polícia pudesse interferir. Por motivo de protesto ou porque gostaram da idéia, os jovens fizeram da nudez um festival diferente.

A notícia contou com duas fotos, uma pequena, em que se flagra um mergulho e outra grande onde podemos ver duas garotas nuas e de costas, tendo ao fundo o citado lago onde vemos outras pessoas. A qualidade das fotos é muito baixa, provavelmente é a reprodução direta de algum periódico internacional. E pela primeira vez vemos corpos muito magros e diferentes do padrão estético das curvas que reina em O Cruzeiro. Mas nem por isso eles

[157] Este é dos filmes que hoje é considerado perdido.

deixam de ter uma conotação sensual já que o texto os erotiza dando uma conotação sexual: "Com a maior descontração, môças e rapazes aproveitaram o tempo quente e fizeram um programa idem".

O que chama a atenção é que o festival de Woodstock aconteceu em agosto de 1969, a matéria que vimos foi publicada em agosto de 1970 e a matéria sobre Woodstock foi publicada a seguir, em outubro de 1970[158], e nesta matéria, a nudez feminina está ausente das fotografias. O que aparece é a nudez masculina, presente em três fotos.

Portanto, as matérias de informação internacionais podiam demorar até um ano para chegar aqui. Ou foi de interesse da redação a publicação tardia. Mas ainda há a possibilidade destas informações terem ido parar no arquivo de O Cruzeiro, e a partir dele, se montar conteúdos.

[158] Miguel Angelo (texto), Warner Bros (fotos). Woodstock 3 dias de paz, música e amor. **O Cruzeiro**, 27/10/1970.

O CRUZEIRO

atualidades

Festival proibido revelou algo ainda mais proibido

Diante dos distúrbios ocasionados por festivais de rock no mês passado, autoridades estaduais dos EUA resolveram impedir a realização dêsses encontros que atraem milhares de jovens americanos. Em Connecticut, na localidade de Powder Ridge, mesmo com a proibição policial, a moçada resolveu sair para um programa diferente. No lago existente na área onde se realizaria o festival, tomaram banho em total confraternização. Com um detalhe: todo mundo nu. Com a maior descontração, môças e rapazes aproveitaram o tempo quente e fizeram um programa idem. Entre um mergulho e outro, fumavam cigarros de maconha, sem que a polícia pudesse interferir. Por motivo de protesto ou porque gostaram da idéia, os jovens fizeram da nudez um festival diferente.

O CRUZEIRO, 11-8-1970

Figura 43: Festival proibido revelou algo ainda mais proibido. O Cruzeiro, 11/08/1970

2.6 Strip-tease

O ano de 1966 foi um ano em que a sensualidade evidenciou-se significativamente em O Cruzeiro, provavelmente por causa da entrada de Stanislaw Ponte Preta e do fotógrafo Valentim na revista (Ver capítulo 3), cuja conseqüência mais direta foi a introdução de um contexto de maior exploração da sensualidade do corpo feminino.

Isto pode ser constatado em algumas matérias publicadas ao longo do ano, em especial a as referentes ao "strip-tease". A primeira foi lançada em quinze de janeiro, e contava com um título já mesclado com os créditos da matéria: "Não espalhem Orlandino Rocha e Indalécio Wanderley assistem ao maior espetáculo da terra: Marivalda a ôlho nu"[159]. O título já evoca uma erotização onde os próprios realizadores se reconhecem como ativos participantes do espetáculo por vir.

O texto que se segue utiliza do boom da corrida espacial para se referir a beleza da garota, chamada de "foguete", e ao mesmo tempo exalta a qualidade jornalística de O Cruzeiro por fazer um "furo de reportagem", o que na realidade é uma prática da redação jornalística que procura elogiar a si mesma por seu trabalho e assim ganhar crédito com o(a) leitor(a).

O strip-tease de Marivalda foi feito em forma de um calendário de 1966. Com uma página de apresentação, e uma página para cada mês do ano onde aos pouco ela ia tirando cada peça de roupa, e por fim, uma página final com um texto mais extenso em que faziam comentários sobre ela e sua profissão de atriz, destacando que foi duble de corpo de Jayne Mansfield, e por isso Orlandino Rocha a chama de "O bûsto brasileiro"[160]. A matéria totaliza catorze páginas. Mas antes disso, na pagina três, onde geralmente ficava a página com o sumário da revista na época, a matéria foi destacada, juntamente com as Certinhas de Stanislaw Ponte Preta e uma matéria com a "pin up" Úrsula Andress. Figura 44 abaixo.

[159] Orlandino Rocha (textos) e Indalécio Wanderley (fotos). Não espalhem Orlandino Rocha e Indalécio Wanderley assistem ao maior espetáculo da terra: Marivalda a ôlho nu. **O Cruzeiro**, 15/01/1966.

[160] Orlandino Rocha fazia referencia a Jayne Mansfield, atriz estadunidense e grande símbolo sexual nos fim dos anos 1950 e 1960, quando era chamada pela imprensa de "O busto" devido a sua avantajada forma peitoral.

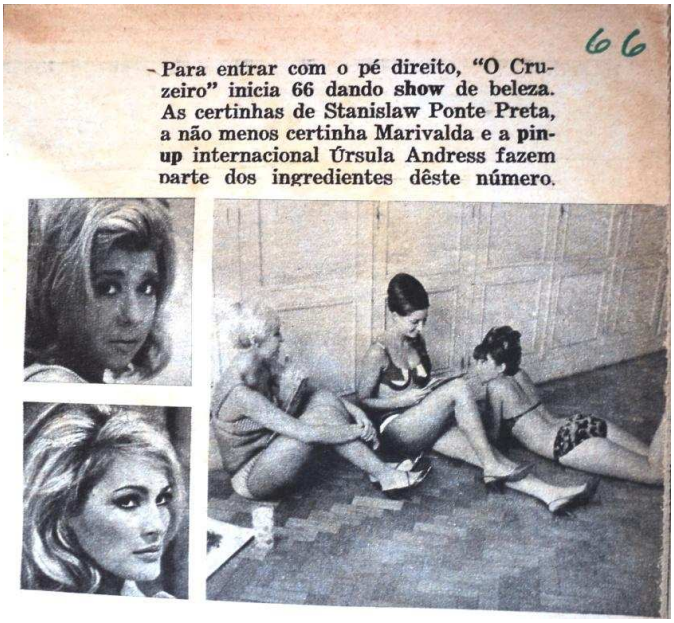

66
- Para entrar com o pé direito, "O Cruzeiro" inicia 66 dando show de beleza. As certinhas de Stanislaw Ponte Preta, a não menos certinha Marivalda e a pin-up internacional Úrsula Andress fazem parte dos ingredientes dêste número.

Figura 44 (a): recorte do sumário de **O Cruzeiro**, 15/01/1966

Na matéria de strip-tease, o cenário das fotos é um estúdio com um fundo azul claro e com uma cadeira requintada. Marivalda aparece na página referente à Janeiro vestida com uma blusinha vermelha brilhante e com uma longa saia vermelha. Ela segura uma pequena bolsinha, também, vermelha e usa grandes luvas brancas e um sapado de salto alto amarelo. E usa um penteado que é quase um "turbante" loiro, podendo ser uma peruca já que na época seu uso era comum, ainda mais quando se tratava de penteados complexos que demorariam um tempo consideravelmente longo para ficar pronto em um cabelo normal.

Na página seguinte (referente a fevereiro) ela tira as luvas; a blusa brilhante (março); a saia (abril); ficando com um curto vestido preto, chamado "combinação", parte do repertório de roupas íntimas femininas neste período (maio); e baixando as alças do vestido da combinação lança um olhar provocante para o leitor/fotógrafo (junho); tira a combinação revelando um espartilho, uma calcinha e uma meia-calça preta (julho); depois, apoiada na cadeira começa a tirar a meia-calça (agosto); e de costas e de lado, o espartilho (setembro); onde permanece, mas trocando de lado na página seguinte (outubro); e permanecendo, agora totalmente de costas para o leitor/fotógrafo que agora a contempla totalmente de costas e vestida apenas de calcinha (novembro); e na última página do strip tease (dezembro), Marivalda some, sobrando apenas as roupas estendidas sobre a cadeira. Figura 44 (a) a 44 (g), a seguir:

O CRUZEIRO 1966

JANEIRO

D	S	T	Q	Q	S	S
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30	31					

. . .E o espetáculo continua com

Não espalhem

Orlandino Rocha e Indalécio Wanderley assistem ao maior espetáculo da Terra:

Marivalda a ôlho nu

O Brasil está de parabéns. Acaba de entrar em órbita o seu primeiro foguete espacial: Marivalda 66, que servirá de plataforma para futuras experiências. Marivalda, que passará um ano inteirinho lá por cima, poderá ser vista pelos leitores nos céus do Brasil — e a ôlho nu — durante os doze meses. "O Cruzeiro", num verdadeiro furo jornalístico, apresenta hoje, em tôdas as suas fases, Marivalda 66, o satélite da beleza.

Figura 44 (b):Orlandino Rocha (textos)e Indalécio Wanderley (fotos). Marialva a olho nu. **O Cruzeiro**, 15/01/1966

44 (c):Orlandino Rocha (textos)e Indalécio Wanderley (fotos). Marialva a olho nu. **O Cruzeiro**, 15/01/1966

Figura 44 (d):Orlandino Rocha (textos)e Indalécio Wanderley (fotos). Marialva a olho nu. **O Cruzeiro**, 15/01/1966

Figura 44 (e): Orlandino Rocha (textos)e Indalécio Wanderley (fotos). Marialva a olho nu. **O Cruzeiro**, 15/01/1966

Figura 44 (e): Orlandino Rocha (textos)e Indalécio Wanderley (fotos). Marialva a olho nu. **O Cruzeiro**, 15/01/1966

Figura 44 (f):Orlandino Rocha (textos)e Indalécio Wanderley (fotos). Marialva a olho nu. **O Cruzeiro**, 15/01/1966

O CRUZEIRO 1966

DEZEMBRO

D	S	T	Q	Q	S	S
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31

...vai dormir o sono dos justos.

Cessa tudo quanto a antiga musa canta que outro valor mais alto se alevanta: 000 Sexy a Favor de Marivalda.

Em sua experiência cósmica, Marivalda, que é uma estrêla daqui da Terra, de passagem, conviveu um pouco com suas colegazinhas lá do Céu. Como experiência, valeu. Marivalda, como vocês viram, dispensa apresentações. Em todo caso, não custa nada a gente dizer mais alguma coisa sôbre "O Busto" brasileiro. Ainda sôbre busto: Jayne Mansfield, que acaba de filmar "Garotas em Las Vegas", em tôdas as cenas de corpo, foi dublada por Marivalda. Aliás, no corpo-a-corpo, eu sou muito mais Marivalda. Mas deixa isso pra lá. O que importa é que Marivalda é a primeira e única rainha da Casa dos Artistas. Ainda tem mais: Marivalda está, agorinha mesmo, desempenhando o papel de uma espiã, num filme nacional. Cuidado, porque Marivalda não brinca em serviço. Tanto não brinca que, no princípio dêste ano, vai viver "24 Horas na Vida de Uma Vedete", show de Mário Meira Guimarães, que Carlos Machado apresentará na Boate Vogue. Mas Marivalda não fica só nisso, não. Sua aptidões transcendem a barreira do decote. Mário Meira Guimarães, produtor desta praça, escreveu, especialmente para o talento de Marivalda, um quadro para a televisão com o sugestivo título: "000 Sexy a Favor de Marivalda". Cain a sopa no mel

Figura 44 (g):Orlandino Rocha (textos)e Indalécio Wanderley (fotos). Marialva a olho nu. **O Cruzeiro**, 15/01/1966

Como não dava para reproduzir uma música de strip-tease dentro da revista, a solução foi um texto que acompanhava o desnudamento de Marivalda e que conseguiu atingir um tom sensual, poético e brincalhão:

> ... E o espetáculo continua com
> Marivalda proporcionando aos
> leitores-*cientistas de "O Cruzeiro"*
> uma visão perfeita do
> comportamento de um astronauta.
> Marivalda, depois da quinta volta
> em redor do leitor, já um tanto
> sonolenta, resolve berçar.
> Dado ao tremendo calor ambiente
> desfaz de tudo quanto lhe
> atormenta, fica à vontade e
> ... vai dormir o sonho dos justos.

Essa matéria, assim como no próprio strip-tease em geral, o corpo feminino é um espetáculo em si. O objetivo é atrair o olhar através do jogo da sensualidade, mostrando em um momento atípico o que se é escondido no cotidiano. Este momento atípico esta envolto no fantástico, no show onde a mulher veste uma fantasia e personifica o sonho do homem em encontrar no cotidiano a mulher sensual que, como uma ninfomaníaca, se exibe para ele em busca do prazer. Já Barthes falava que no strip tease francês:

> A duração do despir, apenas ela, transforma o público em voyeur; mas aqui, como em qualquer espetáculo mistificador, o cenário, os acessórios e os estereótipos contrariam a provocação inicial e acabam por submergi-la na insignificância: expõe-se o mal para melhor impedir sua ação e para exorcizá-lo mais eficazmente.[161] (itálico do autor)

E continua:

> Teremos no strip-tease uma série numerosa de coberturas apostas sobre o corpo da mulher, à medida que ela finge desnuda-lo. O exotismo é a primeira destas distâncias, visto tratar-se sempre de um exotismo codificado que distância o corpo pelo fabuloso ou o romanesco; chinesa com um cachimbo de ópio (símbolo

[161] BARTHES, Roland. **Mitologias**. 7. ed. São Paulo: Bertrand Brasil - Diefel, 1987. p.93.

> obrigatório do chinês), vamp ondulante com uma piteira gigantesca, cenário veneziano com gôndola, saia armada e cantor de serenata, tudo isto tende a constituir desde o início a mulher como objeto mascarado; a finalidade do strip-tease deixa de ser então expor em plena luz uma profundidade secreta, mas sim, através do despojar de vestes barrocas e artificiais, significar a nudez com veste natural da mulher, o que representa a recuperação final de um estado pudico da carne.[162] (itálico do autor)

Mas em O Cruzeiro, o strip-tease não é levado a sua última conseqüência, a nudez. Então, não se pode chegar ao "estado pudico da carne". O que se tem é a ausência do corpo neste momento final porque a nudez propriamente dita não poderia ser visível naquele contexto sem estar interditada por algum obstáculo (posição do corpo, objetos, iluminação) que disfarçasse esta nudez. O que importa é o espetáculo do desnudar o corpo de suas muitas vestes que o cobriam no cotidiano naquela época. Portanto, a nudez que se torna invisível pela sua ausência é uma continuidade da ficção inicial da garota fantasiada.

Em abril de 1966 O Cruzeiro publicou uma nova matéria sobre strip-tease: "O strip tease as vezes é necessário de corpo e de alma"[163] (Figura 45 (a) a seguir), matéria sem crédito de autoria. Mais do que o strip-tease, o que é interessante, é que sua executora, Teresa Raquel[164], não é uma das típicas garotas de menos trinta anos que povoava a revista.

Até O Cruzeiro coloca em destaque este aspecto: "Parece que o destino da jovem e bela Teresa Raquel é ser velha e horrenda no palco. Já foi assim algumas vezes e agora a estória se repete (...)", mas, em um tom brincalhão, o articulador de O Cruzeiro vai indicar o strip-tease com uma forma de "purificar" a imagem de Teresa:

> Esta reportagem visa restabelecer a verdade, provando que Teresa é justamente o oposto: bela e boa. Naturalmente, como não há pressa, faremos por etapas. E se é certo que a verdade é nua, iniciaremos nossa viagem em torno de Teresa Raquel, afastando o primeiro obstáculo que se interpõe entre ela e essa verdade: o vestido. Nesta segunda fase, com no chicotinho queimado, os leitores já começam a ficar mais "quentes" em matéria de Teresa Raquel. Mas ainda há barreiras a transpor e a própria Teresa, como se vê na última foto, dispõe-se gentilmente a tomar as últimas providências. Viremos, assim a página, para conhecermos Teresa como ela realmente é.

[162] Idem, p.94.
[163] O strip tease as vezes é necessário de corpo e de alma. **O Cruzeiro**, 09/04/1966.
[164] Atriz brasileira. Ficou famosa por interpretar vilãs. Sua carreira é extensa, vai dos anos 1960 até atualidade, com atuações no teatro, no cinema e em diversas novelas.

O strip tease às vêzes é necessário: do corpo e da alma.

Parece que o destino da jovem atriz Teresa Raquel é ser vista e ouvida no palco. Já foi assim algumas vêzes. A última delas, a peça "A Primeira Namorada", onde está fazendo o papel de uma menina de colégio interno e o nome dela.

Isso tem levado o público a uma identificação falsa e muitos chegam a pensar que Teresa é assim na vida real: fria e má.

Esta reportagem visa restabelecer a verdade, provando que Teresa é justamente o oposto. Não é boa. Naturalmente, como não há artista que não seja por essência, uma vaidosa. E se é com isso que ela se vê na última foto, dispensa comentários. Vitemos, assim a página, para conhecermos Teresa como ela realmente é.

Figura 45 (a): O strip tease às vezes é necessário. **O Cruzeiro,** 09/04/1966

Foram apenas três páginas, nas duas primeiras Teresa Raquel aparece centralizada em um cenário neutro em seis fotos bem retangulares, já no processo de strip-tease. Na primeira esta com um vestido, do qual, vai retirando lentamente e na sesta foto, esta de calcinha, cinta-liga e aparenta estar tirando o espartilho. Na foto final, e que corresponde à página inteira da terceira página. Ela aparece em close exibindo um belo sorriso e ainda com o espartilho.

Invés de um corpo despido, a presença irônica faz o strip-tease virar uma troça em seu final. Mas assim como na reportagem anterior, do vestido as últimas peças, a sensualidade do despir compõem um erotismo fantasioso, a secretária, a amante, a atriz, são múltiplas as ficções que a cena oferece ao imaginário masculino.

Mas ao mesmo tempo, a última foto foi posta ao lado da propaganda de produtos de beleza da empresa Elizabeth Arden, da própria Elizabeth Arden que era uma das mulheres mais ricas do mundo na época e dona de extensa rede da indústria farmacêutica especialista em produtos para a beleza feminina. A própria ilustração da propaganda exibe uma mulher de perfil que passa algo no rosto enquanto “olha” para Teresa Raquel na página ao lado. Figura 45 (b):

Muitos já riam de prazer, mas Teresa riu por último.
beleza após-verão
ARDENA ESPECIAL HIDRATANTE
ARDENA TÔNICO PARA A PELE
Elizabeth Arden

Figura 45 (b): O strip tease às vezes é necessário. **O Cruzeiro,** 09/04/1966

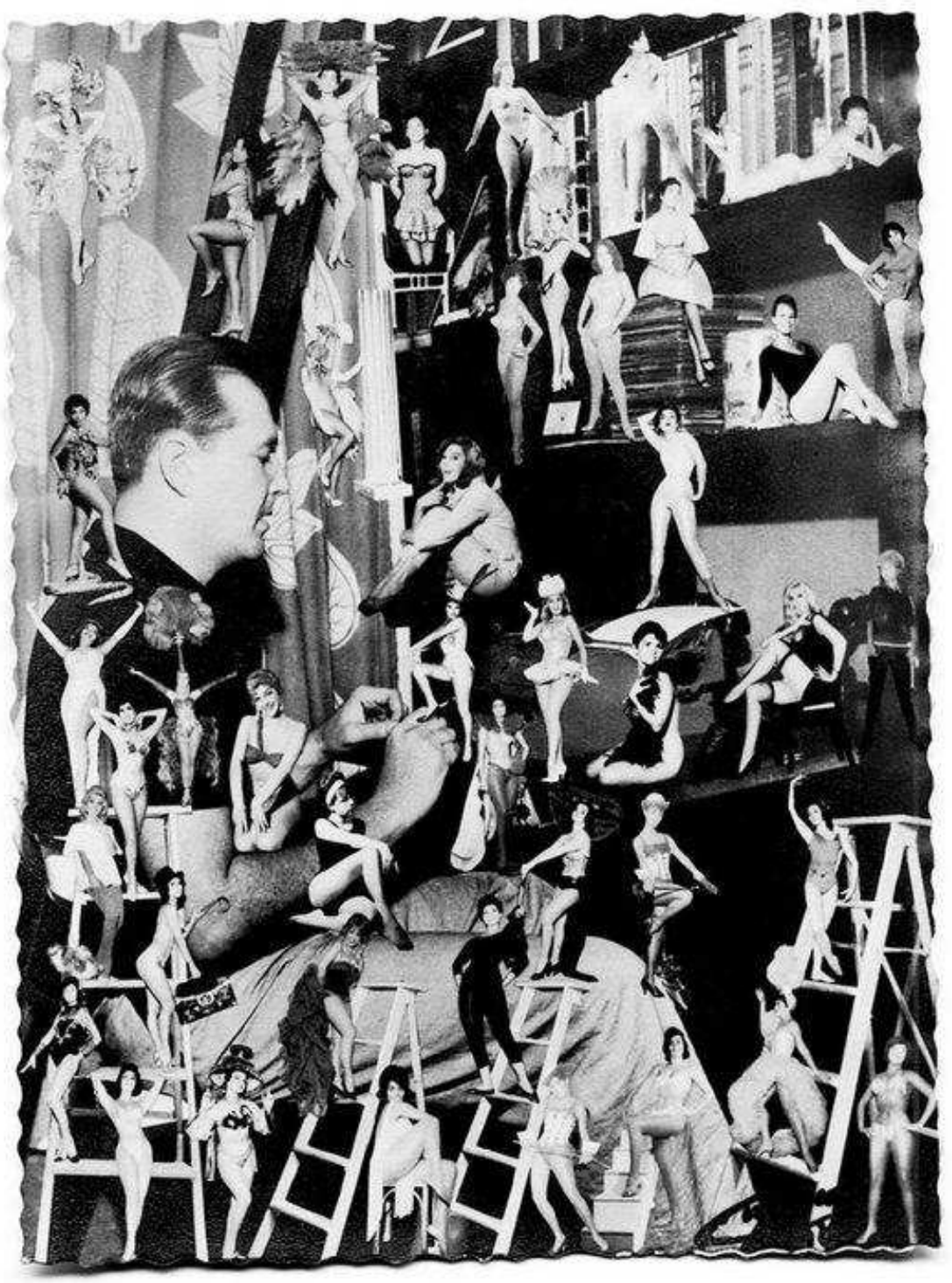
Além destas duas matérias, O Cruzeiro publicou "Wanda sai da lata"[165] onde Wanda Moreno[166] aparecia fantasiada com uma armadura medieval, sendo que eram sete páginas com fotos coloridas e em preto e branco. E "A pistoleira camarada"[167] com Lígia Rinelli, tendo seis páginas, também com fotos coloridas e em preto e branco. Elas seguiam a linha do despir o corpo em forma de strip-tease, com o diferencial de suas fantasias serem mais excêntricas se comparadas às anteriores.

O momento final do strip-tease, se concluiu com Wanda deitada no chão com um biquíni amarelo e com Lígia Rinelli enrolada em uma toalha após sair de uma banheira. Não houve a estratégia da "surpresa" no final da matéria como ocorreu nas edições passadas. Provavelmente para não repetir as mesmas fórmulas e cansar os leitores.

Entretanto, estas fotorreportagens ao logo de 1966 põem o desnudamento feminino ocorrendo literalmente. Nos anos anteriores não encontramos menções diretas a strip-tease, só o despir nas praias como mostrado no item "Sereias". O que indica que a partir de 1966 que O Cruzeiro tem um maior investimento sobre o corpo feminino o que vai permitir que a sensualidade seja mais fluída posteriormente. A importância destas matérias reside em sua contribuição para a popularização da exibição do corpo como um espetáculo. As fantasias que as garotas incorporam as deixam no campo da ficção, o que legítima sua presença, mas ao mesmo tempo, o corpo desnudo abre caminho para sua exibição sem os entraves de uma moral conservadora.

[165] Douglas Alexandre (fotos), Ary Vasconcelos (textos). Wanda sai da lata. **O Cruzeiro**, 16/10/1966.
[166] Atriz brasileira. Atuou nos filmes: Salomé ´73 (1965); 007 ½ no carnaval (1966); Komm nur, mein liebstes vögelein (1968); Uma garota em maus lençóis (1970).
[167] Ary Vasconcelos (textos), José Carlos Vieira (fotos). A pistoleira camarada. **O Cruzeiro**, 05/11/1966.

CAPÍTULO 3



Fotomontagem com as "Certinhas do Lalau". In:

<http://www.revistabrasileiros.com.br/imagens/795/em/textos/130/>

Acesso em 05/10/2011

3.1 Comentário sobre a capa do capítulo 3

A imagem de abertura deste capítulo é uma fotomontagem, de autoria desconhecida, que circula na internet e também já foi publicada em um livro (PIMENTEL, 2008, p.134). Nela, um homem, Stanislaw Ponte Preta, digita em sua máquina de escrever, ao mesmo tempo, ele é cercado por "miniaturas" de várias mulheres com roupas sensuais, quase sempre com as pernas de fora. Estas "miniaturas" representam as Certinhas, uma das invenções de Stanislaw. Estas lindas garotas em poses provocantes e sensuais viraram sinônimo de mulher bonita e "bem despida" nos anos 1950 e 1960. As escadas que aparecem no primeiro plano é uma das marcas do fotógrafo Augusto Valentin, o fotógrafo "oficial" das Certinhas. Esta imagem simboliza o conteúdo deste capítulo. A seguir veremos como sensualidade e nudez das Certinhas foram representadas em O Cruzeiro, no momento em que o escritor e humorista Sergio Porto, o famoso Stanislaw Ponte Preta e seu o fotógrafo Valentin, entram para equipe de produção da revista.

3.1 Humor, nudez e sensualidade na revista O Cruzeiro no fim dos anos 1960

Carro e mulher são bons pra quem tem dois.[168]

*

Mulher e estrada com muita curva é perigoso.[169]

*

A experiência ensina que a mulher ideal é sempre a dos outros.[170]

*

Se o Diabo entendesse de mulher não tinha chifre.[171]

*

Em mulher não se bate nem com uma flor, mesmo porque não adiantaria nada.[172]

*

- Não sou moralista. Acho perfeitamente viável o uso de maiô sem a parte de cima. - Madame não precisa ficar ressentida. Ainda é jovem e por certo viverá a moda do maiô sem a parte de baixo.[173]

*

As modistas capricham cada vez mais na confecção das calcinhas femininas, porque sabem não ter limite o decote dos vestidos.[174]

*

Alguns paradoxos são perfeitamente compreensíveis. Há homens, por exemplo, que vestem uma mulher para ter o direito de vê-la nua.[175]

*

Se a senhora está mesmo disposta a se despir de todos os preconceitos, então tire também a calcinha.[176]

---

[168] STANISLAW PONTE PRETA. **Máximas inéditas de Tia Zulmira**. Rio de Janeiro: Editora Codecri, 1976. p.49.
[169] Ibidem, p.103
[170] Ibidem, p.43.
[171] Ibidem, p.60.
[172] Ibidem, p.61.
[173] Ibidem, p.23.
[174] Ibidem, p.48.
[175] Ibidem, p.72.
[176] Ibidem, p.104.

Estas são algumas das frases do último livro, publicado postumamente, de Sérgio Porto, o famoso humorista e também autodenominado "mulherólogo", Stanislaw Ponte Preta. A mulherologia, como afirmava Stanislaw "é a arte de admirar a mulher, respeitando-a sempre, procurando exaltá-la sem hesitar, isto é, sem hesitações exaltar seu êxito[177].

Essa mulherologia é um "ponto de vista", ou melhor, um olhar masculino sobre o corpo feminino característico dos anos 1950, 1960 e 1970 e que teve em Stanislaw como o seu principal expoente. Mas que também era comum em toda uma geração de repórteres, como os de O Cruzeiro e de ilustradores, como os do Pasquim, sem falar da literatura de Nelson Rodrigues e Jorge Amado.

A exaltação da beleza e sensualidade feminina eram constantes, acrescentadas ainda de provocações que apreciavam o que era visto, mas que clamavam por mais ousadia. Mais corpo. No entanto, o medo do incompreensível também está presente e a figura feminina além de encantar por sua beleza ainda traz(ia) o mistério de sua personalidade complexa, mas ao mesmo tempo, extremamente estereotipada.

Sergio Porto vai parar em O Cruzeiro em janeiro de 1966. Mas antes disso, ela já trabalhava para outros periódicos dos Diários Associados. O Cruzeiro sempre teve uma equipe de humoristas que preenchiam sessões fixas e na segunda metade dos anos 1960 os principais nomes eram os caricaturistas Carlos Estêvão, Appe, Ziraldo e o recém contratado cronista Stanislaw Ponte Preta.

Em 1961, Péricles Maranhão, o criador do Amigo da Onça se suicidou[178]. Já Millôr Fernandes desde 1938 publicava a sessão "O Pif-Paf", duas páginas semanais de seus desenhos, frases e anedotas em O Cruzeiro, mas em 1963 em uma "confusão" onde um de seus desenhos, A verdadeira história do paraíso, foi publicado sem sua autorização e a redação acabou recebendo críticas dos leitores católicos sobre a sátira e ao invés de proteger seu colaborador de longa data, O Cruzeiro o criticou, o que culminou na saída de Millôr e em briga judicial[179]. Já em 1964, Alceu Penna deixa de fazer a sessão as Garotas do Alceu[180], e a revista fica com seu quadro de humorista bem diminuído.

[177] PIMENTEL, Luis (org). **A revista do Lalau**: antologia de textos de Sérgio Porto/Stanislaw Ponte Preta. Rio de Janeiro: Agir, 2008. p.135.
[178] Ver: SILVA, Marcos. Op. Cit. 1989; GAWRYSZEWSKI, Alberto (org). Op. Cit. 2009.
[179] Ver: CARVALHO, Luiz Maklouf. 2001. p.411.
[180] Ver: CAMPOS, Daniela Queiroz. 2010

A partir de 1966 com a contratação de Stanislaw há uma renovação neste quadro. Em 1967 é inaugurada a sessão O Centavo que contaria com vários colaboradores[181] (Figura 46) onde a cada edição da revista havia de duas a quatro páginas com charges e cartuns destes artistas enfocando assuntos cotidianos, políticos ou mundanos. Figura 47 a seguir.

Figura 46: O novo grupo de Humorista da revista. In: O Cruzeiro lança O Centavo. **O Cruzeiro,** 26/08/1967

[181] Vagn (Wagner Thadeu Horta), Al (Alcinde Leipzingerborgertergeborgnergelzer), Juarez Machado, Marcelo Gomes, Miguel, Calicut, Carlos Augusto, Francilio, Daniel Azulay, Pikito, Clovis Diaz, Mem de Sá, Surtan, Redi (Sylvio Redinger), Joah, Rafael, Adail, Lobianco, Henfil, Luzardo, Manoel Caetano Mayrink, Ivan Honczar, Darcy, Ziraldo, Appe, Martha Alencar, Ciça, Vilmar, Zélio, Jaguar, Fortuna, Carlos Estêvão, Guaranys, Stil, Sampaulo e Sampaio, Nilson, Klaus, Leo Leopa. Lista publicada em: O Cruzeiro lança O Centavo. **O Cruzeiro**, 26/08/1967.

O CENTAVO
N.º 6
hilde
otávio
EVAAAA...
Estréiam hoje no Centavo dois paulistas (um do Rio e outro da Alemanha), que a turma lá do garoa conhece muito bem, e que o Brasil inteiro a partir de agora conhecerá melhor. Ele, Otávio, apesar do cabeleira belle époque, é um jovem senhor chargista, do jornal Última Hora, quase sempre, e de tôdas as rodas boas de São Paulo, desde o Clubinho até os bares japoneses da Galvão Bueno. Nasceu e viveu algum tempo no Rio, mudando depois para o frio da Paulicéia, quando se tornou o desenhista que veio do calor. Hilde é dono de um traço extremamente pessoal que, inclusive, deu uma nova dimensão à charge política entre nós. É colaboradora do Estadão (o Estado de São Paulo), onde, com a suileza da sua pena afiada, tem um humor genuinamente brasileiro que o Alemanho, num evidente descuido (deve estar arrependidíssimo), nos permitiu importar.
O CRUZEIRO, 30-9-1967
SABE EVA? SE FOR HOMEM VAI SER JOGADOR DE FUTEBOL!
OTÁVIO
ADÃO E EVA BRASILEIROS
19
O CENTAVO
vilmar
1
2
3
VILMAR
marcelo
MAS SE O PROBLEMA É ESSE, PORQUE EM VEZ DAS OUTRAS VOCÊS NÃO USAM ESSAS?
dino
OH JULIANA, JÁ DESTE TUA MÃO A OUTRO...
20
adail
O CRUZEIRO, 30-9-1967

Figura 47: O Centavo. **O Cruzeiro,** 30/09/1967

E em 1970 O Centavo é substituído por uma nova sessão, O Gramofone, com um layout de páginas de jornal, a sessão era composta por pequenos textos de anedotas e casos curiosos, todos assinados por José Candido de Carvalho. Figura 48:

O GRAMOFONE

Já é tempo, enfim, de escrever qualquer coisa de sério.
Dostoievski

ANO 1 | DIRETOR: JOSE CANDIDO DE CARVALHO | N.º 9 | 29-9-70

BOFETÃO A METRO

MEU MARIDO ERA UM ANJO: CÉU PARA ÊLE!

UMA DE IMORTAL

EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO

COLOQUE FECHO-ÉCLAIR EM SEUS SONHOS

Seja moderno:
Não abra a fala das crianças com abridor de lata de sardinha

Mauro Mota, em lua-de-mel com a imortalidade da Academia Brasileira de Letras, visto pela caneta-lanterna de Appe.

E conta Mauro Mota, poeta maior e escritor também maior, o seu contado. Que é o seguinte:

Quem é capenga e não tem carro vai na frente

Rima mas não é solução

DE COMO O VELHO CARVALHAIS DEU BAIXA PARA NUNCA MAIS

AMOR DE PINCENÊ NUNCA CHEGA A BINOCULO

SOCIAIS

Por trás do meu pincenê

Dona Berenice ou a cara mal feita de corpo

Figura 48: O Gramofone. **O Cruzeiro**, 29/09/1970

Mas o que nos interessa é perceber é que no fim dos anos 1960 a nudez e sensualidade feminina são visualidades que estão ligadas ao Humor. Não a um humor de riso de escárnio, mas ao do riso simpático e sedutor. Assunto que não pode passa em branco, pois, como O Cruzeiro disse: "Humorista é muito subversivo"[182]

O recorte que aqui se faz se refere a como as famosas Certinhas de Sergio Porto foram representadas nas páginas de O Cruzeiro na sessão Stanislaw Ponte Preta e em algumas outras matérias avulsas produzidas pela equipe de O Cruzeiro. A sessão Stanislaw Ponte Preta contava com caricaturas de Carlos Estêvão e com as fotografias de Augusto Valentim, nos focaremos inicialmente nestes dois artistas e depois seguiremos com a analise de Stanislaw e suas "Certinhas do Lalau".

[182] O Cruzeiro lança O Centavo. **O Cruzeiro**, 26/08/1967.

3.3 Carlos Estêvão

Carlos Estêvão era um "cronista do traço" como bem apontou Paula Wienskoski[183]. As centenas de caricaturas que Estêvão publicou em O Cruzeiro são pequenas crônicas do cotidiano, da família, da mídia, dos costumes e até da política. Entrou na revista em 1948 e lá permaneceu até sua morte em 1972. Provavelmente, seu período mais rico, enquanto produções complexas, são os dos anos 1950 quando suas duas páginas semanais eram feitas em forma de quadrinhos e com historinhas complexas e diversas tematicamente.

Devido a sobrecarga de trabalho, nos anos 1960 é a sua fase de grande produção, não tão refinada quanto no período anterior, mas muito maior e mais esparsa. Além de suas páginas normais, acabou "herdando" o Amigo da Onça, o famoso personagem criado pelo seu colega Péricles Maranhão que havia se suicidado no fim de 1961. E como Estêvão sempre fazia o personagem quando Péricles atrasava, ficou encarregado de dar continuidade ao personagem. Estêvão também passou a ilustrar as sessões de Stanislaw Ponte Preta e de Gilberto Freyre, além de também colaborar na coluna "Humor" juntamente com Appe e o estreante Luzardo. Neste período ele passa a viver em Belo Horizonte e sua saúde estava se debilitando, o que culmina em sua morte em 1972.

O que é interessante em Carlos Estêvão para a nossa problemática é o fato de que suas caricaturas também brincam com o contexto visual difundido por O Cruzeiro e sobre o olhar masculino que tanto persegue o corpo feminino. Vejamos quatro exemplos desta interação.

Na figura 49 vemos o "Zé otimista", personagem que, com o nome sugere, via e vivia sempre com otimismo as mais desanimadoras situações. Na figura, o Zé otimista esta na prisão, mas para tornar a sua cela mais "alegre e descontraída", pinta as paredes com cores vivas, retratando uma paisagem de praia com várias mulheres de biquíni, três delas estão deitadas na areia olhando diretamente para Zé otimista deitado tranquilamente em sua cama. Ao fundo, outras mulheres brincam com raquetes enquanto um barquinho navega no mar ao fundo.

Os dois lados da parede ajudam a dar a noção de profundidade e maior interação entre a cela, pequena e vazia por natureza, e o ambiente externo pintado, amplo e rico de conteúdo.

[183] WIENSKOSKI, Paula. Op. Cit. 2002.

Figura 49: Carlos Estêvão. **O Cruzeiro**, 06/05/1966

O riso se dá pelo pitoresco contraste do ambiente atípico, na postura de Zé otimista que deitado confortavelmente, com seu áadio ao lado, segurando uma revista e com um "shorts" feito a partir da calças de presidiário, numa postura de quem está de férias, e traça o comentário "Bem.. agora, só quero dois maços de cigarros com filtro, sim?" para o guarda carrancudo que, com a postura austera e farda, dá a impressão de ser um empregado de hotel de luxo, aguardando ordens.

A pintura na parede retrata o "cotidiano" das praias cariocas mostradas pela fotografias de O Cruzeiro, um belo lugar cheio mulheres bonitas. O próprio corpo feminino é reflexo disso, muitas curvas, poses tranqüilas e provocantes, e um olhar direcionado ao homem. Mas se aqui temos a afirmação do contexto geral das fotografias das "sereias". A própria caricatura denuncia que as coisas não são bem assim. Basta ver uma outra caricatura.

Na figura 50 Carlos Estêvão desmonta a visão de praia paradisíaca mostrando que esse é um ambiente cheio de gente e por isso é poluído e caótico. A praia vira extensão da casa, portanto, se faz de tudo nela, embora ainda mantenha seu caráter de lugar de divertimento.

O que nos chama a atenção é a presença de um fotógrafo no lado esquerdo, segurando uma câmera Rolleiflex, ele fotografa duas mulheres em cima de uma viatura que, alias, podemos ler em sua porta: "Serviço Público Federal uso exclusivo em serviço". O que mostrava o quão sério era (são) alguns servidores do Estado carioca. O corpo destas mulheres já não bate com o ideal de beleza mostrado na figura 49, elas possuem um rosto mais caricato e cômico, as pernas peludas e os ombros descascados impressionam. Mas os biquínis que elas usam são minúsculos e aparentam estar bem à vontade na presença do fotógrafo.

A cena evidência o lado nada glamoroso que a praia pode ter e ao mesmo tempo, como um espaço de múltiplas sociabilidades entre indivíduos das mais diversas etnias e faixa etárias. Entretanto, o ato de fotografar garotas na praia continua presente e indica que, mais do que sendo algo comum nas páginas do periódico, esta também podia ser uma prática fotográfica familiar "popular".

Figura 50: Carlos Estêvão. **O Cruzeiro** 19/02/1966

O olhar masculino sobre o corpo feminino foi bem explorado por Estêvão, e algumas das Caricaturas de seu Amigo da Onça são bem ilustrativas disso. Na Figura 51 temos o Onça vestido como um segurança de boate de strip-tease, na parede vemos um cartaz anunciando "Hoje Rosinha a boneca pixe" e com a foto de corpo inteiro da garota com vestes sumárias e corpo em forma de violão. Andam pela rua um homem baixinho com sua mulher, grande, com um buço que lhe da um tom masculinizado. O Amigo da Onça os interpela com a provocação cínica: "Boa tarde coronel Abílio!... Hoje finalmente vai ser a noite da nossa Rosinha" para desespero do homem que se treme todo de medo.

A cena evidência uma possível relação extra-conjugal e, sobretudo, a valorização de um corpo belo onde a nudez e sensualidade estão presentes enquanto espetáculo, o strip-tease.

Outro caso bem relevante está na Figura 52, publicadas originalmente em duas páginas. A primeira estava na página da direita e a segunda na esquerda, ou seja, a primeira vista, quem a visualizava via uma cena em seguida da outra, não ambas ao mesmo tempo. Marcos Silva já apontava que uma das principais características do Amigo da Onça é sempre estar em relação ao "outro", a vítima direta ou indireta de suas ações, mas que também podia ser o(a) próprio(a) leitor(a)[184]. Na Figura 52 (a) vemos uma sombra feminina que parece estar atrás de um biombo, sua postura e as roupas dependuradas indicam que moça estaria nua ali a atrás. Na página seguinte, Figura 4 (b), ficamos sabendo que tudo era apenas uma ilusão e que na realidade, a moça era um manequim que foi despido pelo Amigo da Onça para que pudesse ser desmontada.

[184] SILVA, Marcos. Op. Cit. 1989

Figura 51: Carlos Estêvão. **O Cruzeiro**, 05/02/1966

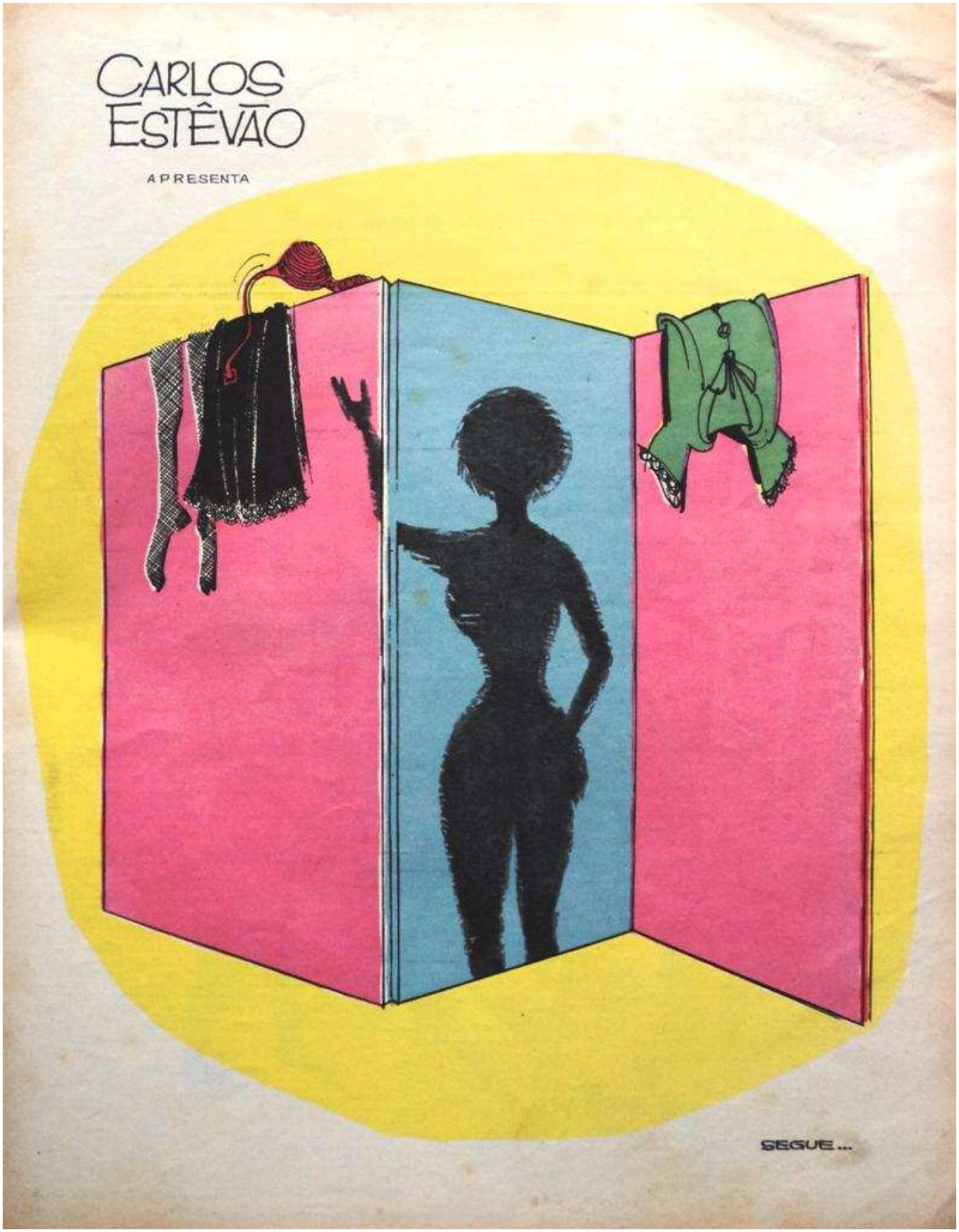


Figura 52(a): Carlos Estêvão. O Amigo da Onça. **O Cruzeiro**, 22/02/1966

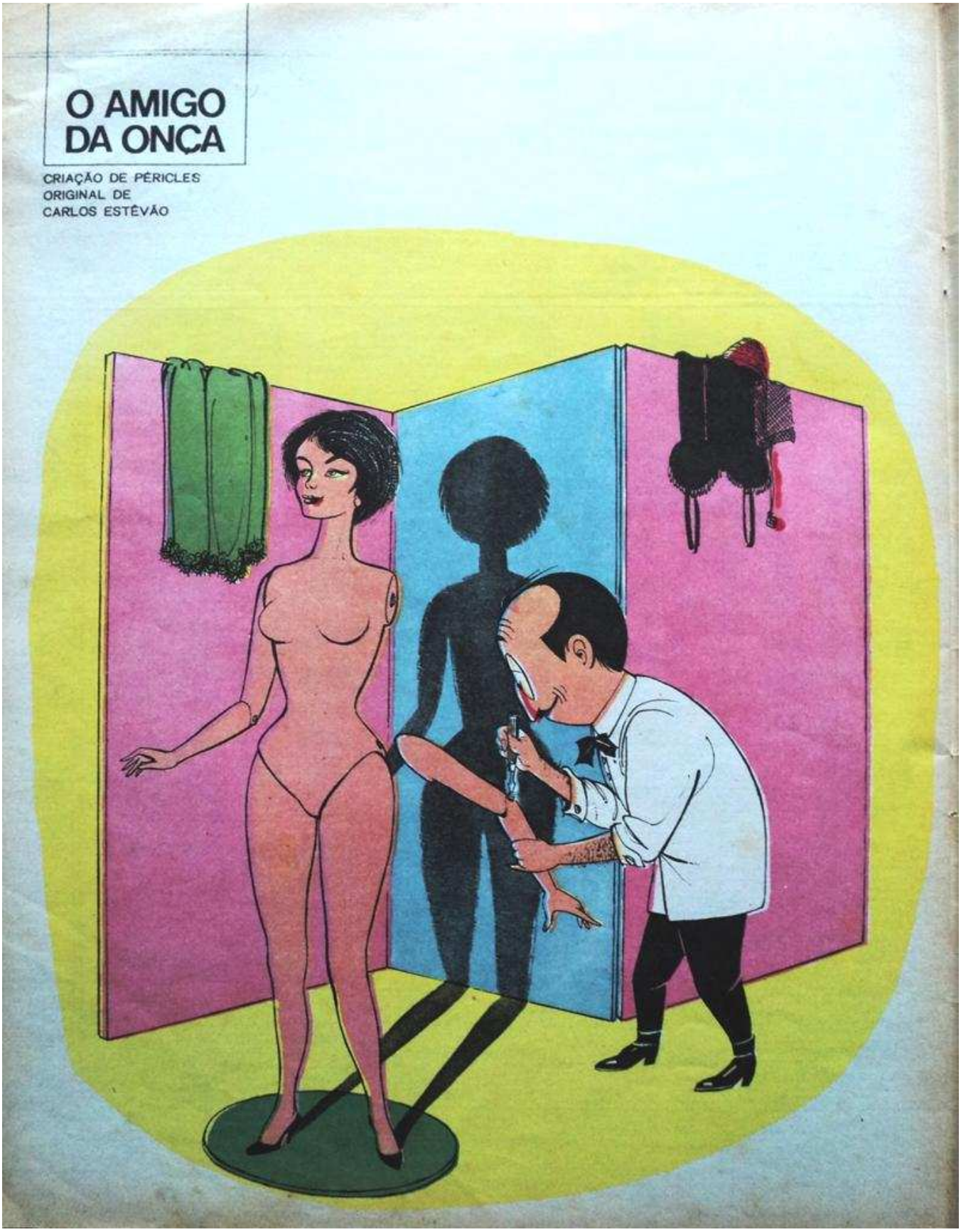


Figura 52(b): Carlos Estêvão. O Amigo da Onça. **O Cruzeiro**, 22/02/1966

3.4 Valentim

Joaquim Ferreira dos Santos definiu assim o fotógrafo Valentim:

> Augusto Valentin, o fotógrafo oficial das certinhas, era o olho procurando o tesão que estava no imaginário dos homens no outro lado do clique. O Duran da época. Ele colocava quase todas as meninas de frente ou de costas, mas de um jeito em que se pudesse ver o recorte sinuoso da cintura combinado com o quadril. Era aí, no tal violão, que ardia inferno. A foto clássica das coelhinhas modernas traz sempre a moça de lado. Às vezes dá para ouvir o fotógrafo pedindo "vira, gata". O que todos querem hoje é ver o milagre de um bumbum apontando para os pícaros do senhor[185].

Como apontou Ary Vasconcelos, Augusto Valentin foi escolhido pelo próprio Sergio Porto como o que melhor fotografava mulheres naquele contexto (décadas de 1950 e 1960) e logo passou a fotografar as "Certinhas", as garotas eleitas por Stanislaw. Antes mesmo de Stanislaw Ponte Preta estrear em O Cruzeiro, Valentim ganhou uma fotorreportagem com textos de Ary Vasconcelos e fotos de Jean Solari. Nela, Vasconcelos diz:

> Sérgio Porto (Stanislaw Ponte Preta) desde 1953 organiza anualmente a lista das mais "certinhas". Em 62, viu umas fotos espetaculares de moda feitas por Valentin e a partir de então, não quis saber de outro parceiro para o lançamento de seu concurso. As "certinhas" correram várias revistas e êste ano serão lançadas pela "Playgirl". Mas o "furo" é nosso: as "certinhas" chamam-se Célia Azevedo, Zélia Azevedo, Zélia Marins, Neyde Aparecida, Marlene Lôbo, Carla Miranda, Edna Gonçalves, Jacqueline, Ítala Nandi, Flávia Balbi e Esmeralda. Uma **avant-première** do concurso foi feita no estúdio do próprio Valentin, com a presença exclusiva da reportagem de "O Cruzeiro".
>
> "Que é que Valentin tem que nós não temos?" - perguntam alguns fotógrafos, não sem certa inveja. A verdade é que êle tem o que para outro qualquer seria uma desvantagem: uma espôsa, americana, é certo, mas esposa. Aliás, a pergunta que êle mais ouve é: "Sua esposa não tem ciúmes de você trabalhar o dia inteiro com mulheres seminuas?" Valentin tem o hábito de tratar seus modelos de "queridinhas" ou "meu amor", não por galanteio, mas porque geralmente esquece ou baralha os nomes. Às vezes, a espôsa vê Valentin chamar outra mulher de "queridinha" ou "meu amor" e pergunta ingênua-maliciosamente: "isso é... fotograficamente?"

[185] SANTOS, Joaquim Ferreira dos. **Feliz 1958**: o ano que não devia terminar. 8 ed. Rio de Janeiro: Record, 2006. p.73-74.

> Quando ela própria é chamada de "queridinha" ou "meu amor" também quer saber: "Fotograficamente?"
>
> Tem dias que Valentim não pára, e trabalha de manhã à noite. E é tanta mulher bonita entrando e saindo de seu estúdio que até houve que se oferecesse para trabalhar de graça como porteiro de seu edifício. Tem um truque para colocar seus modelos à vontade: um disco de vitrola.[186]

Esta sugestão de possível infidelidade feita por Vasconcelos vai de encontro com o que se pensava na época sobre os fotógrafos badalados e da própria estrutura capitalista e masculina da mídia que faz(ia) do sexo uma alavanca para a carreira. Ideia bem explicita no filme inglês Blow-Up - Depois Daquele Beijo (1966) de Michelangelo Antonioni[187] onde as modelos literalmente pulam em cima do fotógrafo em busca de uma oportunidade de posar ou do filme brasileiro Bebel, Garota Propaganda (1968) de Maurice Campovilla[188], onde a protagonista Bebel tem sua carreira alavancada quando posa para fotos sensuais que insinuam a nudez e depois, se vê obrigada a ceder as investidas amorosas de fotógrafos e empresários para sobreviver e continuar na carreira.

Augusto Valentin também fez a fotografia das cenas do filme A espiã que entrou em fria (1967) de Sanin Cherques[189] e que contava com algumas das Certinhas em seu elenco, como é o caso de Esmeralda Barros.

Nas fotos de Jean Solari (Figura 53 (a) a (d)) Valentin é mostrado no centro das cenas, rodeado garotas sorridentes e de biquínis. Todas as fotos são posadas, e procurou-se mostrar o para além das fotos de Valentin. Ou seja, de longe, através do plano conjunto que enfoca as pessoas e o cenário, procurou-se mostrar o fotógrafo em ação e destacando os aparelhos

---

[186] Ary Vasconcelos (textos) e Jean Solari (fotos). O amigo certo das certinhas. **O Cruzeiro**, 15/01/1966.

[187] Sinopse do filme: "Thomas (David Hemmings) é um fotógrafo de moda que não suporta mais o mundo em que vive, no qual jovens mulheres o perseguem para serem fotografadas na esperança de se tornarem grandes modelos. Um dia, ao passar por um parque de Londres, ele vê um casal à distância e resolve fotografá-los. Ao vê-lo Jane (Vanessa Redgrave) corre ao seu encontro, pedindo que lhe entregue os negativos das fotos. Ele se recusa e vai embora, mas ela descobre o endereço de seu estúdio e vai visitá-lo. Lá Jane tenta seduzi-lo e Thomas a engana, entregando outro rolo fotográfico. Ao revelar as fotos, Thomas percebe que pode ter documentado, sem querer, um assassinato." Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/blow-up-depois-daquele-beijo/> Acesso em 22 dez. 2011.

[188] Sinopse do filme: "Bebel (Rossana Ghessa) nasceu em um bairro popular de São Paulo e vem de uma família pobre. Devido à sua beleza é contratada por um astuto promotor de vendas, Marcos (John Herbert), para ser o símbolo de um novo sabonete a ser lançado. A imagem de Bebel chega ao topo do país através dos jornais, revistas, televisão e cartazes, e, com isso, ela encontra o sucesso e o dinheiro. Um dia, porém, a campanha acaba e Bebel tem de retornar ao ponto de partida." Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/bebel-garota-propaganda/> Acesso em 22 dez. 2011.

[189] Sinopse de filme: "Um professor inventa uma fórmula cobiçada por agentes de todo o mundo. É perseguido, raptado, a fórmula é trocada, etc. mas graças a uma virtuosa espiã toda quadrilha é desbaratada". Disponível em: <http://bcc.org.br/filme/003321> Acesso em 22 dez. 2011.

técnicos (máquinas fotográficas, iluminação, etc.) o cenário e as outras modelos que rodeiam o ambiente como integrantes do processo criativo do fotógrafo.

Figura 53(a): Ary Vasconcelos (textos) e Jean Solari (fotos). O amigo certo das certinhas. **O Cruzeiro**, 15/01/1966.

Figura 53(b): Ary Vasconcelos (textos) e Jean Solari (fotos). O amigo certo das certinhas. **O Cruzeiro**, 15/01/1966.

FLÁVIA, UMA DAS MAIS "CERTINHAS" DE 1965, SOBE AGORA O PRIMEIRO DEGRAU DO SUCESSO.

"Que é que Valentim tem que nós não temos?" — perguntam alguns fotógrafos, não sem certa inveja. A verdade é que ele tem o que para outro qualquer seria uma desvantagem: uma rabeira americana, é certo, mas espêssa. Ainda a pergunta que ela mais ouve é: "Sua rabeira não tem ciúmes de você trabalhar o dia inteiro com mulheres seminuas?" Valentim tem o hábito de tratar suas modêlos de "queridinhas" ou "meu amor". Não por ciúmes, mas porque geralmente esquece ou confunde os nomes. Ao chegar ao estúdio, pergunta, inofensivamente: "Quem é a queridinha" ou "meu amor" e pergunta, inofensivamente: "Hoje é... fotogràficamente?" Quando ela protesta é chamada "que ingênua" ou "meu amor" também quer saber: "Fotogràficamente?"

Tem dias que Valentim não pára, e trabalha de manhã à noite. É é tanto mulher bonita entrando e saindo de seu estúdio que até houve quem se oferecesse para ho lofhar de seu estúdio como porteiro de seu edifício. Tem um trajeto para colecionar: uma moça o vontade; um bom disco no vitrola. Tolvez por isso Maria Della Costa, Odete Lara, Tônia Carrero, Norma Benguel, etc., alternam-se fotografando o seu lado modelos favoritas, ácima fotografando o seu lado. Valentim — no foto e que não fo, cido, conhece o "certinho" — fêz capas para todos os revistas do Brasil exceto uma: "O Cruzeiro". Isso só foi verdade até êste número de nosso revista entrar em circulação

Figura 53(d): Ary Vasconcelos (textos) e Jean Solari (fotos). O amigo certo das certinhas. **O Cruzeiro**, 15/01/1966.

3.5 Stanislaw Ponte Preta em O Cruzeiro

Sérgio Porto, nasceu Sérgio Marcus Rangel Porto em 11 de janeiro de 1923, no Rio de Janeiro e foi imortalizado com o nome de Stanislaw Ponte Preta. Começou a trabalhar em 1942 no Banco do Brasil. Segundo o comentário geral, era um humorista nato e em 1949 começa a escrever para o jornal Sombra e em 1951 passa para o Diário Carioca onde inventa Stanislaw Ponte Preta[190].

Em 1952 casa-se com Dirce Araújo e no ano seguinte se transfere para o jornal Tribuna da Imprensa e publica a pequena História do Jazz. Em 1954 passa a escrever para o Última Hora e a trabalhar na rádio Mayrink Veiga, onde permaneceu até 1962. Também trabalhou no Diário da Noite e em O Jornal. Com Luís Iglesias faz a revista teatral Quem Comeu Foi Pai Adão e vários shows para a televisão e também em boates. A partir de 1958 passa a escrever os diálogos de filme É de Chuá[191] e O bicho não deu[192]. Em 1961 publica os livros com a família Ponte Preta[193]. Já em 1965 vai trabalhar na Rádio Guanabara e em várias estações de televisão e junto com o pintor Santa Rosa e Lúcio Rangel, funda a revista O Mundo Ilustrado[194].

Em 1966 entra para O Cruzeiro, escreve o argumento dos episódios do filme As Cariocas, dirigido por Fernando de Barros e Roberto Santos[195]. E também o livro Febeapá – Festival de Besteiras que Assola o País[196]. Em 1967 o livro de novelas As Cariocas é

---

[190] PAULILLO, Maria Célia Rua de Almeida. **Sérgio Porto (Stanislaw Ponte Preta) Literatura comentada**. São Paulo: Abril Educação, 1981. p.10.

[191] Dirigido por Victor Lima em 1958, sinopse do filme: "Dois larápios, Maria Xangai e Juca Moleza, travestem-se de grã-finos para, em meio a uma grande festa, roubar uma coleção de jóias. Uma dupla de escola de samba, em busca de filantropia, se envolve com o casal e com um investigador que procura liquidar com a quadrilha." Disponível em: <http://bcc.org.br/filme/010952> Acesso em 22 dez. 2011.

[192] Dirigido por J. B. Tanko, sinopse do filme: "Um detetive procura desmontar um centro de jogo do bicho localizado em uma floricultura. Entretanto, após uma queda, fica com amnésia e chega a pensar que é bicheiro. Um médico o cura, mas ao som de um apito volta a amnésia e sua outra personalidade. O bicheiro resolve destruir a floricultura, por estar muito visada pela polícia e na confusão foge um macaco, o que serve como palpite para o jogo." Disponível em <http://bcc.org.br/filme/014092> Acesso em 22 dez. 2011.

[193] Ver: STANISLAW PONTE PRETA. **Tia Zulmira e Eu**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975; STANISLAW PONTE PRETA. **Primo Altamirando e elas**. São Paulo: Círculo do Livro,sd.; STANISLAW PONTE PRETA. **Rosamundo e os outros**. São Paulo: Círculo do Livro,sd. STANISLAW PONTE PRETA **Garoto linha dura**. São Paulo: Círculo do Livro,sd.

[194] PAULILLO, Maria Célia Rua de Almeida. Op. Cit. 1981. p.10.

[195] Sinopse de filme: "Filme dividido em três episódios mais o prólogo." Disponível em: <http://bcc.org.br/filme/002187> Acesso em 22 dez. 2011.

[196] Livro que teria mais dois volumes, perfazendo em três: STANISLAW PONTE PRETA. **FEBEAPÁ 1 - Primeiro Festival de Besteiras que Assola o País**. São Paulo: Círculo do Livro,sd; STANISLAW PONTE PRETA. FEBEAPÁ 2 - **Segundo festival de besteiras que assola o país.** 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976; STANISLAW PONTE PRETA. **Na terra do crioulo doido**: FEBEAPÁ 3 a máquina de fazer doido3. ed. Rio de Janeiro: Editora Sabiá, 1968.

publicado[197]. E no ano seguinte, sofre de uma tentativa de envenenamento na ocasião do seu show do Crioulo Doido. E no Rio de Janeiro no dia 30 de setembro de 1968, morre vítima de complicações cardíacas.[198]

Em 5 de fevereiro de 1966, O Cruzeiro publica uma matéria de apresentação de Stanislaw Ponte Preta, com textos de Ary Vasconcelos e fotos de João Fontes. As fotos receberam colagens de caricaturas de Carlos Estêvão, retratando a família Ponte Preta: a sábia Tia Zumira, o mau-caráter Primo Altamirando e o distraído Primo Rosamundo e também o nacionalista Bonifácio. Figura 54, abaixo.

[197] Além do livro: PORTO, Sérgio. **As cariocas**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967. E do filme As Cariocas (1966) de Fernando de Barros, Walter Hugo Khouri e Roberto Santos, recentemente em 2010 foi lançado As Cariocas em forma de uma série televisão dirigida por Daniel Filho para a Rede Globo, contando com dez episódios que, assim como no filme de 1966, reunia as mulheres mais lindas de sua época.
[198] PAULILLO, Maria Célia Rua de Almeida. Op. Cit. p.10.

OS PONTE PRETA EM "O CRUZEIRO"

TEXTO DE ARY VASCONCELOS
FOTOS DE JOÃO FONTES
CARICATURAS DE CARLOS ESTÊVÃO

Figura 54: Ary Vasconcelos (texto), João Fontes (fotos), Carlos Estêvão (caricaturas). Os Ponte Preta em O *Cruzeiro"*. **O Cruzeiro**, 05/02/1966

Estes personagens são constantes nas crônicas de Stanislaw, vindo a aparecer na sessão "Stanislaw Ponte Preta" publicada semanalmente a partir da semana seguinte (12/02/1966) até sua morte, além de serem personagens-títulos de alguns de seus livros.

Vasconcelos nos dizia que:

> A vinda de Sérgio Porto para "O Cruzeiro" não é apenas o deslocamento, para esfera Associada, de um dos mais completos e inteligentes homens de imprensa no Brasil. É todo um êxodo, um autêntico movimento migratório, empreendido por uma família fabulosa: a Ponte Preta.[199]

Essa família era um recurso estratégico nas narrativas de Stanislaw, serviam para criar empatia para com o público leitor e possibilitar um tom intimista e satírico nas histórias contadas. Sobre estes narradores personalizados, Maria Paulillo aponta que:

> O desejo de fisgar o leitor, de estabelecer um laço de empatia, também se expressa na caracterização do narrador. Contrastando com a imagem quase ausente do repórter que relata os últimos acontecimentos ou figura superior e sisuda do jornalista de editorial que interpelava os fatos, esse narrador é personalizado: chama-se Stanislaw Ponte Preta – Stan para os íntimos –, é bonitão, escreve numa Remigton e vem ser parente próximo de seus personagens, Zulmira, Altamiro e Rosamundo.
>
> Aliás, a criação destes personagens caricaturescos, construídos em torno de uma única idéia ou característica: Rosamundo é o distraído; Altamirando, o mau-caráter; Bonifácio, o nacionalista xenófobo. Como não muda nunca, o personagem-caricatura tem a grande vantagem de ser logo reconhecido pelo leitor desatento ou ainda ser facilmente lembrado pelo leitor ocasional, que lê a coluna apenas de vez em quando. [200]

Outro aspecto importante na escrita de Stanislaw Ponte Preta é o contraste cômico:

> Stanislaw Ponte Preta exprime-se num coloquial popular muito saboroso. Além dos períodos curtos, diretos, do aproveitamento da gíria, ele é mestre em comparações enfáticas, bem ao gosto popular: "O cara estava mais suado que o marcador do Pelé", ou ainda "Estávamos mais por baixo do que calcinha de náilon".

[199] Ary Vasconcelos (texto), João Fontes (fotos), Carlos Estêvão (caricaturas). Os Ponte Preta em O Cruzeiro". O Cruzeiro, 05/02/1966

[200] PAULILLO, Maria Célia Rua de Almeida. Op. Cit. 1981, p.101.

> Mas a grande particularidade do coloquialismo de Stanislaw é a incorporação irônica de uma estilo estereotipado próprio de camadas pretensamente "ilustres" ou "cultas". Enfim, para usarmos uma das suas expressões preferidas, um estilo "cocoroca".
>
> Em primeiro lugar destaca-se o uso de **nós** em lugar do **eu**, de **nosso** em lugar de **meu**, o chamado plural de modéstia, recursos muito empregado em discursos e escritos eruditos. Acresce o uso freqüente de palavras rara (convescote por piquenique, tugúrio por refúgio, macróbia por idosa, intimorato por corajoso), formas de tratamento convencionais (cavalheiro, madame, minha senhora), expressões feitas cultas (plebe ignara, bom alvitre) etc. esse estilo esdrúxulo, que vai do respeitoso ao pernóstico, parece se inspirar, em parte, na linguagem empolada dos locutores esportivos e dos repórteres policiais.
>
> Semeando aqui e ali ao longo do texto, o contraste desse estilo com a sua linguagem descontraída, irreverente, e por vezes propositalmente prosaica, resultando num contraste cômico que vem ser talvez a marca registrada do coloquialismo de Stanislaw: "Vinhamos ladeira a baixo, comendo umas goiabinhas, quando surgiu na nossa frente um cavalheiro bem-posto, a sorrir, de braços abertos., como somos bons fisionomistas e reparamos logo que o distinto não era pessoa de intimidade, julgamos tratar de um batedor de carteira". [201] (negrito da autora).

Soma-se a isto o enredo anedótico que fazia da leitura de Stanislaw um divertimento garantido:

> o fator determinante da popularidade de Stanislaw foi o humor – característica que o tornou conhecido de norte a sul do país. É certo que o humor está presente em quase todos os níveis de suas crônicas: no estilo original, misto de um coloquial popular com um jargão pseudo-erudito, nos personagens caricaturais etc. Mas sua manifestação mais evidente encontra-se nos enredos engraçadíssimos. De fato, muitas crônicas de Stanislaw assemelham-se a anedotas desdobradas, cujo final é sempre motivo de uma boa gargalhada.
>
> Embora exista um quase consenso sobre a dificuldade de conceituar o humorismo – e por extensão a literatura humorística – devido à sua complexidade, vale a pena arriscar algumas considerações sobre as crônicas-anedotas de Stanislaw.
>
> A piada, o gracejo pode ser entendido como uma forma de fazer o sentido das coisas: de uma palavra, de um provérbio, de uma situação. Para ilustrar essa idéia, tomemos por exemplo a crônica "Era Covardia". Aqui Primo Altamirando é inquerido por um juiz por que razão ficara impasível diante da surra que um padeiro dava em sua sogra. O juiz lhe pergunta: "Por que não ajudou?". E Altaminrando

[201] Ibidem, p.101-102.

> então responde: "Porque não ficava bem dois homens batendo numa velha só". No texto, o sentido previsível de **ajudar**, isto é, **socorrer a velha**, é desfeito por outro sentido, **bater também**, ou seja, ajudar o padeiro, criando assim o efeito-cômico.[202] (negrito da autora).

Stanislaw Ponte Preta era o humorista mais conhecido dos anos 1960. Escrevia para diversos jornais e seus livros estavam sempre entre os mais vendidos. Fazia radio e televisão, portanto, teve contato uma grande quantidade de pessoas do meio artístico. Através do humor, rio do cotidiano e criticou a hipocrisia e o autoritarismo de sua época[203]. Seu repertório temático era vasto. Mas o tema "mulher bonita" era um de seus assuntos preferidos e também muito apreciado na imprensa brasileira. Tanto é que Maria de Lurdes Pinhel, em uma matéria chamada "a vida começa aos 40", destaca que este é um de seus aspectos mais interessantes:

> Sérgio Porto
>
> Comentarista, humorista, escritor, é homem invejado mas não por estas qualidades em enumeramos, e sim porque é o "dono das certinhas". Não há mulher bonita nesta cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro que êle não analise com seu "ôlho clinico", e, trarando-se de "show-girl", então, é formado com grau 10. Vestidas, despidas, com monquíni ou "paillettes", mulher é assunto especial da alçada de Stanislaw Ponte Preta, Primo Altamirando e Tia Zumira. Mas, falando sério, Sérgio Pôrto é homem inteligente e culto, "bonitão", que teve o bom-gôsto de se especializar no dito sexo frágil. E brincando, brincando, êle lá vai fazendo seu pé-de-meia e pensando na velhice, que cruz credo, ainda vem longe.[204]

---

[202] Ibidem, p.102.

[203] Em uma crônica chamada "Militarização", Stanislaw conta que:
"Sonhou a noite inteira. Pesadelos tremendos, pesadelos com dragão, caída em abismos profundos, estas bossas. Bem que a mulher avisou que não devia comer salsicha no jantar. Se havia duas coisas que não combinavam era salsicha e seu estômago. Quando comia salsicha no almoço, sentia que a distinta passava o dia inteiro no estômago, agora vocês façam uma idéia do que acontecia quando comia salsicha e ia dormir. Os pesadelos vinham um atrás do outro. Acordava suado, a tremer de medo. Era obrigado a levantar-se várias vezes durante a noite, tomar antiácidos. Desta vez a salsicha levou-o a um estranho sonho. Talvez ande muito preocupado com a revolução, não sei. O fato é que, depois de uma das muitas vezes em que se levantou agitado, tornou a deitar e dormiu para sonhar que não havia mais emprego civil no país. Eram todos militares: os chefes de serviços de repartições, os presidentes de autarquias, os ocupantes de cargos públicos. Mas isto era o de menos; em seu pesadelo percebia que todos eram militares: a orquestra da boate era uma banda militar, o porteiro do restaurante era um general, o homem do elevador era um capitão e assim por diante. De repente, mesmo dormindo, deu uma gargalhada. A mulher sacudiu-o para acordar, pensando que ele tinha ficado maluco. Acordou e contou o estranho sonho à mulher: – Todo mundo era militar – explicou ele, ainda estremunhado. – Mas você rio de quê – quis saber a mulher. –É que, no sonho, eu passei em frente de uma boate e tinha um cartaz na porta escrito: 'Hoje sensacional striptease, com o Major Pereira'". In: STANISLAW PONTE PRETA **Garoto linha dura.** Op. Cit. p.130-131.

[204] Maria de Lourdes Pinhel. A vida começa aos 40. O Cruzeiro, 02/09/1967.

O irônico da matéria é que exatamente um ano após sua publicação, Sérgio Porto e Stanislaw Ponte Preta morrem, indicando que nem sempre a vida começa após os 40. E que autor e personagem se confundem, como ele mesmo relata:

> Moravamos na mesma casa, tivemos a mesma infância e muitas vêzes comemos do mesmo prato. Stanislaw surgiu numa época em que os cronistas mundanos dominavam as páginas dos jornais com suas colunas cheias de neologismos e auto-suficiência. Antes disso, só assinara promissórias. Não se ateve aos personagens, estendendo sua coluna até outros setores, inclusive o "divertissemente". Stanislaw entende de muita coisa mas é, acima de tudo um "expert" em mulher.[205]

Marcelo, o irmão dois anos mais novo de Sérgio/Stanislaw comenta que suas últimas palavras foram: "Mano, dá um beijo naquela enfermeira por mim"[206]. E desta paixão/admiração pelas mulheres que marcou sua vida e a História da Mídia, nasceu as Certinhas, uma visualidade que analisaremos a seguir.

[205] STANISLAW PONTE PRETA. In: Ary Vasconcelos (texto), João Fontes (fotos), Carlos Estêvão (caricaturas). Os Ponte Preta em O Cruzeiro". O Cruzeiro, 05/02/1966.
[206] Francisco Nelson (texto) e Hélio Mota (foto). Sergio Porto pela última vez. **O Cruzeiro**, 12/10/1968

3.6 Nudez e sensualidade nas Certinhas do Lalau

Em uma entrevista, perguntaram para Sergio Porto: "Por que você coloca essas mulheres na sua coluna?" E ele respondeu: "São para ilustrar a página – e, por minha vez, perguntei: – Você conhece alguma coisa mais bonita que mulher para alindar as coisas?"[207]. As mulheres a que se referem são as Certinhas. Stanislaw explica sua origem:

> Outra coisa que já ouvi em meu louvor foi a afirmativa de que fui eu que bolei a lista das certinhas. Não é verdade. Eu não sou de inventar nada. Sou – de certa forma – como aquele malandro a quem perguntaram o que estava fazendo e ele respondeu: "Não estou fazendo nada. A indústria nacional melhorou muito de maneira que eu, em vez de fazer alguma coisa, compro feito".
>
> Quem inventou esse negócio de lista de mulher foram os cronistas mundanos. Alias, pede a verdade histórica que se diga que quem primeiro fez lista de mulher foi o coleguinha jornalista Jacinto de Tormes, no tempo em que se dedicava a essa bobagem de escriba do society, defeito que ele, felizmente, já corrigiu. O De Tormes, no ano de 1954, publicou numa revista uma lista das "Mulheres Mais Bem Vestidas do Ano" e eu, que trabalhava na mesma revista, escrevendo sobre um assunto muito mais bacaninha, isto é, escrevendo sobre o teatro rebolado, não quis ficar por baixo e inventei logo a lista das "Mulheres Mais Bem Despidas do Ano".
>
> A expressão "bem despidas" chateou um pouco as mães de algumas certinhas selecionadas naquele ano. Sim, porque, embora haja quem duvide, certinha tem mãe. E quem duvida tem suas razões, não é mesmo? Afinal elas são tão assim – como direi? –, assim tão bem feitinhas que o camarada olha e pensa que elas são fabricadas em laboratório por cientistas de alto gabarito. Garanto que é um erro pensar isto. As certinhas são humanas e fabricadas pelo processo ortodoxo.[208]

Dois anos depois, Jacinto Tormes mudou o nome de sua lista para "As mais elegantes" e para fazer contraposição, a revista pediu para Stanislaw selecionar os cavalheiros gordos e desalinhados para uma lista de "Os mais Elefantes". "Sintam vocês o drama aí! Olhem se eu ia trocar: em vez de faturar a simpatia de um grupo de moças redondinhas, eu iria arrumar a antipatia de um monte de grandalhões"[209], então saiu da revista e foi para outra, onde lançou a lista das Dez Mais Certinhas e, para cada ano, uma nova lista era publicada. Embora, na realidade, o número de certinhas não fosse muito exato.

---

[207] PORTO, Sérgio. In: PIMENTEL, Luis (org). **A revista do Lalau**: antologia de textos de Sérgio Porto/Stanislaw Ponte Preta. Rio de Janeiro: Agir, 2008. p.145.
[208] Ibidem, p.127-128.
[209] Ibidem, p.128.

> Junta as "10 mais bem despidas" dos dois primeiros anos, ou seja, 1954 e 55, às certinhas dos anos seguintes, até 1968, seriam 140. Porque exatamente no último ano a lista era um calendário, uma para cada mês, portanto 12 as escolhidas e não 10. E antes que alguma tortinha pegasse lápis e papel pra conferir o cálculo, Stanislaw ensinava que não se deve misturar mulher com matemática, porque tirante Mademe Curie, as outras nunca foram muito boas de números, principalmente na hora de somar as contas pro marido assinar cheque.
> "Deus não fez a mulher pra ficar botando mão nessas coisas, ela tem missões muito mais interessantes."[210]

Em sua análise do ano de 1958, Joaquim Ferreira dos Santos assim definia o padrão estético das garotas da lista:

> Todas as mulheres da relação de Stanislaw em 1958 só fariam sucesso atualmente em grupos baianos que estivessem a fim de uma substituta para Carla "102" Perez. As coxas eram muito grossas, os quadris muito largos e as cinturas deformadas pelo uso do cinturite, um espartilho que só apertava metade do estômago e servia para dar o contorno de violão sete cordas. O mais impressionante, no entanto, para quem tem nas retinas o padrão da mulher dos anos 90, é que há quarenta anos não existiam mulheres de bumbum arrebitado. Ou pelo menos isso não era um atributo valorizado pelos mulherólogos. A recíproca também é verdadeira, procure nas praias: onde estão os violões de outrora? Não nascem mais? Viraram guitarras? [211]
> A se julgar pela foto de Alda Marina, conhecida como La Rana – outra certinha de 58 –, também não se cultuava a carne dura, musculosa, essa obsessão que faz com que as mulheres de hoje encham as academias de ginástica e queiram ficar marombadas, madonnizadas. Não chegavam a ser banhistas de Ronoir ou gordas de Botero. Mas as certinhas eram molinhas. Fofinhas. Na boa.
> - Ninguém fazia ginástica para emagrecer – comenta Carmen Verônica, certinha durante uma dezena de anos, mas que deu uma chance às mais novas e ficou fora da lista de 58.
> - Não se sabia que aquilo poderia fazer o corpo ficar mais bonito. Dieta também não estava na moda. O bom era ser cheinha.
> Com exceção de Ilka, todas as eleitas de 58 pesavam em torno de 60 quilos. La Rana devia estar, no dia da foto, de posse dos seus 60 e lá vai fumaça. Talvez por isso, mesmo de biquíni, ela se mostrou de costas Na verdade, o que seria a parte de trás

[210] STANISLAW PONTE PRETA. In: SÉRGIO, Renato. **Dupla exposição**: Stanislaw Sérgio Ponte Porto Preta. 3. ed. Ediouro: Rio de Janeiro, 1999. p.36.
[211] SANTOS, Joaquim Ferreira dos. **Feliz 1958**: o ano que não devia terminar. 8 ed. Rio de Janeiro: Record, 2006. p.73.

> da calcinha era um imenso coração de fru-fru. O próprio Sérgio curtiu delicadamente com a malemolência da moça em seu texto de apresentação: "La Ranna já trabalhou com os mais variados empresários, contribuindo sempre com sua redonda personalidade para maior brilhantismo do espetáculo e gáudio da platéia".
> A publicação da lista das certinhas era um acontecimento que, urght!, alavancava as venda de Última Hora e O Mundo Ilustrado. [212]

Com o tempo, a lista das Dez Mais Certinhas ficava cada vez mais famosa e concorrida. Stanislaw era constantemente questionado sobre ela, e o próprio "status" de ser uma certinha possibilitou o alavancamento da carreira de algumas delas, haja visto, a repercussão que dava, e é claro, o poder simbólico. E ao refletir sobre elas, Stanislaw aumentou seus textos sobre sobe sua "mulherologia".

> Um dia, pergunta chata, quiseram saber qual a mais certinha das certinhas.
> "Todas. Bom mesmo é mulher. E tem nego que não é muito chegado, pode? Melhor pra nós! Quando bolei as certinhas quis fazer uma homenagem à maior invenção deste mundo, agora, esse negócio de especialista em mulher acho um pouco perigoso. Uma vez quiseram me apelidar disso mas eu chiei, não entendo tanto assim, não. O fato de escolher as certinhas é pura picardia, nada tem de conhecimento profundo. Ninguém entende de mulher, nem o diabo, se ele entendesse não tinha chifre. Eu entendo é de feminilidade, quer dizer, sei sentir isso, sem saber descrever como é que é essa coisa. Mas às vezes descubro feminilidade até num pequeno detalhe, pode ser num sorriso ou num cotovelo. Quanto ao procedimento da mulher diante da crise histérica histórica que atravessa no momento, acho é que ela não deve marchar. Se ela marchasse menos, a crise não estava aí. Não sou contra mulher na política, ela tem direitos iguais aos homens, mas se entra para associações, no máximo sai um pif-paf. O que ela tem é de usar as armas que as mulheres sérias como Adalgisa Néri, Rachel de Queiroz, Fernanda Monte Negro, Clarice Lispector usam. Sobre a chamada mulher doméstica, infelizmente não achei uma. Tenho a maior inveja do burguesão realizado. O mundo é dos pobres de espírito, foi Jesus que disse. Minha opinião sobre a mulher independente é a melhor possível, embora ela seja muito malvista pelas outras, seja vítima de preconceitos que crescem na razão direta de sua liberdade. Mas dentro dessa luta toda, importante é mulher não esquecer nunca de seu aspecto físico, o sentido de sua feminilidade. Não precisa andar de calças velhas (as compridas) e nem usar camisa de homem. E o problema da falta d`água também não é desculpa. Nunca fui mulher, mas acho que para ela amar livremente tem de enfrentar muito

[212] Ibidem, p.74.

> vizinho, muito mulher na janela, muita amiga invejosa. Nem sou apologista da mulher que fica com um homem soa a vida inteira, embora ache que isso seja o ideal. Mas quem entende desse assunto melhor que eu, é o primo Altamirando. Ainda outro dia ele foi dormir lá em casa. E quando o nefando parente aparece pedindo pousada, boa notícia não traz: ou está cercado por algum cobrador ou perseguido pela polícia, tanto que já nem pergunto qual é babado nem nada, pra não me sentir automaticamente cúmplice. Só sei é que ele chegou, comeu como um frade, bebeu como um irlandês, apertou e acendeu um baculejo, aquele cigarrinho de arte, e contou que em São Paulo uma senhora chamada Maria Fidelino era líder divorcista. Talvez o Nelson Carneiro nem soubesse disso, mas tinha uma coleguinha paulista que, além de divorcista, era líder feminista. Ela tinha dado uma entrevista dizendo que o então atual estado de coisas não podia continuar. E, de estado em estado, tinha chegado ao estado civil dos casais entortados. Madame Fidelino não explicava se era casada, solteiro ou avulsa, mas pelo jeito estava sem marido, pois falava das damas em disponibilidade conjugal com tal conhecimento de causa que a gente via logo que no quarto dela tinha uma vaga. Espinafrava os homens de um modo geral e os homens que se separavam, em particular. Disse que nosso governo (não chegava a dizer qual deles) já devia ter tomado alguma providência para amparar as mulheres separadas, que a justiça é cega, por isso não via as dificuldades que elas passam , por causa dos homens. Acrescentava que 90 porcento [sic] dos homens que abandonaram suas esposas não lhes prestava assistência financeira. Então tinha fundado a 'Sociedade das Mulheres Separadas".
>
> Era extraordinária a capacidade de Mirinho para observações malignas. Primeiro chamou Madame Fidelino de '*paulista separatista'*, depois, sabendo que tal entidade já existia, pegou o telefone, discou e perguntou:
>
> 'É da Sociedade das mulheres Separadas?'
>
> 'É, sim senhor'.
>
> 'Então me separa duas aí, por favor, uma pra sábado e outra pra domingo!'
>
> E meditativo, a balançar a cabeça, com um sorriso cínico pendurado nos lábios, sintetizou: 'Não boto a mão no fogo por mulher nenhuma, que não quero ficar maneta!'.[213]

Agora que já vimos um pouco como surgiram as Certinhas e o que Stanislaw falava sobre elas e as mulheres em contexto mais amplo, vamos nos voltar para como as Certinhas foram representadas na revista O Cruzeiro no período de 1966 a 1968.

Stanislaw estréia em O Cruzeiro na edição de 12 de fevereiro de 1966, estréia destacada na capa que o anunciava e ainda trazia Esmeralda Barros de biquíni, eleita uma das dez

[213] STANISLAW PONTE PRETA. In: SÉRGIO, Renato. Op. Cit. p.36-38.

Certinhas do ano anterior[214] e modelo da matéria "Uma certinha e 7 biquínis". Esta matéria foi produzida com textos de Ubiratan Lemos e fotos de Indalécio Wanderley. E consistiu em um ensaio fotográfico onde Esmeralda aparecia no primeiro plano tendo ao fundo o morro do Pão de Açúcar no Rio de Janeiro. Sendo que as maiores variações eram das poses e dos biquínis. Para cada foto um biquíni diferente, representando assim um dia da semana, essa é a razão do "7" da manchete. Ver quadro 03, abaixo.

A escolha de Esmeralda Barros não é só pelo fato de ser uma das Certinhas "oficiais". Naquele momento, ela era (provavelmente) a mulata brasileira com maior evidência na mídia por trabalhar na televisão, fazer filmes nacionais e internacionais[215]. O Cruzeiro mesmo lhe dedicou outras matérias[216] e posteriormente, foi uma das primeiras a posar para a Playboy brasileira[217].

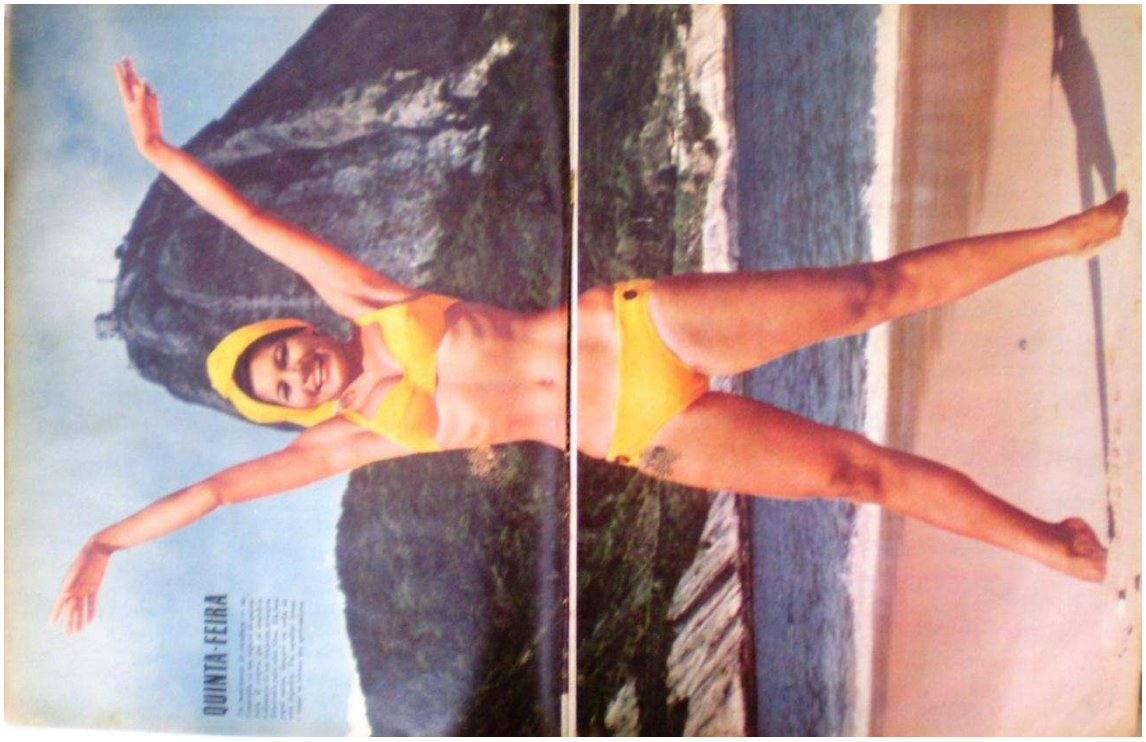
Já bem acostumada as câmeras, parece estar a vontade. Ubiratan Lemos ressalta sua sensualidade: "Seu corpo, que transborda biquínis 'Jomafre', é um 'best-seller' para o bom-gôsto internacional. Dizem os **experts** que os seios de Esmeralda – assim diziam também dos de Ima Sumac – estão entre os mais belos do mundo." (negrito do autor)

[214] Ver: **Playgir**, Ano 1, N°1, Ediex,1965, p.23.
[215] Só para citar alguns: As Cariocas (1966); A espiã que entrou em fria (1967); Se tutte le donne del mondo (1966); Kiss the Girls and Make Them Die (1966).
[216] Niltonn Camparelli (textos) Indalécio Wanderley (fotos). Esmeralda confessa: não sou mulata**. O Cruzeiro**, 09/03/1968; A Eva de Esmeralda, **O Cruzeiro**, 27/07/1968; Wanderley Lopes (textos) Aldyr Tavares (fotos). Sou a mesma mulata. **O Cruzeiro**,13/11/1969
[217] **Playboy**, Julho de 1976.

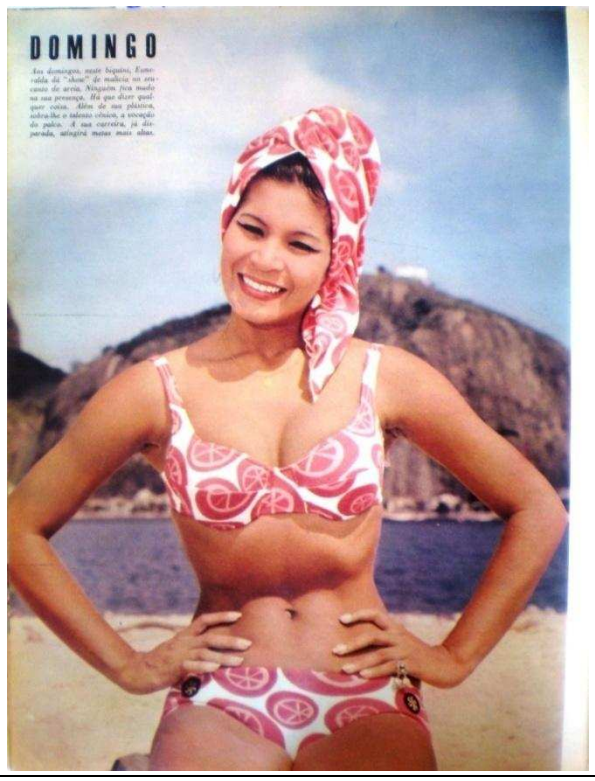
Quadro 03: Ubiratan Lemos (textos) Indalécio Wanderley (fotos). Uma certinha e 7 biquínis. **O Cruzeiro**, 12/02/1966

O CRUZEIRO
ISRAEL PINHEIRO SÓ PENSA EM BOI
O ALEIJADINHO É UMA FARSA
NESTE NÚMERO:
ESTRÉIA DE STANISLAW PONTE PRETA
ESTADO DO RIO DEBAIXO DÁGUA
UMA CERTINHA E 7 BIQUÍNIS

TERÇA-FEIRA
QUARTA-FEIRA


QUINTA-FEIRA

SEXTA-FEIRA
SABADO


DOMINGO

No mesmo ano de 1966 O Cruzeiro publicou outras matérias envolvendo as Mais Certinhas de 1965[218] e tendo as seguintes características visuais gerais (quadro 04):

Quadro 04:			
Matéria	Certinha / n° de fotos / nº de páginas	Enquadramentos/posição	Vestimenta
Uma certinha e 7 biquínis	Esmeralda Barros / 7 / 9	6 Plano médio, 1 Plano americano,	7 biquínis diferentes
Uma certinha e 7 calças	Flavia Balbi / 7 / 9	Plano médio, Plano americano, 2 deitada	4 tops, 7 calças diferentes
Uma certinha e os 7 do Zoo	Edna Gonçalves / 7 / 6	6 Plano médio, 1 Plano americano, 2 deitada	1 biquíni, 2 calças e duas blusas
Uma certinha e 7 fantasias	Neyde Aparecida / 7 / 6	7 Plano médio	7 fantasias diferentes, em 6 as pernas são destacadas
Uma certinha e 7 instrumentos	Carla Miranda / 8 fotos / 6	1 Plano geral, 6 Plano médio, 1 Plano americano	2 biquínis diferentes
Uma certinha e 7 praias	Regina Célia[219] / 7 / 6	1 Plano americano, 4 Plano médio, 2 Plano geral	4 biquínis diferentes
Uma certinha e 7 poses	Zélia Maria Martins Cota / 7 / 6	7 Plano médio fechado visto de cima	3 top e 2 shorts, 2 vestidos
7 vêzes certinha	Jacqueline / 7 / 6	7 Plano médio	2 biquínis, 2 maiôs, 2 conjuntos, 1 nua

Provavelmente foram publicadas 10 matérias deste tipo já que virou uma série, mas que só não citamos as 2 edições restantes (provavelmente estreladas por Célia Azevedo e Marlene Lôbo) devido a sua falta nos acervos pesquisados.

[218] Ubiratan Lemos (textos) Indalécio Wanderley (fotos). Uma certinha e 7 biquínis. **O Cruzeiro**, 12/02/1966; Ubiratan Lemos (texto) e Indalécio Wanderley (fotos). Uma certinha e 7 calças. **O Cruzeiro**, 16/04/1966; Joarez Ferreira (texto) e Rubens Américo (fotos). Uma certinha e os 7 do Zoo. **O Cruzeiro**, 16/08/1966; Ary Vasconcelos (texto) e Jorge Audi (fotos). Uma certinha e 7 fantasias. **O Cruzeiro**, 26/02/1966; Ary Vasconcelos (texto) e João Fontes (fotos). Uma certinha e 7 instrumentos. **O Cruzeiro**, 29/08/1966; Ary Vasconcelos (texto) e Rubens Américo (fotos). Uma certinha e 7 praias. **O Cruzeiro**, 20/07/1966; Ubiratan Lemos (texto) e Indalécio Wanderley (fotos). Uma certinha e 7 poses. **O Cruzeiro**, 26/05/1966; Oswaldo Amorim (texto) e Ronaldo Moraes (fotos) 7 vezes certinha. **O Cruzeiro**, 16/06/1966

[219] Na realidade ela não era uma das Certinhas de 1965, segundo Ary Vasconcelos, a garota correta seria Ítala Nandi que surpreendeu "os círculos rebolatícios com uma declaração-bomba: renúncia total. Seu rebolado agora era outro – teatro sério, circunspecto. Mas o mundo não veio abaixo por isso, e o próprio Stanislaw Ponte Preta escalou imediatamente a substituta para a posição".

É possível perceber que o jeito com que as Certinhas foram fotografadas pela equipe de fotógrafos de O Cruzeiro seguiu a linha, o "padrão fotográfico" de se retratar as garotas na revista. Elas estão sempre em primeiro plano, com um enquadramento de Plano Médio. A praia, piscina ou lago é o ambiente predileto já que sugerem o uso do biquíni e possibilita mostrar o corpo, as curvas e contornos da garota em questão.

O padrão é mostrá-las de frente, em pé, olhando e sorrindo diretamente para o fotógrafo/leitor(a).

Dentre estas matérias, apenas uma mostra uma Certinha retratada nua. Jacqueline Myrna[220], fotografada por Ronaldo Moraes e com textos de Oswaldo Amorin em 16 de maio de 1966. Figura 55, abaixo.

Seguiu-se a ordem de mostrar o corpo sendo despido ao longo da fotorreportagem. E com uma série de textos comentando sua vida profissional que passou pelas passarelas, pelo teatro, pela televisão e pelo cinema. Um do subtítulos da matéria se chamava "Bonitinha e extraordinária", e que muito lembra o "Bonitinha, mas ordinária", da peça homônima de Nelson Rodrigues de 1962[221], e que fazia os seguintes comentários sobre a moça:

> Jacqueline está contente com o êxito de sua carreira e com o carinho do público. Mas não quer estacionar: procura sempre aprender algo nôvo ou aperfeiçoar o que já sabe. Por isso, ela, que fala romeno, inglês, francês, espanhol, italiano e protuguês, está aprendendo ainda alemão e japonês, tomando aulas de violão e continua com as de piano (3 vêzes por semana) e com os exercícios diários de balé, que dança desde os 12 anos.
>
> Gosta de Frank Sinatra (tem 36 LPs dêste cantor), de música de todos os gêneros, inclusive clássica (principalmente de Chopin, Liszt e Debussy), de ler (desde "Luluzinha" até Tolstoi, passando por Hemingway, Aldous Huxley, Saint-Éxupery,

[220] Atriz de teatro, televisão e cinema. De origem romena, chegou ao Brasil na adolescência, com um jeito de adolescente e corpo de mulher, a imprensa vivia em seu percalço, mas era barrada pela mãe da moça, uma verdadeira guardiã. Jacqueline participou dos filmes: Amor na Selva (1961); Isto é Streap-Tease (1962); Riacho de Sangue (1966); As Cariocas (1966); Cangaceiros de Lampião (1967); A Desforra (1967); As Amorosas (1968); Adultério à Brasileira (1969); e As Confissões de Frei Abóbora (1971). Maurício Kus conta que o filme Superbeldades (1962) foi o filme de circulação mais curta no cinema brasileiro, estreou na seção das 14 horas e foi apreendido pela censura às 16 horas e nunca mais voltou a ser exibido. Também segundo Kus, Jacqueline foi uma das precursoras da pornô-chanchada. Na televisão, participava do programa "Praça da Alegria", onde ficou famosa pela sua pronuncia afrancesada da frase "Brasileiro é tão bonzinho" e pelo seu sotaque carregado na pronuncia da palavra "Arraraquarra!". Nos anos 1970 ela misteriosamente desaparece da mídia, havendo um rumor de que teria se casado com algum milionário. Mais detalhes em: KUS, Maurício. O misterioso desaparecimento de Jacqueline Myrna. Disponível em: <http://www.ovadiasaadia.com.br/mauriciokus.cfm?id=9xjw3&n1&CFID=2401949&CFTOKEN=91825063> Acesso em jan. 2012. E também em <http://ondeanda.multiply.com/photos/album/437?&show_interstitial=1&u=%2Fphotos%2Falbum> Acesso em Jan. 2012.

[221] Transformada em filme em 1963 por J. P. Carvalho, e tendo um remake em 1981 dirigido pro Braz Chediak.

> Jorge Amado e Érico Veríssimo), de dirigir, tricotar, nadar, cinema, teatro, joías (principalmente esmeraldas e brilhantes) e da côr vermelha (a côr do seu Volks). Não gosta de amarelo, de batom nem de maquiagem em geral.
>
> Tem 1,68 de altura e 58 quilos genialmente distribuídos. E êste monumento de beleza ergue-se sôbre um pequeno pedestal: calça sapato número 33. Por tudo isso é que Jacqueline é um sucesso, ou melhor, um "sucexo"[222].

O discurso é detalhista nas habilidades da garota, talvez um tanto quanto exagerado (talvez satírico), mostrando seus dotes profissionais, intelectuais e físicos. E quando ligamos o texto à fotografia, a impressão que fica é que a artista completa é aquela que faz de tudo na mídia, inclusive, tirar a roupa e se mostra como um "sucexo".

[222] Oswaldo Amorim (texto) e Ronaldo Moraes (fotos) 7 vezes certinha. **O Cruzeiro**, 16/06/1966

7 VÊZES CERTINHA

TEXTO DE OSWALDO AMORIM
FOTOS DE RONALDO MORAES

Jacqueline é o plástico, é o charme, é o ponto escultural — atributos que lhe garantiram, êste ano, um lugar incontestável entre as certinhas de Stanislaw, galeria de honra da mulheroteca nacional. Junte-se a tudo isso o tempêro francês, com umas pitadas de sal brasileiro, e mais bastante talento artístico: é a própria bomba M

Figura 55(a): Oswaldo Amorim (texto) e Ronaldo Moraes (fotos) 7 vezes certinha. **O Cruzeiro**, 16/06/1966

O CRUZEIRO

UMA DAS DEZ MAIS CERTINHAS, COM CERTEZA.

Jacqueline, além de bonita, é versátil: dança, canta, representa e apresenta na televisão. E, além de tudo isso, faz cinema. Além de cinema, faz teatro. Além de teatro, boate, rádio e jornalismo. Mas o que ela mais faz é "descrição". Ainda tudo com sua presença.

Jacqueline é, sobretudo, um amor. E assim diz. Tanto que registrou esta marca, "Jacqueline Mon Amour", que usa em "shows", programas de rádio e revista, e nunca chegou a ser registrada no Brasil. Agora, Jacqueline Myrna (pronuncia-se Mirá) nasceu na Rondônia, viveu e educou-se na França, até que chegou ao Brasil, em companhia da mãe, Margarett (a quem ela, carinhosamente, chama de "Baby"). Desembarcaram em Salvador, onde passaram 3 dias. Após um dia no Rio, chegaram a São Paulo. Duas semanas depois, Jacqueline começou a dançar na Canal 5. A seguir, viu o convite para dançar no "show" musical "Tic Tac Tic", que ficou 6 meses em cartaz. Ao mesmo tempo, fazia números de dança na TV-Record. Em fins de 1962, deixou a teve para ser modêlo profissional. Mas, em março seguinte, voltou ao vídeo, participando de várias programas da Excelsior (em que cantava, dançava, entrevistava e representava). Jacqueline pois houve o "show" na boate Djalma Dutra passou, mais tarde, a dirigir a boate Baiuca, de onde saiu para ser crooner do Plaza. Por isso, acabou de naturalizar-se brasileira.

Se Jacqueline começou no 5 e "pintou" no 7, foi no Canal 9 que ela desquitou para o sucesso: ganhou todos os prêmios de revelação feminina, em São Paulo, inclusive o "Roquete Pinto".

A convite de Maria Della Costa, atuou na peça "Pindura Saia", repetindo, no teatro, o êxito da teve. Foram 5 meses de casa cheia.

Em 1964, fêz dezenas de viagens ao Rio, para participar de programas de televisão.

Nesse mesmo ano, gravou seu primeiro disco com um conjunto, Jorge Coquetel de tocar, cantar e chá-chá-chá). Em junho, foi fazer nova temporada de 7 dias no Recife e acabou ficando dois meses e meio, quando viajou por todo o Nordeste. De volta a São Paulo, estrelou a novela "Dias Incertos". Depois, em 1965, estrelou outra novela, "A Indomável", e voltou a fazer sucesso no teatro, desta vez na comédia "Uma Cama Para Três".

JACQUELINE NO CINEMA

Era bailarina e tinha apenas 16 anos, quando foi convidada para o primeiro papel feminino do filme "Aventuras em Mato Grosso". O filme não era grande coisa, mas ela já era. Em 1963, fêz a "Desforra", ao lado de Norma Bengell, Rildo Gonçalves e Tarcísio Meira. Em 1965, foi a estrêla de "Riacho de Sangue", filmado no Nordeste (onde ela ficou quatro meses), e ainda inédito (deve ser lançado nas próximas semanas). Agora vai fazer, também no primeiro papel feminino, um dos quatro episódios do filme "As Cariocas", "A Noiva do Caleb", de Walter Hugo Coutt (os outros são baseados em histórias de Sérgio Porto, o nosso Stanislaw Ponte Preta). Além disso, tomou parte num filme de "strip-tease", que ela não gosta de lembrar — mas no qual foi a maior atração, como é perfeitamente compreensível. E que lhe deu fama.

VOLTA À TEVÊ

Agora, Jacqueline voltou à televisão em grande estilo: apresentando artistas, entrevistando gente interessante, dançando, cantando e, pela primeira vez, tocando piano. Tudo isso

Figura 55(b): Oswaldo Amorim (texto) e Ronaldo Moraes (fotos) 7 vezes certinha. **O Cruzeiro**, 16/06/1966

JACQUELINE:
BONITINHA E EXTRAORDINÁRIA.

...to no Canal 2 (TV-Cultura de São Paulo), às terças-feiras, das 20,30 à 21 horas.

Jacqueline está contente com o êxito de sua carreira e com o carinho do público. Mas não quer estacionar: procura sempre aperfeiçoar-se e dizer algo novo em cada recital que já não diz algo de velho. Por isso, está estudando inglês, francês, espanhol, italiano e português, além de alemão e japonês, tocando violão e cantando com as de piano (3 vêzes por semana) e com os exercícios diários de balé, que dança desde os 12 anos.

Gosta de Frank Sinatra (tem 36 LPs dêste cantor), de música de todos os gêneros, inclusive clássica (principalmente de Chopin, Liszt e Debussy), de ler (desde "Lolozinha" até Tolstói, passando por Hemingway, Aldous Huxley, Saint-Exupery, Jorge Amado e Érico Veríssimo), de dirigir, tricotar, nadar, cinema, teatro, jóias (principalmente, esmeraldas e brilhantes) e da côr vermelha (a côr do seu Volks). Não gosta de amarelo, de batom nem de maquilagem em geral.

Tem 1,68 de altura e 58 quilos gostosamente distribuídos. E êste monumento de beleza repousa sôbre um pequeno pedestal: calça sapatos número 33. Por tudo isso é que Jacqueline é um sucesso, ou melhor, um "sucesso".

Figura 55(c): Oswaldo Amorim (texto) e Ronaldo Moraes (fotos) 7 vezes certinha. **O Cruzeiro**, 16/06/1966

A edição de estréia da sessão Stanislaw Ponte Preta em O Cruzeiro (Figura 56, abaixo) tinha as seguintes características gráficas: duas páginas. Na esquerda, uma crônica e uma ilustração sobre ela feita por Carlos Estêvão. Na direita, uma foto de uma Certinha fotografada por Augusto Valentim tendo uma legenda com um comentário de Stanislaw e que ocupava meia página ou um terço dela. Algumas vezes, as fotografias não eram creditadas, o que abre a possibilidade de terem sido extraídas dos arquivos de O Cruzeiro, embora isso fosse uma exceção. E por fim, pequenos comentários gerais sobre política, música, cinema, costumes, pessoas, eventos, etc. que viria a se chamar "Artes e manhas". Esta estrutura se repetiu em todos os exemplares encontrados.

O que nos interessa é saber como as Certinhas eram representadas visualmente na sessão. Para isso, escolhi conforme o recorte temático, as imagens que mais se aproximavam da nudez e sensualidade, mas também, algumas que tivessem algo a acrescentar a discussão. O que resultou nas 12 matérias que veremos a seguir.

A primeira delas se refere a edição de estréia da sessão (Figura 56), com uma foto de arquivo, mostrava "Claudia Cardinale na cena que deu bronca. O produtor Franco Rossi, que é dono da môça, depois que viu esta cena do filme 'Uma Rosa para Todos', ficou tão enciumado que parecia um Otelo siciliano. Mandou cortar a cena inteirinha. Aproveitando aí esse bocadinho". O comentário é uma brincadeira de Stanislaw pois apresenta a contradição de um diretor que censura o próprio filme.

Mas que também explicita o fato de que nos anos 1960 há uma produção fílmica nacional e internacional onde a beleza, sensualidade e nudez feminina se disseminam na Cultura Visual. A fotografia publicada mostra um corpo cheio, não no nível das "dançarinas de axé" dos anos 1990 citadas por Joaquim Ferreira dos Santos ou das recentes funkeiras e "mulheres frutas" dos anos 2000. Mas certamente variando entre um meio termo entre a magreza e o dito "sobrepeso". Ou seja, não é um corpo magro nem gordo. Está delineado com um padrão de corpo "violão", valorizado pelas suas curvas que são ressaltadas pelo enquadramento fotográfico mostrando o corpo inteiro de frente e, às vezes, de lado.

O maiô ou a blusinha em conjunto com a calcinha também aparecem para sensualizar o corpo, dando um toque de intimidade e de feminilidade com as rendas e babados (Figuras 56, 60, 61 e 66).

STANISLAW PONTE PRETA

AOS TÍMIDOS O QUE É DOS TÍMIDOS

Tímido que ele era. Uns desses sujeitos assim cujo complexo de inferioridade é tamanho que, ao se olhar no espelho, sente-se mal ao deparar com a própria imagem, por considerá-la superior ao original. Tem uns caras que, francamente, eu — por exemplo — conheci um que o pessoal chegou a apelidar de Zé Complexo. Um dia êle me confessou que, muitas vêzes, quando saía de casa, tinha impetos de deixar o elevador pra lá e descer pela lixeira. Acabou mesmo por timidez, numa véspera de Natal.

Foi assim: a família tinha engordado um peru para a ceia natalina, e lhe ficou encarregado de matar o peru. Na véspera da ceia, o dia do peru, levou-o lá pros fundos e começou a dar cachaça pela a condenado, e foi lhe dando aquela tristeza e, então, pra ver se levantava o moral, começou a beber junto com o peru, e foi bebendo e foi pensando, e pirando, baixou nêle uma neura barbara, até que considerou as circunstâncias, olhou para o peru mais uma vez, o peru olhou pro êle com aquêle olhar de peru encachaçado, que é pior que olhar de deputado nordestino. Então, para encurtar o caso, acabou considerando que o peru merecia mais que êle e se suicidou, deixando o peru sòzinho lá no quintal, no maior pileque.

Mas não era dêsse caso que eu queria falar não. Esse mesmo, deixa pra lá. O tímido desta história tinha as suas manifestações, tanto assim que chegou a arrumar uma namorada. Não era exatamente estouro de mulher, mas também não era coisa capilé que o gato chervou e cabiu de arrasto. Ela ventava o namorado desde tímido que eu estava falando, e depois passou a ventar outro que morreu, levou um certo jeito. Felizmente, nem bonita nem alta, nem magra nem gorda. Engraçadinha, sabe coisa aí?

Pois não é que apareceu um dêstes tiecamos de cabelo pele tostado no moderno estilo "Castelinho". Folgado, tô pampas, e chamou com o pequeno do tímido? Como, minha senhora? A pequena do tímido é que deu bola pro boleiro?

Nada disso, madame, nada disso. Embora eu não ponha a mão no fogo por mulher, porque eu não quero ficar com o apelido de maneta, posso garantir à senhora que a pequena do tímido tinha fama de batata. Tanto isto é verdade que foi ela quem inventou o plano.

Quando o namorado descobriu que havia cabrito no seu horto, ficou numa fossa tártara. Dava até pena ver. perto da dêle a fossa de qualquer um parecia apartamento de cobertura. Ainda bem não tinha morado no assunto, ficou logo achando que perderia o parado, porque o outro era mais forte, mais freqüentador do "Le Bateau", sabia dançar "surf" muito bem, e mais diversas outras papagaiadas que hoje em dia as mulheres consideram predicados masculinos.

Aí a pequena dêle ficou tão chateada que lhe deu uma bronca:

— Toma uma atitude, Lelé! (O nome dêle era Leovigildo, mas ela chamava de Lelé.) Contrata aí um dêsses latagões a serviço da botocha e manda dar uma surra nesse atrevido!

Tá certo, a pequena era um pouco chave-de-cadeia, mas essa atitude dela provava que, entre o bacanão e o Lelé, ela era mais o Lelé. Foi, aliás, o que o Lelé deduziu, dedução esta que o levou a procurar Primo Altamirando. Ora, o Mirinho vocês conhecem, e, se não conhecem, perguntem na Polícia, que lá êles sabem. Procurou Mirinho e propôs o negócio: dez "cobrais" ou dois "tiradentes" — o escolher — para dar um corretivo no cara.

Mirinho achou o negócio legal e saiu em campo. Não demorou muito, encontrou o perseguido badalando num bolicão de sorveteria, fazendo pressepaio no meio das meninhas. Chamou-o num canto, como quem vai pro banheiro, e, agarrando o braço dêle, colocou-o a par da conjuntura. O cara foi ficando branco que nem parecia freguês de sol da "Cantelinha", começou a gaguejar, e o Primo viu logo que aquela transação podia render mais. Soltou o braço do cara e meteu a proposta:

— Faz o seguinte. Manda 20 mil aí que eu transfiro o negócio pra outra firma.

O banido nem quis ouvir mais nada. Filho de pai rico e coisa e tal, meteu a mão no bôlso e pagou à vista. Com 10 mil em coisas, o abominável parente resolveu pedir licença-prêmio e foi gastar o lucro.

Deu-se que, ontem, estava êle parado numa esquina, paquerando o ambiente, quando o tímido apareceu de braço com a pequena. Ao passar por êle, fêz um gesto largo, sorriu, piscou um olho e berrou:

— Olha! Aguilhe nosso negócio, perfeito, velhinho! A firma concorrente entrou pelo cano!

Mirinho olhou pra êle, lembrou-se dos 20 mil que o outro lhe confiara e suspendeu a licença. Caminhou em sua direção e tacou-lhe um bofetão em si bemol que o coitado saiu catando cavaco e foi cair sentado na meia-fio.

Tá certo! O fim desta história é meio chato. Mas, é como me explicou Mirinho: onde já se viu tímido tentar o esperteza só porque tá com mulher?

TEATRO

◆ Mais um espetáculo musical de sucesso em cena que passa para o teatro. Dessa vez é o show de Maria Bethânia "Opinião 65", com Lenny Andrade, Pery Ribeiro e o conjunto Bossa 3, com Luiz Carlos Vinhas, Octávio e Ronaldo. Está no palco do Teatro Santa Isabel. A música é boa, as atrações de escolas estão muito entrosadas e os repiques mandam uma brasa firme. A única coisa que eu não gosto mesmo no show é aquêle pedaço em que Lenny Andrade pergunta ao Pery o que quer dizer "genial" e êle responde que quer dizer "vanguarda". Vai ver que no dicionário dêle "vanguard" quer dizer "genial".

◆ Os dois espetáculos que mais sucesso fizeram em S. Paulo no ano passado estão em cartaz no Rio. S. Paulo continua liderando o movimento teatral no Brasil, apesar de a censura de lá ser muito mais severa do que a daqui. Mas não era isso que eu queria falar não. Eu queria falar nos dois espetáculos: "Quem Tem Medo de Virginia Woolf", com a sempre excelente cia. de Cacilda Becker, está no teatro da Maison de France, enquanto "Arena Conta Zumbi", que estava no Teatro Miguel Lemos (e o teatro tem esse nome porque fica na Rua Miguel Lemos, pela Miguel Lemos não tinha nada a ver com teatro), passou agora para o Teatro do Rio na Praia de Copacabana. Isabel Ribeiro, uma das atrizes responsáveis pelo sucesso do Zumbi, disse aqui ao nosso colunista que Tica Isbeta (vocês já não tinha nada de bicha) com o desbaratamento da jogatina quando conhece a história de Palmares, um dos mais belos episódios da História do Brasil e que quase ninguém conhece. E Isabel pergunta, muito da chateada: — Será que a História ainda vai levar muito tempo contando que foi a Princesa Isabel que libertou os escravos? — Eu não respondi nada por causa de que eu sou muito precavido e quando minha bôca mija é para cumer cuzinha farinha.

DISCOS

ACABOU DE SAIR — Um disco daqueles cantor que mataria a mãe dêle aos seis anos: o Trio Irakitan. O Lp chama-se Bate Bate Coração. Ora, pessoal: eu sei que o ano ainda está muito no começo, mas acho difícil que encontrem, em 65, gravar um disco pior. Nem a horas de se dá-lo seria capaz de uma tapeação dessas. Mesmo se estivessem muito a fim.

AINDA VAI SAIR — Um disco com o veterano Moreira da Silva cantando grandes sucessos de outras cantoras. O velho Moreira está a fim mesmo. Se a gravadora não lançar o disco antes do Carnaval, vai ser lançado pela ODEON. A matriarca disse: — Vou ver e decidir, e eu só digo porque quem escreveu a contracapa do disco fui eu, viu?

ACABOU DE SAIR — Um concerto de BERTRUNE, com duas clássicas como de Frank Sinatra, ambas de musical. Ninguém é anônimo nos nomes estranhos. De lado "A": "Everybody has the right to be wrong at least once", ou seja, "Todo mundo tem o direito de errar ao menos uma vez". De lado "B": "I'll only miss her when I think of her", isto é, "Eu só sentirei falta dela ao eu pensar nela". Ainda bem que a gravadora fêz questão de botar o nome em português, ao alto do disco. Tá pensando? Um dêsses nervosos clientes do "off-side", como um que eu sei, contra dos acionistas, do: — E aqui vendo outro "Relaxador". — E vocês: "Star Dust". Já pensaram um vaca dessas acreditando "Everybody has the right to be wrong at least once"? Que horror! Podia dar até DFM.

CINEMA

Terminaram, em Brasília, as filmagens de *Amor e Desamor*, uma história que tem — praticamente — três personagens e muito Cidinha, que eu explico. Os três personagens são vividos por Leonardo Villar, Leina Crespi e Betty Faria, mas só uma pessoa em que existem o mundo de Leina, que na trama do filme vai enganar o tempo todo. Pois foi nesta dificuldade para o diretor Octávio Gabus Mendes contratar alguém lá em Brasília para interpretar essa "patifaria". Acabaram escolhendo um paraibano que se prontificou a representar o papel, mas com uma condição.

— Eu faço o papel de marido enganado — disse êle —, mas vou usar óculos escuros, que eu sou muito conhecido em Brasília, e depois sou muito tarado e vai dizer tudo errado por causa disso.

Donata que o diretor concordou.

DIVERSAS

◆ Dorothy, a namorada sem de vaia, é que vai estrelar que Jerry Lewis fará depois de "Three Nuts for Dolly". Ela vai ser a "Agente 0 0 Sex". Ao anunciarem o título estrelado pra gente!

◆ E, para encerrar, Dorothy, que atualmente vive com o comediante Jerry Lewis, um dos donos-pornográficos do Rio, e nunca viu nada de mais sexy do que o que quer dizer pornográfico, ela acaba de ganhar um prêmio nesse sentido e explica: "Eu não preciso saber. Eu não faço pornografia em casa."

Cláudia Cardinale na cena que deu briga. O produtor Franco Rossi, que é o dono do filme, deseja que ela esta cena de filme "Una Rosa para Tutti", fique sòzinha. Mandou cortar a cena de calcinha. Agora tem até boicotinho.

Na sessão publicada em 26 de fevereiro de 1966 (Figura 57, a baixo) temos uma garota de biquíni na praia, ela olha diretamente para o fotógrafo/leitor e puxa sensualmente a parte de baixo do biquíni. Na legenda, Stanislaw informa que "Vera Viana está filmando 'Tôda donzela tem um pai que é uma fera' mas, pelo jeito. O dela não é tão fera assim".
Esta ousadia em mostrar propositalmente mais pele, com um toque mais erotizado era algo raro. As poses provocantes, ou seja, quando a modelo mostra grande parte do corpo, ou áreas dificilmente visíveis cotidianamente e ainda acrescida de uma expressão facial erótica, era algo que só circulava em revistas masculinas (Ver detalhes disso no próximo item: "As Certinhas nuas em revista masculina no tempo de Stanislaw: a publicação da Playgirl").

Quando olhamos para as Figuras 60, 61, 62 e 67 podemos perceber que o fotógrafo Valentin tentou criar o efeito de surpresa, quando o homem pega a garota se despindo derrepente.

Ainda nas Figuras 60 e 61, podemos observar que se trata da mesma foto, o que muda é a inserção de um cenário falso na segunda. As legendas também são diferentes, na primeira lemos: "Jussara Lupe, quando preparava a indumentária para reaparecer na noite carioca. E olha, meu camaradinha, vai reaparecer com uma saúde tão forte que vai fechar pra balanço muito ambulatório da SAMDU. (Foto Valentim, especial para a Fototeca do Lalau.)"; e na segunda: "Jussara Lupe, indo para a praia com um modêlo avançadíssimo, idealizado por Primo Altamirando, numa de suas muitas incursões pela moda feminina. Aliás, Mirinho é craque nessa moda. (Fotos Valentim, especial para a Fototeca Lalau)".

Com uma leve alteração de cenário e uma nova legenda, a mesma foto é reaproveitada segundo a lógica de que "mulher é sempre notícia" e seu corpo é um espetáculo a ser visto, portanto não há a necessidade de ineditaneidade desde que o conteúdo seja "maquiado" com nova características e publicado bem posteriormente ao material original.

STANISLAW PONTE PRETA

A GOVERNANTA

— Ela chega amanhã. Vai ganhar Cr$ 100 mil, mas vale o pena — quem falava assim era o mulher do Calvino. Já tinham discutido as pampas, o Calvino e a mulher, por causa do tal empregada. Dona Miriam — mulher do Calvino — tinha conseguido a empregada com uma parceira de "pif-paf", uma tal de Iolanda, com a qual o Calvino sempre implicou. Mulherzinha gastadeira, que esbanjava o dinheiro do marido no jôgo.

Dona Miriam era vidrada na Iolanda. Achava a Iolanda a fina da elegância. Imitava a Iolanda, fazia vestidos no costureiro da Iolanda, penteava o cabelo no mesmo cabeleireiro da Iolanda e dera até para gastar como a Iolanda. O Calvino ia suportando tudo porque os programas de "pif-paf" da Dona Miriam lhe davam uma freste bárbara. Enquanto a mulher estava fazendo seqüências, trincas, "idéias" e outros besteiras, êle ia se espalhando pelas boates, fazendo suas miserinhas pelo aí. O Calvino era muito assanhado.

Ultimamente, porém, a Iolanda começara a mandar também em sua casa. Aconselhara Dona Miriam a mudar os móveis da sala (Calvino teve até que assinar um papagaio na Zé Luís para quebrar o galho), fizera Dona Miriam adelgaçar as suas dietas para manter a linha (Calvino já se sentia um mísero herbívoro de tanto mastigar saladas), e tudo culminara com a dispensa das duas empregados, que não eram lá essas coisas, mas pelo menos respeitavam o patrão.

Dona Miriam — sempre achando que a Iolanda era o máximo — ia seguindo os conselhos. Lá se foram as duas domésticas simplórias e viera a novidade: a Iolanda arranjara uma espécie de governanta. Uma môça que trabalhara para os Martorelli.

— Uma governanta perfeita. Fala até um pouco de inglês — informou Dona Miriam, exaltando as qualidades da nova contratada.

É naquela tarde discutiram pro valer, com Calvino irritado de tanta badalação dentro de casa. Mas, como Dona Miriam ia passar a noite na casa do pai (o velho estava quase abotoando o paletó) e êle ia a um pré-carnavalesco legal organizado pelo Pindoba — grande técnico na estruturação de badernas íntimas —, acabou concordando.

— Ela chega amanhã. Vai ganhar Cr$ 100 mil, mas vale o pena — foram as últimas palavras de Dona Miriam, antes de sair para a casa do pai moribundazinho.

Calvino ainda ficou zanzando pela casa, tentando se acostumar à idéia de uma governanta em casa; uma mulherzinha provàvelmente cheia de chiquês, que iria inibir sua comodidade dentro do próprio lar. Grande chateação! Não fôsse a perspectiva da farra no tal pré-carnavalesco, e o Calvino estaria uma fera.

Quando saiu pra festa estava mais calmo. Meteu uma bermuda, uma camisa folgada e mandou brasa. O forró foi numa dessas boates também chamadas de "inferninho", onde o diabo não entra para não se comprometer. Não escurinho tava valendo tudo. Com dois minutos do tempo regulamentar o Calvino já estava armado. Pegou uma zinha mais um menos, lourinha, de narizinho fino e um rebolado que não era assim aquêle estouro mas que também não era de se deixar pra lá. A noite inteira agarrado, enquanto uma charanga segundo time tocava uma marchinha chamada "O Cachorrinho do Lalau". Quando a charanga meteu o "Cidade Maravilhosa", que dá por encerrados os debates, o Calvino estava de moringa cheia e doido pela lourinha. Fêz tudo para comprar o seu passe, mas na confusão da saída, caindo pelas tabelas de tão bêbeda, a lourinha sumiu e êle nem sabe como chegou em casa.

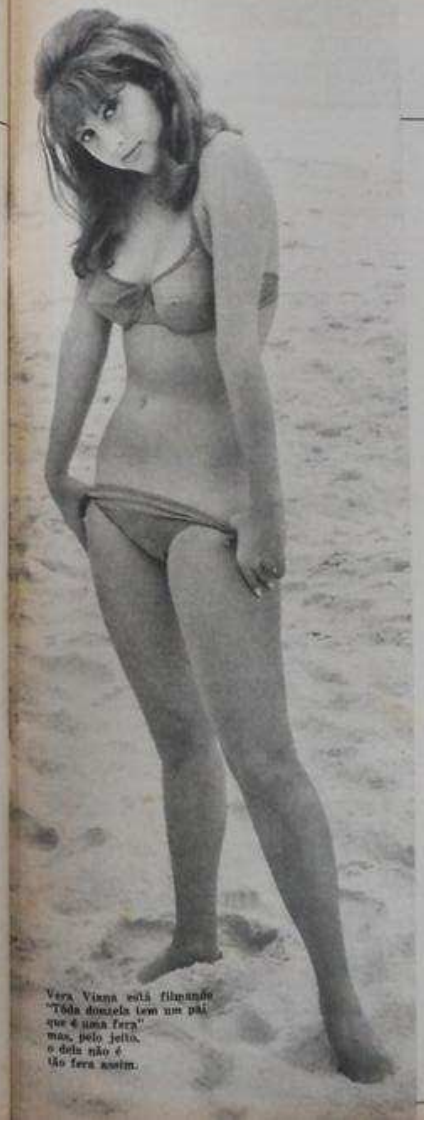
Mas que chegou, isto chegou. Tanto que, no dia seguinte de manhã, acordou com Dona Miriam a cutucá-lo: — Levanta, Calvino. A Dolores já está aí.

— Dolores? Que Dolores?

— A governanta. Já estudamos os horários. Ela acha que não devemos dormir depois das dez. O "breakfast" pode tirar o apetite para o almôço.

Calvino levantou-se estremunhado. Entrou debaixo do chuveiro (era dia de adutora consertada) e tomou uma ducha legal. Quando chegou na sala de jantar, foi aquêle espanto. Sua mulher ouvia encantada as "ordens" da governanta. E a governanta era igualzinha à lourinha da véspera. Seria a mesma? Era muito azar do galeiro. Calvino cumprimentou-a meio ressabiado. Ela respondeu com um sorriso amável. Não, não era a mesma. Estava era imaginando besteira. Mas foi Dona Miriam ir lá pra dentro e a governanta começou a contrariar baixinho a marcha "O Cachorrinho do Lalau".

Gostado do Calvino, ando numa rôsca soviética? Só ato institucional pra cima dêle o governanta já assinou uma três para cercear os seus direitos humanos.



Vera Viana está filmando "Tôda donzela tem um pai que é uma fera" mas, pelo jeito, o dela não é tão fera assim.

TEATRO

O eterno problema da censura! Aparece durante a semana um coiteiro chamado Jônatas Cardia, dizendo que a censura teatral já entrar na linha-dura. O Dr. Negrão de Lima quase teve um troço e mandou suspender o caso. O Cardia deu taquicardia no Governador. *** Não ficou nisso o contato entre a governança e o teatro. O Embaixador do Peru enviou carta ao já citado Dr. Negrão pedindo providências para a proibição de uma cena da peça "Cocó, my darling", que considerava ofensiva ao Peru. A cena foi cortada e Dercy Gonçalves deu a bronca. Afinal tem umas peças pela aí que têm palavrão aos potes e ninguém dá nada. Diam que palavrão funcional pode. O que não pode é pornografia flagrante.

BOATES

Os pés do Secretário-Geral do Itamarati — Sr. Pio Corrêa — pronunciaram nos últimos seis dias, obrigando Vinicius de Morais a uma atitude. O Secretário achava que o poeta — por ser diplomata — não podia cantar em show. Para não haver mais fofoca, Vinicius pediu licença ao Ministério e — durante o espetáculo — perguntou a Dorival Caymmi: "Baiano, não fiz bem? Afinal eu sou um diplomata ou sou um homem?".

RÁDIO & TV

O Juizado de Menores proibiu menores do sexo feminino de subir no palco para abraçar e beijar artista de sua predileção. Também o cantor que fez o serviço de domador de macaca não pode descer ao auditório para o mesmo fim, isto é, beijocas e abraços. Com essa medida, o Juizado pensa que quebrou o galho e foi dormir feliz. *** O Festival de Besteira que assola o País tem as suas exceções. Os divulgadores de notícias carnavalescas descobriram uma nova maneira de divulgar aquelas barbaridades que compõem pro carnaval. Enviam as letras para o Flávio Cavalcanti e fora — a guisa de crítica-las — lê uma por uma, no programa "Um instante, Maestro". É um sucesso. *** Outra dó — que Deus me perdoe — vigilante Juizado de Menores: proibiu os diretores de televisão e críticos que ficava proibido fotografar em close up certos ângulos femininos que considera indecorosos. Um dos diretores quis saber quais eram os ângulos indecorosos e o Juiz de Menores afirmou que não precisava encontrá-los porque o diretor já sabia. O diretor sorriu e gostou a coisa. "O senhor está engraçado," — afirmou — "deve negócio de gênio varia muito".

DIVERSAS

Sincero, mas sincero mesmo, é o compositor carnavalesco Joel Soares. Quando eu perguntei se o autor daquela marchinha inteligente era êle, Joel foi incapaz de fazer que fôr a marcha de patroeira. Disse apenas: "Eu tive um cimpliche!". *** E, para terminar, acompanhamos a todos aquêles que pretendem ir a Londres para a Copa do Mundo, a leitura do livro de Caio de Freitas — "Um canal separa o Mundo". Nêle há até uma explicação sôbre os grandes londrinos, considerados os mais bem tratados do Mundo: "É muito fácil conseguí-los. Prepara-se a terra, planta-se a erva e, depois, é só pensar o aparador, tôdos os dias, durante uns dois ou três séculos".

Figura 57: Stanislaw Ponte Preta. **O Cruzeiro**, 26/02/1966

Stanislaw Ponte Preta

DECLARAÇÃO SINCERA E PRUDENTE

Diz que mendigo também vai pagar impôsto de renda. A informação é de um delegado regional do dito impôsto e pode perfeitamente ser arrolada como pertencente ao Festival de Besteira que Assola o País — o já famoso FEBEAPÁ. Um outro delegado diz que vai trilhar suas investigações para saber quem é rico, lendo os cronistas mundanos. Pelo jeito, vai trilhar mas é o perigoso caminho da galhofa.

Os exemplos são vários e tais informações de delegados, prometendo cobranças até então insuspeitadas, têm levado a imprensa a comentários jocosos sôbre essas ridículas pretensões, mas isto não diminui a tensão dos apavorados de souza, que estão todos tão medrosos a ponto de pensar que a Delegacia do Impôsto de Renda vai lhes tomar até a dentadura, caso descubra nelas alguma obturação de ouro.

Claro que não é bem assim, mas nem por isto o meu abominável Primo Altamirando deixou de tomar suas providências. O nefando parente, que é um homem muito organizado para tudo aquilo que represente sonegação ou — como êle diz — lucro mole, vem preparando sua declaração de impôsto de renda desde já. Vai anotando os gastos e explicando a natureza dos mesmos, tudo no bom estilo dos grandes sonegadores, usando mais ou menos os truques que êles usam, apenas em pequena escala, pois Mirinho não é rico, pelo contrário, últimamente anda tão têso que chega a chamar cachorro de Dindinho.

— Eu vou anotando como posso — diz êle. E me mostra a lista, onde leio: "Janeiro — Compra de material para o exercício da profissão — Cr$ 100 mil".

Pergunto se as compras são referentes a material de escritório, laboratório ou algo assim e êle sorri:

— Você esquece que eu exerço a profissão de marginal carioca? Que material de escritório coisa nenhuma. Essa erva foi gasta com baralhos, fichas, cigarro americano etc.

— Mas isto não pode!

— Como é que não pode? — estranha êle: — Não lêste as instruções do Travancas? — e, ato contínuo, pega um recorte de jornal, onde o delegado do Impôsto de Renda na Guanabara declara: "Tudo tem de conter declarações: diversões, viagens, compras de roupas, gastos gerais, tudo, enfim".

E Mirinho segue o coiso ao pé da letra: "Dia 9 de fevereiro — Verba gasta em relações públicas e higiene mental — Cr$ 155 mil". Pergunto que diabo é isso e êle responde:

— Ah... isto foi no dia que eu levei um casal amigo meu para ver o "show" do Fred's.

— Neste caso, seria, no máximo, higiene mental, mas relações públicas, nunca.

— É o que você pensa. Eu estou de ôlho na mulher.

E assim vai o execrável primo quebrando o seu galho: "Dia 19 a 22 de fevereiro — Importância gasta em comemorações oficiais — Cr$ 565 mil". Leio isto em voz alta e êle esclarece logo:

— Carnaval!

Uma das anotações, entre muitas, me chamou a atenção. Estava escrito: "Dia 2 de março — Pagamento beneficente de incentivo às relações sociais e gastos suplementares — Cr$ 235 mil".

— Que diabo vem a ser esta aqui? — aponto.

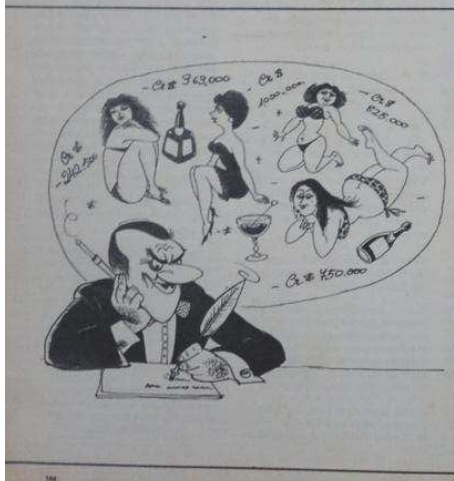
— Isto foi uma desajustada social que eu levei para jantar (gastos suplementares) e depois trouxe aqui para casa. De manhã ela veio com uma conversa de que precisava de Cr$ 200 mil para tirar uns anéis do prego. Geralmente eu não caio nesta, mas como a Delegacia de Impôsto de Renda prevê tudo, eu dei pra ela e lancei na minha declaração.

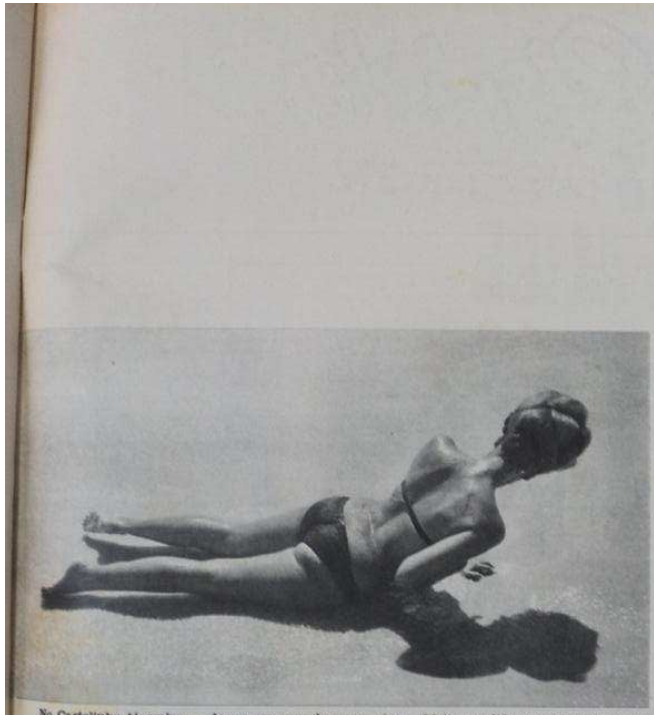
— E você acha que isto vai passar?

— Claro. Ela me deu recibo.

E, de fato, êle tem recibo de tudo. Até de uma esmolinha que deu a uma velha decrépita, na porta de uma igreja.

Pode ser que eu me engane, mas, no exercício de 66, Mirinho tá isento.





No Castelinho tá assim... de vez em quando o mar joga objetos perdidos na beira da praia.

DISCOS

O Lp. de Billy Blanco (atualmente apresentando-se com sucesso no *show* do *Zum-Zum*) deve sair no dia 3 de abril. Não vai sair no dia 1.º para ninguém pensar que é mentira. Billy demorou muito a aceitar o convite para cantar. Êle é um compositor e não se considera um cantor profissional. Esta dúvida atormentou-o até o dia da gravação. Na hora de ir para o estúdio — conta Billy — estava tão nervoso que disse para a mulher: "Sabe de uma coisa? Eu não vou não". Quem quebrou o galho foi Billynho, seu filho, dizendo: "Ora, Papai!!! Que besteira. Se o Tom e o Vinícius gravaram cantando, você também pode". Diante de tão sensata argumentação e tão sincero apoio, Billy Blanco partiu altivo para o estúdio e gravou as dores faixas num dia só.

BOATES

De Araci de Almeida, lendo o que um cronista da noite carioca escreveu a seu respeito, dizendo que ela estava fugindo ao seu estilo: "Esses meninos são gozados: eu canto há 34 anos, êles escrevem há 6 meses e já querem me ensinar".

Guilherme Araújo produziu o *show* do *Pardo 73*, estrelado por Booker Pitman e sua filha Eliana. Um sucesso! Mas Guilherme, para acabar com aquela fofoca dos músicos entrarem no palco no escuro, esbarrando nas cadeiras e nos instrumentos, inventou uma bossa: havia uma vela acesa em cada lugar. O músico entrava, sentava e apagava a vela que correspondia à sua localização no palco. Diz que, na hora da estréia, o contrabaixista deu a bronca, dizendo que não ia soprar a vela: "Por quê?" — estranhou Guilherme. E o cara: "Porque eu toco instrumento de corda. Não sou músico de sôpro".

CINEMA

Um filme musical baseado na vida e na música de Dolores Duran é a novidade entre a curriola do cinema, últimamente um pouco afastada do restaurante "La Fiorentina" porque — dizem êles — a esquerda festiva fala demais e não deixa ninguém botar sua banquinha no local. Odete Lara será a intérprete e tem passado os dias experimentando perucas de morena. Aliás, de "bem morena".

O financiamento de "As Cariocas" — filme a ser rodado ainda êste mês pela Walfilmes — com quatro diretores (Fernando de Barros, Rui Guerra, Walter Hugo Khouri e Roberto Farias, êste substituindo Nélson Pereira dos Santos), o financiamento — repetimos — já saiu e está à disposição de Fernando de Barros, que é o responsável pela produção. Em nosso último encontro, Fernando pediu: "Oh! velho, paga-me o cafèzinho que estou a nenhum, embora com dinheiro no banco bastante para ser considerado um próspero industrial paulista".

TEATROS

Estrearam "Os Físicos" e "Alô Dolly". Oscar Ornstein está nas duas. Em "Os Físicos", abertamente, em "Alô Dolly", enrustido, sei lá por quê. Mas o Oscar é assim mesmo. Tirante aquela paradinha do Pelé, Oscar conhece todos os truques.

"As Inocentes do Leblon" encenada no Teatro de Bôlso na base da cooperativa, isto é, os atôres entraram com a despesa da montagem e racham o lucro. Na semana passada choveu às pampas, atrapalhando a bilheteria. Na noite de sexta-feira — ótima para macumba — apareceu um despacho na esquina da Praça General Osório, onde fica o teatro (três charutos prêtos "Pimentel", uma garrafa de cachaça "Praga de Madrinha" e seis velas de marca não identificada). Dizem que aquilo foi coisa de Iolanda Cardoso, que é muito amiguinha de um pai-de-santo em Caxias.

DIVERSAS

E logo depois que S. Ex.ª o Marechal-Presidente inaugurou os novos trens elétricos da Leopoldina, com carros muito bem refrigerados por dentro e muito bonitinhos por fora, ouviu-se um leopoldinense na plataforma dizer para um cumpincha:

— Tchau, nêgo... eu vou pra casa. Vou tomar aí o Wanderley Cardoso.

Figura 58: Stanislaw Ponte Preta. **O Cruzeiro**, 02/04/1966

Stanislaw Ponte Preta

O PADRE E O BUSTO

Foi na esquina das Ruas Leopoldo Miguez com Barão de Ipanema. A flor dos Ponte Preta mora pertinho e sua janela dá para o lado da Igreja de São Paulo Apóstolo, que fica justamente num dos quatro cantos da mencionada esquina. Explicado o cenário, vamos à cena.

Passa muita mulher jeitosinha pelo local, vindo ou indo para a praia, banhar-se nas águas azuis do Atlântico Sul. Claro, passa também muito xaveco, muita gordo, muita magricela, mas quem fôr membro do SNP (Serviço Nacional de Paquera) e tiver um pouco de paciência vê passar cada certinha de fazer deputado largar Brasília.

Era assim a mocinha que vinha vindo. Ela caminhava pela Barão de Ipanema, no sentido contrário às outrora alvas areias de Copacabana. Tinha dado o seu mergulhinho, sem dúvida, e vinha com seus curtos cabelos pingando e a pele tôda molhada e brilhante do óleo que pusera para se proteger do sol.

Eu disse que ela vinha caminhando? Besteira. Ela vinha era flutuando rente ao chão, balançando legal os seus pedaços mais encantadores. Uma sandalinha sumária, um pano colorido a que chamam "pareo" envolvendo-lhe a cintura, mas numa parte remota, a ponto de deixar-lhe o umbigo de fora e, daí pra cima, de atrapalhar a visão havia sòmente a parte superior do biquíni, um "soutien" tão mixuruca que mais parecia uma gravatinha borboleta pregada ao busto. Trazia na mão direita uma cesta de palha com seus terêns de maquilagem e sob o braço esquerdo uma esteirinha enrolada.

E lá ia ela indiferente ao ronco dos homens que cruzavam o seu caminho, até que chegou na esquina e parou no meio-fio, observando o trânsito. Foi aí que apareceu o padre. Para falar a verdade eu não vi de que lado veio o padre e vocês vão me perdoar o detalhe, mas é que, com aquilo tudo de mulher atravessando a rua, como é que eu ia observar padre, não é mesmo?

O que eu sei é que, de repente, ficaram os dois lado a lado. O Padre e a Môça. Eu até me lembrei do poema de Carlos Drummond de Andrade, sôbre êste tema; poema que vem de ser transformado num belo filme com a Helena Inés. Só que, no poema, o padre fica encantado pelo môço e ali na esquina o padre era velhusco e gordo e estava era indignado com a exposição dos encantos da môça. Seu olhar de censura envolveu a bonitinha de alto a baixo, parando nos olhos, no pescoço, nos ombros, no busto, no umbigo, enfim, parando por ali tudo. E não se limitou à inspeção, o piedoso sacerdote. Da minha janela eu ouvi, quando êle chamou a certinha de sem-vergonha:

— Isto é uma falta de pudor. Suas carnes serão queimadas pelas chamas eternas do Inferno — êle gritou.

Ela reagiu. Encolheu-se um pouco, mas reagiu:

— O senhor não tem nada com isso.

— Engana-se — retrucou o padre. — Tenho sim. Todos nós temos — e olhou em volta, buscando parceirada, mas — pelo jeito — estava todo mundo contra. O padre resolveu dar-se ao trabalho da catequese. Já tinha gente às pampas. Êle pigarreou e lascou: — São môças sem pudor, rapazes sem os freios da educação, que estão botando o mundo a perder.

E tome de blablablá. A môça, irritada com o ataque, titubeou um pouco no meio-fio e procurou abrir caminho para se mandar dali. Uma mulher mulata e barriguda tentou impedir, mas a mocinha tinha as suas mumunhas. Deu um empurrão na mulata e foi saindo. E o padre lá:

— É por isso que a mocidade de hoje conhece melhor o busto de Gina Lollobrigida ou Sofia Loren (o padre era um bocado cinematográfico) do que os bons princípios. Deve ter achado a imagem boa, porque repetiu:

— A mocidade conhece melhor o busto das atrizes do que os bons princípios.

A mocinha já ia lá longe, mas ainda assim tinha um advogado de defesa que, virando-se para o padre, ponderou:

— Seu padre, os bons princípios não têm decote e o busto das atrizes tem. Vai ver que é por isso.

Rizada da turba ignara. O padre queimou-se. Saiu pisando duro, a turba foi se diluindo, em pouco tempo na esquina estava o carrocinha de sorvete, a banca do jornaleiro, um ou outro passante.

De dentro da igreja vinha o som do órgão, suave, suave!

Zélia Martins chega ao oásis para dar um refrêsco aos camelos.

BOATES

A briga de Pedro das Flôres e a senhora Sofia, que imitando aquêle saiu pela aí com uma cestinha de flôres, oferecendo aos freqüentadores de boates, continua firme: Sofia convenceu o cronista Sérgio Bittencourt de que Pedro é um Conde Drácula disfarçado e Sérgio foi na conversa, espinafrando o Pedro. Mas êste é muito mais maquiavélico do que vocês supõem. Quando lhe perguntaram: *Oh, Pedro, que fizeste ao Sérgio, que te quer tão mal?* — o Pedro sorri e responde: *Não sei. Eu só faço dar flôres às môças de sua mesa.*

Um detetive especialmente escalado para vigiar bebida falsificada. Chama-se Letrinha e tornou-se o terror dos taberneiros, pois Letrinha limita-se a vigiar o uísque. Devia ser também o terror dos leiteiros, pois leite também é bebida. Mas isto ta demorar muito para convencer os gênios da administração.

E tem uma lei que proíbe a entrada de menores em boates E não é menor de 18 anos não. É de 21 anos, no duro. Mas ah... no dia que entrar alguém com sarampo num dêsses barezinhos onde se dança de longe, com olhar sexy (mais imaginando do que efetuando) ah... nesse dia haverá epidemia de sarampo.

TEATROS

O Teatro Miguel Lemos está batendo um recorde, nos fins-de-semana: encena "O Pinóquio", peça infantil, à tarde, logo depois apresenta "O Tartufo", com Jardel Filho no papel-título, em seguida vem nova sessão de teatro infantil, que acaba e já começa a sessão noturna da peça de Molière, que sai e já entra o espetáculo "Receita de Vinícius". Qualquer dia tá entrando personagem em peça errada e vai ser muito engraçado o Tartufo em programa infantil, Pinóquio como clássico francês e Vinícius botando música em samba de Molière.

Colé e Jussara Lupe são os principais atôres da revista "Que tudo mais vá pro inferno", ora encenada no Rival. O cronista encontra-se com Colé e pergunta: *Como é que vai o espetáculo?* — e Colé, muito sincero: *Tá indo pro inferno, uai!*

Betty Faria, do elenco de "As Inocentes do Leblon", por falar francês correntemente, talvez seja incluída na comitiva brasileira ao Festival Cinematográfico de Cannes. Leina Krespi, do mesmo elenco, quando soube disso, animou-se: *Eu também quero ir. Eu falo alemão.* Conselho de Betty: *Aguarde o Festival de Berlim.*

TELEVISÃO

Usando um processo de engroiamento que faria inveja ao próprio Cantinflas, o Ministro Roberto Campos falou durante um tempo enorme, na televisão, tentando explicar à gente que o custo de vida não tinha subido. Deu-se então a coincidência: assim que o Dr. Roberto acabou de engrolar, veio o Jornal de Vanguarda e um locutor informou que a dúzia de ovos tinha passado para Cr$ 1.150. Vocês notem que êles não sabem nem aumentar direito: dúzia a 1.150, tem um ôvo aí que sai pela metade do preço.

O aparelho estava ligado e uma menininha chamada Marizinha cantava uma dessas musiquinhas chatíssimas que têm como mote herói de história em quadrinhos e como ritmo o rebarbativo "twist". Foi aí que disseram para Lúcio Rangel: *Você sabia que essa menininha é irmã dos quatro rapazes do conjunto Golden Boys e irmã também do rapaz e das duas môças do Trio Esperança?* Lúcio respondeu que não sabia e perguntou se não tinha mais nenhum irmãozinho para estrear. Como a resposta fôsse negativa, Lúcio suspirou e disse: *Felizmente!!!*

Stanislaw Ponte Preta

o estranho caso do isqueiro de ouro

De princípio me declarou que na hora em que tudo aconteceu não estava bêbedo. E insistiu: "Eu estava absolutamente lúcido, embora tivesse bebido o bastante para ficar de quatro na grama". Evidentemente, se não tivesse bebido nada, não teria nem descido do carro, quanto mais ficado de quatro na grama! Mas o fato é que ficou, e agora — diante do acontecido — está a se perguntar se estava realmente lúcido, o que, de resto, não importa, uma vez que a conseqüência intriga-o mais do que a ocorrência.

Estava muito alegre e ria muito, e isto não era nem seguer por conta da bebida. Era um pouco por causa do uísque que tomara e mais o momento, a mulher, enfim um estado de espírito que tomou conta dêle e que já fazia por merecer. Depois de muitos dias seguidos de pequenos aborrecimentos, muito trabalho, um resfriado. "Estas coisas — dizia-me — vão deixando a gente sem reservas de humor. Mas, quando terminou a festa e ela pediu-me que a levasse em casa, veio-me de súbito aquêle estado de espírito. A prova de que eu estava raciocinando perfeitamente é me lembrar dêste detalhe: tenho certeza de que já vinha alegre lá de dentro e, quando fui tomar o carro, senti o perfume de jasmim dos jardins do vizinho. Eu nasci e morei durante anos numa casa cheia de jasmineiros, você entende?"

Eu entendia. Já vinha alegre da festa, na hora de entrar no carro, com uma bela mulher que o tinha escolhido para levá-la em casa, tudo isso e mais um cheiro da infância deram-lhe aquela alegria interior que conservou até o momento em que viu, sôbre a grama, as pernas do guarda, firmes, como que plantadas no gramado — aquelas duas colunas negras, porque era um guarda de perneiras, dêsses que passam soletnes, de motocicleta, altivos e barulhentos.

"Mas eu não ouvi barulho nenhum — explicava êle —, eu estava de quatro, rindo, na grama, quando vi as pernas e, em seguida, o guarda. Aquêle bruto guarda, de mãos na cintura, me olhando."

É estranho que uma pessoa, justamente na hora em que se sente eufórico, vivendo um momento raro, meio sonho meio realidade, possa explicar cada minuto dêsse momento que já está no passado e, no entanto, no presente, absolutamente sóbrio e sério, não consiga encontrar uma explicação que satisfaça a si mesmo, que possa acalmar uma dúvida sem apelar para o sobrenatural.

Recorda-se que entrou no carro e perguntou à mulher onde morava e ela deu-lhe o endereço. A noite era fresca e o ar livre, o carro deslizava pelas ruas tranqüilas e desertas. Então pôs-se a cantar a canção que ela também cantarolou junto com êle, e iam tão felizes que começou a guiar o carro de um lado para o outro, ao ritmo da música. A mulher morava num recanto do maior bucolismo, em frente a uma praça tôda gramada. Êle parou o carro e propôs à mulher que fumassem mais um cigarro, e ficaram ali fumando, num silêncio convidativo; tão convidativo que êle começou a fazer-lhe cócegas na nuca, aos dois rindo, êle se chegando e — de repente — deu-lhe uma mordidinha no lóbulo da orelha. A mulher sentiu um arrepio, riu mais: "Ai, Carlos, você é um cachorrinho e está me mordendo" — ela disse.

Isto foi o que bastou para que descesse do carro e fôsse lá para o meio do gramado, onde ficou de quatro, a latir para ela. A mulher ria e, como estivesse escuro, começou a gritar: "Onde você está, Carlos?" — e como êle calasse os latidos para fazer-lhe uma surprêsa, ela manobrou o carro e acendeu os faróis na direção do gramado, mas numa direção em que as luzes não o atingiam. Pôs-se a caminhar de quatro para se esconder atrás de um arbusto, quando viu que ela saíra do carro e já caminhava também sôbre a grama — embora sem latir e sem usar os braços à guisa de patas dianteiras.

Foi aí que viu o guarda. Ou antes: as pernas do guarda. Levantou a cabeça e notou o quanto êle estava sério, e assim ficaram um tempo indefinido, que deve ter durado alguns segundos, mas que lhe pareceu uma eternidade. Notou também que a mulher voltara para o carro e ria muito da situação.

Por certo o guarda tinha todo o direito de pensar outra coisa, e quando lhe perguntou "o que é que o senhor está fazendo aí?" — já tinha opinião formada. Contar a verdade lhe pareceu pior, o que prova a sua lucidez na ocasião. E então, porque precisava dar uma resposta qualquer ao guarda, disse que estava procurando o isqueiro. Daí passou a mentir, uma mentira em cima da outra, sôbre um isqueiro, que era de ouro e tinha seu nome gravado de um lado.

"Como é seu nome?" — quis saber o guarda. E foi a única verdade que disse: "Carlos Silva. E está escrito do lado do isqueiro. É um isqueiro francês Dupont". Falava e olhava para os lados, fingindo que procurava. O guarda continuava a não aceitar nada do que dizia, mas mantinha-se sério, perturbando-o ainda mais. Quando perguntou como conseguira perder o isqueiro ali na grama se estava com a mulher no carro, fingiu que não ouviu e acrescentou: "É um isqueiro de estimação. Foi minha mãe que me deu. Ela já morreu". Falava e caminhava devagar, tentando se aproximar do carro. O guarda caminhava também, mantendo a distância entre os dois, até o instante em que se abaixou para apanhar algo que brilhou em sua mão, apesar da escuridão.

"Aqui está o seu isqueiro, cavalheiro" — disse o guarda, enquanto êle engolia o próprio espanto, diante do espanto do guarda, que conservava o isqueiro de ouro na palma da mão aberta. Apanhou-o e leu, gravado num dos lados: "Carlos Silva".

Agora repetia — de certa maneira — a atitude do guarda da véspera. Estava com o isqueiro na palma da mão aberta e me dizia: "É te juro! Eu nunca tive nenhum isqueiro!"

Arte & Manhas

A PRETAPHOBIA NO FESTIVAL. Como os senhores sabem, onde há um acontecimento importante, há um repórter da Pretaprese anotando tudo para que nossos leitores sejam sempre bem informados. Assim, lá vão as notícias do Festival. A dupla de Portugal, o Duo Ouro Negro, iniciou a sua apresentação cantando uma música em homenagem à malária. Antes de iniciarem, quando apenas anunciaram a motivação da melodia, foram muito aplaudidos. Depois que iniciaram a cantoria e o público se manteve (a música tinha uma porção de frases em dialetos africanos) foi iniciado o Festinsia. Depois, o Duo Ouro Negro cantou fazendo uma marcação certíssima com os pés. Hervé Villard, que observava tranqüilo o exibido, ajeitou seus cabelos ondulados, puxou seu punho de renda e comentou: "Esses dois pensaram que o Festival era de sapateado. "U-la-lá, U-la-lá", em linguagem de bicha francesa quer dizer "suddeia". *** Guttenberg Guarabira foi premiado com um beijo tipo Hollywood, pela atriz Kim Novak, no final do Festival. Como os repórteres não conseguiram ficar a primeira cena, pediram bis e Kim calmamente repetiu. Uma senhora comentou: "Exagerado, ela não ficou nervosa nem um pouquinho, com tôda essa gritaria". O cinegrafista Hélio Nollemberg que estava ao lado comentou: "É verdade, minha senhora. Nervoso ficou o Guttenberg". *** Antônio Clemente, que é preparador físico da América, trabalha no Cais do Pôrto, estuda Educação Física e Direito, funciona na TV Globo e mais horas de folga ainda tira fotografia para anúncio, estava nos bastidores quando os repórteres pediram a êle que desse uma palavrinha para trazer os vencedores até os microfones, pois era grande a confusão. Antônio Clemente quebrou o galho na hora. Pulou a cêrca, botou o italiano no colo, entregou-o aos repórteres, voltou ao meio da confusão, apanhou os dois compositores italianos e levou-os até os repórteres. E foi um fui de levar compositor e cantor que não acabava mais. Numa das passagens do Antônio, o Régis Cardoso disse: "Ai Tonicho. Continua assim que você acaba em San Remo" *** Hilton Gomes perdeu a esportiva com uma das recepcionistas. Lá pelas tantas o Papinha perguntou: "Minha filha, você veio aqui pra trabalhar ou pra paquerar?". *** E parabéns à torcida do Maracanãzinho, que soube escolher os melhores: pediu certo, quando pediu a Austria em primeiro lugar: pediu certo, quando lembrou a Grécia em segundo e agiu mais certo, quando viu o resultado e pediu a Margarida em primeiro. Só não agiu certo quando soltou Patty Austin, excelente cantora americana, que defendeu a música (traquinha) do maestro Quincy Jones. Primeiro que ela não tinha nada com a escolha do Júri, e segundo, como bem observou o coleguinha Eli Halfoun: "Coitada da Patty Austin. Afinal de contas, a menina não tem nada a ver com a guerra do Vietname".

☆☆☆

Juca Chaves, o menestrel maldito, continua fazendo sucesso no Teatro de Bolso. Uma noite destas, o público não queria deixar o rapaz sair do palco. Uma espectador desejava a todo custo ouvir a sua música proibida pela Censura sôbre o porta-aviões Minas Gerais. Aí o Juca respondeu: "Essa não dá. O senhor tá vendo aquela polícia do teatro? É um investigador do DOPE disfarçado".

Juca Chaves, o menestrel maldito. Aqui, baixo e feio. No exterior, alto, bonito e louro.

Jussara Lupe, quando preparava a indumentária para reaparecer na noite carioca. É olha, meu camaradinha, vai reaparecer com uma saúde tão forte que vai fechar pra balanço muito ambulatório do SAMDU. (Foto Valentim, especial para a Fototeca Lalau.)

Célia Biar e Emílio di Biasi, arregalando os olhos e abrindo as bocas, numa cena de O Olho Azul da Falecida.

Estreou dia 3 de novembro, no Teatro Princesa Isabel, a peça Verão, de Romain Weingarten, numa tradução de Jacqueline Laurence. A direção é de Martim Gonçalves, e no elenco estão Helena Inês, Sérgio Viotti, Dorinal Carper e Heleno Prestes. Nome do personagem interpretado por Sérgio Viotti: Naco de Cereja. O Sérgio anda com um rubi dado de lover alguma mordida em cena. Os exibs morrer afogado num martini doce.

☆☆☆

A massacrantíssima Célia Biar continua fazendo sucesso em O Olho Azul da Falecida, comédia de Joe Orton, traduzida por Millôr Fernandes. A peça, depois que atravessou o túnel e foi para o Teatro Santa Rosa, ganhou vida nova e muito mais público. A Célia Biar, que é uma das responsáveis pela Companhia Carioca de Comédia, quando chegou outro dia no teatro e viu a casa lotada, comentou: "Puxa, hoje até a falecida vai arregalar o olho".

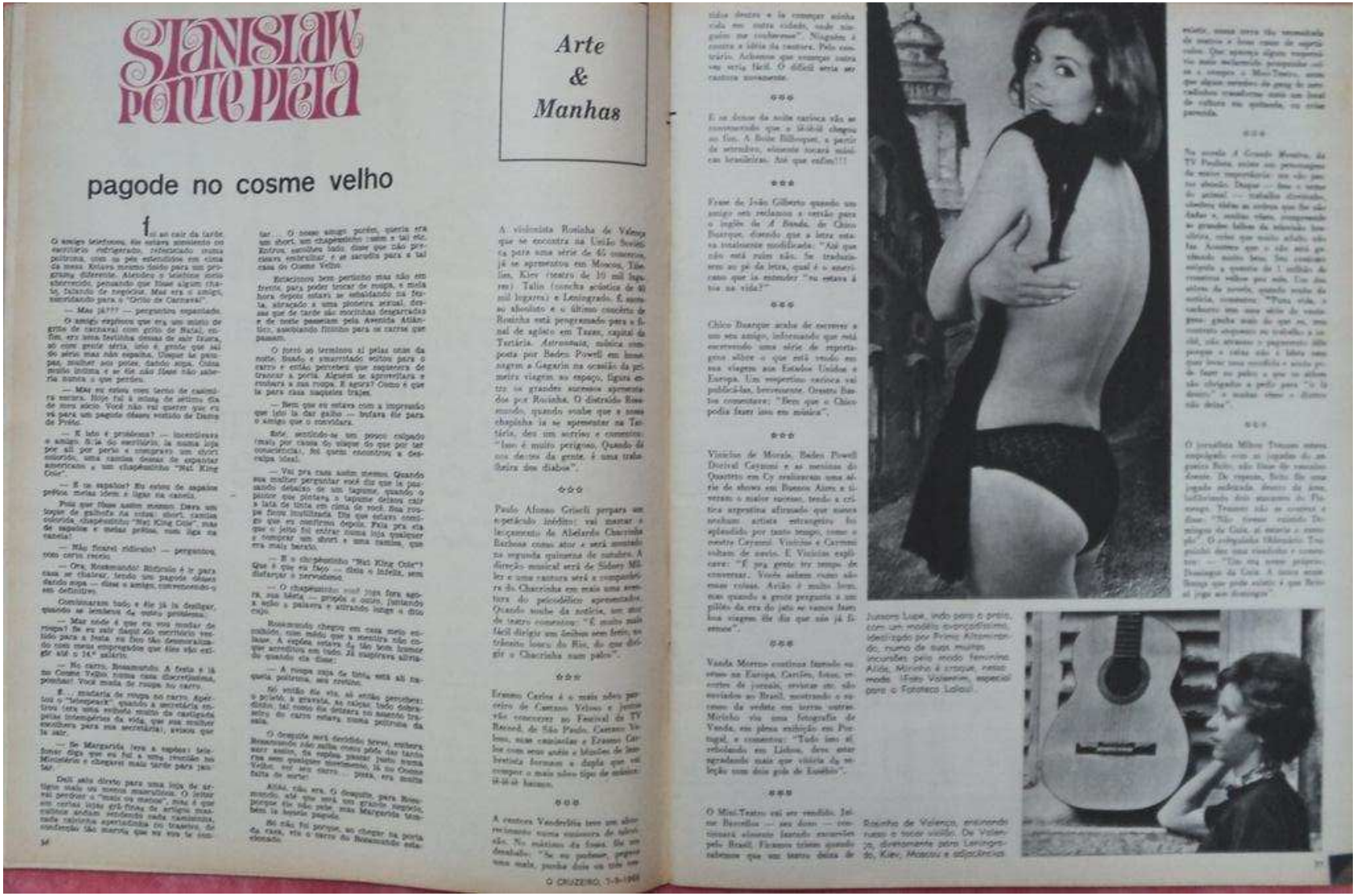
☆☆☆

Jussara Lupe volta à noite carioca. Vai aparecer no Fred's. Tá com uma saúde tão boa, que Mrvnha garante que vai bater o recorde de visitas ao Carlos Machado.

☆☆☆

Quando chamaram o Duo Ouro Negro, representante de Portugal no Festival Internacional da Canção um dos rapazes foi ao microfone e disse: "O meu colega vai fazer as apresentações". Foi aí que o outro puxou o pelo, subiu a escadinha, foi ao microfone e disse: "Faço das palavras dêle, as minhas palavras".

Figura 60: Stanislaw Ponte Preta. **O Cruzeiro**, 18/11/1967



STANISLAW PONTE PRETA

Arte & Manhas

pagode no cosme velho

Foi ao cair da tarde. O amigo telefonou, ele estava aborrecido no escritório refrigerado, refestelado numa poltrona, com os pés estendidos em cima da mesa. Estava mesmo tendo para um programa diferente. Atendeu o telefone sorriu aborrecido, pensando que fosse algum chato, falando de negócios. Mas era o amigo, entusiasmado para o "Grito de Carnaval".

— Mas já??? — perguntou espantado.

O amigo explicou que era um misto de grito de carnaval com grito de Natal, enfim, era uma festinha dessas de sair frutas, ao com gente séria, isto é, gente que sai do peito mas não espalha. Daque lá pensou, mulher sem peitos, dando sopa. Coisa muito íntima e se ele não fosse não saberia nunca o que perdeu.

— Mas eu estou com terno de casimira inglesa. Hoje foi a estreia de setimo dia de meu alfaiate. Você não vai querer que eu vá para um pagode dessa vestido de Teatro de Prata.

— E isto é problema? — incentivava o amigo. Olha do escritório, lá mesmo loja por ali por perto e compramos um short colorido, uma camisa dessas de esportes americanas e um chapeuzinho "Mat King Cole".

— E os sapatos? Eu estou de sapatos pretos, meias idem e ligas na canela.

Pois que ligas nada mesmo. Deixa um tênis de galocha na mão, short, camisa colorida, chapeuzinho "Mat King Cole", nada de sapatos e meias pretas, nem liga na canela!

— Não ficarei ridículo? — perguntou, com certo receio.

— Ora, Rosamundo! Ridículo é ir para casa se chatear, tendo um pagode dessa dando sopa — disse o amigo, convencendo-o em definitivo.

Combinaram tudo e ele já ia desligar, quando se lembrou de outra preocupação.

— Mas onde é que eu vou mudar de roupa? Se eu subir daqui do escritório vestido para a festa eu Deo São desmoralizo todos meus empregados que dão são exigir até o 14.º salário.

— No carro, Rosamundo. A festa é lá no Cosme Velho, numa casa discretíssima, pombas! Você muda de roupa no carro.

E... mudaria de roupa no carro. Apertou o "telespark" quando a secretária entrou (era uma estátua muito da castigada pelas intempéries da vida, que nem mulher havia tido para sua secretária), avisou que ia sair.

— Se Margarida ieva a capinar: telefonar diga que eu fui a uma reunião no Ministério e chegarei mais tarde para jantar.

Dali saiu direto para uma loja de artigos usados nos mesmos mandrakes. O leitor vai perdoar o "mais os menos". Mas é que em certas lojas gringas de artigos masculinos acham interessante nada camisinha, nada calcinha esperalhada no trabalho, de modo algo que eu vou lá com

tar... O pessoal amigo gordo, queria era um short, um chapeuzinho (sem o tal etc. Entrou, escolheu tudo, disse que não precisava embrulhar e se sacudiu para o tal casa do Cosme Velho.

Estacionou bem perto mas não em frente, para poder tomar de roupa, o mais fora depois estava se embalando na festa, atração a uma pioneira sexual, dessas que de tarde são mocinhas desgarradas e de noite passeiam pela Avenida Atlântica, acenando fitinhas para os carros que passam.

O porão ao terminou ai pelas onze da noite. Bonito e emocionado subiu para o carro e então percebeu que esquecera de trocar a gorta. Alguém se aproveitara e roubara a sua roupa. E agora? Como e que ia para casa naqueles trajes.

— Bem que eu estava com a impressão que isto ia dar galho — bufava ele para o amigo que o convidara.

Este, sentindo-se um pouco culpado (mas, por causa do vinho do que por tal consciência), foi quem encontrou a desculpa ideal.

— Vai pra casa assim mesmo. Quando sua mulher perguntar você diz que ia passando debaixo de um tapume, quando o pintor que pintava o tapume deixou cair a lata de tinta em cima de você. Sua roupa ficou inutilizada. Diz que estava mesmo que eu mandava depois. Fala pra ela que o jeito foi entrar numa loja qualquer e comprar um short e uma camisa, que era mais barato.

— E o chapeuzinho "Mat King Cole"? Que é que eu faço — disse o infeliz, sem disfarçar o nervosismo.

— O chapeuzinho você joga fora agora, seu bêsta — gritou o outro, jantando a seção a palavra e atirando longe o dito cujo.

Rosamundo chegou em casa meio encabulado, com medo que a mentira não colasse. A explicação estava de tão boa, humor acreditou em tudo. Já mulheres alivia-do quando ela disse:

— A roupa suja de tinta está ali na quarta, poderosa, sem sovinice.

Só então ele viu, até então percebera: o boletê, a gravata. As calças tudo colaborando, tal como ele deixara no momento brando do carro estava numa poltrona da sala.

O dragueio será devidido breve, estimou. Resmungou não muito mesmo pois das tarde nem qualquer movimento, já no Cosme Velho, ao seu carro... pressa, era muita falta de morte!

Ainda não era. O dragueio, para Rosamundo, até que será um grande negócio, porque ele não pelo, mas Margarida também la herdou pagode.

Só não foi porque, ao chegar na porta da casa, viu o carro do Rosamundo estacionado.

A violonista Rosinha de Valença que se encontra na União Soviética para uma série de 60 concertos, já se apresentou em Moscou, Tbilisi, Kiev (teatro de 30 mil lugares) Talin (concha acústica de 40 mil lugares) e Leningrado. É nome ao absoluto e o último concerto de Rosinha está programado para o final de agôsto em Tazac, capital da Tartária. Astronauta, música compota por Baden Powell em homenagem a Gagarin na ocasião da primeira viagem ao espaço, figura entre os grandes sucessos apresentados por Rosinha. O distraído Rosamundo, quando soube que a nossa chapinha ia se apresentar na Tartária, deu um sorriso e comentou: "Isso é muito perigoso. Quando dá nos dentes da gente, é uma trabalheira dos diabos".

☆☆☆

Paulo Afonso Grisolli prepara um espetáculo infantil: vai montar o lançamento de Abelardo Chacrinha Barbosa como ator e será montado na segunda quinzena de outubro. A direção musical será de Sidney Miller e uma canzoni será a composição do Chacrinha em cima uma aventura do psicodélico apresentador. Quando soube da notícia, um ator de teatro comentou: "É muito mais fácil dirigir um fenômeno sem feito, no trânsito louco do Rio, do que dirigir o Chacrinha num palco".

☆☆☆

Erasmo Carlos é o mais novo parceiro de Caetano Veloso e juntos vão concorrer ao Festival da TV Record, de São Paulo. Caetano Veloso, nas canzoni e Erasmo Carlos com seus anéis e blusões de lantejoula formam a dupla que vai compor o mais novo tipo de música: ié-ié-ié baiano.

☆☆☆

A cantora Vandeclia teve um aborrecimento numa emissora de televisão. No máximo da fossa, fêz um desabafo: "Se eu pudesse, pegava uma mala, punha dois ou três ve-

tidos dentro e ia começar minha vida em outra cidade, onde ninguém me conhecesse". Ninguém é contra a idéia da carreira. Pelo contrário. Achamos que começar outra vez seria fácil. O difícil seria ser cantora novamente.

☆☆☆

E os donos da noite carioca vão se movimentando que o Hi-Hi chegou ao fim. A Boite Bilhoquet, a partir de setembro, elemente tocará músicas brasileiras. Até que enfim!!!

☆☆☆

Frase de João Gilberto quando um amigo seu reclamou a versão para o inglês de *A Banda*, de Chico Buarque, dizendo que a letra estava totalmente modificada: "Até que não está ruim não. Se trabalharem ao pé da letra, qual é o americano que ia entender "eu estava à toa na vida?"

☆☆☆

Chico Buarque acaba de escrever a um seu amigo, informando que está escrevendo uma série de reportagens sobre o que está vendo em sua viagem aos Estados Unidos e Europa. Um empertigo carioca vai publicá-las, brevemente. Ornato Bastos comentou: "Bem que o Chico podia fazer isso em música".

☆☆☆

Vinicius de Moraes, Baden Powell Dorival Caymmi e os meninos do Quarteto em Cy realizaram uma série de shows em Buenos Aires e tiveram o maior sucesso, tendo a crítica argentina afirmado que nunca nenhum artista estrangeiro foi tão aplaudido por tanto tempo, como o mestre Caymmi. Vinicius e Carmem voltam de navio. E Vinicius explicou: "É pra gente ter tempo de conversar. Vocês sabem como são essas coisas. Avião é muito bom, mas quando a gente pergunta a um piloto da era do jato se vamos fazer boa viagem ele diz que sim já fizemos".

☆☆☆

Vanda Morteo continua fazendo sucesso na Europa. Cartões, fotos, recortes de jornais, revistas etc. são enviados ao Brasil, mostrando o sucesso da vedete em terras estrangeiras. Mirinho viu uma fotografia de Vanda, em pôsa exibição em Portugal, e comentou: "Tudo isso é rebolando, em Lisboa, deve estar agradando mais que vitória da seleção com dois gols de Eusébio".

☆☆☆

O Mini-Teatro vai ser vendido. Jaime Barcellos — seu dono — continuará sempre fazendo excursões pelo Brasil. Ficamos tristes quando soubemos que um teatro deixa de existir, mesmo sendo tão necessário de motivos e boas casas de espetáculos. Que aparece algum empresário com o coração e Mini-Teatro, antes que alguns teatros de gang de cabeludos transformem mais um local de cultura em quitanda, ou coisa parecida.

☆☆☆

Na novela *A Grande Mentira*, da TV Paulista, existe um personagem de muita importância que não pode ser citado. Daqui — fora o nome do animal — trabalho diversificado, ninguém tinha as ordens que lhe são dadas e, muitas vêzes, compromete as grandes falhas da televisão brasileira, coisa que muito ajuda, não fas. Acontece que o cão será gratificado muito bem. Seu contrato estipula a quantia de 1 milhão de cruzeiros velhos por mês. Um dos atores da novela, quando soube da notícia, comentou: "Puta vida, o cachorro vai ter uma série de vantagens: ganha mais do que eu, vai morrer elegante no trabalho e na cêna, não atravessa o pagamento, não precisa o cabra estar à beira mar para levar uma mordida e ainda pode fazer os pelos a que os atores são obrigados a pedir para "o lá dentro," e muitas vêzes o diretor não deixa".

☆☆☆

O jornalista Milton Teixeira estava empolgado com as jogadas do argentino Bolo, não fosse do vascaíno durante. De repente, Bolo foi uma jogada milionária, dentro da área, infelizmente dois atacantes do Flamengo. Teixeira não se conteve e disse: "Não vamos culpar Domingos da Guia, ai entrou o zumbi". O colegiado Oldemário Touguinho deu uma risadinha e comentou: — "Um era nosso primeiro Domingos da Guia. A outra nossa Bangu que pode subir e que Bolo ai joga aos domingos".

Juscely Lupe, indo para o prêto, com um modêlo supersofisticado, idealizado por Primo Altamirando, numa de suas muitas incursões pelo mundo feminino. Alda, Mirinha e cropar, nesse modêlo. (Foto Volsenim, especial para o Fototeca Lalau).

Rosinha de Valença, enquanto russo o tocar violão. Da Valença, diretamente para Leningrado, Kiev, Moscou e adjacências.

Figura 62: Stanislaw Ponte Preta. **O Cruzeiro**, 08/06/1968

STANISLAW PONTE PRETA

Arte & Manhas

nos quindins da vida

O doutor botou o — com licença da palavra — estetoscópio no meu peito, disse "Alô" e o coração não respondeu. O dr. Mauro, que trata aqui da minha cardiolagem, ficou preocupado e me disse: — Pára de trabalhar como você está trabalhando porque não é hora do Brasil melhorar.

Foi me explicando que eu estava com uma estafa pior do que a do cara que faz a revisão das coisas que o Ibraim escreve. E disse mais: se eu não desse uma descansada, êle não se responsabilizava pelo que sobrou de mim, após mais de 40 anos de respiração. Acho que a alusão aos 40 me fêz recordar os 8 anos, quando, pela primeira vez em minha vida, andei pela roça, vi mato, aprendi a distinguir uma vaca de uma leitoa e vice-versa!

Era uma fazenda chamada dos Quindins, lá em Pati do Alferes no politicamente deprimido Estado do Rio. "E se eu fôsse pra lá?" — pensei. "Será que reencontrarei o encanto daqueles dias cascmirianos" (e quando escrevo esta palavra estou-me referindo ao Casemiro de Abreu e não aos ternos de casemira que, porventura, tenha usado pela vida em fora). O jeito era tentar, meus camaradinhas, e eu tentei.

Pois agora aqui estou, neste recanto de impressionante beleza e tranqüilidade total. Ninguém pra chatear! Ando mais descansado que seu Artur. De manhã, no sol acalentador do jardim, leio os jornais e me dá uma pena de vocês aí, respirando fumaça e cuspindo poeira. Mas o que me deixa mais apiedado é ver que o festival de besteira anda assolando o país com a mesma fôrça de sempre.

Veio uma das mocinhas de Quindins com um suco de laranjas que eu mesmo colhi, no pomar do Eurico. Estou-me sentindo um agropecuário total. De manhã foi aquêle leite tirado na hora, a vaca até chegou a piscar pra mim! Agora as laranjas...

Volto ao jornal e noto que não vai ser por falta de hino que o Brasil vai parar de vez. Agora tem hino pra tudo, mas o deputado Frederico Trotta ainda quer mais. For sinal, Trotta, que os cavalos daqui, volta e meia, conjugam seu nome. Mas isto deixa pra lá.

Está aqui no jornal que leio, sentado numa espreguiçadeira, entre as mangueiras, que o Frederico acaba de dar à luz mais um projeto de hino, ao apresentar na Assembléia da Guanabara o projeto de lei n.º 563 (centena do leão — "bote um leão no seu hino"), no sentido de oficializar o *Hino da Obstetriz* e revogar as disposições em contrário. Segundo o ilustre deputado, é justo o que solicita, pois não traz ônus para o erário estadual, e porque a letra do Hino, de autoria da parteira Hercília Costa, revela civismo e fé no Brasil.

Para que vocês possam avaliar a qualidade do projeto de lei apresentado, vou transcrever a segunda parte da referida letra: "Segue obstetriz fiel/ A missão que a Deus te conduz;/ Segue, é estrada cruel,/ Mas inunda tua alma de Luz!/ Nossa bandeiras, vibra altaneira,/ Bandeira de encantos mil/ Pela grandeza de ser/ Obstetriz dêste grande Brasil".

Na Glória!!! — O breque é aqui do papai.

Eu manjo muito é partideira, tirando verso, mas parteira, pra mim, é novidade. E é um tal de rima em "il" que eu vou te contar. Rima danada, essa em "il", principalmente se diz respeito a parto. Não sei não; mas tá na cara que vão cantar o último verso deturpado. Além disso, parteira no Brasil é tarefa das mais pretensiosas e ingratas. Ultimamente, o País já nos deu a redentora, o Ato Institucional n.º 2, a atual Constituição Federal, a Lei de Segurança Nacional, a Lei dos Dissídios Coletivos, e promete para breve a lei das sublegendas e a lei dos municípios de interêsse de segurança nacional, além de outras no prelo, ou melhor, na cuca dêsses democratas pela ai.

Façamos votos que, com o Hino das Parteiras, a coisa melhore e que, dentro em breve, o Brasil nos dê filhos legítimos, com a eleição direta, a liberdade sindical e outras liberdades de que tanto carecemos, atualmente, para os encantos mil dêste grande Brasil — como disse em seus versos a distinta obstetriz.

Enquanto nada disso acontece, vou ficando aqui, nos Quindins da vida!

Rafael de Carvalho, ator do teatro e do cinema nacional, é um dos grandes incentivadores dos espetáculos de Ceará Boi Surubim, em Santa Catarina Boi de Mamão, no Rio Grande do Norte Boi Calemba, etc. O Bumba Meu Boi é teatro popular e nasceu no sertão nordestino. No Rio, Rafael de Carvalho tem apresentado o Bumba Meu Boi em vários subúrbios, e quando foi apresentá-lo em Caxias, sem um fremento tiroteio, com o Rafael berrando no meio do espetáculo: "Corre, minha gente, que se não estão querendo matar o boi, tão querendo acertar na gente".

☆☆☆

Tércio de Lima, locutor e apresentador dos espetáculos de luta-livre e boxe da televisão, foi a um barzinho que serve somente drinques e que tem um violão e uma cantora. Quando Tércio entrou no barzinho, viu que só tinha homem e que acompanhado mesmo só um casal, na maior das discussões. O Tércio foi chegando ao balcão, vendo aquêle monte de homem com cara de passado pra trás, e querendo o garçom perguntou o que êle queria, pediu: "Me dá aí um par de olhos, que é pra eu ficar por dentro do ambiente".

☆☆☆

Só Por Amor é o nome do novo show do Teatro de Bolso, com Vinicius de Moraes, Francis Hime, Wanda Sá e Dori Caimi. Um show intimista, sem muitos mistérios, pois de cristal nenhuns nem entrarão. Foi assistir a um ensaio, gamou e pediu mais. Deverá a vaquinha e o poetinha estão lá, ja-

Miriam Pérsia e Carlos Aquino, numa cena do filme *Rôlo-se Cada Mulher*, que conta a história de uma garôta da alta baixa sociedade que resolveu construir um hospital. Ela dá uma festa dessas chamadas beneméreritas e resolve fazer uma rifa de si mesma: tira uma foto de costas e sem mais nada a mostrar, da fazer um monte de cópias, que são devidamente numeradas e vendidas. O cara que acertar no milhar pode ficar com ela (pois é, com a fotografada). Segundo o roteiro, ela consegue fazer um grande movimento e construir o hospital. Primo Altamirando acha que êste filme dá direito a continuação, porque uma mulher bem administrada vale mais que um hospital.

Eva Vilma. Um ano de *Black-Out* é dose para Mamute.

sendo sua onda. Um popular chegou na bilheteria, comprou as entradas e disse para a mulher: "Só por amor, meu bem, custa oito mil cruzeiros cada".

☆☆☆

Guttemberg Guarabira está no Café-Teatro Casa-Grande, apresentando um show com Joyce. Momentoquatro e Sidnei Miller, direção de Paulo Afonso Grisolli. No meio da apresentação, Guttemberg chega no palco e diz: "Vou cantar um plágio que fiz para vencer o Festival Internacional da Canção".

☆☆☆

Jair Rodrigues foi explicar ao apresentador Blota Júnior como sua mãe tinha casado e contou: "Bem, seu Blota, o senhor sabe, né: a velha era gamada por galinha. Aí o meu padrasto grampeou um galo e convidou a coroa pra jantar. Foi assim que eu panhei um padrasto".

☆☆☆

Recado que eu recebi da Magdala de Freitas: "Querido Stan: Mando-te dizer que no Schnilt o atendimento está sendo feito por 50 garçonetes que eu vou te contar, tôdas com curso de relações-públicas, arte de servir e arte de defesa pessoal. São moças louras (entre elas apenas três mulatas, mas que valem mais que uma escola de samba, com destaque e tudo), tôdas poliglotas: as de origem germânica e as folclóricas. Sei que para você, inteligentemente, o detalhe é chato: elas servem os fregueses com roupas típicas do Tirol". Não tem importância, Magdala. Primo Altamirando leu o seu bilhetinho e disse: "Não faz mal que seja do Tirol. A gente mesmo tira".

☆☆☆

Quem fêz seu primeiro aniversário foi Black-Out, peça traduzida por Millôr Fernandes, dirigida por Antunes Filho e espetacularmente representada por Eva Vilma. Black-Out tem sido um verdadeiro fenômeno neste conturbado teatro nacional. A companhia quer sair do Black-Out e não pode, porque o público não deixa. Antunes Filho e Johnny Herbert estão querendo estrear A Cozinha, de Arnold Wesker, e vai ter que ser no peito. Assim, já marcaram a estréia para esta semana, no Teatro Aliança Francesa, em São Paulo. Tia Zulmira, que conhece a peça, comentou: "São trinta personagens numa cozinha. Eu quero ver como é que o Antunes vai dirigir isto, no palco do Teatro Aliança Francesa. Vai ter négo derrubando panela, sentado no fogão, derramando bule e o diabo".

☆☆☆

No Vatapá do Zé Trindade, onde o comediante faz as suas comidinhas, chegou um casal acompanhado de dois garotinhos que eram duas pestes. Corre daqui, corre dali, os dois garotos, no meio da comida, já tinham derrubado duas mesas, virado caruru no tapête e levantado a saia de duas baianas que serviam as mesas. Depois que sentaram para descansar um pouquinho, foram vistos com dois bonequinhos na mão e com a mãe perguntando: "Meninos, onde é que vocês arranjaram os bonequinhos?" Foi aí que o Zé Trindade deu o bronca: "Bonequinho uma ova, madame! Isso aí é o meu Cosme e Damião lá do oratório".

Marlinha, que voltou ao Canal 2, do Rio, mais vestida do que isso pouquinha coisa. (Foto Valentim, especial para a Fototeca Lalau.)

Uma característica das Certinhas que apareceram na sessão é a vestimenta. Chegou a ter alguns maiôs como podemos ver na Figura 59 (acima), ou até algumas fantasias. Mas isto não era o usual. O traje "padrão" era o biquíni (Fig. 57 e 58), sendo que as nas fotos mais sensuais, só aparecia a sua parte de baixo (Fig. 60, 61, 62, 64, 65).

Neste período também há audácia de se mostrar os seios (Fig. 64, 65 e 67), não de uma forma explicita. A todo momento há sua interdição. Mãos, braços, panos, toalhas ou qualquer outra coisa que os esconda. Mas o importante é que estas imagens são os ensaios para a exibição direta dos seios que irá acontecer nos anos 1970 e principalmente nos 1980, quando modelos e atrizes os mostraram abertamente nos periódicos e no cinema[223]. Mas esta exposição tem um quê revolucionário, convergindo para a imagem de uma mulher independente que faz do seu corpo o que bem entende. Basta lembrar do filme brasileiro Macunaíma (1969) de Joaquim Pedro de Andrade[224], onde a personagem Ci é uma guerrilheira que anda pela rua com uma blusa entreaberta, já em outra cena, aparecem em uma foto em um quadro na parede com os seios totalmente descobertos e segurando armas (40:04'). Nos EUA também se produziu o filme Barbarella (1968), de Roger Vadin[225], onde a nudez e sensualidade da protagonista Barbarella são suas armas para se mudar o mundo.

As costas também são muito valorizadas por exibirem uma grande parte do corpo (Fig. 60, 61, 62, 64 e 65) e indicarem a nudez. No filme Bebel, Garota Propaganda (1968) de Maurice Campovilla[226], conta a história de uma modelo que passa a fazer sucesso após uma sessão fotográfica, ganha destaque nacional por uma foto onde ela posa de costas, em baixo de um chuveiro. Cena destacada em uma matéria de O Cruzeiro[227]. Já em outra reportagem

[223] , Nos anos 1970 a censura só permitia a exibição de um seio, os dois não.
[224] Sinopse: "Macunaíma é um herói preguiçoso, safado e sem nenhum caráter. Ele nasceu na selva e de preto, virou branco. Depois de adulto, deixa o sertão em companhia dos irmãos. Macunaíma vive várias aventuras na cidade, conhecendo e amando guerrilheiras e prostitutas, enfrentando vilões milionários, policiais, personagens de todos os tipos." Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/macunaima/> Acesso em 22 dez. 2011.
[225] Sinopse do filme: "No século XXXXI as guerras já foram abolidas há muito tempo, mas Barbarella (Jane Fonda), uma bela agente, recebe um comunicado do Presidente da Terra (Claude Dauphin), dizendo que uma arma foi inventada e que isto pode perturbar a paz no universo. Assim, sua missão é evitar que tal mal aconteça." Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/barbarella/> Acesso em 22 dez. 2011.
[226] Sinopse do filme: "Bebel (Rossana Ghessa) nasceu em um bairro popular de São Paulo e vem de uma família pobre. Devido à sua beleza é contratada por um astuto promotor de vendas, Marcos (John Herbert), para ser o símbolo de um novo sabonete a ser lançado. A imagem de Bebel chega ao topo do país através dos jornais, revistas, televisão e cartazes, e, com isso, ela encontra o sucesso e o dinheiro. Um dia, porém, a campanha acaba e Bebel tem de retornar ao ponto de partida." <http://www.adorocinema.com/filmes/bebel-garota-propaganda/> Acesso em 22 dez. 2011.
[227] "Equipe O Cruzeiro". A garôta Bebel. **O Cruzeiro**, 08/06/1968.

sobre cinema, do filme Amor e Desamor (1966) de Gerson Tavares[228], são as costas desnudas o principal elemento destacado[229] (Fig. 15, capítulo 1).

As ilustrações de Carlos Estêvão não eram ligadas as fotos das Certinhas, mas retratavam algum momento das crônicas de Stanislaw Ponte Preta e nas crônicas as Certinhas voltavam a aparecer. Este é o caso da crônica "O Padre e o Busto" (Fig.59) onde Stanislaw conta que da janela de sua casa viu na rua uma moça de biquíni e cabelos curtos que acabara de sair da praia e se depara com um padre:

> (...) de repente, ficaram os dois lado a lado. O padre e môça. Eu até me lembrei do poema de Carlos Drummond de Andrade, sôbre êste tema; poema que vem de ser transformado num belo filme com a Helena Inês. Só que, no poema, o padre fica encantado pela môça e ali na esquina o padre era velho e gordo e estava era indignado com a exposição dos encantos da môça. Seu olhar de censura envolveu a bonitinha de alto a baixo, parando nos olhos, no pescoço, nos ombros, no busto, no umbigo, enfim, parando por ali tudo. E não se limitou à inspeção, o piedoso sacerdote. Da minha janela eu ouvi, quando êle chamou a certinha de sem-vergonha:
> - Isto é uma falta de pudor. Suas carnes serão queimadas pelas chamas eternas do inferno – ê gritou.
> Ela reagiu. Encolheu-se um pouco, mas reagiu:
> - O senhor não tem nada com isso.
> - Engana-se – retrucou o padre – Tenho sim. Todos nós temos – e olhou em volta, buscando parceirada, mas – pelo jeito – estava todo mundo contra. O padre resolveu dar-se ao trabalho da catequese. Já tinha gente às pampas. Êle pigarreou e lascou: São môças sem pudor, rapazes sem os freios da educação, que estão botando o mundo a perder.
> E tome bláblábla. A môça, irritada com o ataque, titubeou um pouco no meio-fio e procurou abrir caminho para se mandar dali. Uma mulher mulata e barriguda tentou impedir, mas a mocinha tinha suas mumunhas. Deu um empurrão na mulata e foi saindo. E o padre lá:
> - É por isso que a mocidade de hoje conhece melhor o busto de Gina Lollobrigida ou Sofia Loren (o padre era um bocado cinematográfico) do que os bons princípios.
> Deve ter achado a imagem boa, porque repetiu:
> - A mocidade conhece melhor o busto das atrizes do que os bons princípios.

[228] Sinopse de filme: "Por acaso, um homem e uma mulher se encontram numa noite, na casa dele, de madeiras e tijolos, entre árvores, fazendo contraste com o concreto, o vidro e o alumínio de Brasília. Um pouco tímido e introvertido, ele sente violenta atração pela mulher, aparentemente dominadora, tranqüila e realizada. O choque entre as duas personalidades é uma luta primitiva e refinada, violenta e covarde, onde a sensualidade é sempre presente." Disponível em: <http://www.meucinemabrasileiro.com/filmes/amor-e-desamor/amor-e-desamor.asp> Acesso em 22 dez. 2011.
[229] Antonio Machado. Cinema brasileiro em fase adulta Amor e Desamor. **O Cruzeiro**, 16/09/1966.

> A mocinha já ia lá longe, mas ainda assim tinha um advogado de defesa que, virando-se para o padre, ponderou:
> - Seu padre, os bons princípios não têm decote e o busto das atrizes tem. Vai ver é por isso.
> (...)

Carlos Estêvão retrata a cena no seu clímax, o ataque do padre. O desenho da moça segue a referencia de Stanislaw, de biquíni, com um grande busto, cabelos curtos e carregando objetos da praia. O padre por sua vez, parece um balão. O publico que os rodeia são de jovens, todos homens. E o centro das atenções não é corpo da moça, mas o discurso exaltado e moralista do padre, indicando que os "puritanos" fazem mais alarde do que os "liberais".

STANISLAW PONTE PRETA

A ESCANDALOSA F

Foi realmente lamentável o pequeno acidente ocorrido numa daquelas salas superatapetadas do Itamaraty. Não posso precisar em qual delas, mas posso reunir o caso para as pessoas letradas, se tiverem a paciência de me lerem até o Fim destas mal traçadas linhas. Vão todos comigo? Então loquemos em frente, mas desde já aviso às senhoras e senhoritas que o caso é dos mais cabeludos.

Deu-se que numa dessas salas do Itamaraty, estavam quatro funcionários dos mais ociosos, talvez não por culpa deles, mas porque deve ser cansativo o cara ficar planejando cagadas salas sombrias o dia inteiro — fail fime — como lhes gostam de dizer, pois diplomata adora falar na língua dos outros. Ficar ali sem dormir é dose pra mamute que, conforme você não ignorará, era um elefante muito pré-histórico e custou-lhe cinco vêzes mais do que os elefantes bedernos.

Vai daí, funcionário do Itamaraty vive batendo papo, para deixar o tempo passar sem esbarrar em ninguém. Os quatro que se encontravam na sala estavam quase a cochilar por falta de assunto, quando entrou um quinto funcionário, atualmente secretário de embaixada e com tôdas as deferências técnicas da atual diplomacia nacional. Jeitinho elegante, paletó tamanho sirva, muito esquadrinho, meio comilhão, do cem aa meias, gravata de Carven, enfim, essas bossas.

Deu um olá geral e, mesmo sem ninguém perguntar, começou a contar porque tinha chegado atrasado:

— Rapazes, não lhes conto nada!

Mas isto era flagrante figura de expressão, pois estava-se que êle estava dando para contar. Aliás, em o caso acudo verdadeiro, devo informar aos cartafinos que jamais daraí o nome dos outros quatro que estavam na sala (entre os quais estava o que me conto o caso), e muito menos o do quinto personagem, já nesta altura personagem principal.

Êle acendeu um cigarro americano daqueles enormes, recentemente contrabandeado, guardou no bôlso o isqueiro Dupont, da mesma origem, e sentou na beira de uma das mesas de jacarandá. Terminado o suspense, puxou uma baforada azul e suspirou:

— Rapazes — repetiu, porque diplomata sôbra tratar os colegazinhos de rapazes — acabo de ter uma aventura amorosa genial, mas simplesmente genial. Que mulher bárbara, rapazes!

— Casada? — perguntou um dos colegazinhos, já de olhar rútilo, no mais perfeito estilo Nelson Rodrigues.

O aventureiro já ia responder que sim, mas preferiu a becantadade:

— Infelizmente, isto eu não posso informar.

E prosseguiu explicando que a tal mulher devia ser tarada por fôle, que nunca tinha reparado no detalhe mas, outro dia, durante um coquetel dos Almeida, tiveram um contato maior e marcaram o encontro.

— Estou vindo de lá. Rapazes! Que mulher!

No fundo, todo diplomata sonha com aventuras amorosas mais ao estilo belle époque. Vestindo robe-de-chambre grená e cachecol de seda branca; uma garrafa de champanha dentro de um balde de gêlo, sôbre uma mesa de canto e — se possível — com uma vitrola em surdina tocando trechos da opereta "O Conde de Luxemburgo". Êste derradeiro detalhe é da maior finesse, mas raro é o diplomata que chega a sua antes de chegar a embaixador.

— Mas conta aí, vai! — pediu outro dos quatro colegazinhos.

O diplomata garanhão esqueceu-se da carreira e envereou para farta bandalheira. Contou detalhes escabrosos, descreveu cenas de ruborizar o próprio Marquês de Sade, para terminar com esta informação:

— Nem as cortinas do apartamento escaparam. Ela era tão espetacular que, no auge da coisa, raguei as cortinas tôdas.

— Meu Deus! — falou o que estava mais prôximo e que é diplomata há mais tempo que os outros e prefere exclamações em francês do que ditos em inglês.

Aí ficou aquêle silêncio imaginativo, sabem como é? Picaram os quatro imaginando as cenas relatadas e o outro com cara de quem recorda. Não demorou nem um minuto, o distinto resolveu se aventurar da sala para que os outros curtissem a viagem necessária. Com andar elegante, caminhou até a porta e recomendou:

— Vou ao gabinete do ministro Fulano. Se ligarem para mim, por favor, peçam para deixar recado ou telefonar mais tarde — suspirou mais uma vez e retirou-se.

Aí é que foi chato! Mal êle saiu, o telefone tocou e uma voz feminina perguntou por êle. O colega que atendeu explicou que não estava e emendou, em seguida:

— Quer deixar recado?

— Quero sim! Por favor, avise a êle que é a senhora dêle que está falando e diga para êle não esquecer de mandar alguém para consertar as cortinas.

Arte & Manhas

Paulo Lorgus — excelente fotógrafo brasileiro que foi trabalhar nos Estados Unidos — escreveu uma cartinha para a flor dos Ponte Preta, agradecendo as referências e o crédito para uma fotografia publicada aqui na coluna. Paulo manda dizer que "está se virando para o lado do Pacífico, pois do lado do Atlântico não está dando pé". No fim de sua carta, Paulo avisa que soube nos Estados Unidos que o Stanislaw acaba de ser bombardeado. Foi apenas isto, meu caro, e já estou batalhando novamente pelo leite das crianças.

☆☆☆

Arnaldo Artilheiro — diretor do *Show da Cidade*, programa de televisão que começa bem cedo — diàriamente chega à redação com uma novidade. Como é faixa preta de judô e forte pra chuchu, todo mundo acredita nas coisas que êle conta. Ainda outro dia o Artilheiro chegou na redação e contou que tinha ido a uma festa e na saída, como estivesse com um pouco de fome, foi até um tabuleiro de baiana e comeu mais de 35 pratos de xagu. A turma deu um sorriso amarelado e pensou que era o fim da história e foi aí que o Artilheiro completou: "Tôdas as manhãs eu sado do Arpoador até ao Leme e volto. É um bom exercício. Outro dia é que eu tomei um susto. Ali em frente ao Pinto Seis, vinha sorio com pressa e esbarrei numa baleia". Foi aí que o nosso colegazinha de O CRUZEIRO — Guima — coçou a cabeça e disse: "Se eu nadasse como o Artilheiro vendia o meu carro e ia para a cidade passeando a nado".

☆☆☆

Um amigo e colaborador da Prerapress enviou um exemplar do jornal *Correio Popular de Campinas* (SP), mostrando que o vereador Lindenberg da Silva Pereira solicitou por ofício, à Municipalidade, que o orçamento de Brasília fôsse feito igualzinho ao da Guatemala e de El Salvador. O distraído Rosamundo leu a notícia e comentou: "Puxa vida... o pessoal já está exagerando um pouco. Se imitarem o Orçamento, não demora muito estão querendo imitar também a forma de Govêrno, e isso é plágio".

☆☆☆

Roberto Nascimento era um jovem músico brasileiro que lutava por um lugar ao sol. E veio. Como sempre o lugar ao sol veio do exterior: no México. Roberto está tocando violão nas principais boates de lá, dando concertos ao ar livre para jovens universitários e ganhando um exorbitante fuzu. Roberto mandou pedir a amigos um disco do *Samba do Crioulo Doido* e diz que lá tá agradando mais que pudim em mão de menino. Tem tanto músico brasileiro lindo para o exterior fazer sucesso e fortuna, que qualquer dia vamos ter necessidade de importar crioulo, quando chegar época de desfile de Escola de Samba.

☆☆☆

O cantor Gasolina gravou um compacto na Copacabana, onde, de um lado, mostra um excelente *pout-pourri*, quando canta *Vai Haver Bolinho no Chatelet*, *A Rita*, Com que Roupa, Olê Olá, Feitiço da Vila, Quem Te Viu Quem Te Vê, Pulpito Infeliz, A Banda e Carolina. A outra música do compacto é *A Roupa do Rei*, de Miguel Gustavo, e o Gasolina garante que, antes de cantar, tem sempre que explicar o que é a roupa do rei. E disse para o cronista: "Pois é, seu Stanislaw... Se eu não explico, todo mundo pensa que eu vou cantar fardado".

Gasolina, que vem aí de chapéu de palha e compacto nôvo. Por causa disso, êle anda rindo à toa.

☆☆☆

Quando fazia uma apresentação na televisão, um malabarista e sôlista conhecido por *O Homem de Aço*, foi quebrar uma garrafa com um sôco e teve um tremendo corte no antebraço. Foi levado para o Pronto-Socorro e tinha mais ponto no braço dêle do que encruzilhada em dia de macumba. Na saída, um popular comentava: "Esse negócio de Homem de Aço é fogo. No filme do Super-Homem, a roupa de aço é escorada debaixo do braço". Francamente, assim não há herói que resista.

☆☆☆

Araci de Almeida foi se apresentar num programa de televisão em São Paulo. Foi Araci entrar no palco e o locutor se desmanchar em artigação: "Araci de Almeida, glória da música popular brasileira, é um prazer recebê-la em São Paulo". Araci cocou a cabeça e disse: "Olha, guris, filho, depois da viagem que eu fiz num avião assaltito da ponte aérea, o prazer é só seu. Por mim, eu estava lá no Encantado, cuidando dos cachorros".

☆☆☆

Chico Anísio estreou na Casa Grande com o espetáculo *Cobras Que o Brasil Já Viu Nuvens*, que é levado tôdas as segundas-feiras. Um crioulo que passava na porta leu o cartaz e disse para a namorada: "Tá vendo só... Nem te falei... Venderam nuvens".

☆☆☆

Um amigo de Stanislaw estava nos Estados Unidos e assistia a um programa de televisão. De repente, surgiu no vídeo a figura de um locutor muito elegante que anunciou: "Senhoras e senhores, vamos transmitir, a partir dêste momento, uma palestra do Secretário de Defesa sôbre os problemas do Vietname. Aos que não desejarem assistir, informamos que a cadeia da CBS apresenta, neste momento, um excelente programa com Andy Williams". Aqui no Brasil, as emissoras de televisão vivem se tratando por aí afora. É, ou não é? Ora vá, ou deixa pra lá, mas vários dirão que somos um fracasso.

Karin Kremmer, no dia em que entrou para as histórias em quadrinho como regra três do Barbarella (Foto Valentim, especial para o Fototeca Lalau)

Figura 63: Stanislaw Ponte Preta. **O Cruzeiro**, 22/06/1968

STANISLAW PONTE PRETA

o inferninho e o gervásio

O cara que me contou esta história não conhece o Gervásio, nem se lembra quem lhe contou. Eu também não conheço o Gervásio nem quem teria contado a história ao cara que me contou, portanto, nada para você, mas vou logo explicando que não estou inventando nada.

Deu-se que o Gervásio tinha uma rapidinha dessas. Uma "saudade", sombra gorda e com bastante saúde. Porém, mora Gervásio não era de sair de casa, nem de muitas delações. Um cinemazinho de vez em quando e ela ficava satisfeita.

Mas diz-se também que o Gervásio fez 25 anos de casado e lhe deu-lhe um remorso muito chato. Afinal, nunca pensara, a coitada, e ficara de remorso de consciência, resolveu dar uma de homenzinho e, ao chegar em casa, naquele fim de tarde, anunciou:

— Mulher, noite um restinho mesmo-zinho que a gente vai jantar fora.

A mulher bem acreditou, mas pegou a promessa pelo rabo e foi se empetecar. Vestiu aquele do casamento da sobrinha e se mandou com o Gervásio para Copacabana. O jantar — prometia o Gervásio — seria da maior bacanidade.

Em chegando ao bairro que o Comendador Arácio chamaria de "floresta de concreto armado", começou o problema da escolha. O táxi rodava pelo asfalto e o Gervásio ia lembrando: vamos ao *Filhas? Au Roy de Cuve? Au Chateau? Au Ambassy? Chalet Brahma? Le Bistrot?*

A mulher — talvez por timidez — ia recusando um por um. Até que passaram em frente a um inferninho dêsses onde o dinheiro não entra para não ficar uma vergonha de tão inferior dade. A mulher olhou o letreiro e disse:

— Vamos jantar aqui.

— Aqui??? — estrebuchou o Gervásio: — Mas isto é inferninho!

— Mas lingorta — disse a mulher: — Eu sempre tive curiosidade de ver como é um negócio dêsses por dentro.

O Gervásio ainda escabriou um pesquisinho, dizendo que aquilo não era digno dela, mas a mulher gemeu-gemeu que ela a deixara enveliar e, por isso, era ali mesmo que queria jantar. Você compreendeu, né? Mulher-família tem a maior curiosidade para saber como é que as mulher se viram.

Baixam do táxi e, já na entrada, o porteiro do inferninho abre-se com um "Boa noite, dr. Gervásio" marcadíssimo. Felizmente a mulher não ouviu. O pior foi lá dentro. O maître d'hotel abriu-se no maior sorriso e perguntou:

— Dr. Gervásio, a mesa de sempre? — e foi logo se encaminhando para a mesa de pista.

Gervásio suficou e marcou no endereço e agüentou as pontas, ainda cedeu na insistência da mulher. Deu uma olhada para ela, assim como quem não quer nada, e não percebeu maiores complicações. Mas a malandrinha dos serviços de inferninho é conhecedora. Já estava o garçom ali ao pé do casal, perguntando:

— A senhorita deseja o quê? — e, para Gervásio: — Para o senhor o clague de sempre, não, dr. Gervásio?

A mulher abriu a bôca pela primeira vez, para dizer:

— O Gervásio hoje não vai beber. Só vai jantar.

— Perfeito — concordou o garçom: — Nesta caso, o seu franguinho desossado, não é mesmo?

O Gervásio nem reagiu. Limitou-se a balançar a cabeça, num aceno afirmativo. E, depois, foi uma duresa, engolir aquele frango que parecia feito de palha e matéria plástica. O ambiente foi ficando muito mau para o lado do que era mulher, principalmente depois que o garçonete veio à mesa e perguntou se o dr. Gervásio não queria dançar com sua dama "aquele samba rebolado".

Daí para o fim, a única atitude digna que le marido que faz a 25 anos de casado e comemorava o evento foi pagar a conta e sair de fininho. Na saída, o porteiro mesmo outro "Boa noite, dr. Gervásio", e abriu a porta do primeiro táxi estacionado em frente.

Foi a dupla entrar na viatura e o motorista, numa solicitude de quem está acostumado a gorjeta gordas, quese saber:

— Para o hotel da Barra, doutor?

Aí ela engrossou de vez: — Seu moleque, seu vagabundo! Então é por isso que você se "esforça" tanto, fazendo extras, não é mesmo? Responde, palhaço!

O Gervásio quis tomar uma atitude digna, mas o motorista, enquanto o carro, que ainda não tinha andado cem metros, e lascou:

— Dr. Gervásio, não faça confusão: o senhor querendo eu dou umas bolachas nessa vagabunda, que ela se apalera logo.

Arte & Manhas

De Carlos Imperial, depois de ouvir Jair Rodrigues cantar o samba de Billy Blanco, na I Bienal do Samba, promovida pela TV Record: "O Jair não defendeu o samba de Billy, acuou."

***

Segundo o colaguinha Nelson Motta, "acaba de ser lançado, na Suécia, o livro *Sexercises*, escrito pelo psicólogo E. O'Reilly. Trata-se de um guia para 291 exercícios para desenvolver os músculos do corpo relacionados com as atividades sexuais". Diz o Motta que o objetivo do autor é a felicidade no casamento. Mas Primo Altamirando discorda, afirmando que "músculo não tem prazer".

***

A TV Rio anunciando que "vai negociar as dívidas com Roberto Carlos e Agnaldo Rayol". Os dois cantores ganharam suas causas na Justiça Trabalhista. Impressionante a cara-de-pau de certos dirigentes de televisão. Devem, perdem na Justiça, são obrigados a efetuar o pagamento e querem "negociar" a dívida.

***

Na decisão do Campeonato Carioca de Futebol, o cronista saiu cedo de casa, sabendo que ia ser difícil arranjar lugar na tribuna de imprensa, que normalmente é para jornalistas — o que tinha era pacotada. Estavam muito bem sentados, ouvindo radiozinho de pilha e assistindo ao jôgo, porque tem négo que não acredita no que vê e assim ouvindo pelo rádio.

***

O casal Kubitschek foi assistir ao *Show do Crioulo Doido*, no Teatro Treze-de-Maio. Bastou anunciar a presença do ex-Presidente para que o público presente aplaudisse durante vários minutos. Na saída, mais de 600 espectadores ficaram esperando o dr. Juscelino passar pela porta, para aplaudi-lo novamente. O compadre Alegria, sempre se queixando de que anda triste, comentou: "Se eu tivesse a popularidade dêste homem, arrumava no mínimo um tiro surpresa. Eu acho que êle está lesado."

***

A atriz Diana Morell está gravando, em S. Paulo, uma novela na qual

Jamara — cercado de Jamara por todos os lados. É muito Jamara para um brasileiro só. (Foto Valentim, especial para o Fototeca Lalau.)

Ciro Monteiro anda bronqueado com o voto que recebeu no Bienal de Samba, quando voltaram o samba de Cartola, **Tive Sim**. Ciro acha que a juventude não gosta mais de samba. Não é isso não, Ciro. Tem négo oli que compra entrado para ser aplaudido. É assim que estão ganhando Festival.

fazer o papel de uma estrangeira-fina. Passa o dia inteiro em salões de cabeleireiros elegantérrimos, uns vestidos das mais renomadas butiques e ainda passeia com Mustang seminovo, em vários cenas coloridas em residenciais de alto luxo, do Jardim Europa, Diana — ao contrário do que se poderia prever — está chateadíssima. E explica: "No, dia seguinte a cada filmagem, eu tenho que devolver tudo, inclusive o Mustang. Isso me dá uma frustração desgraçada, principalmente quando me lembro que meu ordenado está atrasado.

***

Jamara, que hoje ainda está pálida, é uma cara nova (cara e o resto, conforme poderão verificar os fãs) do cinema nacional. Trabalha no filme que aí vem, com Agildo Ribeiro: *Na Mira do Assassino*. Aliás, não é aí na mira do assassino que ela está não. Tá na mira de gente às pampas.

***

O excelente músico de jazz Victor Assis Brasil tem dado suas exibições particulares, como aconteceu recentemente na casa de Bebel Catão, filha de Alvaro e Lourdes Catão. Ibrahim Sued, comentando o fato, inocentou: "Haverá uma jazz-sessão, com o baterista Victor Assis Brasil, que acaba de ser lançado em Viena." Ora, é jam-session, o instrumento que o rapaz toca é saxofone, êle não acaba de ganhar prêmio nenhum, pois isto aconteceu há mais de um ano; e não foi em Viena, foi em Berlim.

***

Na noite da entrega do Prêmio Molière, uma gentileza da Air France, e de grande investimo ao teatro brasileiro, um grupo de artistas, diretores, gente de teatro, enfim, juntou-se em frente ao Teatro Maison de France, para impedir a cerimônia "porque a peça de Qorpo Santo foi proibida pela Censura outra vez". A peça tinha sido liberada e, como houve muita modificação no texto, a Censura voltou a proibi-la. Mas nada disso importa, na verdade. O que importa é que o pessoal de teatro, com esse espírito de interromper o espetáculo de todos a tôda hora, está proibindo mais peça do que a própria Censura.

***

E, por falar em Molière: *O Burguês Fidalgo* — que está agradando mais do que chupeta em berçário — não foi lá muito bem recebido pela crítica francesa no Rio. Nesta noite, alguns franceses se queixavam da tradução aqui do Papai. A atriz Isabela Cresta, que faz o papel de Dorimène, aconselhou a Stanislaw: "Não ligo não. Eu quero que os franceses vão para o De Gaulle que os carregue."

Figura 64: Stanislaw Ponte Preta. **O Cruzeiro**, 29/06/1968

Stanislaw Ponte Preta

O CINZEIRO AZUL

O Homem, para justificar a si mesmo, ou para justificar a mulher (o que também lhe fica muito elegante), inventou a máxima: a mulher só engana o homem por causa dêle. Que seja ou que não seja. Não estou aqui para desbaratinar os conceitos amorosos de ninguém, nem mesmo daqueles que passam o dia trabalhando no nível do mar e, à noite, vão dormir na fossa.

O fato é que os dois aqui desta histórinha estavam brigados. Ela tinha enveredado aí pelo lado alegre da vida, enfiando o braço noutro braço, em passeios e namoros que um dia vieram a ser do conhecimento dêle. E quem contou ainda meteu lá um detalhe dos mais dolorosos: ela frequentava um inferninho de Copacabana dêsses onde Creuza não entra porque lá dentro não lhe perdoam nem a cinta, que ela usa para acalmar o traseiro.

Sabedor, êle deu o duro. Lágrimas de parte a parte: as dela de arrependimento, as dêle de sentimento. Mas não quis perdoar. Tem um samba que o Jorge Veiga canta e que diz: "O que você fêz está feito/Não me sinto no direito de lhe conceder perdão". O samba é bom e não se sabe se êle o conhecia. Sabe-se — isto sim — que agiu como está no samba. E cada um foi para o seu lado, depois de alguns anos lado a lado.

Passou a primeira semana, e êle firme. Não telefonava, não passava nos lugares onde ela pudesse estar, evitava falar no assunto mesmo com os amigos mais íntimos. Passou um mês e êle legal. Fazia fôrça para convencer a si mesmo que já estava passando a fase aguda do DDC — dor-de-cotovêlo — cujo único remédio é o tempo... e o tempo, rimou, é remédio de laboratório homeopático.

Uma tarde o telefone tocou. Era ela. Fingimento de parte a parte e vem a pergunta que êle não queria ouvir:

— Você sente muito a minha falta?

Engoliu em sêco e bobeou porque não mentiu:

— Vamos que eu tivesse ganho, quando tinha menos 10 anos, um cinzeirinho azul. Durante todo êste tempo, o cinzeirinho azul estêve na minha mesa de cabeceira. Agora o cinzeirinho azul quebrou. Eu vou sentir falta dêle. Pois, se até com um objeto a gente se acostuma, como é que eu não vou sentir a falta de uma pessoa, uma pessoa que foi o que você foi para mim?

Ela gostou de ouvir aquilo e, timidamente, como as mulheres fazem sempre, propôs a reconciliação. Êle aguentou firme, explicando que, depois de partido, o cinzeirinho azul estava acabado. Não adiantava colar, porque já não seria a mesma coisa. Foi então que ela disse, com aquêle tom de voz de amansar bode:

— Mas vamos que você sentisse falta do cinzeiro porque êle sumiu, alguém roubou ou qualquer coisa assim. Agora, por uma coincidência qualquer, você torna a encontrar o cinzeirinho azul.

... e o bestalhão voltou.

Arte & Manhas

Chico Buarque de Holanda faz, atualmente, uma temporada no Teatro Forjazes. Suas atividades estão cada vez maiores. E andaram dizendo, numa reunião em São Paulo, quando parlamentares debatiam o palavrão no teatro, que Chico só escreve e só entrega em cena dopado. Quando Chico soube da notícia comentou: "Só se cerveja de lata fôr bolinha. Se fôr, eu tô sempre dopado".

☆☆☆

João Roberto Kelly vai fazer um musical na TV-Rio. Carlos Imperial foi igualmente contratado para apresentar um programa musical. Imperial garante que quanto mais vaia melhor. E afirma: "Para a minha consagração, podem me vaiar. Atualmente, quem está sendo aplaudido é parlamentar da situação, pois ou da oposição não podem fazer outra coisa senão bater palmas". E a televisão.

☆☆☆

Juca Chaves, depois de participar do programa do Chacrinha, sem lado comentar e comentando: "Encontrei um cara mais maluco do que eu".

☆☆☆

Agildo Ribeiro vai ser a próxima atração do Teatro de Bolso. Agildo vai interpretar texto de Oduvaldo Vianna Filho e terá imitações do Chacrinha, do Denner e de Carlos Lacerda. O comediante comentava com o colunista: "O meu medo em imitar o Lacerda é a possível passeata que os exasperados vão fazer depois do espetáculo".

☆☆☆

Um dos inscritos no Festival Internacional da Canção, depois de apanhar a ficha de inscrição, foi gravar a sua canção na TV-Globo. Chegou lá, sentou-se perto do violonista e começou a cantar: "Brasil, país de riquezas grande país". Pra fazer verso em fá, o nosso amigo aí é o maior. Pelo final vai trabalhar mais que médico do Pronto-Socorro em dia de passeata.

☆☆☆

As crianças brasileiras estão privadas do programa Disneylândia, que apresentava desenhos animados, filmes e documentários. Agora, o programa vai voltar com uma bossa diferente. Nuns dos desenhos, o Gorila será dublado por Booker Pittmann, e outro dos sabotes será feito pelo *MPB-4* e outro por Dzi Zulmira quando soube da notícia comentou: "Se o povo for de escolher vozes humanas para dublar bicho papar, o tatamenda do Rio e outros vai sumir. Atualmente, o Rio de Janeiro, tem muito pouco de verde, gorila, para o resto".

☆☆☆

De Bocage a Nelson Rodrigues [illegible] peça que está sendo ensaiada no Teatro, com Leina Krespi, Rubens Falco, Jaime Barcellos, Nelson Xavier, Daise Lourenço e Alexandre Konsat. Uma das maiores dificuldades dos atores foi a aprovação do [illegible] Comare. Quando, finalmente, a peça foi liberada, a atriz Leina Krespi comentou: "Para vida, o Bocage [illegible] mais trabalho que o Nelson. Tive ser por torper pelo Flamengo [illegible] sofrimento demais.

☆☆☆

Catulo de Paula mandou uma [illegible] para o colunista. Vai continuar a [illegible] vida em Portugal. Chegou lá [illegible]

Christina Wagner ajoelhada junto ao cachorrinho que toma conta das certinhas lá no Fred's, onde ela é uma das garôtas de "A Máquina de Fazer Doido". (Foto Valentim, especial para a FL.)

rumos as malas, foi para o *hotel* e começaram as suas aventuras. Quando chegou lá, apareceram logo três portuguêsas contando como era a vida em Portugal. Catulo já foi se escantando. Depois continua escrevendo: "Olha, seu Stanislaw, portuguêsa aqui é melo. Cada uma melhor do que a outra. E olha: tudo falando igual à gente, o que é uma vantagem das maiores. No final, a gente entende que é tudo um povo só, quer dormir junto e ir morar com a raparica. O mais difícil é fazer o pai dela entender".

☆☆☆

A TV-Rio vai gravar novelas. Mas não são do Canal 13, não. É tudo da TV-Record, que, por falta de estúdios adequados, vem para o Rio, reservando um andar inteiro para as suas superproduções. Um funcionário da TV-Rio, que durante algum tempo andou passando pelo guichê que não paga, comentou: "Agora que o pessoal da TV-Record vai ver o que é bom. Só de caminhar em direção à caixa, o melhor é receber por quilômetro".

José Vasconcelos vai fazer cinema. Vai fazer um filme que diz que "os homens constroem e as mulheres subtraem..." Quando soube disso, o comediante Alegria comentou: "E como subtraem. Você dorme com 1.000 e acorda com 700 É pior que inflação".

☆☆☆

Depois que terminou a Bienal do Samba, na TV-Record, muita gente começou a reclamar do resultado, dizendo que quem deveria ganhar era o samba do Paulinho da Viola. Outros afirmavam que o samba do Billy Blanco deveria ser o ganhador. E tinha gente que afirmava que Baden copiou mal o folclore baiano, afirmando: "No samba, êle diz "calça, culote, paletó almofadinha", quando o certo devia ser "calça, colête, paletó almofadinha". Quando a discussão chegava ao final, a atriz Diana Morel, que assistiu à Bienal, comentou: "É isso mesmo: calça, colête, paletó almofadinha. Culote e coisa de milico. O autor deve ter se inflacionado pela atual conjuntura".

Maria Teresa Barroso, esvaziando um copo de licor escocês em regozijo pela liberação da peça "Arena Conta Tiradentes", agora já em cena no Teatro Carioca (Rua Senador Vergueiro, o senador que só dá mão de lá pra cá). Com a bela Maria Teresa, e sob a direção de Álvaro Guimarães, estão Antônio Patrício, Thaís Monis Portinho, Celso Marques, José de Freitas, Milton Luiz, Otoniel Serra e Paulo Noiasco. Quem assiste à peça de Boal e Guarnieri fica muito contente de Tiradentes ter vivido noutra época, senão seria o maior freguês da PM.

Figura 65: Stanislaw Ponte Preta. **O Cruzeiro**, 27/07/1968

STANISLAW PONTE PRETA

desastre de automóvel

O que aconteceu ontem. O cara que me contou falou que o caso era verídico e fiquei até de me apresentar o Craviso, personagem central desta lamentável historinha de cunho conjugal.

É que Isso tal de Craviso tem uma mulher que eu vou te contar: se ele tiver casado com um tamandoá estava mais bem servido. Ela uns 50 quilos atrás, ela ainda era mais ou menos, isto é, tinha um relativo não de todo desprezível e um rostinho bem razoável. Mas depois que casou, a danada só fez engordar e embuchar. Hoje em dia — se o Craviso gudoase — deve ela de entrada em qualquer confeitório.

E, como se não bastasse, a mulher do Craviso é mais cinzenta que um pinto. Por qualquer coisinha, parte por ignorância. A coisa foi numa crescendo de amargor. No começo, o Craviso olhava pro lado e levava uma catucada nas costelas, porque a mulher achava que ele estava dando bola para alguma desajuizada social. Depois, passou da catucada ao beliscão, que é muito mais doloroso e, ultimamente, diante da complacência do marido (complacência essa ditada por total incapacidade física diante da mulher), inclusive, com bastante êxito, o chamado frotival de bolacha. O pobre do Craviso, por qualquer besteira, apanha mais em casa do que o time da Portuguêsa no campeonato.

O pobre coitado é um conformado de nossa. Até já esqueceu como é mulher e a impressão que se tem é a de que — se alguém mandar ele desenhar uma mulher — o Craviso não vai saber desenhar de cor. Para falar francamente, a única coisa que ainda corresca um pouco ao Craviso é automóvel. O rapaz é tarado por um carro bacana, um sedãzão esporte, um carro de corrida.

E foi mais ou menos por causa de um desastre de automóvel que foi parar num hospital. Não que o Craviso estivesse dentro de um carro acidentado; nada disso. O desastre de automóvel dêle foi diferente.

O negócio foi o seguinte: o Craviso tem um amigo que comprou o maior Mercedes Benz. Um carro alucinante, o fino da máquina e, sabendo que o seu capricho era carro assim, telefonou para êle e perguntou se não queria dar uma voltinha no Mercedes.

Ora, tá na cara que o Craviso ficou azanhado e topou logo. Seu entusiasmo foi tal que supunou a mulher que tinha. O amigo chegou com o carro na porta da loja onde o Craviso é gerente e entregou-lhe a chave.

— Pode rodar pela tê quanto quiser — falou.

O Craviso, encantado, pegou o carro e saiu rodando pelo asfalto, feliz como um passarinho. Tão entusiasmado estava que esqueceu a hora de voltar. Quer dizer, êle esqueceu, mas a mulher não. Bastou passar cinco minutos da hora normal do marido chegar, que ela começou a pensar o pior:

— Deve estar metido em algum caso, com mulheres! — falou a monstra para si mesma.

Quando já fazia uma hora da hora do Craviso chegar, a mulher já estava quinado dez! Sua indignação era tanta que começou a babar numa bela coleração arroxeada. E o Craviso, nem nada, passando no Mercedes do amigo.

Só deu as caras em casa duas horas depois. Vinha alegre, de alma lavada, amando o carro do outro. Nem se lembrou do perigo que corria e, ao abrir a porta e dar com a sogra indomada à sua frente, ficou estupefato.

— Com que malhercinha você estava, cretino? — berrou a mulher.

Eu estava com a Mercedes... — mal teve chegou a dizer Benz. Levou uma tremenda bofetada na cara.

— Não vi mais nada. Só soube o quanto apanhou no dia seguinte, no hospital, lendo sua ficha médica.

Foi ou não foi um desastre de automóvel?

Arte & Manhas

Durante o programa de Blota Júnior, na TV Tupi, o comediante Jararaca fazia parte de um grupo que tentava adivinhar a profissão de um convidado fazendo apenas perguntas e recebendo como resposta "sim ou não". Depois de perguntarem muita coisa do sujeito, que por sinal era fiscal do IBOPE, e vendo que ninguém acertava, Jararaca matou a charada: "Eu acho que esse cara não faz nada". Acertou.

***

Chico Buarque de Holanda foi sorteado para ser jurado, no mês de agôsto. Vai ter que comparecer diàriamente ao Tribunal do Júri para esperar sorteio. Caso seja sorteado, participa do julgamento em pauta, coisa que às vêzes demora uns dois dias. Quando soube da notícia, Tia Zulmira comentou: "Bem, pelo menos, êle pode se inspirar na justiça brasileira e fazer um samba sôbre reformas. A sugestão era válida".

***

Estreou no Copacabana Palace um show, produzido por Haroldo Costa, com bons cantores, modelos, passistas etc. O fino das mulatas, que fazem as famosas passistas do carnaval carioca, é espetacular. Neste dia, um velhote ia entrando no Copacabana, bindinha debaixo do braço, e andando apressadinho, quando uma das mulatas comentou: "Esse coroa aí sente na primeira fila, faz sinal pra gente o tempo todo e ainda traz bisnaguinha. Vai gostar de rebolado assim no raio que o parta".

***

O comentarista Jacinto de Thormes mandou contar, durante a recente excursão do querido brasileiro, que, em Lima, no Peru, o trombonista Almoré Moreira passou dois dias tocando piano. No meio de uma execução, um dos hospedeiros brasileiros perguntou ao Chefe da Delegação: "Escuta aqui, doutor, o senhor que já conhece êle há mais tempo me diz uma coisa: êle tem mal assim ou tá escondendo o jogo?"

***

O cantor da Jovem Guarda chamado Leno deu uma entrevistinha muito bacaninha numa revistinha especializada. Dentre outras coisas disse: "Outra mania que tenho: tocar violão e compor". O distinto, do Rossmundo, quando leu a notícia, comentou: "É mania mesmo. Saber, que é bom, êle não sabe".

Esmeralda Barros — Tudo isso aí favorito sucesso no cinema nacional. A Esmeralda foi fazer um bangue-bangue e, quando mostrou a saúde que ela tem, todo que foi bandido ofereceu boa gente, os índios deram a maior festa na taba e teve mocinho trocando de lado. (Foto Valentim, especial para a Fotolera Lalau.)

Marilia Pêra, quando da invasão do Teatro Ruth Escobar, em São Paulo, pode estrear sendo escorada Nadia Vira, de Chico Buarque de Holanda, quando componentes de um grupo intitulado CCC (Comando de Caça aos Comunistas) invadiram, quebraram tudo e bateram em todo mundo, até mesmo em mulheres grávidas, o ator Nélson Conde telefonou de São Paulo contando o fato aqui para o filho de dona Heloísa. E finalizando a conversa dona Heloísa disse: "Fazer teatro está ficando muito perigoso, seu Stanislaw. Antigamente, só censuravam o nosso trabalho. Agora, estão batendo e cacete na gente. Não vai demorar muito, para ser ator, será necessário ter curso completo de estudante".

***

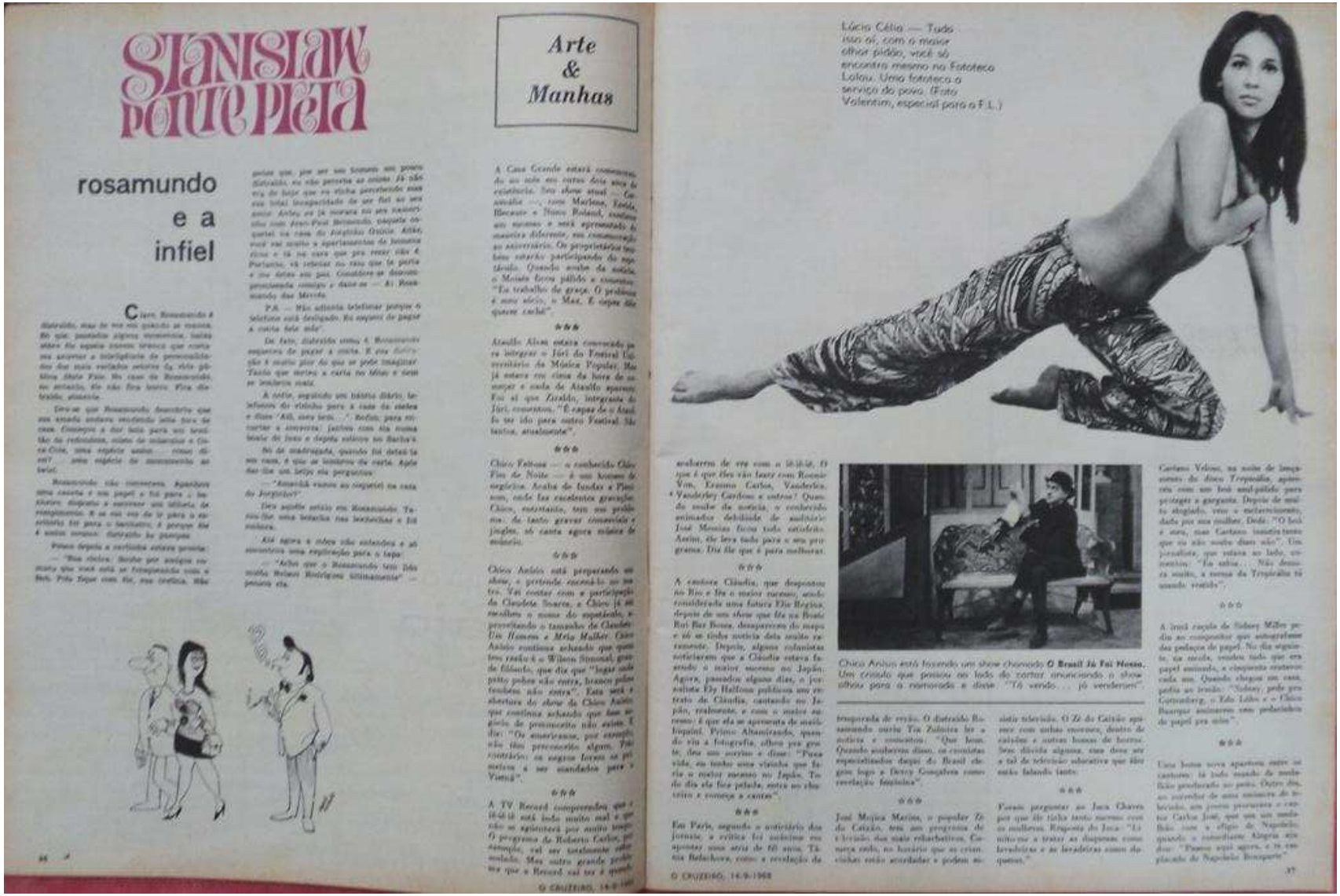
O conhecido cantor Carlos Imperial, folgazão amador, vai fazer um programa bissexto em televisão, quem bater palmas é retirado do auditório. O Imperial, como todos sabem, é tarado por vaias.

***

Nara Leão estréia no Rolls Barroso — ex-Cinzeiro — substituindo Maria Bethânia. A própria Nara Leão está tratando de mandar pra expectação e será acompanhada pelo mesmo trio que acompanhou Bethânia — o Tamba Trio — e mais o violonista Otto Gonçalves Filho. A temporada será de quatro ou mais e o show será grande, pois Philips, tal como acontece com Bethânia, que teve o seu show grande pela Odeon. Como os senhores vêem, será tudo igualzinho como estava, mudando somente a voz da cantora.

***

*Agildo Ribeiro está no Teatro de Bolso, fazendo uma série de imitações, no meio do show que apresenta. Agildo Ribeiro vai imitar Lamartine Babo, Ataulfo Alves, Silvio Caldas, Orlando Silva, Francisco Alves, Vicente Celestino, Sílvio Caldas, Nelson Gonçalves, Ângela Maria, Cauby Peixoto, Roberto Carlos, Wilson Simonal, Jair Rodrigues, Elis Regina, Wilson Simonal, Jair Rodrigues, Elis Regina, Wilson Simonal, Jair Rodrigues, Elis Regina



STANISLAW PONTE PRETA

rosamundo e a infiel

Caro Rosamundo é distraído, mas de vez em quando se esmera. Há que, passados alguns aniversários, tenha sido ela quem lhe deu uma gravata. Ora, ele não tem nenhuma. Pois dia 7 ele ganhou uma. Ficou encantado. Mas, como é distraído, não se lembrou de comprar presente para a esposa. Ela, coitada, comprou-lhe uma gravata. Ele, coitado, não comprou nada para ela. Ela, coitada, ficou triste. Ele, coitado, não percebeu. Ela, coitada, ficou mais triste ainda

Por fim, a sátira de Stanislaw reside no contraste da figura do padre que embora tenha um discurso conservador, demonstra ter conhecimentos apurados sobre bustos. E da tensão social decorrente da ousadia das novas gerações e da visão tradicional sobre os comportamentos.

Já a nudez propriamente dita das certinhas, só veio a aparecer em uma edição na sessão Stanislaw Ponte Preta publicada no dia vinte e dois de junho de 1968 (Figura 63). Em um fundo de página de quadrinhos, a garota está sentada em uma cadeira, de frente, com as pernas e braços cruzados. Escondendo tanto quanto mostra o corpo. A legenda diz: "Karla Krammer, no dia que entrou para as histórias em quadrinho com regra-três da Barabarella (Foto Valentin, especial para a Fototeca do Lalau)". A referencia a uma "fototeca" traz a ideia de uma coleção, assim como se coleciona figurinhas ou selos, as fotos das certinhas poderiam ser colecionáveis.

A nudez da certinha fotografada por O Cruzeiro (Figura 55), das fotografadas por Valentin (Figura 63 e 68b) tem em comum a interdição do corpo pelos braços e pernas. Participantes no jogo da sensualidade entre mostrar e esconder ao mesmo tempo. E que demonstra qual é o máximo de nudez feminina era permitida ser publicada na imprensa brasileira no fim dos anos 1960.

Já a lista das Dez Mais Certinhas de 1966, matéria especial publicadas no início de 1967 em O Cruzeiro (Figura 68 de (a) a (f) em seqüência nas próximas páginas), tinha doze páginas, dez fotos (uma para cada certinha), sendo que uma delas ocupou duas páginas (Rosana Ghessa, Fig. 68 (c)). Apenas uma seguiu a linha de publicação da sessão Stanislaw Ponte Preta com uma garota de biquíni com um fundo neutro (Célia Regina, Figura 68 (e)).

As demais tiveram um fundo encenado e com algumas Certinhas fantasiadas, como a atende de posto de gasolina (Fig. 68 (a)), a guarda de transito (Fig. 68 (c)), a mecânica (Fig. 68 (d)), a artista/designer (Fig. 68 (e)) e outra mecânica (Fig. 68 (f)). Todas as fotos eram coloridas e o grau de ousadia e sensualidade é muito superior ao normal.

Algumas usam perucas, algo normal naquela época já que coexistia uma moda de cabelos femininos curtos e penteados volumosos e complexos para cabelos longos e que muitas vezes só eram viáveis mesmo através de perucas. O uso de maquiagem também fica mais evidente com as fotos coloridas onde podemos perceber a utilização do rímel e sombra nos olhos, batom vermelho e pó-de-arroz para clarear o rosto (em um tom bem mais claro do que o natural).

As fantasiadas de profissões que estas garotas incorporavam permitia que sua imagem pudesse ir além do estereótipo de "certinha" e acabar mexendo mais fundo no imaginário masculino, pois as fantasias sugerem a ficção de um cotidiano de um mundo repleto de mulheres lindas, ocupando trabalhos masculinos, mas não se masculinizando, pelo contrario, sua feminilidade é afirmada através de corpos despidos que indicam o convite ao prazer sexual.

Com um espaço maior para os textos do que as habituais legendas, Stanislaw destaca os seguintes aspetos das certinhas: Nome da certinha; Alguma referência a roupa ou situação; Comentário sobre a vida profissional; Trocadilho com os atributos físicos (Ex: "não escondia nenhum defeito, caso tivesse algum"). Diferente da equipe de O Cruzeiro que procurava citar quais eram os gostos, o que lia, qual sua música ou gênero musical favorito, qual o seu grau de instrução, quais suas medidas corporais, e as vezes até chegava a reproduzia alguma de suas frases.

Stanislaw por outro lado, não se importava muito com estas informações. O seu texto é que molda a garota conforme sua opinião sobre ela. E para ele, devemos nos focar na imagem, pois "Reportagens de CERTINHAS não é para ser lida, é para ser vista"[230].

[230] Stanislaw Ponte Preta (texto) e Valentim (fotos). As dez mais certinhas de 1966. **O Cruzeiro**, 07/ 01/1967

EXCLUSIVO

STANISLAW PONTE PRETA
(DEPOIS DE ÁRDUAS PESQUISAS) LANÇA

AS DEZ MAIS CERTINHAS DE 1966

Fotos de VALENTIM

Aqui estão elas, companheiros! As DEZ MAIS CERTINHAS DE 1966, escolhidas por uma comissão composta de eu sòzinho, que nisso de escolher mulher ninguém gosta da ajuda de ninguém. Confesso que foi uma tarefa árdua escolher êste monte de mulher bonita, mas eu sou assim mesmo: estou sempre me sacrificando pero agradar aos outros. Espero que elas agradem a vocês, pois se não agradarem a um de vocês que seja, esse um deve ir procurar imediatamente um médico porque, ou está doente demais ou está mudando de clube, e estas coisas são muito perigosas na atual conjuntura. Mas deixa de blablablá, não é mesmo? Reportagens de CERTINHAS não é para ser lida, é para ser vista. Straaaas.

VERA VIANNA

Figura 68(a): Stanislaw Ponte Preta (texto) e Valentim (fotos). As dez mais certinhas de 1966. **O Cruzeiro**, 07/01/1967

FLÁVIA BALBI

Foi outra que recebi o ano e, se eu fosse professora, nada com que ela fizesse na minha turma para sempre, pois ia dar uma prova muito difícil e ela ia ficar para se notar que isto aí vai ensinar muito a sair de moda. Na vida artística, ela é do "show do preto", e dá para ver a sua preferência num palco, ou num vídeo, bem negro que gosta a fechar os olhos, para não ficar provocação. Mesmo assim, treme nos alicerces.

JANETTE CARDOSO

Não faz muito tempo ela apareceu nos espetáculos de Carlos Machado e acabou também passando no meio do Rio Negro Bloco. Era um pouco nasginha, mas já era uma grande. No camarote de, no meio da folia, o pulso e entrou num estúdio de televisão, e participou de vários programas de TV, que foi se multiplicando até ficar bem alinhado os programas de TV, que foi aparecendo e aparecendo até ficar um dos rostos mais esperados pela gl. Já pensou, vai ficar uma coisa de Natal com Janette dentro?

Figura 68(b): Stanislaw Ponte Preta (texto) e Valentim (fotos). As dez mais certinhas de 1966. **O Cruzeiro**, 07/01/1967

30 Km.
MAX.
PAR
P
ROSANA
GHESSA
Foi uma das beldades mais fotografadas do ano, pois Rosana é modêlo de anúncios para revista. Aqui mesmo, em "O Cruzeiro", ela andou aparecendo em foto colorida, anunciando cigarro e outras bossas. E as agências de publicidade têm razão em usar a moça em fotos de propaganda. Eu comprava até chupeta para meu uso pessoal, embora eu não esteja mais na idade dêsses apetrechos, se visse Rosana, tôda sorridente, vendendo chupeta no anúncio. Mas ela tem outros atrativos, entre os quais ser vedetinha do Fred's.

Figura 68(c): Stanislaw Ponte Preta (texto) e Valentim (fotos). As dez mais certinhas de 1966. **O Cruzeiro**, 07/01/1967

Figura 68(d): Stanislaw Ponte Preta (texto) e Valentim (fotos). As dez mais certinhas de 1966. **O Cruzeiro**, 07/01/1967

Figura 68(e): Stanislaw Ponte Preta (texto) e Valentim (fotos). As dez mais certinhas de 1966. **O Cruzeiro**, 07/01/1967

Figura 68(f): Stanislaw Ponte Preta (texto) e Valentim (fotos). As dez mais certinhas de 1966. **O Cruzeiro**, 07/01/1967

Quase seis meses após a publicação da lista das Dez mais Certinhas, O Cruzeiro publica uma matéria intitulada Artes e Manhas para se escolher Certinhas[231], (Figura 69 (a) a (c)). Que se utilizou do mesmo ensaio fotográfico da lista das dez (basta comparar 69 (b) com 69 (a) e 68 (d) 69 (c)) com seis páginas e seis fotos coloridas.

Nesta matéria Stanislaw deixa claro quais são os seu critérios de seleção das Certinhas:

> "Entender de Certinhas não é privilégio de ninguém" – afirmou Stanislaw Ponte Preta, quando perguntaram a ele quais as qualidades a apontar numa candidata a Certinha para transformá-la numa Certinha propriamente dita. "A Certinha, como o nome indica, é um produto antropométricamente perfeito" – acrescentou a flor dos Ponte Preta – "Quando falo em antropometria não estou querendo xingar ninguém. Antropometria estuda as medidas do corpo humano . ora, se estamos buscando uma Certinha, podemos trabalhar nesta busca de corpo e alma; mas nela isto é, na Certinha, só estamos interessados no corpo. A alma entrega-se a Deus, e se ela fôr uma tortinha de alma, que Deus a compreenda". Uma vez a Pretapress formou uma comissão para escolher as Dez mais Certinhas do Ano. Ah Margarida.. pra quê! Quando um grupo de homens se junta para escolher mulher, raramente deixa-se de chamar um choque policial para conter os ânimos dos selecionadores. Isto parece ter servido de lição a Stanislaw Ponte Preta, pois foi ele ainda quem nos declarou: "Na hora de escolher as certinhas, eu me reúno comigo mesmo e faço como certo cronista mundano que uma vez escreveu em sua coluna que a opinião unânime dêle coincidia com a dos outros. Eu também quando estou sorrindo escolho Certinha, tenho opinião unânime". De qualquer forma, que inveja as Certinhas é Deus, e o cronista apenas as promove. E êle é quem afirma: Em matéria de Certinha, Deus é grande, e Stanislaw é seu profeta".[232]

Embora a lista fosse baseada no clivo pessoal. Ainda há quatro características coletivas que evidenciam que as Certinhas estão visualidades em consonância com as demais representações femininas de nudez e sensualidade de O Cruzeiro: 1) O gosto por um padrão corporal similar; 2) A constante exibição das pernas nuas; 3) O enquadramento fotográfico sobre o corpo inteiro; 4) Um discurso textual que exalta a beleza e sensualidade.

[231] Stanislaw Ponte Preta (texto) e Valentim (fotos). Arte e manhas para escolher Certinhas**. O Cruzeiro**, 17/06/1967
[232] Ibidem.

O "expert" Stanislaw Ponte Preta, em dia de confidências, revela:

ARTE & MANHAS PARA ESCOLHER CERTINHAS

Fotos de VALENTIM (da Pressphoto)

"E

Flávia Balbi é Certinha repetente

Zélia Martins vem de nariz nôvo

Figura 69(a): Stanislaw Ponte Preta (texto) e Valentim (fotos). Arte e manhas para escolher Certinhas**. O Cruzeiro**, 17/06/1967

Marinês: a Certinha de viagem inaugural

Aizita trocou uniforme branco por biquini

Figura 69(b): Stanislaw Ponte Preta (texto) e Valentim (fotos). Arte e manhas para escolher Certinhas**. O Cruzeiro**, 17/06/1967

Valentina de malas prontas para Cinecittà

Giovanna escolheu Lalau para padrinho

Figura 69(c): Stanislaw Ponte Preta (texto) e Valentim (fotos). Arte e manhas para escolher Certinhas**.O Cruzeiro**, 17/06/1967

3.7 As Certinhas nuas em revista masculina no tempo de Stanislaw: a publicação da Playgirl

Algumas das Certinhas como Esmeralda Barros e Ítala Nandi posaram para a Playboy nos anos 1970. Mas nos anos 1960 quase não existiam grandes revistas masculinas. Tanto é que em 1965, com textos e edição de Stanislaw Ponte Preta e fotos de Augusto Valentin, foi lançada a revista Playgirl[233], uma revista masculina inspirada na Playboy[234] dos Estados Unidos. Apenas um exemplar chegou a ser publicado. Em sua capa, trazia a manchete: "Exclusivo! Em côres! As 10 mais Certinhas de '65'", já a capa e contra-capa trazia uma garota nua, sensualmente coberta por uma pele (Figura 70 (a), abaixo).

playgirl
Nº 1
Cr$ 500
— Uma playgirl no Caribe — Despesas de Strip-tease podem ser deduzidas do Impôsto de Renda — Tayna Beryll, a nova Lady Godiva — Playgirl entrevista NELSON RODRIGUES — As cobiçadas mãos de SNS! — Playgirl apresenta o sexyquini — Festa de pijama — Rica Dialina descoberta por Fellini —
EXCLUSIVO! EM CÔRES!
AS 10 MAIS CERTINHAS DE "65"
Por STANISLAW PONTE PRETA e VALENTIN
Figura 70 (a): **Playgirl**, Nº1, Ano 1, Ediex, 1965

[233] **Playgirl**, Nº1, Ano 1, Ediex, 1965. (Fonte: acervo do autor). Nos EUA, no fim dos anos 1970 foi lançado a "Playgirl", uma revista ao avesso da Playboy e que mostra homens nus.

[234] A Playboy foi lançado no Brasil em agosto de 1975, chegava nas bancas com o nome de Revista do Homem por causa da censura, só vindo a receber o nome original em julho de 1978. As suas primeiras edições tinham poucas fotos de mulheres e a sensualidade era "amena" (resultado do contexto de Ditadura Civil-militar, mas que já passava pelo processo de abertura). Um aspecto interessante é que de 1975 até julho de 1976 ainda não havia a "garota da capa", ou seja, a mulher da capa não era a mesma das páginas adentro e nem tinha relação com as fotografias e matérias da revista.

O seu conteúdo incluía uma matéria sobre as Certinhas, um ensaio fotográfico e sensual com Rosa Rodriguez, uma entrevista com Nelson Rodrigues, um teste para medir o grau de conquistas sexuais, uma matéria sobre como o strip-tease poderia ser deduzidas do imposto de renda, uma matéria sobre Taina Berlyll, uma crônica sobre mulheres, a lista das dez mais certinhas de 1965, uma matéria sobre as "Playgirls" do mês, algumas charges, uma matéria sobre massagem, uma matéria sobre o "Sexyquini", uma matéria sobre a atriz Sherry Alberoni, uma matéria sobre festa de pijama e enfim, duas matérias sobre atrizes do cinema estrangeiro.

Seu interior era em preto e branco, mas suas páginas centrais eram em papel cartonado e em cores. Justamente na matéria com a lista das mais Certinhas de 1965 (uma página para cada garota) e sobre as "Playgirls" do mês. Sobre estas últimas, vale um comentário mais detalhado.

Por ser uma revista destinada ao público masculino e maior de idade, havia espaço para uma maior ousadia na sensualidade e na exibição da nudez. Mas, podemos perceber que a forma de exibição do corpo feminino seguiu o modelo que mostramos nas fotos das Certinhas em O Cruzeiro. A principal diferença é o tom intimista que as Certinhas[235] da "Playgirls" assumem. Elas possuem um olhar fixo para o fotógrafo/leitor. Os ambientes são os cenários tradicionais criados no estúdio de Valentin.

Na figura 70 (b) (abaixo) temos as duas primeiras páginas desta matéria, ocupadas por Nédia Montel, na primeira foto (esquerda) ela aparece de cartola, segurando uma taça e um litro de champanha, estando coberta por uma camisola entreaberta que mostra sensualmente a sua perna até o abdômen. Na foto da direita ela aparece deitada e segurando um telefone. As cenas remetem a fantasia de uma dona de casa erótica.

[235] Na revista, elas são chamadas de Certinhas.

VALENTIN APRESENTA
AS
playgirls
DO MÊS
NEDIA MONTEL — só toma champanha usando cartola, que é para dar cor local — segundo explicou à nossa reportagem. Ela é uma certinha convicta. Aliás, a única Nédia que consegue ser certinha
NÉDIA MONTEL — atende ao telefone e explica que não pode ser agora não. Deixa pra mais tarde. Nédia tem medidas espetaculares e de números exatos. Mas o número de seu telefone também é importante

Figura 70 (b): **Playgirl**, Nº1, Ano 1, Ediex, 1965

Nas páginas seguintes, vemos Marlene rosário deitada com as costa nuas e Gina Lefeu completamente desnuda e com o corpo em perfil, (Figura 70 (c)). Ambas estão um pouco sérias, e pelas fotos serem coloridas, podemos observar que o uso de maquiagem é bem aparente, a até as o uso de perucas fica mais claro.

GINA LEPEU — já foi certinha na lista de Stanislaw, várias vêzes. Esta é uma de suas últimas fotos, sem nenhum sutiã refúgio, para provar que pode voltar à lista no dia que quiser
MARLENE ROSARIO — parece triste, mas não está. Apenas olha para o vestido vermelho que usava e que foi obrigada a tirar para provar aos nossos leitores que a côr de sua pele é de endoidar

Figura 70 (c): **Playgirl**, Nº1, Ano 1, Ediex, 1965

Como é o caso de Norma Kelly na figura 70 (d) que usa uma da cor roxa. Portanto, em imagens colorida as Certinhas, ou qualquer outra garota fotografada, ganha um tom de fantástico, como um estereótipo de um ser humanóide que habitaria os sonhos do leitor. Já as

caixas de textos, de todas as fotos, seguem o padrão de exaltação da beleza com comentários intimistas do escritor para o leitor.

NORMA KELLY — atendeu ao "psiu" do fotógrafo e não ficou zangada quando soube que a sua indiscreta fotografia iria alindar as páginas de PLAYGIRL. E — como vêem — o fotógrafo não mentia
VIRGÍNIA — gosta muito de ler. Gosta mais de ler do que de se vestir. Por isso, tomou um banho gelado, para afugentar o calor, e depois foi direta apanhar um livro da flor dos Ponte Preta

Figura 70 (d): **Playgirl**, Nº1, Ano 1, Ediex, 1965

Com esta revista, podemos perceber que em meados dos anos 1960 a forma de exibir o corpo sensual e nu em O Cruzeiro não diferia muito de revistas destinadas ao público masculino, pois ambas estão regidas por códigos visuais muito próximos. O que nos leva a

crer que, provavelmente, o processo de desnudamento do corpo feminino na grande imprensa (como no caso de O Cruzeiro) ocorreu no mesmo compasso de outras mídias, com mútuas influências. E, uma vez que estas visualidades passam a fazer parte do contexto cultural cotidiano, sua multiplicação tende a ser crescente conforme a criatividade de seus produtores e na demanda socialmente criada ou aproveitada[236].

Fato que faz parte do próprio desenvolvimento dos costumes que, através das sucessivas gerações, absorvem as informações visuais herdadas e somam novas experiências e criam novos padrões de beleza e sensualidade.

[236] Também tem que se considerar que quando há muitos profissionais em um mesmo campo de trabalho, há a tendência de que a concorrência entre os mesmos cause uma maior profissionalização e especialização dos conhecimentos técnicos e científicos, possibilitando um alto desenvolvimento na área. No caso das fotografias que envolviam a nudez e sensualidade, nos anos 1960 eram poucas as revistas especializadas neste tipo de visualidade, tanto é que os fotógrafos de O Cruzeiro, geralmente, podiam fazer qualquer tipo de trabalho, seja fotografar garotas de biquíni nas praias, seja fotografar acidentes sangrentos. Nos anos 1970 e 1980 surgem novas revistas, e em especial, revistas masculinas. Portanto, neste período o campo fotográfico ficou aberto há especialização em fotos eróticas e de nus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, pudemos observar que no Brasil, no período de 1966 a 1970, a nudez e sensualidade feminina foram visualidades que aos poucos eram difundidas em nossa Cultura Visual. E que vinham acompanhadas de uma série de discursos que exaltavam a beleza dos corpos e de códigos do que era ou não possível de ser mostrado.

Na década de 1960 os jovens emergem para a História enquanto um grupo social revolucionário (vide as revoltas estudantis de 1968 pelo mundo ou o movimento de luta armada no Brasil), transformando os costumes e, a cada vez mais, se tornando um mercado consumidor emergente. Neste momento, ainda eram chamados apenas de "Jovens", a categoria "adolescente" só viria mais tarde[237]. E ser jovem neste período significava estar sob suspeita. O Cruzeiro publicou diversas matérias falando da violência estudantil, da falta de interesse da nova geração.

Mas quando mudamos dos para as jovens, a questão de gênero bate a porta. Os homens estão sob o signo da violência em potencial devido ao poder advindo de sua posição social e cultural que ocupa[238]. Já as mulheres estão ligadas a dois estereótipos muito fortes: a esposa/mãe e a mulher moderna. Na primeira, toda a tradição católica e tradicionalista brasileira empurra a mulher para ser uma "boa" esposa e mãe. Na segunda, a mulher moderna é a que está sob as ondas da mudança, inovação e novidade regem sua vida[239].

Dentro do contexto da vida das mulheres mostrada em O Cruzeiro, o período de sua juventude, compreendido entre os 15 a 28 anos (em média), é o momento em que eram chamadas de "garotas", a noção de "infância" ou de "pedofilia" não se fazia sentir a ponto de excluir da fotografia sensual as garotas que eram muito novas. Nos casos aqui analisados, a sensualidade e por vezes a nudez das garotas, se fazia presente de forma delicada, bela e engraçada.

O conjunto de fotógrafos e repórteres de O Cruzeiro usavam termos meigos e exaltados para tratá-las e ao fundo, havia um erotismo latente, por exemplo, Jorge Audi comentava que certa garota "É linda e graciosa, fazendo anúncio, em cenas de humorismo, ou nos acrobáticos

[237] Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente, criado em 1990, crianças são os indivíduos entre 0 a 12 anos, já os adolescentes são aqueles entre os 12 aos 18 anos. Entretanto, devido as modificações econômicas e tecnológicas, hoje se aponta que os jovens estão saindo da casa dos pais cada vez mais tarde, possibilitando o que alguns vem chamando de "pós-adolescência" (algo em torno dos 18 aos 25 anos).

[238] As mulheres também tem potencial para a violência, afinal, junto com os homens, também participavam dos protestos estudantis e na luta armada, mas em O Cruzeiro esta face era quase invisível.

[239] Sobre estas duas categorias, ver detalhes em: FRANCISCHETT, 2007; FORNAZARI, 2001; OLIVEIRA, 2005; e SERPA, 2003.

passos das danças modernas. Aliás, esta ginástica deve fazer bem às suas curvas. E suas curvas fazem bem aos nossos olhos. Vale por um feriado visual"[240]. O estilo de escrita criava uma cumplicidade para com o leitor que, assim com o fotógrafo, compartilham a satisfação pela visão da beleza.

As garotas retratadas pertenciam as camadas médias da sociedade, em grande parte, eram cariocas. Em geral, estudantes ou artistas. A categoria de artista compreende varias ocupações, tais como: modelo, dançarina, atriz (teatro, TV e cinema), cantora, animadora e assistente de palco em programas televisivos. Comumente, elas circulavam nestes vários campos de atuação artísticas.

A forma de mostrar o seu corpo obedecia aos códigos visuais da época. Ou seja, na maioria das vezes, o corpo aparece por inteiro, é mostrado de frente, evidenciando o formato de "violão". O rosto olha para o fotógrafo/leitor(a) com um simpático sorriso. As costas e o bumbum pouco eram enfatizados, preferia-se mostrá-las de frente e de corpo inteiro, o que talvez fosse a influência dos concursos de misses já que eles eram muito presentes e populares.

As cenas em que as garotas apareciam também refletem certo universo da ficção masculina. O olhar fotográfico cria estereótipos, pois congela momentos peculiares que, quando juntado a outros igualmente singulares, possibilita um contexto relativamente homogêneo para que determinada visualidade possa se cristalizar. Como foi o caso das Sereias e das Certinhas. Já o corpo feminino é um espetáculo em si, por isso tinha lugar constante nas notícias "do Brasil e do mundo" por que o que importava não era a notícia propriamente dita, mas o prazer de se visualizar a sensualidade das curvas femininas. As imagens femininas, como afirmava John Berger[241], estão a serviço do olhar masculino.

Loiras, morenas e mulatas faziam parte do contexto visual, mas é inegável que a presença das garotas brancas e da classe média era dominante, principalmente quando lembramos que muitas das matérias eram feitas no Rio de Janeiro, local onde a presença afro-descendente era e é muito forte.

Além das fotografias, a sensualidade e nudez feminina são visualidades que estavam alinhadas a intensa circulação de imagens oriundas do cinema, sobretudo do Hollywoodiano, mas também do italiano, francês e alemão. O próprio cinema nacional vira fonte destas visualidades. Até, arriscaria a dizer que, o erotismo da Pornochanchada dos anos 1970 bebeu do contexto da difusão da sensualidade dos anos 1960.

[240] Jorge Audi. Neyde sem retoque. **O Cruzeiro**, 09/06/1966.
[241] Op. Cit.

E se existe um "Cinema Brasileiro", também deve haver uma "Fotografia Brasileira", e neste contexto, podemos crer que nos anos 1960 a fotografia das lindas mulheres vinham acompanhadas de textos de uma poética (quase) literária, com certo fundo musical e um humor "homeopáticamente" machista.

Logo, todo tipo de visualidade tem que ser compreendido dentro do seu contexto de circulação cultural e geracional, o que o torna característico de determinado momento histórico e influenciador dos momentos seguintes.

A crescente exibição dos corpos femininos na segunda metade do século XX contribuiu significativamente para o desenvolvimento de uma nova moral sexual. Se anteriormente, as longas saias e vestidos tinham a função de esconder o corpo e impedir o desejo e a curiosidade masculina, a nova realidade se configurou pela exposição desinibida, pelas roupas pequenas, coladas ao corpo, pelos decotes, mini-saias, biquínis, enfim, por uma moda que se tornou sensual por definição[242].

Contudo, nossa pesquisa revelou que pelo menos no fim dos anos dourados[243], ainda não havia uma fetichização de partes do corpo feminino. Como por exemplo a bunda, imagem indispensável dos bailes funks atuais, veio a ser uma visualidade que percorre a mídia brasileira desde pelo menos os anos 1990 quando o grupo musical "É o Tchan!" fazia sucesso. E em 18 de junho de 1999 foi lançada a revista Bundas[244] por Ziraldo[245] em companhia de outros humoristas no calibre de Jaguar e Millôr Fernandes. Pelo que percebi, a revista só durou até 2001[246]. Mas com uma proposta ousada, usava a sensualidade desta parte peculiar do corpo feminino para chamar a atenção do leitor e satirizar o mundo político. Proposta que

[242] Embora, nem sempre os corpos se ajustem sensualmente a esta moda, já que ela é feita a partir de jovens modelos, com medidas esculturais e que provavelmente, poderiam ser vestidas com pano de chão e continuariam lindas!

[243] Segundo Eric Hobsbawm, o período em torno dos anos 1950 e 1960 é chamado de "Anos dourados" pelo relativo crescimento econômico e paz mundial. Quadro que se altera com a crise do petróleo em 1972 e o aquecimento da Guerra Fria. HOBSBAWM, Eric J. **Era dos extremos**: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

[244] **Bundas**, 18/06/1999, Ano 1, Número 1.

[245] Ziraldo trabalhou por mais de uma década em O Cruzeiro, inicialmente com seu personagem Saci e depois com Jeremias, o bom (uma antítese do Amigo da Onça). No seu traço, as mulheres sempre foram retratadas com bundas seios enormes, emanando grande sensualidade. E ainda hoje, é um dos "mulherólogos" expoentes daquela geração de 1960 que junta admiração pela beleza feminina com um fundo machista.

[246] O fechamento da revista se deveu a falta de patrocinadores, como acabou prevendo Ziraldo: "Eu sou o responsável pelos dois maiores fracassos empresariais da história da imprensa brasileira: a revista Palavra e esta revista Bundas (...) em quase oitenta números de presença marcante na imprensa brasileira – não consegui um anúncio sequer dos anunciantes paulistas. Mantivemos a revista viva à espera de um milagre. E aí nos afundamos em dívidas, mas não tem problema 'a humanidade só caminha tangida pela tempestade'" (Ziraldo. Confissão com o leitor. **Bundas**. 23/01/2001, Ano 2, Número 79, p3).

também estava presente em O Pasquim, jornal que ele e outros humoristas fundaram em 1969 e que durou até 1991[247].

E como vimos com Stanislaw Ponte Preta, existe uma ligação direta entre Sensualidade e Humor, fato que ainda precisa ser melhor estudando já que a faz parte da dimensão cômica da vida privada e pública.

Nos anos 1950, 1960 e 1970 autores como Nelson Rodrigues e Jorge Amado, produziram vários textos que transbordavam sensualidade e nudez feminina, atingindo grande popularidade e posteriormente, sendo adaptados como telenovelas e seriados, e até se tornando filmes como "Bonitinha, mas ordinária" (1981) dirigido por Braz Chediak[248] e "Gabriela, cravo e canela"(1984) dirigido por Bruno Barreto[249]. Esta migração da literatura para o audiovisual é um fecundo campo para os estudos visuais e culturais.

A circulação destes filmes ocorre no mesmo momento da redemocratização brasileira e da inserção da nudez feminina na televisão, primeiramente com Maitê Proença na novela Dona Beija, em 1986, na TV Manchete. Depois, na mesma emissora, a novela Pantanal (1990) não só trazia uma onça que se transformava em uma mulher nua em suas cenas de abertura como também ficou famosa pelas cenas de nudez e sensualidade da atriz Cristiana Oliveira (interpretando Juma Murruá, na novela). O corpo despido também foi tema da abertura da novela Tieta (1989-1990) da Rede Globo. Em 1996 a novela Xica da Silva[250] da TV Manchete alcança altos índices de audiência, tendo muitas cenas de nudez e sensualidade e

---

[247] Como não tive acesso direto a este periódico, não posso comentar como a nudez e sensualidade feminina eram representadas, mas o material fragmentado disponível na internet mostra que ele existia.

[248] Inspirado no livro "Bonitinha, mas ordinária" de Nelson Rodrigues. Sinopse do filme: "Edgar (José Wilker) é um jovem bastante humilde, o que volta e meia o deixa constrangido. Um dia ele é procurado por Peixoto (Milton Moraes), genro do milionário Werneck (Carlos Kroeber), que lhe propõe que se case com a filha dele, Maria Cecília (Lucélia Santos), em troca de um polpudo cheque. O dinheiro atrai Edgar, só que ele é apaixonado por Ritinha (Vera Fischer), sua vizinha", In: <http://www.adorocinema.com/filmes/bonitinha-mas-ordinaria-ou/programacao/> Acesso em 20 Dez. 2011. Em 2010 foi lançado um remake do filme, dirigido por Moacyr Góes.

[249] Inspirado no livro "Gabriela, cravo e canela" de Jorge Amado. Sinopse do filme: "Bahia, 1925. Uma das maiores secas da história do Nordeste leva para Ilhéus Gabriela (Sônia Braga), uma bela retirante que com sua beleza e sensualidade conquista a todos, principalmente Nacib (Marcello Mastroianni), dono do bar mais popular da cidade, que emprega Gabriela para trabalhar em sua casa e com quem tem um caso. O relacionamento dos dois fica tão intenso que eles se casam, mas tudo parece desmoronar quando Gabriela lhe é infiel com o maior conquistador da cidade. Paralelamente, um "coronel" vai ser julgado por ter matado sua mulher com o amante. Os outros "coronéis" acham que ele tem de ser inocentado, pois houve um forte motivo para o crime, mas os tempos mudaram e determinados conceitos do passado estão sendo enterrados", in: <http://www.interfilmes.com/filme_13433_gabriela.html> Acesso em 20 Dez. 2011.

[250] A novela foi inspirada no filme Xica da Silva (1976) dirigido por Cacá Diegues. Sinopse de filme: "Segunda metade do século XVIII. Xica da Silva (Zezé Motta) era uma escrava que, após seduzir o milionário João Fernandes (Walmor Chagas), se tornou uma dama na sociedade de Diamantina. Ela passou a promover luxuosas festas e banquetes, em algumas contando com a exibição de grupos de teatro europeus. Sua ostentação fez com que sua fama chegasse até a corte portuguesa." Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/xica-da-silva/programacao/> Acesso em 22 jan. 2012.

causando polêmica por causa de sua protagonista, Taís Araujo (interpretando Xica da Silva), que com apenas 17 anos, andava seminua nos episódios, fato que atraiu a atenção da Vara da Criança e do Adolescente do Rio de Janeiro e de setores da sociedade. Mas a partir de então, sensualidade e nudez se tornam comuns na programação brasileira, fato que merece ser estudado. Ainda mais considerando que algumas produções voltara ao ar, como é o caso de Pantanal e Xica da Silva, cujos direitos de reprodução foram comprados pelo SBT (Sistema Brasileiro de Televisão) e que obtiveram altos índices de audiência durante sua exibição (2008 e 2005, respectivamente).

O plano fonográfico também é uma fonte interessante, por exemplo, uma das identidades visuais do samba é a linda mulata, de biquíni, fantasiada ou nua que povoa muitos LPs. A partir dela, poderíamos pensar como se criam e se difundem estereótipos visuais e como estão ligados a outros elementos culturais.

Enfim, é inegável que as mulheres possuem uma beleza e um arredondamento corporal de grande plasticidade. Pernas, nádegas, abdômen, seios, lábios, olhos, o corpo feminino é objeto do olhar e do desejo. Desejo dos homens pela sua posse e desejo das mulheres em tê-lo sempre belo. É no corpo que se inicia a atração e se finda a sexualidade. Logo, é um importante objeto de pesquisa da História que aproxima visualidades, idéias, sentimentos e sensações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUMONT, Jacques. **A imagem**. Campinas, SP: Papirus, 1993.

ABREU, Alzira Alves de et. al. **A imprensa em transição:** o jornalismo brasileiro nos anos 50. Rio de Janeiro, RJ: Fundação Getulio Vargas, 1996.

ABREU, Nuno Cesar. **O olhar pornô:** a representação do obsceno no cinema e no vídeo. Campinas, SP: Mercado da Letras, 1996.

ADORNO, Theodor W. **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

AGOSTINHO, Cristina. **Luz del Fuego a bailarina do povo**. São Paulo: Circulo do Livro, 1994.

AGNOLLETO, Taiane Caroline. **Um mosaico do Brasil através das fotorreportagens de José Medeiros em O Cruzeiro (1946-1962)**. PUC-RS. Porto Alegre, 2009.

AREND, Silvia Maria Fávero. Infância, exploração sexual e o programa social Sentinela (Florianópolis, 1980-2005). In: FAVERI, Marlene, SILVA, Janice Gomes da, PEDRO, Joana Maria (Orgs). **Prostituição em áreas urbanas**: histórias do Tempo Presente. Florianópolis: Editora UDESC, 2010

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. **A embalagem do sistema:** a publicidade no capitalismo brasileiro. Bauru, SP: EDUSC, 2004. (Coleção Ciências Sociais).

BAPTISTA, Íria Catarina Queiróz. **Retratos de mulher:** análise da representação do corpo feminino nas capas das revistas mensais brasileiras Playboy e Nova no ano de 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem). Universidade do Sul de Santa Catarina, Pós-graduação em Psicopedagogia. Palhoça, 2007.

BARTHES, Roland. **Elementos de semiologia**. São Paulo: Editora Cultrix, s/d.

_____. **Mitologias**. 7. ed. São Paulo: Bertrand Brasil - Diefel, 1987.

BASSANEZI, Carla. e BOMBONATO, L. O Cruzeiro e as garotas. Fazendo história das mulheres. **Cadernos Pagu**. Campinas, n. 4, 1995, p 248. Disponível em: <http://www.pagu.unicamp.br/files/cadpagu/Cad04/pagu04.13.pdf>. Acesso em: 29 mai. 2009.

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: PRIORE, Mary Del. **História das Mulheres no Brasil.** 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo:** a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2008.

_____. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v.1)

BERGER, John. **Modos de Ver.** Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

BODEI, Remo. **As formas da beleza**. Bauru, SP: Edusc, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. 5. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

_____. **O poder simbólico**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BRUSCHINI, Maria Cristina A. e ROSEMBERG, Fúlvia (org). **Vivência História, sexualidade e imagens femininas**. São Paulo: Brasiliense / Fundação Carlos Chagas, 1980.

BUITONI, Dulcília Schroeder. **Imprensa feminina**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. **Mulher de Papel:** a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. São Paulo, Loyola, 1981.

BUSSELLE, Michael. **Como fotografar nus**. São Paulo: Livros Abril, 1982.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular:** história e imagem. Bauru, SP: EDUSC, 2004. (Coleção História)

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Multidões em cena.** Propaganda política no varguismo e no peronismo. Campinas, SP: Papirus, 1998.

CARDOSO, Ciro Flamarion e MAUAD, Ana Maria. História e Imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.) **Domínios da História:** ensaios de teoria e metodologia. 13. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997, p.401-417.

CARNEIRO, Glauco. **Brasil, primeiro** - história dos Diários Associados. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 1999.

CARNEIRO, Marcelo e PAIXÃO, Roberta. "A polícia persegue os seios enquanto na orla...". **Veja**, 26 de janeiro de 2000. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/260100/p_044.html>. Acesso em: 18 jun. 2009.

CARLOS ESTÊVÃO. **Ser mulher.** Rio de Janeiro: Record, 1986.

CARSON, Fiona and PAJACZKOWSKA, Claire. **Feminist visual culture**. New York: Routledge, 2001.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da República do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARVALHO, Luiz Maklouf. **Cobras criadas:** David Nasser e O Cruzeiro. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2001.

CARVALHO, Maria Teresa Nastri de. **Olhares sobre o ano de 1968 nas lentes das revistas O Cruzeiro e Flama**: uma abordagem da Análise de Discurso. Tese (Doutorado em Semiótica e Lingüística Geral). USP. São Paulo, 2008.

CAMPOS, Daniela Queiroz. **Espectros dos anos dourados:** imagem, arte gráfica e civilidade na coluna Garotas da revista O Cruzeiro (1950-1964). Dissertação (Mestrado em História). PUC-RS. Porto Alegre, 2010.

CHAUVEAU, Agnés (org). **Questões para a história do presente**. Bauru, SP: EDUSC, 1999

CELESTE, Mira Maria. **O leitor e a banca de revistas**: a segmentação da cultura no século XX. São Paulo: Olho d`Água/Fapesp, 2001

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: a história entre incertezas e inquietude. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

CLARK, Kenneth. **O nu:** um estudo sobre o ideal em arte. Lisboa: Editora Ulisseia, 1956.

CUNHA, Káthia Castilho. GARCIA, Carol. **Moda Brasil:** fragmentos de um vestir tropical. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2001.

COSTA, Cristina. **A imagem da mulher:** um estudo de arte brasileira. Rio de Janeiro: Senac Rio, 2002.

CRESPO, Jorge. **A História do corpo.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6. ed. Rio de Janeiro: Racco, 1997

DE LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

DEL PRIORE, Mary. **Corpo a corpo com a mulher:** pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000 (Série Ponto Futuro; 2).

DIAS, Paulo da Rocha. **O amigo do rei:** Carlos Rizzini, Chatô e os Diários Associados. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

DOSSE, François. **A história**. Bauru, SP: EDUSC, 2003

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.

ELIAS, Norbert. **Mozart, sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1995.

ENGEL, Magali. História e sexualidade. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.) **Domínios da História:** ensaios de teoria e metodologia. 13. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997, p.297-311.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio de língua portuguesa.** 3. Ed. Curitiba: Positivo, 2004. p.1829.

FIGUEIREDO, Anna Cristina Camargo Moraes. **"Liberdade é um calça velha, azul e desbotada" Publicidade, Cultura de Consumo e Comportamento Político no Brasil (1954-1964)**. São Paulo: Editora HUCITEC História social, USP, 1998.

FONSECA, Joaquim da. **Caricatura – a imagem gráfica do humor**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

FLORES, Maria Bernadete Ramos. **Tecnologia e estética do racismo:** ciência e arte na política da beleza. Chapecó: Argos, 2007

FRANCISCHETT, Leandra. **Representações das mulheres na revista O Cruzeiro através das fotografias no período de 1956 a 1960.** Dissertação (Mestrado em História Social). – Universidade Federal Fluminense / Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná. Niterói, 2007

FORNAZARI, Luciana Rosar. **Gênero em revista:** Imagens modernas de homens e mulheres na revista O Cruzeiro do segundo pós-guerra. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 15. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. **História da sexualidade I:** A vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2009.

_____. **Vigiar e punir:** história da violência nas prisões. 34. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

FREUND, Giséle. **Fotografia e sociedade**. 2. ed. Lisboa: Vega, 1995.

GAVA, José Estevam. **Momento bossa nova:** Arte, cultura e representação sob os olhares da revista O Cruzeiro.Tese (Doutorado em História). UNESP. Assis, 2003.

GAWRYSZEWSKI, Alberto (org). **O Amigo da Onça:** uma expressão da alma brasileira. Londrina: Universidade Estadual de Londrina/LEDI, 2009. (Coleção História na Comunidade, v.1) (a)

_____. **O Cruzeiro:** uma revista (muito) ilustrada. Londrina: UEL, 2009. (Coleção História na Comunidade, v.3) (b)

_____. **Imagem em debate**. Londrina: Eduel, 2011.

GEERTZ, Clifford**. A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, s/d.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais:** morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GOLDENBERG, Mirian (org). **O corpo como capital:** estudo sobre gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira. Barueri, SP: Estação das Letras e Cores Editora, 2007.

_____. **Nu e vestido:** dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro Sales. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HUNT, Lynn. **A invenção da Pornografia**: obscenidade e as origens da modernidade. 1. ed. São Paulo: Hedra, 1999.

KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual. **ArtCultura**, Uberlândia, v.8, n. 12, p.97-115, jan-jun. 2006.

_____. Aproximações disciplinares: história, arte e imagem. **Anos 90**, Porto Alegre, v.115, n. 28, p. 151-168, dez. 2008. p.157.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. 2. ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

_____. **Realidade e ficções na trama fotográfica**. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

LAGO, Pedro Correa do. **Caricaturistas brasileiros**. 2. ed. Rio de Janeiro: Contracapa, 2001.

LAQUEUR, Thomas Walter. **Inventado o sexo**: corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003.

LEITE, Sylvia Helena Telarolli de Almeida. **Chapéus de palha, panamás, cartolas**: a caricatura na literatura paulista (1900-1920). São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1996.

LEMOS, Renato (org.). **Uma história do Brasil através da caricatura: 1840-2001**. Rio de Janeiro: Bom Texto, Letras & Expressões, 2001.

LIMA, Herman. **História da caricatura no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. (4 volumes).

LULA, Isabela Chaves. **Retratos proibidos:** o corpo nu na fotografia. Campinas, 2000. Dissertação (Mestrado em Multimeios) – Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Instituto de Artes, 2000.

MALERBA, Jurandir. **Ensaios:** teoria, história e ciências sociais. Londrina: Eduel, 2011.

MALUF, Marina e MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: NOVAES, Fernando A. SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.367-421.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história interfaces**. Tempo**, Rio de Janeiro, vol. 1, n°. 2, 1996, p. 73-98.

_____**Poses e flagrantes**: ensaios sobre história e fotografia. Niterói: Editora da UFF, 2008.

MEDEIROS, Afonso (org.) **O imaginário do corpo**: entre o erótico e o obsceno: fronteiras líquidas da pornografia. Goiânia: FUNAPE, 2008.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual. Balanço provisório, propostas cautelares. In: O ofício do historiador, **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.23, n.45, jul. 2003.

_____. Rumo a uma "História Visual". (MARTINS, José de Souza; ECKERT, Cornélia; NOVAES, Sylvia Caiuby (Org). **O imaginário e o poético nas ciências sociais**. Bauru, SP: Edusc, 2005.)

_____. Visão, visualização e usos do passado. In: **Anais do Museu Paulista**. jul-dez., 2007, pp.117-123.

MENEZES, Thiago de. **A verdadeira Luz del Fuego**. São Paulo: All Print, 2011.

MILLAN, Betty. (Et al.). **O que é: Amor, Erotismo, Pornografia.** São Paulo: Circulo do Livro, s/d. (Primeiros Passos, v.11).

MIRZOEFF, Nicholas. **Una introducción a La cultura visual**. Barcelona: Paidós, 2003.

MOTTA, Rodrigo P. Sá. **Jango e o golpe de 1964 na caricatura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

MORAES, Eliane R. e LAPEIZ, Sandra M. **O que é pornografia**. São Paulo: Abril Cultural; Brasiliense, 1985.

MORAES, Fernando. **Chatô:** o rei do Brasil, a vida de Assis Chateaubriand. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MORAES, Letícia Nunes de. **Cotidiano e política**: em Carmem Silva e David Nasser (1963-1973). Tese (Doutorado em História). USP. São Paulo, 2007.

NETTO, Accioly. **O Império de papel:** os bastidores de O Cruzeiro. Porto Alegre, RS: Sulina, 1998.

NOVELLI, Daniela. **Juventudes e imagens na revista Vogue Brasil (2000-2001**). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Santa Catarina – UDESC, 2009.

OLIVEIRA, Ana Claudia de. e TEIXEIRA, Lucia (orgs.). **Linguagens na comunicação:** desenvolvimento da semiótica sincrética. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009.

OLIVERIA, Dennison de. Cinema e sexualidade no Brasil contemporâneo. In: **Anais** do XII Encontro Regional de História e VI Semana de História: Regiões, imigrações, identidades, de 09 a 12 de Outubro de 2010. ANPUH-PR, UNICENTRO: Irati, 2010. Disponível em: <http://www.eventosanpuhpr.com/ocs/index.php?conference=irati&schedConf=anpuh2010&page=paper&op=view&path%5B%5D=433&path%5B%5D=175>

OLIVEIRA, Nucia Alexandra de. **Corpo, beleza e gênero:** rupturas e continuidades na instituição de diferenças entre homens e mulheres. Uma leitura a partir da imprensa (1950-1980). Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2005.

PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

PAUL, Pamela. **Pornificados**: como a pornografia está transformando nossa vida, os nosso relacionamentos e as nossas famílias. São Paulo: Cultrix, 2006.

PAULILLO, Maria Célia Rua de Almeida. **Sérgio Porto (Stanislaw Ponte Preta) Literatura comentada**. São Paulo: Abril Educação, 1981

PEREGRINO, Nadja. **O Cruzeiro:** a revolução da fotorreportagem. Rio de Janeiro: Dazibao, 1991.

PIETROFORTE, Antonio Vicente. **Semiótica visual**: os percursos do olhar. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2007.

PIMENTEL, Luis (org). **A revista do Lalau**: antologia de textos de Sérgio Porto/Stanislaw Ponte Preta. Rio de Janeiro: Agir, 2008

PORTO, Sergio. **As cariocas**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

REIS FILHO, Daniel Aarão. **Ditadura militar, esquerdas e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zhar, 2000.

PRIORE, Mary del. **Histórias íntimas**: sexualidade na história do Brasil. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

ROMANELLO, Jorge Luiz. **A natureza no discurso fotográfico da revista O Cruzeiro:** Paisagens e imaginários no Brasil desenvolvimentista 1954-1961. Tese (Doutorado em História). UNESP. Assis, 2006.

SADE, Marquês de. **120 Dias de Sodoma.** São Paulo: Iluminuras, 2006.

SADE, Marquês de. **A Filosofia na alcova.** São Paulo:Círculo do Livro, s.d.

SALIBA, Elias Tomé. **Raízes do riso**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos. **Feliz 1958**: o ano que não devia terminar. 8 ed. Rio de Janeiro: Record, 2006

SANTOS, Lídia Noêmia. **Brotinhos e seus problemas**: juventude e gênero na imprensa fortalezense da década de 1950. Fortaleza: Expressão Gráficas Editora, 2011.

SÉRGIO, Renato. **Dupla exposição**: Stanislaw Sérgio Ponte Porto Preta. 3. ed. Ediouro: Rio de Janeiro, 1999.

SCHIMITT, Jean-Claude. **O corpo das imagens**: ensaios sobre cultura visual na Idade Média. Bauru, SP: EDUSC, 2007.

SERPA, Leoni Teresinha Vieira. **A máscara da modernidade**: a mulher na revista O Cruzeiro (1928-1945). Passo Fundo: UPF, 2003.

SILVA, Ana Cristina Teodoro da. "Imagens ordinárias" como signo eloqüentes – sistematização metodológica para a interpretação de capas de revistas. **Domínios da imagem**. Londrina, ano I, nº 1, nov. 2007.

SILVA, Aguinaldo e CARVALHO, Joaquim Vaz de. **Luz del Fuego.** Rio de Janeiro: Codecri; Rio de Janeiro: Morena Produtores de Arte, 1982.

SILVA, Carla Fernanda da. **Clio no cio:** escritos livres sobre o corpo. Itajaí: Casa Aberta Editora, 2010.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **O adiantado da hora:** a influência americana sobre o jornalismo brasileiro. São Paulo: Summus, 1991.

SILVA, Marcos A. da. **Prazer e poder do amigo da onça 1943-1962.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

SILVA, Silvana Louzada da. **Fotojornalismo em revista:** O fotojornalismo em O Cruzeiro e Manchete durante os governos Juscelino Kobitschek e João Goulart. Dissertação (Mestrado em Comunicação). - Universidade Federal Fluminense - UFF, Niterói, 2004.

SOARES, Carmen Lúcia. **Corpo e história.** Campinas: Autores Associados, 2001

SODRÉ, Nélson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

SOIHET, Rachel. História das mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.) **Domínios da História:** ensaios de teoria e metodologia. 13. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997, p.275-296.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo:** introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa. Florianópolis, SC: Letras Contemporâneas, 2004.

STANISLAW PONTE PRETA. Primo **Altamirando e elas**. São Paulo: Círculo do Livro,sd.

_____. **Tia Zulmira e Eu**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

_____. **Garoto linha dura**. São Paulo: Círculo do Livro,sd.

_____. **Máximas inéditas de Tia Zulmira.** Rio de Janeiro: Editora Codecri, 1976.

_____. **Rosamundo e os outros.** São Paulo: Círculo do Livro,sd.

_____. **FEBEAPÁ 1 - Primeiro Festival de Besteiras que Assola o País**. São Paulo: Círculo do Livro,sd.

_____. **FEBEAPÁ 2 - Segundo festival de besteiras que assola o país**. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

Tempo e Argumento, Revista do Programa de Pós-Graduação em História. Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 201– 216, jan./jun. 2009. Disponível em: <http://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/705/608>

Tempo e Argumento, Revista do Programa de Pós-Graduação em História. Florianópolis, v. 2, n. 2, p. 257 – 265, jul./dez. 2010. Disponível em: <http://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2091/1621>

TEIXEIRA, Sérgio Alves. Produção e consumo social da beleza. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 7, n. 16, p. 189-220, dezembro de 2001

VIGARELLO, Georges. **História da Beleza**. Tradução de Léo Schlafmann. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

VIGARELLOI, Georges (direção). **História do Corpo**: As mutações do olhar: O século XX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

WALKER, John A. and CHAPLIN, Sarah. **Visual culture**: an introduction. Manchester/New York: Manchester University Press, 1997.

WIENSKOSKI, Paula. **Carlos Estêvão, cronista do traço: retratos críticos no cotidiano familiar**. Rio de Janeiro, 2002. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Belas Artes, 2002.

WILDE, Oscar. **Aforismos**. Curitiba: Pólo Editorial do Paraná, 1997

WILLIAMS, Raymond. **Palavras-chave:** um vocabulário de cultura e sociedade. São Paulo: Boitempo, 2007.

Sites pesquisados:

http://memoriaviva.zip.net/

http://www.adorocinema.com/

http://interfilmes.com/

http://bcc.org.br/

http://www.mulheresdocinemabrasileiro.com/

http://www.infoescola.com/

http://www.ovadiasaadia.com.br/index.cfm

APÊNDICES

APÊNDICE 1

<table>
<tr><th colspan="4">Tabela de análise de Fotorreportagem</th></tr>
<tr><td colspan="4">FICHA DE ELEMENTOS DA FORMA DO CONTEÚDO DA FOTORREPORTAGEM</td></tr>
<tr><td>Data:</td><td colspan="2"></td><td>Páginas:</td></tr>
<tr><td>Título:</td><td colspan="3"></td></tr>
<tr><td>Autoria:</td><td colspan="2">(Texto/Quantidade)</td><td>(Fotos/Quantidade)</td></tr>
<tr><td rowspan="2">Pessoa(s)</td><td>Famoso
( )</td><td colspan="2" rowspan="2"></td></tr>
<tr><td>Desconhecido
( )</td></tr>
<tr><td colspan="4">Súmula:</td></tr>
<tr><td colspan="4">Interatividade texto/imagem:</td></tr>
<tr><td>Tempo (dia/noite):</td><td colspan="3"></td></tr>
<tr><td>Tema retratado:</td><td colspan="3"></td></tr>
<tr><td>Local:</td><td colspan="3"></td></tr>
<tr><td>Atributos das pessoas:</td><td colspan="3"></td></tr>
</table>

APÊNDICE 2

Lista de revistas O Cruzeiro pesquisadas (ano, mês, dia)
Ano 1965
O Cruzeiro, 1965/01/09
O Cruzeiro,1965-01-30
O Cruzeiro, 1965-04-10
O Cruzeiro,1965-05-01
O Cruzeiro,1965-05-22
O Cruzeiro,1965-10-30
O Cruzeiro,1965-11-27
O Cruzeiro,1965-12-04
O Cruzeiro,1965-12-31
O Cruzeiro, 1965-05-29
Ano 1966
O Cruzeiro, 1966-01-08
O Cruzeiro, 1966-01-15
O Cruzeiro, 1966-01-29
O Cruzeiro, 1966-02-05
O Cruzeiro, 1966-02-12
O Cruzeiro,1966-03-05
O Cruzeiro, 1966-03-09
O Cruzeiro, 1966-03-12
O Cruzeiro, 1966-03-26
O Cruzeiro,1966-04-02
O Cruzeiro,1966-04-16
O Cruzeiro, 1966-05-26
O Cruzeiro, 1966-06-09
O Cruzeiro,1966-07-13
O Cruzeiro,1966-07-20
O Cruzeiro,1966-07-26
O Cruzeiro,1966-08-16
O Cruzeiro, 1966-09-05
O Cruzeiro, 1966-10-16

O Cruzeiro, 1966-10-23
O Cruzeiro, 1966-11-05
O Cruzeiro, 1966-11-12
O Cruzeiro, 1966-11-19
O Cruzeiro, 1966-11-26
O Cruzeiro,1966-01-29
O Cruzeiro,1966-02-26
O Cruzeiro,1966-03-05
O Cruzeiro,1966-03-12
O Cruzeiro,1966-04-02
O Cruzeiro,1966-04-16
O Cruzeiro,1966-05-06
O Cruzeiro,1966-05-13
O Cruzeiro,1966-06-09
O Cruzeiro,1966-06-23
O Cruzeiro,1966-07-06
O Cruzeiro,1966-07-13
O Cruzeiro,1966-07-26
O Cruzeiro,1966-08-16
O Cruzeiro,1966-08-23
O Cruzeiro,1966-08-29
O Cruzeiro,1966-09-05
O Cruzeiro,1966-10-29
O Cruzeiro,1966-11-19
O Cruzeiro,1966-12-03
Ano 1967
O Cruzeiro 1967-01-28
O Cruzeiro,1967-02-04
O Cruzeiro,1967-02-25
O Cruzeiro,1967-03-01
O Cruzeiro,1967-03-18
O Cruzeiro,1967-04-15
O Cruzeiro,1967-04-18

O Cruzeiro,1967-04-22
O Cruzeiro,1967-05-13
O Cruzeiro,1967-06-03
O Cruzeiro,1967-06-10
O Cruzeiro,1967-07-08
O Cruzeiro,1967-07-22
O Cruzeiro,1967-08-07
O Cruzeiro,1967-08-12
O Cruzeiro,1967-08-19
O Cruzeiro,1967-08-26
O Cruzeiro,1967-09-02
O Cruzeiro,1967-09-23
O Cruzeiro,1967-09-30
O Cruzeiro,1967-10-14
O Cruzeiro,1967-10-21
O Cruzeiro,1967-10-28
O Cruzeiro,1967-11-04
O Cruzeiro,1967-11-11
O Cruzeiro,1967-11-18
O Cruzeiro,1967-12-16
O Cruzeiro,1967-12-23
O Cruzeiro,1967-12-30
O Cruzeiro, 1967-01-07
O Cruzeiro, 1967-04-22
O Cruzeiro, 1967-07-01
O Cruzeiro, 1967-08-26
O Cruzeiro,1967-09-02
O Cruzeiro, 1967-10-14
O Cruzeiro, 1967-11-11
Ano 1968
O Cruzeiro,1968-01-13
O Cruzeiro,1968-03-09
O Cruzeiro,1968-05-11

O Cruzeiro 1968-05-18
O Cruzeiro,1968-05-25
O Cruzeiro,1968-06-08
O Cruzeiro,1968-06-15
O Cruzeiro,1968-06-22
O Cruzeiro,1968-06-29
O Cruzeiro 1968-07-20
O Cruzeiro,1968-07-27
O Cruzeiro,1968-08-10
O Cruzeiro,1968-08-16
O Cruzeiro,1968-09-07
O Cruzeiro,1968-09-14
O Cruzeiro,1968-10-12
O Cruzeiro,1968-10-19
O Cruzeiro,1968-10-26
O Cruzeiro,1968-11-09
O Cruzeiro,1968-11-23
O Cruzeiro,1968-11-30
O Cruzeiro,1968-01-13
O Cruzeiro,1968-06-22
O Cruzeiro, 1968-08-17
O Cruzeiro,1968-10-12
O Cruzeiro, 1968-11-30
O Cruzeiro 1968-12-28
Ano 1969
O Cruzeiro,1969-01-02
O Cruzeiro,1969-01-23
O Cruzeiro,1969-02-13
O Cruzeiro,1969-02-20
O Cruzeiro,1969-02-27
O Cruzeiro,1969-03-06
O Cruzeiro,1969-03-13
O Cruzeiro,1969-03-20

O Cruzeiro,1969-03-27

O Cruzeiro,1969-04-17

O Cruzeiro,1969-05-01

O Cruzeiro,1969-05-08

O Cruzeiro,1969-05-15

O Cruzeiro,1969-05-22

O Cruzeiro,1969-05-29

O Cruzeiro,1969-06-05

O Cruzeiro, 1969-06-17

O Cruzeiro,1969-06-26

O Cruzeiro,1969-07-10

O Cruzeiro,1969-07-24

O Cruzeiro,1969-08-07

O Cruzeiro,1969-08-21

O Cruzeiro,1969-08-28

O Cruzeiro,1969-09-11

O Cruzeiro,1969-09-25

O Cruzeiro,1969-10-09

O Cruzeiro,1969-10-16

O Cruzeiro,1969-10-20

O Cruzeiro,1969-10-30

O Cruzeiro,1969-11-06

O Cruzeiro,1969-11-13

O Cruzeiro,1969-11-20

O Cruzeiro,1969-11-27

O Cruzeiro,1969-12-04

O Cruzeiro,1969-12-21

O Cruzeiro,1969-12-25

O Cruzeiro, 1969-01-02

O Cruzeiro, 1969-03-27

O Cruzeiro,1969-04-17

O Cruzeiro, 1969-05-01

O Cruzeiro, 1969-05-22

O Cruzeiro, 1969-07-24
O Cruzeiro, 1969-08-07
O Cruzeiro, 1969-09-25
O Cruzeiro, 1969-10-16
O Cruzeiro, 1969-11-27
Ano 1970
O Cruzeiro,1970-01-01
O Cruzeiro,1970-01-13
O Cruzeiro,1970-01-27
O Cruzeiro,1970-02-03
O Cruzeiro,1970-02-17
O Cruzeiro,1970-02-24
O Cruzeiro,1970-03-03
O Cruzeiro,1970-03-24
O Cruzeiro,1970-04-14
O Cruzeiro,1970-05-05
O Cruzeiro,1970-05-12
O Cruzeiro,1970-05-26
O Cruzeiro,1970-06-02
O Cruzeiro,1970-06-16
O Cruzeiro,1970-06-21
O Cruzeiro,1970-06-23
O Cruzeiro,1970-08-11
O Cruzeiro,1970-08-25
O Cruzeiro,1970-09-08
O Cruzeiro,1970-09-29
O Cruzeiro,1970-10-04
O Cruzeiro,1970-10-06
O Cruzeiro,1970-10-20
O Cruzeiro,1970-10-27
O Cruzeiro,1970-11-03
O Cruzeiro,1970-11-10
O Cruzeiro,1970-11-17

O Cruzeiro,1970-11-24
O Cruzeiro,1970-12-01
O Cruzeiro,1970-12-09
O Cruzeiro,1970-12-15
O Cruzeiro,1970-12-22
O Cruzeiro,1970-06-16
O Cruzeiro, 1970-06-30
O Cruzeiro, 1970-11-10

Total de revistas pesquisadas no período de 1966 a 1970:	
Ano	Número de revistas pesquisadas
1966	35
1967	34
1968	24
1969	44
1970	35
Total	**172**

APÊNDICE 3

Arquivos pesquisados:
Arquivo Histórico da UNICENTRO, Campus Santa Cruz, Guarapuava – PR.
Biblioteca do Estado de Santa Catarina, Florianópolis – SC.
Museu Municipal Francisco Bobato, Pitanga – PR.
Acervo pessoal de Eric Allen Bueno, Pitanga – PR.

APÊNDICE 4

Lista das 10 mais Certinhas de Stanislaw Ponte Preta		
1953	**1954**	**1955**
Aída Campos	Angelita	Angelita
Angelita	Anilza Leoni	Anilza Leoni
Carmen Verônica	Carmem Verônica	Carla Nell
Edith Morel	Glória May	Carmem Verônica
Fernanda Villamayor	Irene Hosko	Evelyn Rio
Glória May	Maria Luísa Duval	Gina Lefeu
Iris Bruzzi	Marina Marcel	Nilza Bene
Joana D´Arc	Núcia Miranda	Norma Bengell
Jurema Samio	Pina Brunette	Núcia Miranda
Rosinha Lorcal	Tamaris	Yolanda Ferrer
1956	**1957**	**1958**
Carmem Verônica	Carmem Verônica	Aída Campos
Dorinha Duval	Elizabeth Gasper	Célia Coutinho
Eloína	Eloína	Heloísa da Rosa
Glória Ladany	Irene Bertal	Ilka Soares
Irma Àlvarez	Mara Abrantes	Jossara Ney
Irene Bertal	Marlene Blaco	La Rana
Luana	Nélia Paula	Liana Duval
Norma Bengell	Norma Bengell	Marly Tavares
Rose Rondelli	Rose Rondelli	Poche Grey
Rosemarie Sulquer	Rosita Lopes	Tereza Costelo
1959	**1960**	**1961**
Brigitte Blair	Amparito	Ana Maria Soeiro
Carmem Verônica	Elizabeth Belair	Anilza Leoni
Conchita Mascarenhas	Evelyn Rios	Dorinha Duval
Iara Lex	Iris Bruzzi	Gladys Ibanez
Mabel Serrano	May Marcinelli	Iris Bruzzi
Ninon rose	Hilda Ribeiro	Lígia Rinelli
Nancy Montez	Júlia Romero	Nadja Antunes
Rosemarie Sulquer	Maria Cristina	Marivalda

Rose Rondelli Sandra Sandré	Tereza Costelo Wanda Moreno	Sandra Sodré Thelma Elita
1962 Andréa Annik Malvil Clara Beatris Daisy Paiva Denise Rocha de Almeida Eneida Jalena Gladys Velásquez Iris Bruzzi Miriam Pérsia Rosinda Rosa	**1963** Iris Bruzzi Jacqueline Jane Eva Luely Figueiró Maria Pompeu Marta Botelho Nédia Montel Regina Berardi Sigrid Dieken Wanda Moreno	**1964** Aizita Nascimento Célia Azevedo Marivalda Monique Max Nédia Montel Poche Grey Sônia Dutra Valentina Vera Vianna Zélia Martins
1965 Carla Miranda Célia Azevedo Edna Gonçalves Esmeralda Barros Flávia Balbadi Itala Nandi Jacqueline Marlene Lôbo Neyde Aparecida Zélia Martins	**1966** Vera Viana Flavia Balbi Janette Cardoso Rosana Ghessa Célia Azevedo Regina Célia Zélia Martins Valentina Godoy Aizita Nascimento Giovana Godoy	**1967**[251]
1968 Célia Azevedo Sonja Marivalda Sônia Machado Rosie Valentina Godoy Norma Marinho		

[251] Não foi encontrada a lista deste ano.

Marza Carla Miranda Shana Rodrigues Esmeralda Barros Regina Célia Lúcia
Fontes: **Playgirl**, Nº1, Ano 1, Ediex, 1965; **O Cruzeiro**, 07/ 01/1967; PIMENTEL, op. cit. p.132-133.

APÊNDICE 5
LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Capa do capítulo 1: **O Cruzeiro**. 24 de dezembro de 1960.....27
Figura 01: Capa do 1º número de O Cruzeiro, 10/11/1928, reproduzida no exemplar de 28/12/1968.....36
Figura 02: Melindrosa no traço de Alberto Vargas, 1920.....36
Figura 03: Capa de **O Cruzeiro**, 04/04/1964. Foto de José Nicolau em que D. Teresinha de Magalhães Pinto beija o sogro, o governador de MG, Magalhães Pinto em comemoração ao sucesso da "revolução".....37
Figura 04: Rolleiflex Automat.....55
Figura 05: Leica M3.....55
Figura 06: Ubiratan Lemos (textos), Indalécio Wanderley, Luiz Alfredo, Hélio Passos, e João Rodrigues (fotos). Brasil: Beleza 64. **O Cruzeiro,** 04/07/1964.....57
Figura 07: Tuno Lindh (texto) Câmera Press (fotos). Concurso de beleza na cortina de ferro. **O Cruzeiro,** 29/10/1966.....57
Figura 08: Augusto Dantas (textos) e Ronaldo Moraes (fotos). As mais belas pernas de 1960. O Cruzeiro, 10/09/1960.....58
Figura 09: Câmera Press. Maneiras sexy de sentar. **O Cruzeiro,** 29/11/1969.....58
Figura 10: Hellier Mordachine (matéria). A marcha da paz. **O Cruzeiro,** 19/05/1970.....59
Figura 11: Jorge Segundo, Mary Dubugras e Wanderley Lopes. Divórcio a forma da opinião pública. **O Cruzeiro,** 08/09/1970.....59
Figura 12: Antonio N. Machado. Manoel Mota (fotos). Mini-saia a paulista. **O Cruzeiro,** 16/ago/1966.....60
Figura 13: propaganda da TV Semp. **O Cruzeiro,** 28 jan 1967.....67
Figura 14: Moacyr Lacerda (textos), Rubens Américo e Hélio Passos (fotos). Na berlinda: abeladro Barbosa Chacrinha. **O Cruzeiro,** 29 jan 1966.....61
Figura 15: Antonio Machado. Amor e desamor. **O Cruzeiro,** 16/04/1966.....62
Figura 16: Miguel Angeleo (textos) Procinema (fotos). México 70: as novas faces do cinema. **O Cruzeiro,** 13/01/1970.....63
Figura 17: Mendonça Neto (textos) e Fernando Seixas (fotos). Leila Diniz a bossa do sucesso. **O Cruzeiro,** 27/01/1970.....63
Figura 18: Anúncio Vivian. **O Cruzeiro,** 02/01/1960.....64

Figura 19: Anúncio Eternelle. **O Cruzeiro,** 18/05/1968.....64
Figura 20: Anúncio Lysoform. **O Cruzeiro,** 10/08/1968.....65
Capa do capítulo 2: Elsem Cambom, a "miss Flash" In: **O Cruzeiro**. 09 de junho de 1966...66
Figura 21 (a): Indalécio Wanderley (textos e fotos). A beleza que não é só minha. **O Cruzeiro**,18/11/1967.....69
Figura 22: Entrada do Parque Garota de Ipanema, Rio de Janeiro – RJ. Julho de 2010 (Foto do autor).....76
Figura 23: O Cruzeiro, 22/05/1965.....77
Figura 24 (a): "Equipe O Cruzeiro" (textos), Indalécio Wanderley, João Rodrigues, Hélio Passos, Geraldo Viola, Elias Nasser, Walter Luis, Rubens Amérco, Henri Ballot, Douglas Alexandre, Fernando Seixas, José Carlos Vieira (fotos) e Carlos Estêvão (caricaturas). O leitor é quem vai votar – Concurso Rainha das Praias. **O Cruzeiro**, 22/04/1967.....79
Figura 25 (a): Wanderley Lopes (textos) e Aldyr Tavares (fotos). 'Sou a mesma mulata de sempre'. O Cruzeiro, 13/11/1969.....89
Figura 26 (a): Robson Freitas (fotos) e Jorge Cesar Dellez (textos). As mil e uma noite do Bateu. **O Cruzeiro**, 17/02/1970.....92
Figura 27: Augusto Monteiro. Tôdas as mulheres do carnaval. **O Cruzeiro**, 17/02/1970.....95
Figura28: José Medeiros (foto). Três raças tristes. **O Cruzeiro**, 16/08/1947.....96
Figura 29: Um fato em foco. **O Cruzeiro**, 12/08/1967.....98
Figura 30 (a): Capa e detalhe da capa de **O Cruzeiro,** 19/08/1967.....101
Figura 30 (b): Luiz Carlos Issa (textos) e O Cruzeiro (fotos). Luz del Fuego última entrevista. **O Cruzeiro,** 19/08/1967.....103
Figura 31 (a): Jorge Audi (textos) e Equipe O Cruzeiro (fotos). Sangue na Ilha do Sol. **O Cruzeiro,** 19/08/1967.....109
Figura 32: Pôster do filme Luz del Fuego (1982).....113
Figura 33: Lucélia Santos como Luz del Fuego na capa da revista Playboy, novembro de 1981.....113
Figura 34: Luz del Fuego na capa da Revista de Copa Cabana (a esquerda, capa da frente; a direita, capa de trás), edição 50, 5º ano, 1950.....114
Figura 35: "Luz del Fuego", ilustração do artista Daniel Caballero no 6ª FIQ- Festival Internacional de Quadrinhos, de 6 a 12 de Outubro de 2009 em Belo Horizonte.....116

Figura 36: Capa do livro “A verdade nua” (1950) de Luz del Fuego.....116
Figura 37: Capa do livro “A verdadeira Luz del Fuego” (2011) de Thiago de Menezes.....118
Figura 38: Reprodução de foto de Luz del Fuego no livro Cristina Agostinho, p.232.....118
Figura 39: O Cruzeiro pelo Brasil e pelo mundo. **O Cruzeiro**, 29/08/1966.....120
Figura 40: O Cruzeiro pelo Brasil e pelo mundo. **O Cruzeiro**, 06/07/1966.....122
Figura 41: Atualidades. **O Cruzeiro**, 30/11/1968.....123
Figura 42: Atualidades. **O Cruzeiro**, 26/08/1967.....123
Figura 43: Festival proibido revelou algo ainda mais proibido. O Cruzeiro, 11/08/1970.....126
Figura 44 (a): recorte do sumário de **O Cruzeiro**, 15/01/1966.....128
Figura 44 (b):Orlandino Rocha (textos)e Indalécio Wanderley (fotos). Marialva a olho nu. **O Cruzeiro**, 15/01/1966.....129
Figura 45 (a): O strip tease às vezes é necessário. **O Cruzeiro,** 09/04/1966.....138
Capa do capítulo 3: Fotomontagem com as "Certinhas do Lalau".....142
Figura 46: O novo grupo de Humorista da revista. In: O Cruzeiro lança O Centavo. **O Cruzeiro,** 26/08/1967.....146
Figura 47: O Centavo. **O Cruzeiro,** 30/09/1967.....147
Figura 48: O Gramofone. **O Cruzeiro**, 29/09/1970.....148
Figura 49: Carlos Estêvão. **O Cruzeiro**, 06/05/1966.....150
Figura 50: Carlos Estêvão. **O Cruzeiro** 19/02/1966.....152
Figura 51: Carlos Estêvão. **O Cruzeiro**, 05/02/1966.....154
Figura 52(a): Carlos Estêvão. O Amigo da Onça. **O Cruzeiro**, 22/02/1966.....155
Figura 53(a): Ary Vasconcelos (textos) e Jean Solari (fotos). O amigo certo das certinhas. **O Cruzeiro**, 15/01/1966.....160
Figura 54: Ary Vasconcelos (texto), João Fontes (fotos), Carlos Estêvão (caricaturas). Os Ponte Preta em O Cruzeiro”. **O Cruzeiro**, 05/02/1966.....166
Figura 55(a): Oswaldo Amorim (texto) e Ronaldo Moraes (fotos) 7 vezes certinha. **O Cruzeiro**, 16/06/1966.....182
Figura 56: Stanislaw Ponte Preta. **O Cruzeiro**, 12/02/1966.....186
Figura 57: Stanislaw Ponte Preta. **O Cruzeiro**, 26/02/1966.....188
Figura 58: Stanislaw Ponte Preta. **O Cruzeiro**, 02/04/1966.....189
Figura 59: Stanislaw Ponte Preta. **O Cruzeiro**, 16/04/1966.....190

Figura 60: Stanislaw Ponte Preta. **O Cruzeiro**, 18/11/1967.....191
Figura 61: Stanislaw Ponte Preta. **O Cruzeiro**, 07/09/1968.....192
Figura 62: Stanislaw Ponte Preta. **O Cruzeiro**, 08/06/1968.....193
Figura 63: Stanislaw Ponte Preta. **O Cruzeiro**, 22/06/1968.....197
Figura 64: Stanislaw Ponte Preta. **O Cruzeiro**, 29/06/1968.....198
Figura 65: Stanislaw Ponte Preta. **O Cruzeiro**, 27/07/1968.....199
Figura 66: Stanislaw Ponte Preta. **O Cruzeiro**, 10/08/1968.....200
Figura 67: Stanislaw Ponte Preta. **O Cruzeiro**, 14/09/1968.....201
Figura 68(a): Stanislaw Ponte Preta (texto) e Valentim (fotos). As dez mais certinhas de 1966. **O Cruzeiro**, 07/ 01/1967.....204
Figura 69(a): Stanislaw Ponte Preta (texto) e Valentim (fotos). Arte e manhas para escolher Certinhas**. O Cruzeiro**, 17/06/1967.....211
Figura 70 (a): **Playgirl**, Nº1, Ano 1, Ediex, 1965.....214